

Moitas de rosas  
Loiros trigoais

*Maria Emilse Lucatelli*  
Editoria de Texto

*Sirlete Regina da Silva*  
Projeto Gráfico e Diagramação

*Forza Comunicação*  
Produção da Capa

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Olavo Stefanello

Moitas de rosas  
Loiros trigoais

2012



## Sumário

Um homem iluminado! .....	<u>11</u>
O contador de histórias .....	<u>13</u>
Quando os Coprelitos viram Etês .....	<u>15</u>
A coices, espatifaram as caixas de abelhas.....	<u>16</u>
A machadadas espatifou o rádio .....	<u>20</u>
A micro-história é a vivência da comunidade .....	<u>23</u>
Acho que esse cara, trepado aí, se diverti comigo.....	<u>25</u>
Agachei-me na toca à espera do tatu .....	<u>28</u>
Além da medicina, viola, canto e futebol.....	<u>31</u>
Anel palestino brilha na minha mão.....	<u>33</u>
Aquela noite de janeiro... ..	<u>35</u>
Aquele punga não é melhor do que o meu .....	<u>37</u>
Argemiro Baggio na história de Quinze de Novembro... ..	<u>40</u>
Arrancaram as leucenas e algarobas. Não chorei, mas fiquei triste .....	<u>42</u>
Arroz com pequi. Delicie-se.....	<u>46</u>
As estrepolias do Timbo e da Catira... ..	<u>48</u>
Carta 1 .....	<u>50</u>
Benemérita, Josephina Franz Vam Kempem (Finchen) dignificou a missão de parteira social .....	<u>52</u>
Brigas de galos na ponta da Restinga .....	<u>53</u>
Cachaça para mim é vitamina .....	<u>56</u>
Caíra no poço de cal o comissário e gritava por socorro .....	<u>60</u>
Carta General Braz Monteiro de Campos - Cruz Alta ....	<u>63</u>

Com uma galinha botando ovo se pagava a luz.....	<u>66</u>
Como se apaga aquela luz que está lá em cima da cama? É vela, o que é aquilo? .....	<u>69</u>
Conheces o Mário Quintana? Grande escritor gaúcho brasileiro! .....	<u>70</u>
Carta 2 .....	<u>73</u>
Dante Laytano definiu: matambre, <i>mata hambre...</i> ou simplesmente, mata fome .....	<u>75</u>
Das artes plásticas à botânica, as paixões de Sobrera..	<u>77</u>
De arigó a copreliano, exemplo de trabalhador de rede .....	<u>79</u>
De Bugre Morto: a bota ficou no que é aquilo! .....	<u>82</u>
De Ibiacá, fé e bênção à Coprel .....	<u>83</u>
Debulhando feijão no asfalto .....	<u>85</u>
Dio Santo, pera aí, pera aí, preciso sair do carro... ..	<u>87</u>
Ênio Andrade, meu guru do futebol .....	<u>89</u>
Entrem, entrem, que depois tudo se arranja.....	<u>91</u>
Essa é boa! Me lançaram no rodeio!.....	<u>93</u>
Esse cara entende tudo em alemão.....	<u>95</u>
Eu quero é tomar um banho quente! .....	<u>96</u>
Facilitei a área para a Usina do Capão da Convenção ...	<u>97</u>
Inimigos nunca tive. Se existem, não sei. Amigos todos. Waldemar Urnau foi um grande amigo de Ibirubá .....	<u>99</u>
Itaoca do sapo Cururu.....	<u>101</u>
Nos 30 anos do semanário Alto Jacuí, eu falei e escrevi - Justino, o cabo de guerra do jornalismo do interior .....	<u>103</u>
Carta 3 .....	<u>105</u>
Mandaçaia ou Mandassaia!.....	<u>106</u>

Me pediram a vaquinha suíça... ela caíra no valão... ..	<u>107</u>
Meio bugre, meio gringo .....	<u>108</u>
Mi passas 200 dólares si no usted no vas delante.....	<u>112</u>
Morei no casarão do médico que nele se suicidou.....	<u>115</u>
Não plantem melancia à beira da estrada.....	<u>116</u>
Nas pernas não, mãe, nas pernas dói.....	<u>117</u>
No pisas em cima del muerto... El Cid Campeador! ...	<u>119</u>
No Rancho Verde, cordeiro gordo no espeto .....	<u>121</u>
No sorriso da ironia, o sabor do chocolate de Ilhéus ..	<u>123</u>
Nordestina orgulha Ibirubá .....	<u>125</u>
Nos domingos pela manhã, soava um eco na cidade, eu nem dez anos tinha.....	<u>126</u>
Nosso dinheiro lá se foi, e cadê a luz, seo dotô?.....	<u>129</u>
O que é aquilo? Parece uma bola de fogo!.....	<u>132</u>
O que vou fazer com este feijão? Ninguém o quer comprá-lo! .....	<u>134</u>
Ombreou vigorosamente a quinha do rancho, o madeirame rangeu, e o povo tumultuou-se porta afora .....	<u>135</u>
Ora, a luz é o começo de tudo... Alto Alegre mais alegre queria ficar com a luz. E ficou!.....	<u>139</u>
Os corvos comeram e não me disseram nada .....	<u>141</u>
Papagaios charão me visitaram .....	<u>143</u>
Para começar bem preciso de um bom secretário.....	<u>144</u>
Pegue o ferro, encha-o de brasas e vá passar as roupas de domingo .....	<u>149</u>
Perdidos no Cerrado.....	<u>152</u>
Pitu se come assim.....	<u>158</u>
Pius Nussbaumer, suíço e caixeiro- viajante, na história de Ibirubá .....	<u>160</u>

"Podem me chamar de grosso, mas não me neguem o direito de ser trabalhador" .....	<u>162</u>
"Preto, o salame tá fora..." .....	<u>164</u>
Quando os postes se alinharam... .....	<u>166</u>
Quanta alegria quando chegou a luz a Vila Seca! .....	<u>167</u>
"Que a ti e a todos iguais a ti nunca falte a branquinha que espairose as ideias" .....	<u>169</u>
Que aventura para levar a luz à colônia de David Canabarro .....	<u>171</u>
Quem instituiu as corridas de cavalos em canchas retas? .....	<u>175</u>
Queria construir uma miniusina. E construiu-a.....	<u>177</u>
Querida, solamente mas un poquetitito... .....	<u>180</u>
Quero cantar na chuva, amar todas as plantas .....	<u>185</u>
Resvala Sabão, a rua que perdeu identidade cultural .....	<u>187</u>
Rezei na Catedral de Sal.....	<u>188</u>
Salônica, mulher só, desventurada.....	<u>189</u>
Saltou em cima do balcão e gritou: "Garçom, traga mais uma caixa de cerveja... veio a luz, não anoitece mais em nosso clube".....	<u>193</u>
"Sarah, não faça isso!" .....	<u>196</u>
Se der de jeito, quero, sim, provar esse rango serrano .....	<u>197</u>
Sejamos nós semeadores de amizades.....	<u>201</u>
Sem foguetes nas inaugurações. Morrera Juscelino, a quem devoto admiração.....	<u>202</u>
Sem luz e sem máquina, lavar roupa só no rio.....	<u>205</u>
Só entro quando tiver pau erguido!.....	<u>207</u>
"Te abre indiada que o poste está caindo" .....	<u>209</u>

Tempo de brincar com as letras. Só com as letras?....	<u>211</u>
Tempo de luz, tempo de vigor jovem.....	<u>213</u>
Tracava chumbo grosso no touro roceiro.....	<u>214</u>
“Tu a cavalo, a despacito, lendo o jornal... foi assim que te vi pela primeira vez” .....	<u>218</u>
“Tu vai ser vereador, eu sei. Proponhas logo eleito a entronização de Cristo na sala de reuniões da Câmara” .....	<u>220</u>
Visitar Ilhéus sem provar o quibe do Vesúvio, não visitou Ilhéus .....	<u>224</u>
Carta 4 .....	<u>227</u>
A saga de Guilherme Augustin, uma legenda da história regional .....	<u>228</u>
Jah, dea Scheiss is taia awa das Licht is shoen .....	<u>230</u>
Ajudei a cravar o primeiro poste da Coprel.....	<u>232</u>
Jurisprudente luminoso, Celso Fiori definiu-me num lance a questão.....	<u>233</u>
Trocaram a cabeça de leitão por um toco de pau.....	<u>236</u>
Da desconfiança ao sucesso .....	<u>238</u>
Nahyra Schwanke, a maior caminhoneira do mundo, aos 81 anos em plena atividade.....	<u>240</u>
Estaqueou varas de bambu para postes, estendeu cipós para simular os fios da rede e pendurou uns porongos como lâmpadas .....	<u>244</u>
Da simplicidade de um labor, a razão da família toda ser conhecida .....	<u>245</u>
Não podemos perder a terra, sem ganhar outra aqui perto da nossa querência.....	<u>247</u>
Nunca dirigira, pois nesse dia fiquei motorista, o titular estava de porre.....	<u>248</u>

Hoje viver no interior é até melhor do que viver na cidade.....	<u>250</u>
Quando as mulheres tomaram conta da Coprel.....	<u>251</u>

## Um homem iluminado!

Valente, desbravador de caminhos e histórias. Assim era a figura de Olavo Stefanello. Uma pessoa que sempre foi amiga, solidária, visionária, determinada e muito dedicada.

Mesmo com 83 anos e muita tarefa já cumprida, ele acordava cedo, tomava o rumo da estrada, para mais uma jornada de trabalho. Muitas vezes era o primeiro a chegar e o último a sair da Coprel. Uma verdadeira paixão pela cooperativa que ajudou a fundar e por muito tempo presidiu.

O churrasco nos domingos junto com a família, noras e netos era uma religião. O risoto da Dona Tranquila era a entrada, mas preparar o fogo com lenha, assar uma paleta de ovelha sem pressa e uma carne boa era o motivador para contar as lembranças de sua vida. Daí saiu muito de sua motivação em escrever histórias.

Apesar da idade, a memória invejável lhe possibilitava transcrever histórias e acontecimentos de gerações passadas. Fatos de sua vida e de outros, da eletrificação rural, do início da Coprel, da época em que era vereador, prefeito de Ibirubá e comunicador de rádio. Sem dúvida, tinha muito para escrever e contribuir com o resgate do passado. Assim foi em 2008, quando publicou seu primeiro livro: *Esmeraldas cá na terra, Estrelas lá no céu*. Contou histórias suas, de amigos, companheiros de luta e trabalho.

Depois de ver o resultado impresso, ele se desafiou a escrever uma nova obra. De lá pra cá escreveu e reuniu textos, visitou famílias, percorreu distâncias atrás de informação. Infelizmente, o tempo e o destino interromperam a sua presença na concretização de mais esse sonho. Com a colaboração dos colegas da Coprel, e de tantos outros, as histórias estão publicadas neste livro *Moitas de rosas, loiros trigais* – como era seu ideal. Esta obra traz as últimas palavras escritas pelo pai, colega e amigo Olavo Stefanello.

Colegas Coprelianos e filhos: Augusto, Berenice, Daniela, Garcia, Grace Ane, Jânio, Michael, Milton, Saulo e Vânia



## O contador de histórias

Um legítimo contador de histórias. Para o seu Olavo nada passava despercebido, desde fatos aparentemente banais a pessoas absolutamente normais, mas nas quais ele conseguia apreender algo diferencial.

Em sua vida, foi um desbravador de terrenos desconhecidos, de terras estranhas, um arauto das novidades, das ideias iluminadas, que, aliás, lhe vinham tão espontâneas por seu espírito aberto e extremamente vivaz. Suas experiências, seus relatos, suas memórias são de uma riqueza ímpar, denotando um guardador de histórias cuja vivacidade permanece vibrando entre os seus, os que o conheceram e que o admiravam.

Me impressionou a grande capacidade de guardar eventos e fatos com tantas nuances e detalhes. Ao ler seus textos, tão cheios de gente, com suas qualidades e defeitos, descobrimos personagens simples, mas cujas peculiaridades seu Olavo soube tão bem captar. Mas também nos deparamos com personalidades, pessoas de nível nacional e internacional, cujas ideias e ações de alguma forma mudaram o mundo, a história, em suas diferentes territorialidades.

Da necessidade de leitura à luz de velas ele retirou uma ideia, que virou sonho, que virou meta, que, enfim, virou realidade. Não por acaso, portanto, além de todas as ações exitosas exercidas em nível político, econômico e social, fundaria uma das maiores cooperativas de eletrificação da América Latina, a Coprel. Esse hábito de ler dispensou-o de cursar um banco universitário, pois sua intimidade com a escrita era algo nato, entranhado em seu ser. E ele estava encantado com a possibilidade de publicar mais este livro, cujo título já havia definido e cujos textos não sofreram mais que pequenos ajustes, visto que denotam a perspicácia e o conhecimento da veia literária deste nosso grande personagem, que transita pelo

mundo das letras com a maior naturalidade. Assim como foi toda a sua vida.

Por pouco eu não conhecia o seu Olavo, pois logo após me entregar seus manuscritos, sem aviso, ele partiria. Contudo, pelas suas crônicas perpassa uma personalidade forte e marcante, cuja palavra lavra o coração e fecunda a mente. Vale a pena, portanto, ler seus textos e se deixar levar por um sentimento antecipado de saudade, mas que conforta, na medida em que permite que o seu Olavo permaneça entre nós para sempre...

Maria Emilse Lucatelli  
*(in memoriam)*

## Quando os Coprelitos viram Etês

Vigilantes do sistema elétrico do interior de setenta e tantos municípios gaúchos, vejam o que os coprelitos fazem. Descrevemos alguns deles. São diligências das mais importantes para garantir a estabilidade da energia elétrica às vivendas e agroindústrias de milhares de cooperantes da Coprel.

É um trabalho heróico e valente durante 24 horas, estejam onde estiverem os cooperados, nos distantes rincões ou fundões de difícil acesso. Posicionados em pontos estratégicos, dali os coprelitos se movimentam com a agilidade dos Etês, o atendimento é rápido e imediato. Nessas emergências, há desligamentos de chaves de conexão, danos materiais nas redes e linhas, ou de outra ordem, e grande é o trabalho para restabelecer a energia interrompida. Caiam torós e raios, estes os mais perigosos dos temporais incontroláveis, os coprelitos desafiam essas intempéries, atentos e interligados ao comando da outra equipe de vigilância 24 horas, desde a central eletrotécnica da cooperativa.

Compreendem todos, os coprelitos de campo e os do comando da sede, os funcionários de todas as áreas, e os cooperantes em especial, que a eletricidade correndo pelos fios e cabos que se cruzam e se entrecruzam pelo interior é de vital importância. Tão importante como o sangue que corre pelas veias do corpo humano e que garante a saúde, a vida.

Eletricidade é isto: é bem-estar, é progresso. É propulsor de incontáveis oportunidades de trabalho. Florescem com ela outras tantas benesses, alegrias e conhecimentos. Já sentiram ou viram o que ocorre no ambiente familiar quando falta a luz, corta-se a energia e se, à noite, tudo fica escuro? Todos sentem o contratempo. Mas quem primeiro sente a falta de luz são as crianças. Gritam e perguntam: “O que houve com a luz? Será que demora vir?” Suspendem os temas de aula, reclamam da interrupção do programa de televisão. E, o pior de tudo, é quando falta água quente durante o banho.

Pois é, nessas horas se valoriza a eficiência dos coprelitos, da Coprel, do sistema cooperativo. É quando ele é mais sentido. Razão também por que os cooperantes devem tê-lo sempre presente. Interior não é cidade. Estradas ruins, temporais, tudo faz com que os coprelitos se transformem em Etês, momentos em que a eficiência, por ser constante, precisa ser compreendida e valorizada.

Enfrentando dificuldades, a Coprel tem se revelado mais ágil e eficiente que qualquer outro sistema. Graças aos coprelitos, que viram Etês para atender às emergências indesejáveis.

Eles pensam primeiro nas crianças porque são as primeiras que pensam neles.

Os coprelitos são Etês? Se os Etês são amigos das crianças, os coprelitos também os são e merecem todo o nosso apoio e reconhecimento.

E quem é o chefe que comanda os coprelitos? Que os orienta e os incentiva diretamente? Pois é, ele é modesto, nem aparece tanto, é o engenheiro Luiz Fernando Volpato. É ele mesmo, um grande ET, como os coprelitos o são.

## A A coices, espatifaram as caixas de abelhas...

Jamais vira coisa igual. Que pandemônio! Susto e terror. Eu tinha de oito para nove anos. Me encontrava em visita a meus avós, Maria Dalcin e Ângelo Stefanello, em Novo Paraíso, interior de Júlio de Castilhos. 1936 seria. Tarde mormacenta de novembro, sol embrulhando-se entre nuvens.

A moradia de meus avós era um casarão grande, misto de madeira e alvenaria. Na parte fronteira era cercada, para impedir a entrada de animais do potreiro, exceção aos de pequeno porte, como aves, perus, galinha d'angola, pato, marreco...

A cerca era velha. Os moirões já não estavam em bom estado de conservação. No espaço do terreno cercando a casa, meu avô de-

envolvia um criatório com umas trinta caixas de abelhas, que lhe rendiam uns bons trocados, renda de apoio ao custeio da vivenda. As abelhas localizavam-se em meio a belo pomar de muitas espécies frutíferas. Ali vicejava um verde pastiçal, que os animais do lado de fora da cerca cobiçavam. Por isso, enfiavam a cabeça por entre os fios de arame para alcançar aquele viçoso alimento.

Pois nesse dia, cavalos e mulas tanto esforço fizeram que alguns moirões cederam e caíram. Abriu-se-lhes, então, caminho à saciedade com aquele pastiçal. Subitamente, um barulho estranho, relinchos dos cavalos, ornejos lancinantes das mulas, alvoroço no pátio e, potreiro afora, num patear trovejante, o desespero dos animais picados pelas abelhas enfurecidas, que se vingavam ferozmente.

Ocorre que, escoiceadas algumas caixas, as abelhas saíram em enxame picando os animais que encontravam. Assim, bordejavam os cavalos campo e mato afora, num barulhar assustador. Cavalos tombaram em barrocas entre pedras. Porcos corriam capoeira adentro.

Ouvindo os gritos, o avô Ângelo saiu debaixo do parreiral e veio nos socorrer. Acabou sendo ferroadado pelas abelhas. A avó gritou mandando que me escondesse no porão do casarão. Abriu uma boca de choro incontido, o avô me arrastou para o porão. Sozinha, a avó fechou as janelas, mas picaram-na também. Dando de mão a uma garrafa de cachaça com arnica, desceu a escada de acesso ao porão, onde ela e o avô se ajudavam para se livrar dos ferrões das abelhas. Eu nem chorava, desesperadamente gritava.

E haja cachaça nas picadas. Eu tremia. A avó me deu chá para me acalmar e com um pegador, nem sei de que, me tirava os ferrões... Depois, deitou-me na cama. O avô Ângelo vestira o protetor de lidar com as abelhas e se mandara ver os animais.

Na barroca, um dos cavalos, ao tombar, quebrara-se todo. Bah! Imprestável, inútil tentar curá-lo. Para não vê-lo sofrer, meu avô sacou da faca e o sangrou, quase chorando, como me contaria no dia seguinte.

Outros animais também ficaram feridos, mais pelo atropelo do que pelas picadas. Meu avô pediu auxílio a um vizinho e providenciou tratamento caseiro aos animais. O estrago fora grande.

As caixas de abelha espatifadas foram trocadas por outras. Alguns enxames, disse-me meu avô, haviam fugido e não voltariam. Cerca de dez caixas de abelhas tinham sido rompidas pelos coices dos cavalos.

A avó Maria me falou que, se não tivesse me tratado, eu teria morrido, em razão de tantas ferroadas, que envenenariam meu sangue. Ela e meu avô pensaram em me levar a médico, mas isso só era possível em Júlio de Castilhos, que ficava distante e aonde teriam de me levar de carroça. Então, desistiram.

Levei uma semana para melhorar das picadas. As piores foram na face, na cabeça e nos braços. O avô contava-me: “Quando ouvi aquela barulheira, gritos e rinchos dos cavalos, larguei a enxada debaixo do parreiral. Corri já tapeando as abelhas que me picavam, muitas. Apavorado com o que estava acontecendo, logo ao chegar ao porão apoderei-me do vestuário de proteção e fui fazer o que podia fazer.” Nunca lhe acontecera coisa igual. Até mesmo os cachorros meteram-se dentro do galpão, mas foram intensamente picados e tiveram de ser medicados depois de extraídos os ferrões. Só de um deles a avó retirou cerca de duzentos ferrões.

De sorte que álcool, cachaça com arnica e cachaça, esta alambiçada pelo avô Ângelo, foram os únicos lenitivos para suavizar a dor das ferroadas.

Saibam todos que as abelhas, quando perturbadas, atacam coletivamente... E salve-se delas quem puder. São agressivas e ferozes. As africanas, hoje as mais comuns, sobretudo, são as mais perigosas.

Doutra feita, enxame encastelado na quincha da casa do sítio-parque na beira-mar, foi inadvertidamente violado. Gente, cachorros, gatos, todos foram picados. Os que puderam se refugiar em tempo foram menos agredidos na Itaoca, em Itapeva, Torres. Dois de meus cachorros de guarda – Tulo e Quenie – não tiveram a mesma sorte. Tive de levá-los ao veterinário para tirar-lhes os ferrões e medicá-los com injeções específicas.

Em nenhuma das desventuras com as abelhas as culpo pelas ferroadas, pois elas patentearam claramente: deixem-nos trabalhar em local isolado e protegido. As abelhas não fazem mal, fazem mel.

## A linguíça saltou no colo da moça!

A Sede Aurora, nos velhos tempos, era muito conhecida por seus bailes de salão cheio. E a bailanta de Inocente Trombetta primava pela ordem e beleza de seus bailes, tanto que atraía povo de cidades vizinhas, embora as estradas de terra e a necessidade de travessia sobre os rios Jacuí e Lagoão dificultassem o acesso a Sede Aurora.

Inclusive de Soledade e Cruz Alta, além dos lugares mais próximos, vinha pessoal da sociedade para os bailes promovidos por Inocente Trombetta. Certo dia, um sábado de baile, me aprimei num ternozinho – não fizera ainda vinte anos – e me mandei para Sede Aurora. De Capão Doce passava por Sede Vitória, a cavalo, e fazia a travessia de balsa no rio Lagoão ou Jacuí-Mirim. Do rio à Sede Aurora nem um quilômetro distava a grande bailanta, que se realizava no hotelzinho e restaurante Trombetta.

Encorajei-me para aquela bonita e alegre noitada. Dançar mesmo, pouco ou quase nada sabia. Mas me resolvia, se a moça tivesse jeito para me conduzir. No salão apinhado de povo e ao som do conjunto musical, lá ia eu, com a Melina de Jesus, a mais linda moça da noite. Se bailava, não sei. Mas sei da alegria dela e minha naquele abraço de felicidade.

Lá pelas tantas, convidei a Melina para uma ceia de costume típico dos aurorenses. Saindo do salão, ocupamos uma mesa no espaço do restaurante ali ao lado. Não tinha escolha de prato: a variedade constava de linguíça fresca fervida, bife, pão italiano, bebidas.

Como manda a etiqueta, cavalheiro serve a moça. E foi o que fiz.

Garfo na mão esquerda e faca na mão direita, ao cravar o garfo na linguíça, o que me acontece? A linguíça saltou da travessa e caiu no colo da moça. Com que cara fiquei?... Claro, quase desmaiei de

vergonha. A pobre da Melina assustou-se... O jeito foi agir rápido. Com mil desculpas, peguei a linguiça e a recoloquei na travessa.

Melina, porém, me salvou e, rindo a não mais valer, pediu-me para servi-la com mais calma. Então, descontraidamente, e sem maiores imprevistos, comemos a linguiça. E ainda pedimos outra à dona Maria, mulher de Inocente Trombetta, que, diligente e gentil como só ela, serviu-nos muito bem. Também ela ria do salto da linguiça no colo da moça!

Inocente Trombetta e dona Maria, mais tarde, com a emancipação de Ibirubá, mudaram-se para a cidade, sede do município. Arlindo Refatti, hoje com 94 anos, casado com Olga, filha do casal Trombetta, já falecida, ainda mora em Ibirubá. E seus filhos enaltecem a vida e a caminhada de progresso dessa cidade.

Melina de Jesus, se me lembro de ti! Natural de Soledade, brilho dos cristais daquela doce terra, doce lembrança.

## A machadadas espatifou o rádio

Desenrolava-se a campanha eleitoral de 1963, para a escolha de prefeito, em substituição a Edmundo Roewer, e vereadores de Ibirubá. Meu nome figurava como candidato a prefeito pelo PSD e dissidências, formando o Movimento Popular Municipalista (MPM), permitido na época pela Justiça Eleitoral. Concorria com o distinto ibirubense Afonso Trein, que, além de industrialista, era tesoureiro da associação que eu presidia. Éramos extremamente amigos e nunca desejei essa competição eleitoral. Seu pai, Francisco Emílio Trein, presidente do PSD, reunira lideranças e filiados – Edmundo Roewer, Augusto Borges Berthier, Cícero do Amaral Viana, Theobaldo Becker, todos do PSD – e me haviam indicado como candidato a prefeito.

Theodoro de Abreu, vice-prefeito na minha chapa, Ciriaco Soares, Fontoura Soares, Andreolino Vogel, Olímpio Kempf Lamb e tantos outros constituíam a dissidência do PTB em apoio à nossa causa política.

Traçaram o movimento para a minha eleição. Não pude recuar, e a campanha ganhou as ruas e o município por inteiro. Falavam bastante bem de mim, mas meu nome era pouco conhecido. Nos espaços políticos, o MPM, que propagava a minha candidatura, tinha apenas 14 minutos. Por sua vez, o meu oponente era apoiado por uma grande coligação de partidos, além da UDN, agremiação a que ele pertencia – PTB, PSP, MTR, PRP, PL, uma cooperativa de partidos. A UDN – União Democrática Nacional era o mais forte do município e possuía a maioria dos vereadores da Câmara Municipal.

Durante a campanha me deram alguns apelidos. Achei-os até bonitos. Memorizei os de Paraquedista, Bombachudo, Gringo de Sede Aurora... Paraquedista, porque viera de fora. Bombachudo, porque me vestia à moda gaúcha, de bombacha, bota, guaiaca e lenço no pescoço, ora branco, ora azul, ora colorado, ou a cor que desse. Trouxera o hábito do interior. Não era, porém, uma regra. Vestia-me à povoeiro também, se a ocasião exigia.

Uma eleição de alto nível, bonita e enaltecida por todos, vencidos ou vencedores do pleito. As questões circunstanciavam-se nas de cunho de interesse público. A coletividade, o município em primeiro lugar. Nada de agressões e deslizes verbais. Ideias, programas, isto sim.

Engraçados e humorísticos diversos, todos inconsequentes. Um deles refletira alta inconformidade com o meu nome. Em certo dia e horário político na rádio, eu me entusiasmarei tanto na voz e nas expressões em favor de Ibirubá que um ouvinte, próspero agricultor de linha Pulador Sul, partidário do Afonso, não se conteve: pegou o machado e espatifou o seu rádio a machadadas. “Não quero ouvir mais este gringo. Quem é ele para se meter em Ibirubá”?

Vizinhos testemunharam a ocorrência e me contaram a violência da reação do udenista à minha candidatura. Despedaçou o aparelho de rádio em sinal de protesto.

Passaram-se os dias, chega o dia da decisão. E as urnas me investiram como prefeito de Ibirubá. Assumi o cargo no dia 31 de dezembro de 1963...

Anotara, durante a campanha, muitas observações no intuito de lhes dar atenção de imediato. Estradas, de preferência, era o que

mais reclamava atenção. Mirei o procedimento do agricultor do rádio espatifado. Queria conquistá-lo. Era gente boa, e eu prometera ser prefeito de todos. Ideias e política à parte. Ibirubá democrático com Fleck e Roewer assim deveria continuar sob a minha gestão.

Ainda no primeiro semestre de 1964 concluí a construção de ponte entre Ibirubá e Tapera de então. Os ex-prefeitos Roewer e Batistella haviam, em comum, construído a maior parte da ponte. Houve festa, churrasco e chopp. O colono do rádio estava lá. Residia nas comunidades Erno Wayhs e linha Pulador.

Então, acerquei-me dele (omito seu nome) e puxei conversa. Convidei-o para tomar um chopp. Surpreso com o convite, um tanto reticente, aceitou-o, descontraindo-se em seguida. Ofereci-lhe meus préstimos como prefeito, dispondo-me a resolver problemas do lugar, como estradas, escolas... “Ah! Se eu te conhecesse antes, não teria colocado meu voto fora,” falou-me goleando o chopp. Respondi-lhe que seu voto ao Afonso fora correto, pois votara no candidato de seu partido – Afonso Trein pertence a uma família das mais honradas de Ibirubá. Sou seu amigo. E não seria uma eleição, um ato democrático, que nos irá dividir e romper com nossas relações.

Sacou do bolso a carteira e mandou vir um barril de chopp. “É para quem quiser beber”, disse, externando contentamento, creio que por ter conversado com o novo prefeito e pelos elogios que lhe dei. Pediu-me melhorias nas estradas. E para surpresa dele, já no dia seguinte atendi ao que me pedira.

Passados alguns dias, procurou-me na prefeitura para se desculpar pelo que fizera com o rádio. Nada demais. O aparelho lhe pertencia. Convencera-se de que perdera o rádio, mas ganhara um novo amigo, o prefeito de Ibirubá. Dele guardo boas recordações porque se tornou um grande colaborador da administração.

# A micro-história é a vivência da comunidade

O nome antigo, falava-me Guido Muri, historiador, de Osório - RS, conta a memória da comunidade. Os nomes modernos pouco ou nada dizem. Fascinante são a busca e o encontro feliz das raízes ou se deparar com a antiguidade próxima de nossas localidades, nas quais caminhos rústicos passaram a ser ruas na fase da urbanização da antes aldeia, povoado ou vila... Essas trouxeram os designativos da sua origem. Assim: “rua do rio”, “rua alta”, “rua do pulador” e segue... Guido Muri referia-se aqui à cidade de Torres. Escreveu *Rememoração de Torres*. E continua ele:

Todas essas sugestivas designações, no entanto, aqui no inculco Brasil, são desprezadas, pois preferimos o nome do político ao nome histórico, assim marcando o nosso antigo vezo pelo mando e pela subserviência, restos terríveis dos terríveis séculos da escravatura.

Silenciam a maioria, inesperadamente, aplausos de poucos, porque no Brasil a cultura tem escassos veículos de expressão.

Entendendo-se, como diz Carlos Grizburg, “a micro história é a ciência do vivido”, afirmação que equivale ao que nós dizemos “a micro história é a vivência da comunidade.

O trabalho do micro-historiador é o de buscar a memória da comunidade, memória contida em documentos e na recordação dos antigos.

Hoje, desgraçadamente, chama-se ela “rua Júlio de Castilhos”, nome horrível, de mais um salvador da pátria, nome que cheira a baderna e a degola!

Lá adiante outra rua, que se chamava pela voz do povo “rua do Fogo”. A burrice da incultura trocou-o por “rua Padre Lamônaco”, isso em Torres, na mais bela praia gaúcha. Tenha o referido religioso se destacado por algum feito, jamais poderia substituir o nome popular e antiquíssimo de “rua do Fogo”.

O construtor e proprietário do edifício Presidente Vargas, Homero Gianastásio, numa fresca tarde de junho me deu a origem da designação rua do Fogo.

Era uma linda tarde, enquanto a prestimosa dona Alice nos socorria contra o frio com café bem quente, nesse mês e ano de 1991, quando ali fiquei conhecendo o antigo prefeito de Ibirubá, Olavo Stefanello, leitor apaixonado, amigo da cultura e atento ouvinte. Se bem lembro, Bertoldo Sand, pai do ex-prefeito de Quinze de Novembro estava presente a esse histórico bate-papo. Dizia Gianastásio: o nome “do fogo” provinha de, no local, terem fixado suas malocas alguns humildes homens de cor, uns trabalhavam e outros que mandriavam; e dos seus porres de cachaça e frequentes barulhos, ali promovidos, veio a rua a ser conhecida com “rua do fogo”, entendendo-se este “fogo” como embriaguez e tropelias.

Eis a explicação de Homero Gianastásio, chegado a Torres em 1940, tempo em que grandes cômoros de areia subiam do local, hoje Colégio São Domingos, até a Praia da Cal.

Outra explicação é do ex-prefeito Moysés Camilo Farias, bela e saudosa floração humana. A “rua do Fogo”, me dizia Moysés, era designação já velha no início do século atual e tinha sua origem na captura de mexilhão e marisco das pedras do mar torrense. De madrugada, os profissionais do ramo iam à praia da costa marítima arrancar o marisco e, com seus balaios carregados, vinham encher os latões, todos, que os esperavam no barranco que é hoje a rua Padre Lamônaco

Ali vasilhas eram postas sobre o fogo para aferventar seu conteúdo e tirar-lhe a casca, ficando pronto para ser oferecido, logo mais, de porta em porta. A lenha vinha dali mesmo, dos altos arbustos e árvores abundantes então no local. Os moradores da rua acordavam de manhãzinha e se habituaram a presenciar diariamente aqueles fogos ardendo no escuro da manhã e a faina dos seus trabalhadores. Daí é o que vem o nome de “rua do Fogo”, dizia Moysés Camilo Farias, ex-prefeito de Torres e, enfatiza o pesquisador Guido Muri.

De uma ou outra versão, parece-me ser esta a mais original.

Nos bailaricos que ali se realizavam, Júlio Tamanco, cortador de lenha, cadenciava com gaita de mão ou mesmo com uma cho-

rosa gaitinha-de-boca. Júlio era o que mais dançava, batendo com força seus tamancos no soalho, daí seu apelido. Nessa rua havia dois ranchos de pau-a-pique cobertos de tiririca e outras casas de madeira. As mulheres dali tiravam mariscos das pedras da beira do mar de manhãzinha, para comer com feijão e arroz, e também para comercializar. Reproduzo aqui praticamente o que escreveu o grande amigo Guido Muri, o historiador do litoral gaúcho. Compartilhei de mariscadas, tirando das pedras de Itapeva, próximas a Torres.

Isso é o que me faz enaltecer o professor Guido Muri, bravo defensor da micro-história da cultura brasileira. Bateu-se pelos históricos nomes de ruas que a incultura trocou.

A regional com suas particularidades tão belas, pontuam e são expressivas do que foi, ou do que é, um lugar.

Infelizmente, escreveu Muri, as autoridades não consultaram a altura e tiraram o nome histórico por outro – absurdamente desprezado pelo povo. Este é que tem de preservar a história do lugar. Tomara que um dia volte a ter valor no Brasil, e os estúpidos nomes modernos de homenagens desapareçam. E retornem os nomes dados pelo povo, fonte da micro-história, fonte da verdade...

**A**cho que esse cara, trepado aí,  
se divertiu comigo...

São tantos os causos e histórias dos coprelianos que daria para forrar quilômetros de papel escrito para contá-los todos. Resumo-as quanto posso. Hilariantes, provocativas algumas. Desta, mais uma vez, são protagonistas os antigos coprelianos Pereirinha e Arão Escobar, designados para efetuar as ligações de luz às casas dos cooperantes de Arroio da Prata, Pontão do Butiá, no município de Espumoso, cujas redes haviam sido concluídas.

Numa das propriedades, relata Pereirinha, em casarão de madeira de dois andares, velha, de arquitetura colonial, deu-se uma

inusitada ocorrência. Divertida nem tanto; curiosa ou normal, eu diria. Ao chegarem à casa, nela parecia estar somente o proprietário. Apresentaram-se: “Somos da Coprel e viemos ligar a luz em sua casa”. Contente, o cooperante prontificou-se a ajudá-los: “Muito bem, o que devo fazer?” “Agora nada”, respondeu o Pereirinha, “só no final do nosso serviço, preciso de sua assinatura em boletim de trabalho”.

De pronto, puseram-se a operar. Arão escalou o poste que sustentava o transformador e a chave aérea de ligação à rede. Orvalino Ventura da Silva, o Pereirinha, ateve-se ao trabalho junto ao prédio, colocando a caixa de medição, regulando-a à conexão da energia. Tarefa de que se gabava ao cooperante: “Ligações como esta já fiz mais de três mil para a Coprel”. Batia papo bem descontraído com o agricultor, que não cabia em si de alegria pela chegada da energia.

Já era fim do dia, o lusco-fusco semeava pouca claridade. Aquela propriedade seria a última a ser energizada nessa jornada. Prestes a findar a sua tarefa, o Pereirinha olhou para o alto e viu o Arão parado, imóvel, de corpo meio ladeado, de olhos fixos na janela aberta da casa... Pensou: o que estaria ele mirando para estar tão absorto e fixado naquela janela aberta? “Está pronto o teu trabalho aí?”, perguntou-lhe. “Aqui está, pode ligar a luz.” E fez um sinal com a mão: “Fique quieto aí, já vou descer.”

Embaixo, o cooperante, extasiado com aquela quantidade de lâmpadas acesas, arrumava uma mesa na varanda. Colocava sobre ela salame, queijo, pão caseiro, vinho, para brindar a vinda da luz. Papeando com o proprietário, jarra de vinho na mão, o Pereirinha nem deu bola para o Arão, trepado lá no poste. Passaram-se alguns minutos... Nisso chegam familiares do agricultor. Regressavam de Espumoso em camionete Ford.

Cumprimentos, muita alegria, a casa toda iluminada, o pátio, os galpões, uma farra de luz...

Ué! Esse homem teria sofrido um ataque e ficado preso lá no poste, pois não desce! Dirigiu-se ao local, chamando o Arão, ainda grudado no poste, petrificado e de olho na janela. “Tu me ouves? Se

não está bem, vamos te socorrer”, falou o Pereirinha, preocupado com o seu companheiro.

“Quieto Pereira, fale baixo... estou admirando a beleza da luz...”, e foi descendo do poste, devagarzinho. Alguém o vira da janela e a fechara com certa violência. Uma bela gringinha, no banheiro, ajeitava o corpo à espera da energia. Certamente acertara com o pai, que lhe anunciara energia no chuveiro. Queria ser a primeira a inaugurá-lo. Nuazinha da silva, deliciava-se com aquele momento tão esperado.

Arão, no alto do poste, extasiara-se mirando a filha do cooperante. Ela, despreocupadamente, não o vira e ensaboava-se, cantava... feliz da vida! O copreliano indiscreto congelou vendo os requebros corporais da bela gringinha tomando banho quente.

Então, devagarzinho, de cara fechada e sério, Arão deslizou pelo poste até o solo. Aparentava não estar se sentindo bem. Disse a Pereirinha que sofrera uma vertigem, razão de sua demora lá em cima do poste.

Também pudera, justificou o Pereira ao cooperante. “Nosso trabalho é muito estafante, cansativo. É pior para quem sobe e desce aos postes o dia todo. O companheiro aí andou ficando mal”. “Toma um vinho aí que vai melhorar”, lhe disse o cooperante...

Entrementes, aparece a menina do banho... e a mãe lhe pergunta: “Gostou do banho quente?” “Se gostei! Tava bom demais!” Ela, porém, volvia o olhar para o Arão, que, meio arredio, afastara-se um pouco para não ser muito notado. Desconfiava de que a bela garota o vira olhando-a nua no banheiro, de cima do poste.

No ouvido da irmã que viera de Espumoso, a encantadora gringa sussurrou baixinho: “Acho que esse cara aí, trepado lá no poste, divertiu-se comigo me vendo tomando banho assim que ligaram a luz!” A irmã lhe perguntou: “Mas tu fez alguma coisa feia? Então não tem importância!”

Arão tomou uns goles de vinho, serviu-se de salame e pão e se aquietou...

O Pereirinha, bem alarife, destapara a garrafa da alegria e contava as proezas dos coprelianos na construção das redes. Das noites

nos acampamentos, da boia boa que faziam ao som de gaita, violão, trova e cantoria. E como gostavam de falar das moças bonitas.

De regresso a Ibirubá, Arão abre-se ao Pereirinha. “Que fazer vendo aquela gringa, nuazinha, esperando a energia para banhar-se!?” Ligada a luz, janela bem aberta, aquela garota ensaboando-se, e que gestos ela fazia! “Fiquei mirando uma cena que nunca vira.”

“O que ela fazia, que viu de curioso?”, perguntou-lhe o Pereirinha. “Nem te conto!”, o Arão lhe diz. Orvalino Ventura da Silva não se conteve: “Você lá trepado e eu no chão te esperando com o pai da moça. Ainda bem que ele não desconfiou de nada. Daqui mais uns anos, nós vamos ficar que nem o Bruno véio do Três Xirus. Te lembra? Não vamos ver mais nada...Por enquanto, bem que tu serve para espião de guria tomando banho!”

## A Agachei-me na toca à espera do tatu

De lance, este caso até poderia se enquadrar nas proezas jocodramáticas de caçadores. Mas não. Comprovam-no as testemunhas ainda viventes: viram o resultado da caça ou dela participaram.

Lá por 1942, Pedro, meu pai, e Benjamin, seu irmão, estabeleceram uma parceria agrícola de lavoura de arroz. Arrendaram uma gleba de 30 hectares de várzea e banhado de Adriano Costa, às margens do rio Ingaí, nos fundos de sua fazenda, em Esquina Gaúcha. Transformaram-na em florescente cultivo de arroz, na base do esforço braçal e cangote de bois. Trabalho pesado, desde roçar o capoeirão, limpar e valetar toda a área para a irrigação da lavoura.

Distante de casa, alternavam-se nos fins de semana, permanecendo um deles no acampamento. O lazer dos fins de semana na lavoura constava de ir à caça ou à pesca. Abundante naquele tempo, diversão preferida pelos que permaneciam no acampamento. Chico Passarinho, Henrique Torto, Antenor da Silva e eu, piazote responsável pela culinária do rancho de costaneiras.

Em um desses sábados, tarde de sol, Chico Passarinho planeia para o grupo ir caçar tatu nos capões de colorados, fazenda de Victor Wayrich, ex-prefeito de Júlio de Castilhos. De pronto, todos dispostos, cada um arrumou sua mochila. Chico alertou para não se esquecer do fiambre e da pinga, dos facões, dos cachorros, o Tulo e Capição, bons tatuzeiros, e a Quenie, cadela perdigueira. A espingarda calibre 12 eu levaria. Para arribar a fazenda colorada, fizemos a travessia do rio Ingaí a pé, em passo de água rasa e pedras.

Quando varamos o rio nos dividimos: Henrique Torto (mancava de uma perna) e Antenor seguiram para capão Grande, próximo, levando os cachorros tatuzeiros para identificar as furnas dos tatus; Chico e eu, com a espingarda e a Quenie atrelada à coleira, tentaríamos a caça de perdizes e perdigões no varzeão, margeando o rio Ingaí, a partir dali mesmo. Nosso reencontro seria lá no capão dos tatus, conforme combinado.

Pois há poucos passos dali, a Quenie impacienta-se. Farejara a caça, comum ao seu olfato. Chico empunhou a 12 e eu soltei a cadela. De súbito, correu baixo, esticou a cauda... é perdiz ou perdigão. E ao sinal de Passarinho, a Quenie saltou. A ave nativa levantou voo, planou as asas, e Chico detonou um tiro certeiro. Após evolutear no ar, caiu um grande perdigão.

Quenie correu e, como boa perdigueira, trouxe-nos o belo perdigão. Bom começo de caça. Dali para frente, em menos de duas horas, abatemos 6 perdigões e 17 perdizes. Para dois caçadores, um na pontaria, o Chico, e eu no transporte das aves silvestres, até que fora uma boa caçada.

Dirigimo-nos ao Capão Grande, ao encontro dos companheiros. Eles nos esperavam no local previsto, sentados no gramado, queimando cigarros de palha (palheiros). Com a fumaça de fumo “ma-caio” espantavam os mosquitos, ferozes na boca da noite. Em breve os tatus saíam das tocas à procura de alimento – corós, formigas e bichinhos. Era hora de agir se quiséssemos proteína selvagem na panela.

Como fora planejado, eu ficaria agachado na boca da toca já marcada. O tatu estaria fora dela. Fora identificada introduzindo-se

uma varinha na furna. Não ouvindo barulho, o tatu sairia à procura de alimento. Se ele barulhasse, a boca estaria tapada de folhas, e o tatu, de narizinho ali, recolher-se-ia para o interior da toca. Daí que a forma de caçá-lo era só pela espera do juquiá. Embora relutasse me agachar, e de pernas abertas de jeito a pegar o tatu pelo rabo, me sujeitei a essa experiência, orientado pelo Henrique Torto. Se ele não estivesse me aprontando uma peça, tudo bem. Mesmo assim, desconfiava dessa prática, insólita, senão perigosa: aparar o tatu entre as pernas.

Ensinara-me a colocar uns sacos de aniagem, que haviam trazido, como medida de proteção. Aperfeiçoei-a enrolando os sacos em pau apodrecido e me postei, confiante na sorte. Na mãos segurava um saco vazio com uma extremidade aberta. Se tudo desse certo, que viesse o tatu. Não demorou muito e ouvem-se um barulho danado dos cães e gritos mato adentro... Lá vem o tatu, rolando para a toca onde me encontrava. Eu tremia, nunca experimentara isso.

O Antenor, que ficara perto de mim para me ajudar, encorajava-me. E veio o bicho: um baita tatu. Entrou saco adentro, quase me derrubando com o impacto. Erguemos o saco com o tatu, eu e o Antenor. O Chico e o Henrique, um com a lanterna e o outro com a faca tipo adaga. O Henrique o sangrou no pescoço e furou o saco de aniagem. Feita a caça do tatu, apesar do susto, pus à prova uma inovadora forma de caçar tatu. Fui cobaia. O que me salvou do impacto do bicho foi o saco de aniagem enrolado naquele pedaço de pau e outro para ensacá-lo. Deu certo.

Goles de canha e muitas risadas coroaram aquela insólita caçada. Quem riu por último fui eu. Agora eu tinha certeza que meus companheiros tinham tentado me pregar uma peça com aquela de ficar agachado de joelhos na toca, à espera do tatu.

Naquela noite apareceu a lua cheia, que clareava os campos para um retorno com mais facilidade. Antenor, Henrique e Chico num “pega-pega tatu” caçaram mais um. Acochado pelos cachorros, o animal se enfiara debaixo de um tronco apodrecido tombado no mato. Pegaram-no cavoucando para se esconder e aranharam-se para segurá-lo. Outras furnas foram revistadas, em duas os tatus

estavam em seu interior. Pegá-los, só com juquiá. Faltava-nos tempo para isso. Tínhamos carne aí para uma semana.

A gadaria da fazenda, no alto do coxilhão, agrupara-se em um grande círculo. Bufavam os touros, inquietos com a nossa presença. A pinga nos animara, nem o fiambre consumimos. Fizemos a travessia e batemos no acampamento ao clarear da manhã. Atiçamos os guarda-fogos de angico e nos servimos de um gordo café.

Destripadas as caças, dos tatus tiramos os cascos; perdizes e perdigões, após limpados, enchemos de farinha de mandioca com um pouco de sal grosso. No dia seguinte, fritaríamos a carne para conservá-la na banha até consumi-la. Naquele tempo, sem energia, essa era a maneira empregada pela gente do interior. Ensinara-me a mãe muitas receitas da culinária da roça.

## A Além da medicina, viola, canto e futebol

Médico de excelsas virtudes, José Inocêncio Faria vinculara-se ao hospital Annes Dias, onde instalara consultório. Iniciava a carreira médica em clínica geral. Popularizara-se de vez. Jovem, simples e dado às pessoas, em curto espaço de tempo granjeara simpatia e confiança. Sua predileção, tendência, era pela música: dedilhava com habilidade o violão e entoava belas canções. Brilhava nos programas matinais da acordeonista Nininha Leonilda Sachert, na Rádio Ibirubá. Emparceirava-se na música e no canto. A música nativa e o futebol configuravam-se como suas paixões.

Comparecia aos estádios locais e, não raro, participava da equipe esportiva da emissora. Prestigiava seus eventos. Na rua, uma excepcionalidade. Se pessoa pobre o instasse a consulta, ele atendia sem rodeios. As consultas, surpreendentemente, ocorriam no ato, ali mesmo. Se o paciente apresentasse saúde com indícios de certa gravidade, encaminhava-o de imediato ao hospital. Do contrário, receitava-lhe a medicação adequada com as recomendações de res-

guardo. E fazia isso de modo altruístico. De pobre não cobrava nada.

Não se lhe favoreceu essa postura de médico profissional, mais liberal com o povo, pois a consideravam pouco ética. Estaria José Inocêncio Farias vulgarizando o exercício da medicina com esse seu modo social de assistir os pobres? Deveria se elitizar? Distinguir-se em harmonia com a formalidade dos colegas? Embora de espírito jovial e cordato, José não relevou o que lhe impunham. Confessou-me: “Não farei inversão de comportamento. Sinto-me feliz sendo médico do jeito que sou. Simples, amigo e compreensivo no exercício do meu trabalho.”

Animei-o dizendo tratar-se de incompreensões passageiras, que iriam aceitá-lo por sua atuação dedicada e que, pela sua simplicidade, ele se imporia, pois já conquistara bom conceito na comunidade. A pressão, todavia – deduz-se, pois temia a inveja ou a concorrência –, sobrepunha-se à maneira do novo médico de agir com ética e respeito. Na verdade, queriam-no fora de Ibirubá. E foi o que aconteceu. Por sorte, para o hospital de Redentora, sem médico na época, José para lá se dirigiu. Festejaram-no na chegada.

A instituição mantenedora do hospital da cidade deu-lhe todo o suporte necessário ao exercício médico-hospitalar. Devotado à profissão, prestigiou-se sobremodo naquela comunidade. Prestativo, não recusava dar assistência médica aos índios da região, marginalizados à própria sorte. Em certa ocasião, na visita que lhe fiz, eu e a oficial do registro civil Irene Vasconcelos, disse-me não se sentir bem aureolar-se de grandeza e longe do povo, a quem tinha de servir. Elitizar-se? Frequentar clubes, sociedade? Tudo bem, concordava. Isso, porém, não lhe descaracterizava o caráter. Redentora o acolheu muito bem, mas ele lamentou deixar Ibirubá, onde já cultivava forte convivência.

Com o passar do tempo, tendo casa de veraneio em Torres, decidiu, mais por vontade da família, transferir-se para o litoral. Sem médico, o hospital de Colônia São Pedro, a 20 quilômetros de Torres, em crise administrativa, foi por ele arrendado da sociedade e, com auxílio de competente enfermeira que o acompanhava, reabilitou os

serviços de saúde. Notabilizou-se no litoral. De lugares distantes o procuravam em busca de cura.

Segundo José Kraus Selau, em seu livro *Colônia de São Pedro*:

O médico José Inocêncio Farias residia em Redentora, no interior do Estado, sempre foi um apaixonado pelo litoral, onde anualmente veraneava em sua casa em Torres. Veio residir aqui na Colônia, onde arrendou o hospital local, passando um dinamismo sem precedentes. Médico cirurgião de grande capacidade e amigo, logo se identificou por completo com o povo, não só da colônia mas de todo município de Torres. Sua clientela vinha de todos recantos da região. Para alegria de todos trabalhou por quase 12 anos à frente do hospital da Colônia, quando, de repente foi atacado por uma enfermidade que o ceifou de seu meio em menos de 30 dias, vindo a falecer em 5 de dezembro de 1993 com apenas 58 anos de idade. O povo consternado não acreditava no acontecido. Verdadeira multidão acompanhou seu sepultamento.

Relato trechos da vida do médico José Inocêncio Farias para patentear a estreita amizade que manteve com ele, médico de muitas emergências de saúde, inclusive algumas de que fui acometido em Colônia São Pedro, hoje município. Convivi com ele em Ibirubá, Redentora, Colônia São Pedro e em Torres. Médico de competência e bondade, suas virtudes alteavam-se ao extraordinário conceito da gratidão popular.

## A Anel palestino brilha na minha mão

Yasser Arafat foi o líder incontestado do povo palestino. Liderou a Organização da Libertação da Palestina (OLP) até a morte.

Não conseguiu o seu intento. A criação do Estado palestino ficou a meio caminho. Prevaleceram as incompreensões internas, além da força israelense. Outras, radicais, persistem entre judeus e palestinos. Hoje, tem parte de seus territórios livres, mas não incondicionalmente. Dificultam-se os entendimentos políticos de limites e independência da Palestina.

Se houvesse paz entre judeus e palestinos, a Palestina seria independente.

Em 1979, Massud El Beituni, empresário local, me propôs levar-me a visitar aquele país, dentro de um roteiro envolvendo Aman, capital da Jordânia, Bagdá, capital do Iraque, Damasco da Síria, Jerusalém da Palestina e, se possível, a Beirute do Líbano, onde se refugiara Yasser Arafat.

Massud cumpriria promessa feita por seu pai Mustafá: levar-me à sua terra natal e às capitais dos principais países do Oriente Médio. Pagar-me-ia passagem *open* pelo mundo com o compromisso de visitar também Yasser Arafat. Agendaria a visita, arriscada.

Na época, exercia o mandato de prefeito de Ibirubá. Compromissos de ordem superior, entre os quais a escolha de Ibirubá como município-modelo, impediam-me de me afastar do Executivo municipal. Assegurei-lhe, então, acompanhá-lo tão logo me desobrigasse do encargo de prefeito. Nesse meio-tempo, Mustafá faleceu, porém pediu a seu filho, Massud, que, em caso de sua ausência, cumprisse a promessa que me fizera.

Envolvido com problemas de fazer a Coprel se desenvolver e sob risco de suspensão do grande empréstimo que a empresa obtivera do Inda e do BID, a data da viagem foi adiada várias vezes. Até que, em meados de 1979, concordei em viajar. Massud me acompanharia. Planejamos o roteiro: Espanha, Holanda, Alemanha, Itália, Jordânia e, de lá, aos outros países: Iraque, Síria, Líbano, Palestina e Jerusalém. De regresso, a Grécia e ilhas gregas.

O compromisso de maior importância era o de me encontrar com Yasser Arafat. Uma viagem espetacular. Até Roma, Valdir Meiner, secretário da Coprel, nos acompanhou. De lá regressou para atender a questões urgentes do trabalho. Em Veneza, Massud e eu visitamos Ceggia e Camposanpiero, terra de nossos ancestrais.

Da Jordânia peregrinamos a outras cidades. Em Beirute, ao sair do aeroporto, tivemos nossos olhos vedados e, em carro especial, conduziram-nos ao *bunker* em que se refugiara Arafat. Vivia escondido, clandestinamente, no Líbano, pois o ameaçavam de morte.

Em um túnel irreconhecível ocorreu nosso encontro com o líder máximo da OLP. Um momento de grande emoção. A minha foi maior. Parecia um sonho inacreditável e aventura ao mesmo tempo. Massud era o intérprete da nossa conversa do árabe para o português. Serviram-nos uísque, que veio em boa hora, pois reanimou-nos. Arafat solicitou a Massud que me ofertasse um anel de ouro e brilhante como recordação daquele memorável encontro. “Palestina será país livre e democrático, conto com o apoio de vocês, nossa luta é sagrada. Haveremos de vencer, Alá nos ajuda, quer felicidade ao povo palestino”, afirmou em breve manifesto que nos dirigiu.

Arafat sorria e ficava sério. Disse não desejar mal aos judeus. Despedimo-nos do grande líder palestino com o tradicional beijo na face. Gravei na memória aquela mensagem de bem-querença.

Massud, ainda no Oriente Médio, comprou o anel palestino que coloquei no dedo e porto com orgulho. Deus seja louvado, *in memoriam* de Arafat e Massud Beituni.

## Aquela noite de janeiro...

Noite escura, 2 de janeiro de 2010. Luz só no pátio da casa grande da General Osório, de Ibirubá. Com bastante barulho, comemoravam seus aniversários as meninas Yasmin e Valentina, irmãs e netas. Na brincadeira envolvia-se toda a turminha de relações, primos, amiguinhos e amiguinhas, muitos dos quais colegas de aula. Eduarda, a mais nova do trio de irmãs, quase dois anos de idade.

Viva e irrequieta, ela sobe no carrinho movido a bateria, pedala e o aciona. Errando a direção, arremete-o em meio às dalias do jardim e não consegue livrar-se do emaranhado em que se meteu. Grita, chora e chama a mãe, que a tudo assiste rindo das manobras da filha motorista.

Então, a mãe a socorre e a coloca com o carinho novamente na calçada e no gramado, entre o pátio e a casa. “Não me fuja daqui”, ordena Daniela, ali reunida com familiares da turma das crianças.

Surpresa no céu, luzes pisca-pisca surgem no meio da escuridão. Yasmin vê aquele estremecimento de minúsculos pontinhos de luz fosforescentes e chama: “Olha lá no céu, o que é aquilo? Quanto pisca-pisca!” E a criançada toda se reúne e cerca Yasmin, a mais surpresa com aquele fenômeno. Valentina, inquieta como ela só, entra no meio da roda e diz: “Aquilo são bichinhos da noite, tem tantos por aí. Eu acho que eles vêm brincar conosco, aqui...”

“Olha, eles estão vindo mesmo. Já estão pertinho, é uma nuvem de luzinhas”, diz Yasmin. Assustando-se, ela chama a mãe para lhe explicar aquela coisa linda, mas estranha. “Agora estão escrevendo meu nome: Yasmin, parabéns. Valentina, parabéns.”

Escrevem com letrinhas fosforescentes. Todos os que passam pela rua param e miram o céu onde brilha a mensagem de feliz aniversário. Brilham, rebrilham, dissolvem-se, somem-se... e reaparecem num fenômeno de beleza e mistério. O que é isso?, todos se perguntam.

Luzes tremeluzindo se aproximam e novas mensagens aparecem no meio daquele turbilhão de pisca-pisca...

- Somos Pimpo e Pampa, dois pirilampos, das noites e do mundo sem fim... Beijos, amor e carinho a todos vocês. E continuem lendo... As letras estão sendo formadas por irmãozinhos nossos, que brilham, se juntam, rebrilham e na fosforescência de seus corpinhos escrevem estas mensagens de paz e amor.

Somos bilhões e bilhões de pequeninos pirilampos transluzindo no céu escuro das noites.

Leiam. Em nome da Mãe Natureza pedimos que a amem. Amem e protejam as fontes, os rios, os mares, a água e o ar puro.

Os passarinhos que cantam e nos encantam, as borboletas, as flores, as árvores...

Leiam, crianças. Vocês são amores e vida viva da natureza; sem ela o mundo fica um deserto. Peçam a seus pais para reflorestar as margens dos rios. E não joguem lixo a esmo, mas nos locais indicados para reciclagem...

Mundo novo, mundo feliz e não se esqueçam de nós, os pirilampos ou vaga-lumes, como queiram nos chamar... Adeus, nós vamos voltar!

Beijos do Pimpo e da Pampa, do Theo, da Tita, Tula, Tila, Catita, Pupi...

# Aquele punga não é melhor do que o meu

Carreira de cancha reta divertia o povo de Sede Vitória, local bem retirado, entre campo e capões da longidão de Cruz Alta, hoje município de Fortaleza dos Valos. Carreira e terço de fé, aos domingos, reunia o povo daquelas cercanias.

Por certa ironia, a primeira cancha reta fora aberta com partidador bem defronte à capela em honra a São Jorge, cavaleiro santo de lança em punho. Nesse local, além da capela, a 200 metros, erguia-se a escolinha em que aprendi a soletrar o ABC, lá por 1934, 1935, se bem me recordo. Ambas as construções eram de madeira e cobertas de taboinhas de pinheiro.

Nessa cancha registraram-se muitos episódios lancinantes de brigas e mortes. Conta-se que, certa vez, durante uma reza de terço, uns rezavam, enquanto outros, lá fora, estavam atracados em tiroteio, lampejos de facões e adagas. Resultado: duas mortes em meio a alto capinzal defronte à capela, o triste resultado da encrenca de carreirada.

Hoje, ali nada mais disso existe. A capela agora é uma construção de alvenaria, não muito distante da antiga. Inexplicável ou por interesse, os carreiristas, amantes do esporte das rédeas, abriram nova cancha ao lado da atual capela. Dá a impressão de que São Jorge atrai as carreiras de cavalos para perto de si, da devoção do povo...

Pois ali despencavam-se as carreiras dominicais ou periódicas, o divertimento do povo campesino insulado naquele fundão agreste. Desafios de parceiros eram disputados a dinheiro, casado na hora, não valores muito altos. Porém, afoitos, havia os que torciam a guaiaca e elevavam a parada. “Jogo mil, dois mil, nas patas do Bugio Preto”, gritava carreirista mais adinheirado, enquanto outro dava luz de pescoço com o seu cavalo, o Pangaré do Sertão.

Enfezavam-se nas carreiras na cancha, agora no campo aberto do tio Jose Antônio Rubim.

Nesses domingos e feriados, os carteados de solo, pife, quatrilho eram lançados no chão mesmo, com os jogadores sentados na grama ou em pelegos entre barba-de-bode. Ao lado, a garrafa de cana. Em frente, na beira da estrada, a venda de negócios de Vitório Stefanello, meu tio. Isso era o que denominavam de comércio, ponto de reunião, terço aos domingos e, lá de quando em vez, missa oficiada por padre vindo de Cruz Alta. Mais tarde, essa parte religiosa passou a ser atendida por padre de Sede Aurora, assim que foi elevada a Matriz de Paróquia.

Certa feita, Edoardo, meu irmão, e meu tio José Antônio Rubim desafiaram-se para uma corrida. Ambos tinham bons parceiros e gostavam do esporte. Meu tio, sei lá se foi para amedrontar o mano Edoardo, desafiou-o a emangueirar quinze tambeiros ou vacas nas patas de cada cavalo. Surupião era o do tio José e o Guabiju, do Edoardo, pelo qual eu também torcia.

Ataram a carreira de papel passado e, no dia do confronto, o gado de cada um foi para a mangueira. Alardeada aos quatro ventos, no dia 7 de março, numa tarde ensolarada, aconteceu a grande carreira do Surupião com o Guabiju.

Veio gente de toda parte. De Cruz Alta, o capitão Aristides Basílio de Campos, militar intendente do 6º Regimento de Artilharia, compareceu com um grupo de carreiristas daquela cidade. Basílio fora convidado para arbitrar a corrida.

Nos instantes preliminares, o bulício do povo era grande. De lado a lado, os contendores se desafiavam e erguiam os braços para jogar. Uns no Guabiju, outros no Surupião. Misturavam-se com os gaúchos e colonos belas prendas, novas umas, velhas outras. Faziam uma fezinha num joguinho – “no branco não tem graça” – e jogavam uns trocados.

Alguém assoprara a meu mano que junto com o capitão Aristides Basílio de Campos viera um cabra experiente em dopar cavalo de corrida. “Então, vamos ficar de olho nesse pessoal que veio de fora,” alertava Edoardo, preocupado com um desfecho negativo. Estavam em jogo quinze reses. E mais os que apostavam no Guabiju.

Chegou a hora da corrida. Os jóqueis ou corredores alisavam o pescoço de seus cavalos.

O Surupião empinava, estava muito impaciente. “Olha como ele masca o freio, espuma a boca... Isso é sinal de alguma brejeirada.” Edoardo ficou nervoso: “Não acredito que eles tenham dopado. Se fizeram isso, não vai ficar assim, no mais.” Tudo pronto, silêncio na largada dos pingos.

Deram a partida...

E se vieram os animais! O grito do povo: ganha o Guabiju, ganha o Surupião... Era aquela zoadada de upa upa dos jóqueis, de rebenques erguidos e abaixados quase rente ao pescoço dos animais. “Tá embaralhada essa corrida”, alguém gritou.

E num patear de ruído forte, os parceiros cruzaram as balizas de fim da cancha de 800 metros de corpo junto. Acho que empata-ram, falavam assistentes. Edoardo, de bota e bombacha, alvorotado, ergueu o chapéu de campeão.

– Se o Guabiju não ganhou essa carreira, por São Jorge, tem jararaca no paiol...

Ainda que tivesse perdido a carreira, Edoardo não se conformava.

– Aquele punga do meu tio não é melhor do que o meu... Só pode que usaram de safadeza. Se quiserem, corro de novo... Meu Guabiju ganha de luz e de corpo inteiro. Surupião, só dopado. Sujeira comigo não. Bem que o pai me advertiu. “Não te meta com essa gente, o tio é gente boa, mas tem safado por trás dele”.

E foram para a mangueira, cada um para retirar os animais de jogo. Acompanhados dos corredores, começaram a fazer o aparte... E não é que se encrencaram de saída: o gado fora misturado, e agora não identificavam os que lhes pertenciam. Uns gordos, em melhor estado, outros magros, pois não haviam sido marcados...

Edoardo refutou o aparte do tio e, junto com o seu pessoal, pulou para dentro da mangueira e gritou: “Vocês querem me passar a perna de novo. Quem vai separar o gado aqui sou eu...”

E de mango e relho nas mãos, os animais foram para o aparte. Meteu-os na estrada e mandou-se para casa. Mano Edoardo sempre gostou de cavalo de corrida em cancha reta. Mas com parente, nunca mais, dizia ele.

# A Argemiro Baggio na história de Quinze de Novembro

Do comércio, Argemiro Baggio vinculara-se à vida e ao desenvolvimento de Quinze de Novembro, então distrito de Cruz Alta. Homem dado à simplicidade, de espírito jovial e franco, projetara-se, além do comércio, a relacionamentos de amplitude regional. Isso era muito bom para a progressista vila de Quinze de Novembro. Argemiro dinamizara a casa comercial, filial da matriz Comercial Pizzato, de Porto Alegre. Essa empresa franqueara várias filiais pelo interior do estado.

Em Alto Alegre, do outro lado do rio Jacuí, Vitalino Cornelli gerenciava outra filial da citada comercial.

Em meados de 1939, se bem me lembro, acompanhei meu pai, em montarias diferentes, a Quinze de Novembro. De Capão Doce até a casa Comercial Pizzato percorria-se cerca de uns 20 quilômetros. A tranco lento dos cavalos carregados, além do peso, mais cinquenta quilos de miudezas na minha montaria e, na do pai, vinte quilos. Clina de animal cavalariço, cera de abelha, as principais. O pai ia também para acertar contas e fazer compras de custeio para a casa. Vendera trigo e feijão a Argemiro.

Cruzava-se o rio Jacuí-Mirim. A estrada era picada em alguns de seus trechos depois de passar o rio. Nem bem clareara o dia, pegamos o caminho, chegando às 11 horas, mais ou menos, em Quinze de Novembro. Foi um encontro de velhos amigos. Pedro e Argemiro conheciam-se há longo tempo.

A mando do comerciante, um empregado apressou-se a descarregar as miudezas, levar os cavalos à sombra, atrás do estabelecimento, e desencilhá-los para que descansassem da viagem. Deulhes pasto, aveia e alfafa.

Argemiro e Pedro, meu pai, conversando sem parar, acertaram as compras. Da venda de feijão e trigo, no final das contas, sobrara

pouca coisa. Eles bebericavam uns tragos especiais. A mim me deram umas barrinhas de chocolate e guaraná.

Argemiro, dirigindo-se ao meu pai, disse-lhe: “Hoje vocês vão almoçar comigo. Mande preparar um peixe de minha criação. É criação daqui de casa mesmo, da minha cisterna.” Ultimados os acertos e compras, Argemiro conduziu-nos até a cisterna. Quando se aproximava, as carpas se alvoroçavam, pressentiam sua presença e saltavam frenéticas n’água. Abaixou-se na abertura da cisterna, pegou uma das carpas, abraçou-a e nos mostrou como era mansinha.

“Converso com elas e lhes dou até nomes.” Meteu as mãos numa tuiá próxima, retirando dela uma porção de cereais, jogando-os dentro da cisterna. Aumentou o bulício das carpas. “Divirto-me com elas. Digo isso para vocês, nem precisaria, esse jeito de criar peixe é coisa que qualquer agricultor pode fazer”, asseverou Argemiro Baggio.

“Tá na mesa o almoço”, anunciou a cozinheira. Sentamo-nos à mesa, grande e rústica, bem arrumadinha, toalha florida e lindos pratos brancos de porcelana. Li no verso que era de porcelana, pois nunca vira antes. Tudo me chamava atenção. Argemiro me serviu peixe, arroz e batata. Atulhou-me o prato. “Coma rapaz, e cresça”, me disse. Em minha casa, a pobreza dominava. Nada daquilo tão fino existia. Viver, a gente vivia bem. “Que delícia este peixe!”, exclamei. “Enderece elogios à cozinheira. Ela trabalha o dia todo.” Mireia dos pés à cabeça. Guria loira, alta, extrovertida, bonita. Argemiro era solteirão, ainda não casara.

Depois daquele soberbo almoço, meu pai demorou-se mais meia hora de papo com o seu amigo. “Retorno longo, vamos encilhar os cavalos, colocar as compras no lombo e pegar a estrada de volta.”

De pronto nos despedimos. Helena, a cozinheira, deu-me chocolate e um beijo de despedida. O pai lá adiante, já no caminho, brincou comigo em razão do beijo da moça. Acho que foi o primeiro da minha vida. O segundo, que me lembro, também foi de outra Helena, colega de aula.

Durante o caminho, meu pai referiu-se com admiração ao Arge-miro. Comerciante de méritos, importava-se com os colonos e lhes dava incentivo para progredir. Contentes, eu e meu pai varamos o rio Jacuí-Mirim de barca, já na boca da noite. Veterano de veredas pouco trilhadas, meu pai seguia à frente e eu atrás dele. Atraves-samos o campo, sem porteiras nem cercas. A lua cheia ajudou-nos a andar até em casa. Muita alegria com a nossa chegada. Luz bruxu-leante de lampião iluminava a sala.

Expostas as compras, constavam de vestuário, alguns calçados e miudezas que a mãe Antônia pedira. Sei ter, desta vez, ganho o meu segundo par de sapato. O primeiro fora o da primeira comu-nhão. Os manos alegraram-se com as compras que o pai lhes fizera. Janta na mesa para mim e meu pai. Apesar do farto almoço, come-mos polenta com carne de porco frita, guardada com banha em lata de vinte litros. O *radicci* estava presente. Vinho crioulo enriquecia aquele frugal jantar da roça, do qual ganhei um copo, metade vinho e metade água.

## A Arrancaram as leucenas e algarobas. Não chorei, mas fiquei triste

Foi um modo de me expressar. Teria eu perdido essas duas va-liosas espécies de plantas?

Flagrantemente, não as perdi. Perderam os que apreciam e cul-tivam árvores de múltiplas variedades. Árvores, abrigo dos pássa-ros, das abelhas, que de suas flores coletam o néctar para o mel... Longo seria enumerar todos os benefícios das árvores. Elas, indis-cutivelmente, doam saúde, mais vida, filtram o ar e nos agraciam com a vivificante clorofila.

Por que me expresso assim: “quando perdi as leucenas e alga-robas?”

Encontrava-me em Garanhuns, onde pernoitara, com destino a Caruaru e Joazeiro, esta terra do milagroso Padre Cícero. Gara-

nhuns, terra natal de Lula, Luiz Inácio Lula da Silva. Servindo-me de motorista local, Teixeira, por sua semelhança com o cantor gaúcho, em seu automóvel, conduz-me a essas duas cidades.

No caminho, margeado por esparsos cerrados, agreste típico nordestino, vejo, a certa altura, uma vasta plantação verde que me chama a atenção. Peço ao Teixeira: “Vamos ver o que é isso.” “Isso é leucena, aquela ali é algaroba. O nordestino planta aqui para alimentar as criações de vacas e cabras.” A algaroba produz, quando mais crescida, belas vagens de leguminosas, grãos de alto valor nutritivo.

Ali eram plantadas em duas fileiras, cada uma voltada para dentro, entre si, simetricamente, com espaço para a criação passar entre as fileiras e poder se alimentar das folhas e vagens sem pisoteá-las. O pisoteio ocorria naturalmente nesses corredores. Noutros locais se viam as algarobeiras mais altas e o gado comendo as vagens leguminosas caídas no chão.

Atentei para o fato e decidi buscar mais informações técnicas a respeito dessas plantas, estranhas ainda para mim. De regresso, encontrei sobre a mesa do escritório a revista *Globo Rural*, assinatura mensal. E dentro dela, dois pacotinhos de sementes, gentileza da revista à disseminação da leucena e da algaroba. Solicitei à secretária da Coprel, Lúcia de Siqueira Giacomelli, e ao José de Souza, o Zé do Saco, que as semeassem em canteiros bem adubados. Lúcia, que lera as instruções de cultivo contidas na revista, repassou-as ao José, jardineiro e guarda da área da Coprel, de 10 hectares. E assim foi feito.

As sementes germinaram todas, verdinhas, lindas no mais, dizia o José de Souza. Do porte de um palmo, orientei que fossem plantadas na parte fronteira do prédio da central administrativa e as demais, pelo terreno, avulsas. Destinar-se-iam a mostrar aos nossos cooperantes a importância da leucena e da algaroba, leguminosas de alto valor lucrativo, se vingassem em nosso meio. Vingaram. Ficamos eufóricos com o crescimento das mudas plantadas na frente da Coprel, bem à vista de todos, e carinhosamente cuidadas pelos coprelianos José de Souza e Lúcia Siqueira Giacomelli.

Vagens maduras foram distribuídas às centenas aos agricultores interessados nas suas culturas. A experiência fora feita e dera certo. Agora, tínhamos de divulgá-la para avaliar melhor suas utilidades.

De flores com corolas e estames brancos, nessa fase de florescência enfeitavam a entrada da Coprel e ofereciam sombra, embora não tão ampla... Semeadas, florescem continuamente ao longo do ano, desde que haja umidade no solo. A experiência dera certo, ambas vingaram muito bem em nosso solo, produzindo vagens e sementes.

Segundo as instruções, trata-se de planta que se regenera rapidamente após queimadas e cortes. A leucena tem uma vida, em média, de vinte a quarenta anos em solos como os nossos. Individualmente, a leucena produz cerca de duas mil sementes por ano.

A algaroba, para mim, assemelha-se à *bellota* da Espanha, ou árvore de certo porte e frondosa, pois produz vagens e sementes, preciosa alimentação ao gado e ao porco serrano. A *bellota* nutre os suínos criados soltos nos poteiros e lhes transmite sabor delicioso à carne. Valoriza o *jambóm*.

A algaroba, segundo os pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, tem propriedades nobres, e o extrato feito com os frutos e as folhas é valioso. Entre outras virtudes estimula a memória e combate o mal de Alzheimer. Estudos recentes comprovam a eficácia do alcoide presente nas folhas, que inibe uma das enzimas relacionadas à doença, ressalta a neurologista Silvia Lima Costa, do Laboratório de Neuroquímica e Biologia celular da universidade.

Sem me estender sobre as virtudes dessas duas plantas, foram peremptoriamente dizimadas defronte à Coprel, por desconhecimento de botânica ou das suas utilidades. Foram plantadas ali em fileiras, outras não, mas com o intuito único de expandir a leucena e a algaroba em nosso meio.

No lugar donde foram arrancadas, plantaram outras espécies de relativa importância. Para sombra, talvez. Serventias outras, nenhuma, apenas para abrigar as encantadoras rolinhas, exímias desenhistas de “flores” em cima dos veículos.

E o procedimento da eliminação das leucenas e algarobas teria sido praticado por agrônomo, a mando não sei de quem, a pretexto de embelezar o recinto, ordenar as plantas, tanto que pés de louros de tempero foram jogados no mato. Nem replantá-las em outros locais para que continuassem sendo apreciadas e permanecessem como peregrinas florestais!

Sabe-se que existem plantas ou árvores providas de outras regiões que vingam muito bem em nosso solo. Outro exemplo é o do ginkgo biloba, uma das mais antigas árvores do planeta, com registros fósseis de mais de 250 milhões de anos atrás. Charles Darwin referiu-se a ela como “fóssil vivo”, vindo da época dos dinossauros.

Pois bem, ginkgo biloba é de uso medicinal em seu extrato e folhas. Melhora o fluxo sanguíneo, combate os radicais livres, é antioxidante. Bom para o coração, pulmão, rins, audição, bom para a memória. Uma árvore de valor extraordinário, resiste a qualquer clima. Em centros urbanos inteligentes, ginkgo biloba bem que poderia ser usado como decoração.

Para que mais serve ginkgo biloba?

Combate a poluição do ar, resiste à radioatividade, espanta pragas. Isso tudo e muito mais, afirma o médico Arnaldo de Azevedo Alves, cardiologista do Hospital Annes Dias de Ibirubá. Ele cultiva três belos pés de ginkgo biloba em terreno defronte a sua casa. Comprova-se ser a ginkgo biloba outra árvore de grande importância à saúde e à natureza. Originária da China, é símbolo de paz e longevidade. Goethe, cientista, poeta e botânico alemão, escreveu um poema sobre ele em 1815 falando da unidade-dualidade retratada na folha do ginkgo biloba.

# A Arroz com pequi. Delicie-se

Na terra goiana, o arroz com pequi está na mesa todo o dia.

É delícia do jeito que vem, com arroz, frango, camarão. Seu aroma esparge-se no ar com a proximidade do almoço ou da janta. As ruas impregnam-se do exótico cheiro de pequi. Aguça o apetite, tamanho o sabor, penetrante e delicioso.

Pequi, árvore de médio porte, cujo fruto descoberto pelos índios notabilizou-se em usos diversos, do apreciado licor à diversidade na culinária goiana.

Fiz esse gancho escriturável sobre o exótico sabor do pequi, ao qual me habituei, e o destaque para registrar um encontro com o ex-governador de Goiás e atual senador Marconi Perillo, vice-presidente do Senado da República e novamente governador.

Ocorreu, eventualmente, em Pirenópolis, a cidade de mil encantos e história. Acompanhado de três mulheres – Grace, Sidéria e Bianca – no principal bar, entre umas e outras sedutoras caipirinhas de Lua Nova ou Lua Cheia, prediletas cachaças da terra, fomos surpreendidos pelo governador Marconi Perillo. E não foram só apertos de mão, foram abraços e um bom papo ao redor de mesa por nós já ocupada. Ciente de nossa condição gaúcha, Perillo contou-nos pormenores de Pirenópolis, terra de sua mulher, Valéria Jaime Peixoto. Perguntou-me sobre seu companheiro do PSDB Nelson Marchezan. Marchezan, em pleno vigor na Câmara Federal dos Deputados, da qual foi presidente, ao cavalgar em sua granja foi acometido de colapso e faleceu.

Deu-nos algumas dicas de outras cidades de Goiás. Bateu papo descontraído com as gurias, a Grace em final de doutorado em Madrid e a Bianca acadêmica de engenharia ambiental em Goiânia. Prontificou-se, como político, a intermediar pleitos de sua alçada em Brasília e Goiânia. “Hoje acontece um belo ato cultural na cidade, e vocês são meus convidados.” Grupo de estudantes franceses à noite apresentaria peças teatrais na Casa de Arte de Pirenópolis.

Marconi Perillo causou-me a melhor das impressões: governador aos 35 anos de idade, o mais jovem do país. De porte olímpico, afável e bom orador, integra magistralmente o diminuto quadro dos bons políticos brasileiros. Quadro, como se sabe, escasso de valores, se mirarmos atentamente o horizonte da vida política, desbotada pela corrupção.

Trocamos opiniões e discutimos assuntos tocantes à eletrificação rural. Fiz-lhe uma pormenorizada exposição do que a Coprel vinha realizando, investindo na construção de pequenas usinas, consorciando-se com outras empresas e coirmãs do setor elétrico. Não só se mostrou admirado com o que vínhamos construindo para a família do campo, como se colocou à disposição no que lhe fosse possível.

Tempo novo, Marconi Perillo marquetizou Goiás e nos fez acreditar nos políticos de vanguarda.

Estendemos visitas à monumental Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída em 1728. Foi palco e berço de parte das mais expressivas da história e da arte goiana. Desde 1941 é patrimônio nacional.

Atrativos naturais se espelham nas esplêndidas cachoeiras e reservas ecológicas. A Serra dos Pireneus, a cidade de Pedra, Salto Corumbá, Cachoeira do Rosário, que se localizam nas montanhas que contornam em círculo de meia-lua, e a maioria delas à vista da cidade.

Quedas fantásticas, natureza encantadora, estrugem no entrechoque d'água espumante, cujo brilho nas grandes lajes resplandece e prende olhares de belíssimo extasiamento. Paraíso. Pirenópolis é um paraíso.

De Pirenópolis, após marcarmos presença, levamos todas essas imagens na fotografia de nossos olhos. Para assistir às encenações da Cavalhada, a data seria outra. É uma festa de grandiosidade inigualável.

## As estrepolias do Timbo e da Catira...

Ao florir da primavera, ressurgem os encantos da natureza. O inverno muta-se para a nova estação, a fauna revive e a flora estadeia o verde e a púrpura das flores vermelhas. A passarada canta... certos animais desibernam e saem de seus refúgios em busca de alimentos...

Contam Yasmin e Valentina, as meninas amigas da vida natural: “Lá nos fundos da casa da vovó Tranqüila tem dois lagartos. Um deles tem um metro de comprimento. Vamos dar-lhes nomes?”, sugere Yasmin.

O maior passa a chamar-se Timbo, e o menor, Catira! Timbo e Catira formam um casalzinho, confirma o primo Cristiano, veterinário. De cabecinhas erguidas, à beira da piscina, entre flores, eles olham, aspiram o cheiro do churrasco assando aos domingos, cuja fumaça se espria pelo ar. Valentina, receosa, anima-se e pega dois ovos de galinha, fazendo-os rolar em direção aos lagartos. Eles estão com fome e gostam de ovos, restos de carne...

Timbo e Catira correm pelo gramado onde os ovos rolam. Quebram-nos com o focinho e num instantinho chupam o seu conteúdo. E ficam se lambendo com a longa língua, parecendo estar pedindo mais.

Yasmin já se aproxima com seu aventalzinho colorido levando mais quatro ovos. Com a ajuda das amiguinhas de divertimento, rolam os ovos para os lagartos. Nisso aparecem outros lagartinhos menores, filhotes do casal. Mais ovos e restos do churrasco para satisfazer a todos. Um deles, quase do tamanho do Timbo, arredio, de repente, avança, levanta-se nas patinhas da frente e esbarra diante do grupo de meninas. Elas se assustam... aos gritos soltam os alimentos que têm nas mãos e se jogam na piscina.

Ops! Tem lagarto bravo aí. “Ô mal agradecido”, diz Yasmin. Mas sem medo, o lagarto avança mais um pouco e para na beira da piscina. Encorajadas, as meninas passam a jogar-lhe água com as mãos.

Ele tem só um pedaço de rabo. É pitoco. Então, fogem todos, sem comer os ovos.

Noutro dia, o Timbo, Catira e mais uns parceiros deslizaram devagarzinho pela beirada do muro. Vinham desconfiados... Valentina, que os viu, correu pegar ovos, rolou-os no gramado para o lado dos animaizinhos e afastou-se. Os lagartos estaquearam, não se mexeram.

Yasmin nem esperou que se aproximassem tanto, tampouco se amedrontou. Deu uns passos mais, abaixou-se e, calmamente, foi colocando os ovos no chão. Desta vez, segurava uma vara de pitangureira na mão direita. “Se vocês querem brigar, fiquem sabendo que sou de briga e não tenho medo de vocês”, pensou. “Nós não queremos lhes fazer mal”, falava Valentina. Todos os dias, nas tardes quentes de sol, os lagartos saíam da furna dos fundos do terreno, divisa com o do médico Eurico.

Parece que se amansaram... não estão mais brabos. As meninas os alimentam muito bem. E a avó Tranqüila, quando deu falta dos ovos, muitas dúzias os lagartos haviam comido.

Era sábado, outro dia de mormaço abrasador... Valentina, valentona, corre pelo gramado. Nem percebe o lagarto de rabo pitoco que se amoitara entre uma touça de flores e a estava espreitando de olho vivo em seus volteios. Valentina não vira o “pitoco” nem os outros lagartos, ali ao bel prazer do sol. Confiara-se demais. Pulava e cantava, quando viu o “pitoco” erguer-se e avançar para mordê-la, na certa. Não gostara dos gestos da Valentina. Aos gritos, “mãe, o pitoco me pega”, foi o quanto deu para mergulhar na piscina, onde já se banhavam Yasmin e as meninas.

Olhar atento todas as vezes que iam brincar no amplo pátio e gramado do casarão da vovó, o Enzo, o Arthur e o Israel já os conheciam. Não querem nada com os lagartos... A Eduarda cresce, esforça-se para se enturmar com os primos – o Caetano, a Antonella, a Martina, a Marina.

Uns netos, outros bisnetos, um regimento em vias de formação. E tem mais: a Maria Antônia e o Pedro, lá em Sorriso/MT. Paulinha,

já moça, outra mais, Eduarda, além da Manuela e do Bernardo. Em Porto Alegre, o garotão Giovanni. Anunciam-se outros a caminho. Conto-os, entre netos e bisnetos, são quarenta, que recebem a bênção dos avós, a bênção da avó e a santa bênção dos céus. Na vanguarda, quero-os todos fortes e dignos.

## C Carta 1

No livro *As feiras do frei*, que Frei Rovílio Costa me enviou, ele escreveu esta dedicatória referindo-se ao *Esmeraldas*:

Olavo, você é a esmeralda cá da terra que está engastando esmeraldas no céu pela sua percepção cristã das necessidades de cada irmão.

Ao ler sua obra, posso dizer que encontrei o cerne dos antepassados, lutando pela dignidade, justiça e fé de todos.

Se alguém tem, já, um pé no paraíso, este é você, Olavo.

Permita intercambie minha bênção com sua prece.

Que Deus o abençoe com todos os que participam de sua vida.

Cordialmente

23.05.2008 – Porto Alegre

Frei Rovilio Costa.

Rovílio Costa, patrono da 51ª Feira do Livro de Porto Alegre, autor de mais de vinte livros, cofundador do *Correio Riograndense*, historiador e pesquisador dos mais brilhantes que se conhece.

## As Feiras do Frei

O pensar e o fazer do Amigo do Livro

Olavo, você é a esmeralda cá da terra que está engastado esmeraldas no céu pela sua percepção pronta das necessidades de cada irmão. Ao ler sua obra, posso dizer que encontro o serue dos antepassados, lutando pela dignidade, justiça e fé de todos. Se alguém tem, já, um pé no paraíso, este é você, Olavo. Permita intercmbie minha

leucos com sua proce  
Que Deus o abençoe com  
tudo o que pertence a  
sua vida - cordialmente

Porto Alegre, 23.04.2008  
Frei Rivaldo Leota

# Benemérita, Josephina Franz Vam Kempem (Finchen) dignificou a missão de parteira social

Do Ibirubá antigo há muito a se registrar. Resgate de memórias valiosas para enaltecer a cultura e a história.

Josephina, parteira prática, “dona Finchen”, nome com qual ficou conhecida no município e nas cercanias. Dedicada à enfermagem e obstetrícia emergenciais, desprovido o interior de qualquer assistência mais qualificada, qualificara-se a realizar e assistir um número incalculável de parturientes.

Sabe-se da maneira altruística como dona Finchen atendia às chamadas que lhe faziam em altas horas da noite, com chuva, geada ou o tempo que fizesse. Indiscutivelmente, atendia a todas as classes. Parteira social a que se propusera ser, desconhecia dificuldades. A pé, a cavalo ou de carro, Josephina percorria distâncias para se desobrigar de sua missão, árdua e responsável.

Quantos partos realizou e quantas mulheres assistiu dona Finchen? Quantos nascimentos passaram pelas suas mãos? Confirmam-nos que mais de dois mil bebês vieram ao mundo, sorridentes e chorões, só aqui em Ibirubá.

É de se perguntar então: quantos homens e mulheres de nosso meio nasceram pelo doce embalo de Josephina Vam Kempem? Tiveram por ela separado o cordão umbilical da mãe e receberam o primeiro tapinha de carinho, antes de se saciar do leite materno para a vida. Cresceram e, quase certo, a maioria vive e trabalha em nosso meio. Projetaram descendências de que podem se orgulhar. Justo seria agora reverenciar a memória dessa santa mulher.

Em Quinze de Novembro tributaram justa homenagem a Clara Saft, outra distinta parteira social. Em Fortaleza dos Valos – Sede Vitória, faço lembrar a extraordinária senhora Ana Stefanello Librelotto, que exerceu com eficiência a profissão de parteira de campanha.

Atenho-me novamente a dona Josephina, dona Finchen. Essa heroica mulher, nas casos de partos, era chamada pelos próprios médicos ao hospital para realizá-los.

Incompreensivelmente, em determinado momento, levaram-na à Justiça. Teria cometido crime ao assistir partos sem ter posse do título de parteira, obstetrícia. E dona Finchen passou desgraçadamente a responder a processo. Constituiu advogado e não lhe faltaram testemunhas para defendê-la. Testemunhas que, quando bebês, haviam passado pelas suas mãos. A sociedade depôs em sua defesa.

Reconhecimento de valor humano tributei-lhe publicamente. Quem a perseguiu, por titular-se obstetra e não ouvir a voz do povo, custou reconhecer-lhe méritos de parteira social, quando nenhuma outra assistência existia no interior.

Parteira do povo, alma boníssima, a Josephina Vam Kempem, dona Finchen, *in memoriam*, justa homenagem registro aqui.

## **B**rigas de galos na ponta da Restinga

Um grupo de galistas, rinhadeiros de Campos Borges, linha Bonita, São José, Volta Gaúcha, Sede Aurora, turma grande, por meio de seus chefes maiores, pediram-me interveniência na aquisição de novas espécimes de galos de rinha. Sabiam de antemão meu vínculo com criadores de Canoinhas, Santa Catarina, divisa com o Paraná. Na verdade, os descobri por meio da revista *Chácaras e Quintais*, a melhor publicação do gênero do país na época

Cito com realce os irmãos Birgheier, Balduino e Etvino, de Volta Grande, nos fundões de Sede Aurora, hoje só água da barragem do Passo Real. Trago como testemunhas seus filhos e netos, o Arthur, meu contemporâneo aurorense. Galistas mesmo, seus pais e avós. Enumero igualmente o Balduino Skolaude, meu compadre.

E por aí vai ...

Naquele tempo, há quase setenta anos, piazzote, morador de Capão Doce, na vivenda de Pedro Stefanello Sobrinho, meu pai, o povo

vinha a mim para intermediar determinados serviços. Prestava-os com presteza e sem retribuição. Davam-me mel, carne de caça de paca, de capivara e de pesca, uma retribuição espontânea. Amigo é para essas coisas, me atiravam no ar.

Por carta encomendava as novas espécies dos criatórios de Canoinhas. Vinham de porte pouco maior de pinto, uns casais, outros avulsos já galinhos. Eram enviados em gaiolas, via ferroviária, até Cruz Alta. Tio Vitório encarregava-se de retirá-los da estação e trazê-los a Sede Vitória.

Por que brigas de galo na ponta da Restinga?

Ponta da Restinga, de restinga de mato, a maior de Capão Doce, às margens de arroio. Com nascente naquela ponta, belo gramado e água cristalina o valorizavam. Por isso, preferiam-no os rinhadeiros vindos de uma parte e outra. De sorte que era aquele o local mais propício para acampamento, barracas e instalação de rinhadeiros. Havia os galistas de Costaneira, Aroeira, Sutil, Rincão dos Valos, Cara Preta, participantes, uns com galos de rinha, outros que compareciam para jogar uns trocados no desafio dos galos. Folgavam à noite, de sábado para domingo, com jogos de cartas e gostosas paneladas típicas.

Dias de rinha, durante sábado e domingo, torcidas e jogos nos galos em evidência, movimentavam um bom comércio ou presença de povo. Os galistas enfrentavam-se com seus galos de fino porte e adestramento. Nessas ocasiões, a vibração do povo era grande.

Uma comissão de galistas mantinha a regra dos desafios e ordem pública. Advertia sobre o regulamento das brigas de galos. Expressava a severidade contra o emprego de alguma espécie de entorpecente nos galos de rinha, não raro inevitáveis. Isso era crime no conceito dos galistas com os quais convivi.

Classificava-os como pessoas de idôneo comportamento. Rinhas, para eles, eram esporte, jogo e divertimento. Admirável, no sentido de reunião e alegria para os galistas vencedores. Os perdedores de rinhas, com seus galos debaixo do braço, tratavam os ferimentos dos puaços, ora limpando a sangueira em volta da cabeça e do pescoço, os pontos mais atingidos pelos puaços dos adversários.

Eu gostava das rinhas, de ver os galos empertigados, vibrando cantos e agressividade, o que lhes era peculiar pela própria denominação. Mas não gostava em ver o final das rinhas. Galos feridos. Feridos, de certo modo, todos eles. Cabeças e pescoços numa san-gueira só. Feridos, e alguns, quando retirados logo do rinhadeiro, mortos por puaço mortal. Cegados na briga, ato imediato lhes daria a morte. Não apreciava isso.

Eles, os porfiadores de galos de rinha, me contravinham. “Essa raça de aves nasceu para glorificar os desafios entre si.” Não me con-formava, e lhes contrapunha novamente: “Se os homens os prepa-ram para a briga, eles brigam. E brigam até morrer. Se não correr... um deles será o vencedor.”

Por fim, dava-lhes razão. Excluída a violência de verter sangue dos puaços, a rinha de galos até seria aceitável como distração po-pular. Nas devidas proporções, assemelham-se à luta dos toureiros nas praças de touradas ou arenas, onde se ferem os touros e se os deixam bravios para matá-los ou lanceá-los até a morte. Quando aos touros a sorte advém, o toureiro é ferido ou morto. É esporte forte-mente arraigado na tradição espanhola. Adoravam-na.

Agora, as rinhas de galo, de puaços contravindo puaços, lá na Ponta da Restinga, em Capão Doce, Sede Vitória, delas tenho sau-dade, excluindo, todavia, a sangueira resultante da briga de galos no tambor dos rinhadeiros. Uma imagem lancinante e desoladora. Lembro-me bem da alacridade dos acampamentos à beira do mato da Ponta da Restinga.

Som da gaita de oito baixos, violão, cantorias e trovas. Braseiro de angico, carne gorda. De bebida, cachaça pura, limão para caipira. Seguiam-se carreteiros de charque, e duma feita até de charque de carne de capivara. Os Birgheier percorriam léguas e léguas atrás das capivaras. Churrasco de capivara? Os Birgheier surravam a carne com ramos de pitangueira para tirar-lhe o gosto selvagem. Aprendi com eles, melhor dizendo com os galistas, muitas formas de vivências e convivências daqueles tempos de bruteza da natureza.

Rinhas de galo, proibidas pelo ex-presidente Jânio Quadros, desenvolviam-se até em Ibirubá. Aqui o ex-prefeito Mathias Jacobs era galista, gostava do esporte, e havia locais de rinhadeiros na cidade.

## Cachaça para mim é vitamina

Viveu 105 anos.

Bernardo Lucas se esbaldava na pinga nos finais de semana. Tomava porre de ficar caído em beira de estrada.

Homem alto, forte e ligeiro no que lhe competia fazer. Trabalhador de lei. Capataziava a fazendinha do Cafundó, 140 hectares de roça, campo e mato, em Sede Vitória, que me pertenciam. Do lado de cá do rio Jacuí-Mirim, em Sede Aurora, eu morava, estabelecido com comércio na vila.

Compartia o tempo entre a fazendinha e o comércio. Em dia que memorizei, 13 de agosto de 1948, o Bernardo me aparece cedo da manhã. Vento frio esbatia garoa impertinente. Mal de agasalho. Só o chapéu grande de couro na cabeça, o qual lhe comprara em rodeio, dava-lhe certa proteção. “Não te assuste, patrão, índio guapo não tem medo de tempo feio.” Falava-me, sorridente em seu jeito de ser, e largava seu “Buenos dias, chefe.”

“Que alegria toda é essa, com esse tempo brabo?” falei, já lhe alcançando um liso da “gringa branquinha”, a cachaça do lugar. Ansiava por ela. E num golpe só a empinava goela abaixo. “Cachaça para mim é vitamina”, dizia despregando uma bela gargalhada.

De pronto, me contava tudo o que acontecia na fazenda. Falava das vacas que vinham com cria, da leitoa já no ponto de carnear. E nesse tom me descrevia o estado do recanto agropastoril, dele e meu, para criar e plantar, do que repartíamos os resultados. “Chefe, estou preparando o eito de roça nova pra meter milho e feijão na cova. Milho, se plantado no dia de São Joaquim, 18 de agosto agora, dá mais.” E debulhava a me contar, entre uma canha e outra.

Atendia ele e os fregueses da casa de negócios. Manhã fria, gente chegando, envolvida em capa ou poncho.

“Quando o patrão vai por lá?”, me perguntou. “A semana que vem, se o tempo melhorar”, respondi, “e se a balsa der cruzo no Lagoão.”

“Eu passei o rio de canoa, a balsa está encrocada”, me disse Bernardo. Perguntei-lhe, então: “Como vais passar o rio se a canoa não estiver lá?”

“Passo a nado. Ali na propriedade do Leopoldo Erthal o rio é mais estreito. E nadar é comigo!”, lisonjeou-se Bernardo.

Pegando as coisas que comprara para a Virgínia, sua mulher, e o infalível cantil de canha, despediu-se de mim e de todos, metendo o pé no barro. Estava faceiro demais, bêbado não parecia. À meia guampa, sim. Nisso perpassou-me uma coisa pela cabeça: esse homem vai se danar no rio, não quero perdê-lo. Convidei o Pedro Paes e seu irmão Amantino para impedir o Bernardo de querer se arriscar na travessia do Jacuí-Mirim a nado.

Acionei o jipe e enveredamos para a moradia do Erthal. De lá iríamos a pé, passaríamos pelo campo de futebol do Grêmio Esportivo Aurora e a poucos passos estaríamos no local da passagem anunciada.

Bernardo nos vira chegar. Ouvira o ruído do jipe. Apressamos-nos, já aos gritos: “Não te atreva se meter na água. O rio está cheio e perigoso.” Que nada! Bernardo entrouxou a roupa do corpo, as da compra atou na nuca. Agarrou-se em um arbusto à margem do rio e deslizou água adentro.

Quando chegamos, o Bernardo nadava e sumia-se ao ondear das águas revoltas do Jacuí. A nossos gritos, se ouvira, não dera bola. “Tu não morre, desgraçado”, gritava-lhe Pedro Paes. Em instantes não vimos mais o Bernardo Lucas. Iniciara o nado, que o levava rio abaixo. Ficamos na barranca, meio estáticos, à espera de ver ainda o companheiro. Que Deus o proteja! Uma loucura sem tamanho arriscar-se a cruzar o Jacuí-Mirim com aquela enchente.

“Ô pessoal, estou vivo”, gritou Bernardo do outro lado do rio, a uns 100 metros abaixo. “Estou vivo, patrão.” E estava mesmo o

diabo do homem que nos assustara. Vestia-se, roupa encharcada na certa, que levava amarrada à nuca, bem ao feitio dos índios, estes que nem roupas usavam.

“Me desculpem se incomodei vocês”, e talagueou mais um trago da santa cachaça do cantil. “Cachaça pra mim é vitamina, chefe!” E ia curar o porre em casa. Isso quando não sucumbia no caminho tirando uma longa soneca. Virgínia, sua mulher, preparava-lhe chás de ervas especiais. E Bernardo, no dia seguinte, cedito, punha-se de pé, alegre da vida, pronto para o que desse e viesse.

Incrível a resistência desse homem. Alimentava-se bem. Apreciava comida de sustância. Carne gorda, toucinho no feijão, charque no arroz ou o que a Virgínia lhe apresentasse.

Certa feita, Pedro, meu pai, empreitara-lhe um eito de roça de milharal, de meia altura, para capinar o inço que a infestava. Calculara dois ou três dias de intenso trabalho para executá-la. Pagaría cem (100) cruzeiros, valor de então. Bernardo, talagueando um trago que o pai lhe alcançara, o desafiou: “Seu Pedro, se eu limpar a plantação num dia só, o senhor me paga o dobro?” “Pago, tá jogado!”, confirmou Pedro, experiente nas lides de roça.

Ao clarear do dia seguinte, Bernardo, de enxada nas mãos, feita pelo ferreiro de Sede Aurora, Vitorio Belini, foi pra frente do eito e meteu-se fogosamente a capinar o milharal inçado. Encobria-o a polvoadeira advinda da enxada. Uma nuvem de poeira vermelha circulava ao redor do local em que o braço forte manejava a capina.

“Tá louco esse homem”, dizia meu pai, que nunca vira trabalhador igual, guapo e desenvolvido que nem jaguatirica. Pressentia que naquele ritmo Bernardo lhe ganharia o jogo. Não se importava com o que tinha de lhe pagar em dobro, mas resolveu pregar-lhe uma peça, só para dar umas boas risadas.

Como cuidava das panelas para o almoço no acampamento, pegou um grande pedaço de toucinho, dependurado na frente do fogão a lenha, picou-o e jogou-o na panela do feijão. “Se ele comer bastante, como gosta, terá que se haver à tarde na roça. Toucinho em demasia vai lhe afrouxar as tripas, com muitas idas e vindas à capoeira. O pai já notara a rapidez com que o Bernardo capinava.

Veio o almoço. E que almoço roceiro-campeiro, bem do feitio do tio Pedro! Bernardo não perdia tempo, do serviço direto às panelas. Fartou-se da feijoada, mais toucinho do que feijão. “Tu vai muitas vezes à capoeira com esse toucinho todo”, falava para si meu pai. Dava-lhe vontade de rir.

Bernardo, tão rápido no prato como na enxada, sorveu um copão d’água e deu de mãos no cabo da ferramenta de estimação. E recomendou a faina com o mesmo embalo da manhã. “Essa eu te ganho, tio Pedro”, chamava-o assim Bernardo, amigo de velhos tempos. O previsível, no entanto, lhe ocorreu. De início, leve, umas pontadas na barriga. “Tem coisa ruim vindo aí”, matutava Bernardo, já temendo um “cagaço”!

Baixadas as calças e resoluto, aliviou-se ali mesmo da necessidade. “Oh! Diabo, é só o que me faltava”. Tirou as calças e jogou-as em cima de um toco, ficou só de camisa. “Tem água no rio para se lavar depois”, dissera. E quase sem perda de tempo, vá enxada para todos os lados. As investidas intestinais eram resolvidas sem parar de capinar. E dele que dele na capinação. E falando para si: “Tu vai me pagar, tio Pedro. Vou ganhar este jogo.”

Dito e feito. Ainda sol alto, o bravo “enxadista” aproximava-se do fim de sua empreitada. “Tá pelada a coruja”, gritava, para mexer com os brios do meu pai, naquela altura rindo da bravata do amigo Bernardo. Se esperto um, ao recheiar a panela de feijão com toucinho, esperto o outro, ao jogar as calças fora para se livrar do efeito nefasto do almoço. Oigalê, desafio feio de ver, inédito certamente.

Bernardo encerrava a capina ao sumir-se o sol no horizonte. Realizara num dia só o que normalmente levaria o dobro do tempo ou mais para efetivá-la. Ganhara os duzentos cruzeiros e um cantil de “canha” para o porre comemorativo ao feito. Bernardo Lucas viveu 105 anos. Está sepultado em Fortaleza dos Valos. Um grande trabalhador, nunca vi igual.

Confirma-me sua irmã Sebastiana (Cocota), esposa de Marciano Souza, prósperos agricultores reassentados em Boa Vista do In-cra. Nilza de Souza Calegaro, sobrinha de Bernardo, residente em

Ibirubá, lembra o bravo tio, homem do trabalho, sem medo de tempo feio e com saúde de ferro.

No ponto final, fica a pergunta para a medicina dar resposta a essa longevidade de 105 anos de Bernardo Lucas, a base de carne gorda e pinga. “Cachaça pra mim é vitamina, chefe!”

## Caíra no poço de cal o comissário e gritava por socorro

Antes e depois de 1955, a terra das pitangueiras daquele tempo enchia-se de fatos curiosos sob o ângulo que se queira ver. Histórias sérias ou severas, um bom número. Hilariantes, muito mais. Dessas, tentarei contar a do comissário de polícia Lulu arrojando-se em perseguição a indivíduo num mandiocal.

Ensaíava-me para vir a Ibirubá. Da enxada ao microfone, tentaria nova profissão, a de radiocomunicador. Depois do expediente, numerosas pessoas do comércio e de atividades, profissionais liberais, inclusive públicas, acorriam ao Café Central ou ao Bar do Bruno.

Nesses locais, as notícias do dia, as divulgadas de ouvido a ouvido, corporificavam-se e ganhavam dimensão. Expandiam-se. A do comissário Lulu, da polícia local, um tanto discreta de início, no correr dos dias espalhara-se e constituíra-se na mais hilariante da cidade.

Casais de íntima convivência, compadres, a intimidade mais se justificava. Aparentemente, era um e outro se visitando, jantares em comum. Natural, muito natural. Dividiam-se nos dias de bolão no clube. Alternavam-se os grupos: ao Ibirubense pertencia o Ercílio, bolonista braço forte, e o seu compadre Oscar, ao Grupo 25 de Julho. Nem sempre as mulheres se reuniam nesses dias. Sílvia, a senhora do Ercílio, em certos dias da semana não gostava de sair. Principalmente nos dias em que o marido se divertia no bolão do Ibirubense.

Caseira, sentia-se melhor. À boca pequena, insinuavam os maledicentes, ela teria um romance amoroso com o Oscar. E mais, nos dias de bolão do marido se encontrava em casa com o compadre Os-

car. Este, ligeiro e liso como mussum, agia sorrateiramente, em encontros que duravam entre duas ou três horas, retirando-se bem antes do término do horário do bolão. Sílvia, beleza de mulher, estremeia de amor pelo Oscar, do alto comércio local, distinto e influente.

Aprofundavam-se os encontros às quintas-feiras, noites do bolão no Ibirubense, invariavelmente precedido de janta... O romance da Sílvia com o Oscar, como a maioria deles soe acontecer, dê-lhe que dê-lhe, vem um dia a tornar-se público.

Certa quinta-feira, excepcionalmente, o tempo das partidas de bolão esgotou-se antes do horário. Ercílio e Lulu, este comissário da polícia, juntos, sobem ao automóvel do policial e se dirigem à casa do Ercílio.

Ambos eram parceiros do Clube Ibirubense. Sílvia, que metera a chave na porta de entrada, pressentira a chegada do Lulu e se embaralhou toda. O Oscar ainda estava com ela. Então, ela o pegou pelo braço e o levou aos fundos da casa, orientando-o: “Fuja pela rocinha de mandioca, cuidado com a ‘caieira’, poço de cal, logo ali”, e lhe estalou-lhe um forte beijo.

E correu a abrir a porta para o marido, que chegara antes do tempo. Quando o Ercílio ia abrir a porta, Sílvia torceu a chave e o recebeu com um beijo e abraço: “Querido, meti a chave na porta porque ouvi barulho ao redor da casa e fiquei com medo”.

Nisso o comissário, que ainda não se afastara, viu um vulto correndo pela rocinha. Pegando da lanterna e sacando o revólver, meteu-se mandioccal adentro na perseguição do eventual ladrão ou transgressor da lei. Sílvia tremeu, e o Ercílio, que a ouvira dizer do barulho estranho, atendeu ao movimento do companheiro de bolão. Caminhando para a rocinha, não viu ninguém nem ouviu barulho algum. Chamou-o pelo nome. Passando-se dois, três minutos, ouviu uma voz abafada: “Socorro, socorro, Ercílio.”

Era o comissário de polícia, que pisara no poço de cal mal fechado e nele caíra. Poço com algumas toneladas de cal para construção, perigosa cilada à noite nos fundo de terreno baldio. Ercílio correu para tirá-lo do buraco de cal. Sílvia, que temera pelo amante, pensou “menos mal” e dirigiu-se também ao local da “caieira”. Com o auxílio de uns paus e braços de vizinhos, o comissário Lulu foi retirado do poço.

Branco e rebocado de cal, praguejava: “Hei de pegar esse desgraçado! Deve ser ladrão.” E com as mãos retirava o cal dos cabelos e dos olhos, porque o banho fora total. Ercílio e Sílvia o conduziram ao chuveiro para se livrar do cal. Providenciaram-lhe roupa limpa, e o popular comissário de polícia, companheiro de bolão do Ercílio, recolheu-se. Mas prometeu no dia seguinte descobrir o maldito bandido que o atraía ao poço de cal. Nem Ercílio imaginara ter sido sua mulher, a bela Sílvia, parte causante do infortúnio do policial.

Silêncio reinou à noite até o amanhecer. Lulu não dera a conhecer o fato nem aos brigadianos de plantão. No dia seguinte, a cidade, recém elevada a sede de município, acorda normal. Ouvem-se o som de buzinas de veículos, o apito da Indústria Ibirubense de Suínos, o ronco de caminhões, duas carrocinhas puxadas a cavalo distribuindo pães das padarias, alguns meninos com sacolas de leite às costas, filhos dos colonos da periferia da cidade, para entrega a domicílio.

A Ibirubá daquele tempo vivia novo dia de labuta. Trabalhadores dirigindo-se aos postos de trabalho, as crianças alegres agrupando-se rumo aos colégios.

Na Delegacia de Polícia e Brigada agitavam-se os policiais com as tropelias da noite em que o comissário Lulu rebocara-se de cal. Comentários sobre o fato já corriam entre a população. Um dos inspetores, em rápida investigação matinal, já levantava informe sigiloso de que o suposto assaltante não seria o que supunham, nem bandido era. A fonte revelara tratar-se de pessoa séria a que o comissário perseguira. Vira-a sair de mandiocal e andar a pé, seguindo adiante de chapéu de abas baixadas. Reconhecera-o, mas estranhara a atitude de andar tão depressa e àquela hora, uma vez que possuía condução.

Taxista de plantão também o vira. Por conhecê-lo e ter ciência de seu romance com a consorte do empresário Ercílio, silenciara. Nada tinha a ver com isso. Amor e paixão, cada um tem o seu colchão... Os maledicentes, estes sim, davam lastro às fofocas amorosas.

Lulu, que ativara os policiais da DP, por fim, tomara conhecimento do suposto fugitivo dos fundos da casa de seu companheiro de bolão. Dirigiu-se a ele discretamente em seu local de trabalho.

Oscar recebeu-o gentilmente em seu escritório, mandando-o se sentar. E nem deixou Lulu falar. Explicou-lhe o ocorrido e, “por amor de Deus, não me incrimine porque não cometi crime nenhum”. Dou-te uma indenização e continuamos amigos e bico calado, te peço. Essas coisas acontecem, a carne é fraca, e eu, a Sílvia e o Ercílio somos amigos, pode-se até dizer que somos todos irmãos.”

“Me dê um terno novo, e tudo fica por isso”, pediu Lulu.

Oscar lhe disse: “Dou-te dois ternos e fico te devendo o teu silêncio. Entendes, sou uma pessoa de grande responsabilidade social. E essas coisas nenhum mal têm. Mas em terra de gente conservadora, você sabe como é.”

Caso encerrado. Sílvia, que poucos conheciam, ficara logo conhecida na cidade. Nem tanto pelo romance, mas sim pela beleza. Mulher bonita não tem como se esconder e não ser admirada.

## Carta General Braz Monteiro de Campos - Cruz Alta

A artilharia era a arma dos mais capazes. Mas o cabo 401, sargento da reserva, fora longe demais no sucesso.

O general Braz Monteiro, eminente militar da Artilharia, enviou-me esta carta, em cujo texto ressalta o trabalho da Coprel. E compartilhe-me o orgulho da convivência, dele e eu, termos sido artilheiros do 6° RAM de Cruz Alta.

Cruz Alta, 30 de abril de 1998.

Prezado Sr. Olavo Stefanello

Em um dia do ano de 1976, acompanhei meu saudoso sogro, Antonio Scarpelini Sobrinho, a Ibirubá onde ele ia pleitear junto a uma empresa de energia elétrica, Coprel, a extensão de rede até sua fazenda em Pejuçara, ao norte de Cruz Alta. Eu era Tenen-

te-Coronel e comandava o 29º Grupo de Artilharia e Infantaria, antigo 6º Regimento de Artilharia Montada. Quando chegamos em Ibirubá, a Coprel era uma modesta instalação em uma das ruas da cidade. Fomos atendidos por um cidadão que era, então, o Presidente da empresa. Meu sogro disse que ia e foi muito bem recebido e sua pretensão foi acolhida por uma boa vontade muito grande daquele homem que nos atendia. Vendo-me fardado indagou-me à qual cidade eu pertencia e, ao saber-me artilheiro, disse-me que foi cabo no antigo 6º RAM. Nunca mais voltei a Ibirubá, mas sempre me beneficieei da energia elétrica na fazenda. Não gravei na memória o nome do cabo do 6º RAM, que tão orgulhosamente havia me informado, fui promovido a General, passei para a reserva e a vida continuou. Vindo aqui a Cruz Alta, como sempre faço, meu filho caçula, Pedro Antonio, veterinário, disse no almoço que ia em seguida a Ibirubá tratar de um assunto na Coprel. Imediatamente, veio a minha cabeça a visita de 22 anos atrás. E perguntei ao filho se eu podia ir junto, e fui. Em 76 fui com o sogro, em 98 ia com o filho. Esperava rever o “cabo”. Antes de Ibirubá, entra-se em uma estrada e, em seguida, em um instante, estava diante de uma bela construção, moderna, estilo europeu, toda cercada de árvores. Meu Deus, aquela era a Coprel!

Uma vez me disseram, na escola militar, que “a artilharia era a arma dos mais capazes”, mas o “cabo” fora longe demais no sucesso. Lá dentro, muito bem recebido, Pedro Antonio e eu fomos atraídos para uma exposição do que é a Coprel. E, na parede, eu vi uma foto de um homem e um nome, Olavo Stefanello. Então era aquele homem com quem eu falara há 22 anos antes. Ele era o “cabo”. Que “cabo”, hein! Acercou-se de nós um senhor de cabelo grisalho que foi, sem que pedíssemos, nos explicando o que era a Coprel. Um conglomerado de usinas servindo a centenas de municípios. E das explicações o senhor, ao saber que eu era General, disse-me que servira no 6º RAM em companhia do Sr. Stefanello. Seu nome é Sebastião. E aí a conversa ficou muito mais animada. Fiquei sabendo que o cabo Stefanello foi da 6º

Bateria e ele da 2ª Bateria. Mas não deu tempo para uma prosa mais longa. Quis abraçá-lo, mas me disseram que o senhor estava em Torres. Pedi seu endereço para escrever-lhe, mas me deram o da sede da Coprel. Falaram-me de seu filho, Dr. Jânio, também ausente. Falaram-me muito bem das qualificações profissionais de seu filho, o que não me causou admiração vendo ali o seu trabalho, o que o senhor conseguiu fazer do nada, transformando uma incipiente usina que servia algumas famílias em poderosa e vitoriosa cooperativa, eficiente e de grande alcance econômico e social para o Planalto Médio, não poderia ter um filho que não fosse a sua imagem, lhe seguisse os passos.

Escrevo-lhe, tão logo chego a Cruz Alta. Parabeno-lhe pelo trabalho e pelo sucesso e muito mais pelo inestimável serviço que presta ao Rio Grande e ao Brasil. Num país devastado pela corrupção, pela falta de planejamento cuidadoso de emprego de seus recursos, pela ausência de continuidade administrativa, pelo imediatismo em tudo, a Coprel é uma luz na escuridão. Parabéns.

Peço-lhe agradecer ao Dr. Jânio a maneira fidalga e acolhedora que nos proporcionaram seus assistentes, particularmente um jovem e dinâmico diretor que nos atendeu.

Estou nessa fase da vida fazendo um esforço grande para colocar esse filho caçula na estrada da vida. É o último de quatro. Só falta ele para eu cumprir minha missão. Infelizmente, Pedro Antônio chega em uma fase difícil para se estabelecer, quando todos os dados para sua instalação são de valor apreciável, quase inviabilizando sua tentativa de se posicionar na vida. Mas tenho muita fé em Deus, que no fim tudo dará certo que ele terá aprendido, pois é um merecedor, fruto de suas qualidades pessoais e de seu preparo.

Gostaria de revê-lo e abraçá-lo. E agora ainda mais pois em cumprimentar um vencedor. Ficarei aqui até final de julho.

Um abraço ao seu Jânio e meus cumprimentos.

Abraço do artilheiro e admirador.

General Braz Monteiro de Campos

## Com uma galinha botando ovo se pagava a luz

Há setenta anos, a eletrificação rural era uma premissa distante de ser conquistada. Conseguiram-na certas vilas ou aglomerados populacionais bem desenvolvidos. Nem cidades novas a possuíam.

Para realizá-la, nem governos, nem concessionárias estatais davam-lhe importância. Deficitária, economicamente, não interessava. Diziam: “Fica pra lá, isso só mais tarde. O país, o estado, o município têm outras prioridades. Quem a quiser, que faça!”

Alhures se construíam pequenas usinas, resultantes de quedas d’água próprias. As maiores eram privilégios públicos. Só o governo as poderia explorar. Contudo, o agricultor, arregimentando-se em cooperativas, poderia receber recursos para financiar as extensões elétricas. Para operá-las, todavia, ficava na dependência da energia que lhe forneciam as concessionárias em pontos determinados pelo projeto.

Atento ao evoluir do tempo, ainda piá de roça, a luz de lampião tornava-se insuficiente até para ler. Esfumaçavam-se as narinas nas longas noites de estudo ou de leitura de que tanto eu gostava. Entre a fumaça do lampião a querosene e a fraca claridade, me perguntava: “Quando estarei lendo com a luz clara e bonita como a do pessoal da cidade?” Ansiavam também as famílias das colônias e da campanha para desenvolver seus estabelecimentos, simplificar e modernizar atividades.

Pois quis o destino conduzir-me a prefeito de Ibirubá. Prometera lutar por ela a todo custo. Eletrificaria o município, custasse o que custasse. De tanto me bater pela luz junto aos poderes públicos, me disponibilizaram o montante de um bilhão de cruzeiros, valor da época, a título de empréstimo.

Constava como apoio ao projeto que apresentamos ao ex-Inda/MA para eletrificar o interior. Conquistara o programa de município modelo para Ibirubá, e a eletrificação rural colocara como prioridade. Por ser empréstimo, a eletrificação só poderia ser feita via uma cooperati-

va específica e regional. Nascia a Coprel, guapa cooperativa de energia que orgulha a família campestre desta grande parte do estado.

Aloísio Verno Rippel e esposa, Ilse Lauxen Rippel, confirmam: “Todos queriam a luz. Chega de viver no escuro. Claro, no começo tinham muitas dúvidas: será que isso vai dar certo por meio de cooperativa?”

Sistema novo, exemplos raros existentes limitavam-se a pequenas áreas e não se configuravam promissores. Talvez por lhes faltarem incentivos e interesse. Aloísio Verno Rippel, 84 anos, de Alfredo Brenner, conta:

Movimentei o pessoal do interior a comparecer a reunião de assembleia de fundação da Coprel, na tarde do dia 14 de janeiro de 1968, levada a efeito no salão do Clube Divertido e convocada por ti, prefeito do município. Olavo, uma data que me fez sentir feliz, eu e a Ilse. Orgulho-me de ter colocado minha assinatura no livro de ata de fundação da Coprel. Sou sócio fundador. E me orgulho, ainda mais, por ela ter dado certo. Um trabalho sério, exemplo dos mais importantes do sistema cooperativo.

Os que não acreditaram na Coprel no começo inscreveram-se logo e tiveram a sorte de ganhar a luz, por uma contribuição de tutameia. Também pudera, realça o casal Lauxen-Rippel: “Com uma galinha botando ovo se pagava a luz. E a inflação se encarregava de reduzir as prestações, sem correção monetária.”

Ilse ousa contar-me um fato, rindo, porque envolvia seu irmão Nelson Lauxen, da Vence Tudo.

Íamos aos bailes do interior em cima de carroças puxadas a cavalo. Duma vez, noite escura de meter medo, meu irmão Nelson, metido a inventor, arranjou a carroça, enfeitou-a e colocou à frente da tol-da um grande lampião a querosene envidraçado e protegido com latão. Arrumara também uma buzina de Ford-29, tudo parecendo uma espécie de esquisitices de automóvel movido a peito de cavalo, certas vezes. A gente já saía rindo e cantando para o baile, no Alfredo Brenner daquele tempo, nos bailes de vila Seca no salão do Ervino Lauxen.

Continua Ilse:

Nós éramos uma turma de sete, oito pessoas, entre moças e rapazes. Pelo caminho o barulho era grande. Fazíamos surpresa ao chegar à bailanta, o povo ficava admirado e corria ver aquela engenhoca do Nelson. De luz acesa e buzina de “fordeco” que anunciava a nossa chegada ao baile. Outras vezes o Nelson tirava a luz de uma bateria de caminhão ou de lampião e sinalizava a luz na frente da carroça.

Meio rindo, Ilse me desfiava essas lembranças. Ria ela, ria o Aloísio, ríamos todos. Nelson Lauxen, sem ter frequentado escola politécnica, foi e é um grande inventor. A prova está aí na indústria Vence Tudo, conhecida no país e fora dele pela qualidade de seus implementos agrícolas. Merece aplausos e apoio.

Aloísio esperta-se e concorre com a esposa Ilse para lembrar uma história de seu tempo de jovem. Conta que um grupinho de gurias e namorados – assim pareciam ser – o procurou para transportá-los a Ibirubá, no baile no Hotel Fredrich, ao lado do antigo Cine Apolo.

Minha condução era uma velha camionete movida a gasogênio ou gás de pobre, quer dizer a força de energia proveniente da queima de carvão de lenha. A turma vinha da costaneira do rio Lagoão. Pobretona, não queria me pagar o que lhes pedira pelo transporte ida e volta. Pedira 6 réis, não aceitaram, e me ofereceram 4 réis. E esperar a noitada toda. Aceitei.

Encarvoei-me, e eles também, um pouco. Negro entre eles não havia, mulato sim, pois quase ficaram da cor do carvão. Uma das gurias disse, “isso pra mim não faz diferença, já sou escura mesmo”. Pois é, quanto sacrifício para bailar naquele tempo. O diacho foi que quem mais sofreu fui eu, que fiquei botando carvão a noite toda no tubo do gasogênio. E por aquele dinheirão de 4 réis.

Bem que o pai me dizia, “deixa de ser bobo de levar esse pessoal por essa insignificância”. De fato, era pouca coisa, mas dava até para fazer umas comprinhas”.

Finaliza Aloísio Verno Rippel, sócio fundador da Coprel.

# Como se apaga aquela luz que está lá em cima da cama? É vela, o que é aquilo?

Por volta de 1975, quando a energia elétrica chegou a Bugre Morto, interior de Passo Fundo, o pessoal do lugar vibrou com o auspicioso evento. A Coprel, com sua equipe, desdobrava-se na construção das redes, erguia os postes, montava os transformadores e regulava-os para distribuir a luz. “Agora sim, vamos aposentar os velhos lampiões e liquinhos”, dizia o casal Fernandes e Eva da Luz, pais de Vanderlei da Luz, gerente da Caixa Econômica Federal de Ibirubá, que nos conta esses fatos em decorrência da chegada da luz:

Pois, no que ligaram a energia elétrica, que foi uma grande novidade, o povo quase explodiu de alegria. Houve quem até foguete fizesse estrugir no espaço. Era quase um milagre a iluminação naquele rincão passo-fundense.

Como era costume das famílias se visitarem à noite, pois durante o dia tinham muitos afazeres na roça, o assunto era a tal energia elétrica. Produtor mais afeito ao desenvolvimento adiantava aos demais quantos implementos dava agora para acionar com a força elétrica. Quem já instalara geladeira comemorava com os amigos sorvendo uma cerveja geladinha. Bugre Morto ressuscitava para uma nova vida. A luz contagiara de entusiasmo todos os moradores do lugar.

A senhora Ini e sua filha Marli, de nove anos, tinham ido visitar uns parentes e ficaram maravilhadas: Como um simples bico de luz lá em cima era cem vezes melhor que o liquinho? À sua casa ainda não havia chegado a energia elétrica, esperavam-na ansiosamente. Surpresa maior aconteceu na hora de ir dormir, quando a menina Marli voltou do seu quarto à cozinha, onde estavam os adultos conversando, lembrando causos e histórias, e perguntou: “Como é que se apaga aquela vela – o bico de luz – que está lá em cima no quarto?” Ela não conseguia dormir com

tal claridade. Ensinaaram-lhe de pronto como acender e apagar a tal vela de luz no teto, no forro. “Ah! Como é fácil”, disse a garotinha, enfiando-se debaixo dos cobertores...

Teria assunto para contar às amigas no dia seguinte.

## **C**onheces o Mário Quintana? Grande escritor gaúcho brasileiro!

O flagrante deu-se no restaurante do Hotel Majestic, em Porto Alegre. Hoje opera ali a Casa de Cultura Mário Quintana. Paulo Ardenghi, prefeito de Palmeira das Missões, hospedava-se nesse hotel, o mesmo em que me hospedava quando em Porto Alegre. Lembro o ano, 1966. Durante o almoço habitual, Paulo me chama e me pergunta: “Conheces o escritor Mário Quintana?” “Pessoalmente não”, lhe respondi.

Então vou te apresentá-lo. E dirigiu-se ao ilustre escritor, que se sentara a mesa próxima a nossa: “Este é meu colega, que lhe quer conhecer. É prefeito do município modelo de Ibirubá.” E citou meu nome. Estendi-lhe a mão e o cumprimentei efusivamente: “Que honra em conhecê-lo pessoalmente.” Da leitura, conhecia tudo o que ele escrevia. Era seu admirador.

Agradeceu-me e perguntou-me em que consistia de significativo ser “município modelo”. Disse-lhe em poucas palavras tratar-se de programa de organização e desenvolvimento de comunidades, promovido pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (Inda). Encarnava princípios de unidade para ações solidárias. E o município seria o primeiro do país a ser palco para expandir demonstrações do programa. Nada fácil para vencer as entraves do paternalismo existente. Mas Ibirubá nascera forte, com realizações de iniciativas comunitárias, e teria o papel de promovê-las a tantas outras além de Ibirubá. Em síntese: povo que se ajuda é povo forte e povo feliz, configurava-se o espírito do programa. Povo e governos, quando se unem, fazem mais; questões tidas insolúveis resolvem-se com mais facilidade.

Além do Hotel Majestic, que o abrigou por muitos anos, a praça da Alfândega o inspirava e o comprazia com a passarada maviosa e alvissareira nos galhos das frondosas árvores. Especialmente nas tardes ensolaradas desse encantador logradouro público.

Homem de letras, orgulho da cultura brasileira, negaram-lhe o ingresso à Academia Brasileira de Letras. A vaga destinaram ao ex-presidente da República José Sarney. Prevaleceu a força da política. Sarney era político. Escrevera alguns livros. *Maribondos* é um deles. Longe, porém, do nível cultural de Mário Quintana.

Bruna Lombardi, atriz de novelas e cinema, era sua musa de inspiração. Devotava-lhe admiração. Se amizade mais profunda, o que se conhece falam suas poesias.

Foi Paulo Ardenghi, prefeito de Palmeira das Missões, que me fez conhecer o ilustre escritor Mário Quintana. Paulo Ardenghi, prefeito, com mandato coincidente ao meu, apoiou-me na eleição de Ibirubá a município modelo. Esteve entre os prefeitos que deram apoio à conquista do programa da energia que eletrificara milhares de estabelecimentos agropastoris do Alto da Serra, Planalto e Alto Jacuí.

*Ora Bolas*, uma travessia da poesia para humor de Mário Quintana. Circulava por uma estante de livros de bolso na livraria, quando me deparei com este: *Ora Bolas*, humor e poesia de Mário Quintana. Lera todos seus livros. Por que não leria este também? Continha 130 historinhas, coligidas pelo jornalista Juarez Fonseca. Adquiri vinte livrinhos e os distribui a amigos de leitura. “Leiam-no”. Dá para rir bastante, dá para alegrar rodas de conversas e divertir-se com as boas tiradas humorísticas do maior poeta brasileiro.

Discutiam assuntos do momento, jornalistas e homens de letra, entre os quais Dionélio, escritor que toca o tema da morte.

– Morreu, acabou. Não tem mais nada!

Quintana coçou o queixo e saiu em defesa do além. Não posso acreditar nisso. Se acreditasse, seria admitir que a vida é como a gente esperando comer uma feijoada gostosamente, preparada lentamente, com toucinho, charque, linguiça... E quando chegasse o meio-dia, na hora de comer, o cozinheiro jogasse a feijoada pela janela. Outra ele deixou cair frente a uma plateia disposta, por ocasião de gravação do disco *Antologia poética*:

– Outro dia desabou a minha cama no hotel...  
– Mas como é que foi desabar a sua cama?  
– Ora bolas, eu sonhei com a Sophia Loren... com Bruna Lombardi.

Jornalistas e amigos citam ele ter mantido um romance com a bela artista. Ele também fizera poesias e a aproximação com Mário Quintana tivera o interesse de promovê-los.

Certa vez, o jornalista Maurício Mello Jr., do *Correio Brasiliense*, entrevistou-o:

– Fale a respeito de sua amizade com Bruna Lombardi. Mário pensou um pouco, bem pouco, e expôs o seu lado.

– Pois é... Não sei o que ela quer comigo... mas eu estou cheio de más intenções...

A seguir a beleza da poesia de Mário Quintana

Todos estes que aí estão  
Atravancando o meu caminho  
Eles passarão.  
Eu passarinho!

No retrato que eu faço  
– traço a traço –  
Às vezes me pinto nuvem  
Às vezes me pinto árvore

Às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais lembrança...  
Ou as coisas que não existem  
Mas que um dia existirão...  
E desta lida, em que busco  
– pouco a pouco –  
Minha eterna semelhança

No final que restará?  
Um desenho de criança...  
Corrigido por um louco!

## C Carta 2

Senhor Olavo Stefanello

Recebi o livro que me enviaste. Posso dizer que este tipo de leitura só a fazemos aos goles, isto é, demoradamente, como uma comida de raro sabor, que mastigamos aos poucos para assim melhor saborearmos as delicias que nele se encontram escritas.

Lembro-me de ti quando estive aí na Coprel. Lembro-me mais de teu filho, Jânio Vital Stefanello, com quem privei várias vezes em Brasília, e sei que ele soube puxar, e muito bem, à bênção do pai, mostrando dinamismo e competência à frente dessa cooperativa que muito honra as demais de infraestrutura.

Agradeço comovido a lembrança que tiveste e, ao fazê-lo, fi-lo através desta poesia, que é muito modesta e que reflete minha teimosia de ser poeta:

Senhor Olavo Stefanello

Comecei a ler tua obra

Nem acabei e já me sobra

Certeza do quanto é belo

O que nela está escrito

São coisas que o infinito

Jamais apaga ou encerra

Atos de uma vida bem vivida

De uma infância querida

Um trilhar cheio de vida

Verde da cor da esperança

Verde como as esmeraldas da Terra

Também nela encontrei

Momentos cheios de enlevo

Vitórias, tropeços, mas devo

Dizer com sinceridade  
Que desta vitória, em verdade  
Só a alcançaste porque  
Cumpriste o teu dever  
Acreditando na luta  
Porque a vida é uma disputa  
E só vence que persiste  
Quem nunca, nunca desiste.

A tua modéstia, Olavo,  
Eu não pretendo ferir  
Mas contrariando meu sentir  
Digo o quanto foste bravo  
Foste mouro, foste bravo  
Foste mouro, foste escravo  
Honrando o trabalho teu  
E não tendo qualquer labéu  
Recebeste o galardão  
Que é próprio dos vencedores  
Daqueles empreendedores  
Da eletrificação  
Olavo, não bota reparo  
Nesta singela poesia  
Pois eu nem querer, queria  
Dizer que te admiro  
E dizer que te comparo  
Ao pioneiro Delmiro  
Pioneiro da Energia.

Fortaleza – CE, 01 de maio de 2008.

Conrado Felix Porto

Obs: Sou atual presidente da Fecoerce, que é a Federação das Cooperativas de Infraestrutura, aqui do Ceará, em substituição ao Evaldo Diógenes, que faleceu, vítima de um acidente de carro, fato que muito nos abalou.

## Dante Laytano definiu: matambre, *mata hambre...* ou simplesmente, mata fome

Dante de Laytano, escritor e folclorista gaúcho, de larga cultura historiográfica, definiu, como consta no dicionário gaúcho brasileiro: “Matambre é a carne que cobre as costelas, e é a primeira que se tira depois de courear a rês, constituindo um assado saboroso.” Isso é o que ele fez inserir no livro de culinária de sua autoria: *A cozinha na História do Rio Grande do Sul*.

A propósito, me veio à mente essa palavra – “matambre” – para ilustrar um fato. Se relevante ou não, conto-o, porém, pois incrusta-se nas curvas de minha vida.

Em plena campanha eleitoral para a sucessão municipal de Cruz Alta, procura-me em Sede Aurora o major Aristides Basílio de Campos, candidato a prefeito pelo PTB. Fora vice-prefeito de Aristides Moraes Gomes, Tidinho. “Quero que me acompanhe. Estou só e preciso fazer visitas e pedir apoio à minha candidatura. De modo particular a líderes amigos e ex-soldados do quartel, no interior dos distritos de Quinze de Novembro, Santa Clara do Ingaí, Fortaleza dos Valos, Alfredo Brenner e Ibirubá. A Campinas e Santa Bárbara do Sul, se puderes.”

Basílio de Campos fora comandante militar do 6º Regimento de Artilharia, sediado em Cruz Alta. De militar à política, elevou-se a líder trabalhista de grande popularidade. Ajudara muitos soldados nos eventuais apertos e dureza da vida de quartel. Particularmente, até dinheiro me emprestara. Isso na fase inicial do serviço militar, que só melhorou depois de me formar cabo de linha de fogo e sargento.

Não poderia, portanto, negar-lhe a contrapartida de companhia, embora fosse política eleitoral. Recém dera baixa do quartel. Não quisera continuar na vida militar, a que ele tanto me incentivava, frequentando a ESA, escola que daria carreira no Exército.

Entronchei umas roupas de emergência e meti-me em seu jipe de campanha. Alegrara-se com a minha decisão. E sob o corcovear do jipinho e o constante palmear de porongo, adentramos por esse vasto território cruz-altense. Ele alistara os nomes de inúmeros ex-soldados a serem visitados. No entanto, morador nenhum deixava de visitar e dar um alô amigo de candidato a prefeito de Cruz Alta. De jeito bonachão, franqueava-se a todos com simpatia e amizade. Não prometia, mas queria a participação do povo, se eleito.

A largo, em cada visita corria o chimarrão. Nunca tomara tanta seiva da erva nativa. Não raro, o matear fazia-se acompanhar de rapadura e broas, delícias do interior. Ainda bem. Forrava-se o estômago para aguentar o chimarrão.

E assim íamos, valentemente, realizando visitas, dando abraços e propagando o nome do candidato a prefeito. Major Basílio de Campos, filho de José, benquisto professor de Fortaleza dos Valos, peregrinava confiante pelo enorme território de Cruz Alta. Ibirubá, Quinze de Novembro, Fortaleza dos Valos, Boa Vista do Cadeado, Pejuçara, Condor, Panambi, Santa Bárbara do Sul, parte de Saldanha Marinho. Esses distritos são hoje municípios e constituíram a geografia do então município de Cruz Alta.

O candidato a palmilhara toda para se eleger. Elegeu-se com uma diferença menor de duzentos votos, estreita vantagem sobre o opositor José Bonifácio Dias da Costa, cidadão elevado e respeitável, candidato de coligação partidária.

Por fim, o que o simplesmente matambre ou *mata hambre*, castelhano, tem haver com a campanha política?

O que mais interessa vem agora. Depois de muitos dias de conversa e barrigadas de chimarrão, “ó de casas” e quebras-costelas, batemos na então vila de Ibirubá, ex-colônia de General Osório. Tarde do dia, se me recordo, quase 3 horas, sem almoço e com fome.

O candidato Basílio de Campos conhecia Ibirubá; eu, apenas de passagem. Estivera numa festa, quando soldado. Dirigiu o jipe ao Rancho Verde, restaurante e churrascaria do Grêmio Esportivo Ibirubá. Local aprazível e concorrido, centralizava o melhor de co-

mida regional. Àquela hora da tarde, Osmar Wojahn, ecônomo da entidade, logo foi se explicando: “Nem carne para bife tenho. Tenho, sim, um matambre, mas como prepará-lo? Leva tempo, é carne rija, dura...”

“Me passe ele aqui que darei um jeito de assá-lo”, num repente, disse Basílio de Campos. Caudilho bueno dos pampas, ajeitou uma lenha lascada e gravetos na churrasqueira e traçou-lhe fogo. Pegou o matambre, estendeu-o e enfiou-o em dois espetos. Jogou-lhe sal grosso e meteu-o nas labaredas, virando-o constantemente para não queimá-lo. Em minutos o churrasco de matambre estava pronto. Então, estendeu-o no tabuleiro de madeira e cortou-o em tiras com a carneadeira da marca Coqueiro.

Que gostosura de churrasco, com que, aliado a pão *brodt* e saladas, não só matamos a fome, como aprendemos, eu e o Wojahn, a assá-lo bem ao estilo campeiro. A carne desse tipo, se assada em fogo forte, de braseiro ou de labaredas, fica macia e succulenta. Desconhecia essa engenhosa feitura de matambre nas brasas... corte primeiro do boi, *el mata hambre* assado no então Rancho Verde de Ibirubá, para castelhano nenhum botar defeito. Isso que eles são hábeis em assar em suas *parrilas*. Fazem bonito com as tradicionais parrilhadas ou *parilladas*, para eles.

O Rancho Verde, verde símbolo da carreta, perdeu-se na cinza do passado. Perdeu-se uma história.

## Das artes plásticas à botânica, as paixões de Sobrera

Conheci Robson Sobrera em 1989, em Torres. Uruguaio, fugitivo tupamaro, adotara essa cidade praiana para morar e exercer as suas habilidades profissionais. Delas, priorizava a pintura a óleo, tendo transitado por diversas escolas. Ingressava na pintura à arte contemporânea quando melhor o conheci em seu ateliê, rusticamente instalado a 5 quilômetros da cidade, em sítio florestal, às margens

da BR 101. Denominara-o Atafona, estilo açoriano colonial, assimilando traços típicos da colonização litorânea.

Decorara-o com implementos de uso primitivo dos colonos. Na entrada do grande armazém, em cujo interior expunha telas de pintura, instalara uma rústica tafona de farinha de mandioca, movida a junta de bois. Nesse local de lembrança da Torres antiga, além do ateliê de seu trabalho, fizera um belo recanto típico do interior de fazendas de sua pátria, o Uruguai. Nele o destaque era o da *parrilla*, o típico churrasco uruguaio, do chimarrão e, sobretudo, de agradáveis horas de conversações.

Reunia ali o círculo de artistas plásticos e amigos, entre os quais Iberê Camargo, reconhecido mundialmente, e Danúbio Gonçalves, que se revelara exímio pintor de telas e cenários tocantes a redes, linhas, artigos de pescadores e outros simbolismos torrenses. E de tantas outras expressões das artes plásticas, como Delville, Rosanea Martins, Elizabeth Maggi Carlo, Maria Helena Tomé Gonçalves...

Iberê Camargo foi homenageado com um majestoso memorial em Porto Alegre. Reconhecidamente, o maior pintor contemporâneo.

Eventualmente, eu participava desses memoráveis encontros no ateliê do amigo Sobrera. Filho de capataz de fazenda uruguaia, próxima à divisa com o Rio Grande do Sul, criara-se no meio campestre. Contava-me que dividia o tempo entre o estudo e o trabalho. Superando dificuldades, especializara-se em botânica. Envolvido por idealismo ao movimento revolucionário Tupamaro, foi perseguido e teve de se esconder e, depois, fugir, primeiro para a Argentina, onde trabalhou por algum tempo. Aprimorou-se na pintura e praticava-a nas horas de lazer, para sobreviver. Clandestinamente, voltara à casa de seus pais e, dali, para o Brasil. Em Porto Alegre, teve guarida de patrícios tupamaros refugiados. Em pontos estratégicos de movimento popular, sentava-se em frente de cavaletes com telas e realizava pinturas de pessoas que se postavam a sua frente. Era o seu ganha-pão.

Exercendo esse meio de trabalho artístico, arrojou-se a se deslocar para outras cidades e por um longo período trabalhou nos principais centros do litoral brasileiro. De regresso ao sul, fixou-se em Torres. Adquiriu pequena área rural, onde instalou seu ateliê, o Tafona.

Pedira-me que o auxiliasse na obtenção da cidadania brasileira. Planejava fazer uma série de pinturas sobre cenas de tradições gaúchas. Focara a Festa do Gaúcho, que se realizava em Santiago, São Gabriel, desfiles de carretas antigas e outros aspectos simbólicos do pampa de passado remoto. Tudo isso, porém, ficou apenas nas cinzas de um desejo artístico irrealizável, inclusive o de realçar a eletrificação.

Certo dia me surpreende. Chama-me a Torres. Ficara enfermo e me pedia para levá-lo a Caxias do Sul. Confiava em médico que fora seu aluno na Escola de Artes Plásticas. Não resistiu à trombose que o acometera e, baldados os cuidados médicos, veio a falecer.

Está sepultado em Torres, onde se consagrou pintor com coração de gaúcho brasileiro e cidadania uruguaia. E como refugiado tupamaro. Se vivesse, vibraria muito com a eleição de José Mujica para presidente do Uruguai, ex-tupamaro como ele, idealistas de um movimento revolucionário quando estudantes em Montevideu.

Guardo 15 obras, telas de arte pintadas a óleo por Robson Sobrera, expostas algumas na sede da Coprel, outras na residência. Todas de alto valor artístico.

## De arigó a copreliano, exemplo de trabalhador de rede

Caso raro, inédito diria com certeza. João seu nome, Joãozinho Pequeno, como o chamavam. Pequeno na estatura, grande no trabalho.

De braços fortes, dominava as tarefas de construção de redes elétricas com maestria e agilidade. Aliavam-se nele intensa dedicação e alto grau de responsabilidade. Decidido, nunca vacilava. Reservado e até tímido no comportamento. Treinado no centro de treinamento da própria cooperativa, especializara-se na função de “trepador” – montador de redes.

Atento ao trabalho, Joãozinho ritmava a execução das tarefas para que fossem concluídas nos prazos previstos. Dava-lhes impul-

so, animava seus companheiros. Contagiava-os com seu empenho de equipe, tornando-a competitivamente uma das melhores em produtividade.

Estratificava-se em várias equipes a força de trabalho da Coprel. Em determinados anos, no auge da execução de grandes projetos, empregara cerca de um mil e oitocentos trabalhadores. Um exército de soldados de capacetes brancos, assim os denominavam os agricultores. Nas idas e vindas, o que ocorria mais acentuadamente de 15 a 15 dias, as turmas impressionavam a cidade. Cada equipe de construção era formada por 12 trabalhadores, um capataz e um cozinheiro, método que adotei a partir do início da execução das obras em campo. As turmas acampavam nos locais de trabalho, ora em galpões ou garagens dos próprios cooperantes, ora em barracões alonados provisórios.

De comum, os agricultores lhes davam suporte às exitosas metas de eletrificar para desenvolver. Distinguiram-se os coprelianos. Ser trabalhador da Coprel, por muitas razões, sobressaía-se em conceito e prestígio. Ilustro esta dissertação copreliana com a figura do João Pequeno, João Oliveira. Ele foi um exemplo. Exemplo, no entanto, foi e é a quase totalidade dos coprelianos. Na verdade, ninguém falhava em suas tarefas. As metas eram cumpridas.

João Pequeno, ou Joãozinho, sob a avaliação do setor de recursos humanos, após curto tempo fora considerado apto para exercer o posto de capataz de turma. Por indicação do Nélio Koch, coordenador da área, e Nelson Soares, seu auxiliar, nomeei-o chefe de equipe. Ele não só se mostrou surpreso com o novo encargo como relutou em aceitá-lo. Achava-o de muita responsabilidade, me disse. “Tentarei fazer o possível para corresponder.” Animado por seus colegas, arrojou-se à capatazia. Agilidade e bom raciocínio não lhe faltavam.

De trato amável, mas rigoroso nas metas, a equipe o atendia e logo começaram a apresentar rendimento relevante. Destacaram-se e mereceram elogios. A equipe do Joãozinho embrenhava-se no interior do município de David Canabarro, há mais de 150 quilômetros da sede da Coprel, Ibirubá.

Meses de intensas atividades, o cumprimento de metas tinha prazos de conclusão. Ressalta-se que na época tudo era pioneirismo. Aprendia-se na execução dos projetos. O treinamento de novas equipes constituía-se em necessidade constante. Cresciam as demandas e os projetos; conseqüentemente, os financiamentos eram disponibilizados à Coprel. Então, novas turmas entravam em campo no interior dos municípios.

Tanta era a preocupação do bom andamento dos trabalhos que eu visitava periodicamente os locais de operações das equipes para assisti-las. Conversava com o pessoal, ouvia capatazes e os assistia em suas eventuais necessidades. Almoçava com eles. E que boião de tirar o chapéu! Nem em restaurantes estradeiros comia-se tão bem como nos acampamentos das equipes de rede.

A Coprel fornecia-lhes rancho completo, que, não raro, era enriquecido pelos cooperantes do local. Carne de todo bicho que caminha, nada ou voa era-lhes fornecida. Pessoal bem alimentado, maior rendimento nas frentes das obras.

E o Joãozinho Pequeno! Depois de meses de eficiente desempenho como chefe de turma, na visita que lhe fiz no interior de David Canabarro, me surpreende: queria voltar à atividade anterior, ser apenas trepador-montador, subir nos postes, gostara tanto.

Alegava-me ter muita responsabilidade como chefe. Estava triste. “Seu Olavo, nem dormir bem eu durmo. Me preocupo com o trabalho. Acordo à noite e não posso dormir direito”, me justificava. Dizia-lhe para não se impressionar, estava se saindo muito bem como capataz. “Sei”, eu lhe falava, “que a tua equipe te quer bem, te estima, te apoia e não perde para nenhuma outra.” Prometi dar-lhe uma resposta quando do regresso da turma a Ibirubá. Voltou a insistir: “Me rebaixe, vou trabalhar mais noutra função. Gostaria a de trepador-montador.”

“Você não é trabalhador para ser rebaixado. Vou atender ao que me pediste, mas o teu salário continua o de capataz. Soldado como você não se acha em qualquer exército.” Eficiente, trabalhou vários anos na Coprel.

Demitiu-se para ir se empregar no litoral, em firma de construção. Esteve de volta, trabalhou em Selbach como jardineiro, prestou-

me serviços em Ibirubá. Doente, disse-me que se arrepentara todo na empresa litorânea de construção de redes. Tratava mal os trabalhadores e lhes exigia esforço sobre-humano. Faleceu em Ibirubá. Rendo-lhe homenagem póstuma de profundo reconhecimento.

## **D** De Bugre Morto: a bota ficou no que é aquilo!

Conta Vanderlei Luz, gerente da Caixa Econômica Federal local, índio bueno vivido na querência de Bugre Morto. Os conterrâneos Pedro e Olmiro Alves dos Santos, irmãos, gaiteiros animadores de bailes do interior, quando moços, residiam aqui, nesta terrinha passo-fundense de muita história.

Em certa ocasião, nos idos dos anos 60, foram a cavalo para Passo Fundo. Nem havia em Bugre Morto outro meio de transporte, além de pé no chão ou a cavalo. As visitas à cidade não eram frequentes como agora. No máximo, faziam-se umas três ou quatro por ano.

Nessa ocasião, os gaiteiros de Bugre Morto hospedaram-se na pensão Tagliari, em frente ao Hospital São Vicente de Paula. Abugrados, não conheciam a energia elétrica. À noite, na hora de dormir, não conseguiam apagar a luz, cuja lâmpada, ligada por um fio e pendurada numa corrente e quase rente ao assoalho, tinha o apagacende, a chave.

Sem quererem passar por grosso do campo, não se informaram com o dono da pensão. Pedro, o mais distorcido dos gaiteiros, não teve dúvidas. Pegou uma das botas e colocou a lâmpada de luz dentro, amarrando-a naquela corrente. Nem preciso dizer como ficou a bota no dia seguinte. Bah! “E agora Miro!? Deixa pra lá, vou te comprar um par de alpargatas. Use uma no pé e bota a boa no outro pé. Ou deixe de usar botas e fique de alpargata.”

Diz Vanderlei da Luz: “Isso que Bugre Morto era terra de gente esperta!” E de bota, bombacha, lenço colorado no pescoço e chapéu grande tapeado na testa!

Povo abençoado pelo filho de Passo Fundo, Vitor Mateus Teixeira, o Teixeirinha.

## De Ibiaçá, fé e bênção à Coprel

Em 1971, quando pisei o chão vermelho de Ibiaçá, senti uma impressionante invasão de bem-estar em meu ser. Me senti revigorado e feliz com aquele estranho calor de entusiasmo, nada comum, que me perpassava espiritualmente o corpo.

Elevei o pensamento e me perguntei – “Donde viria toda aquela aura incensadora à minha alma? Quem estaria lançando tudo isso em meu caminho? Essa luminosidade no espírito?” Afigurava-se uma espécie de mensagem que me induzira a visitar o Santuário de Nossa Senhora Consoladora, ponto alto de romarias e fé de Ibiaçá.

Devoção de fé me chamou a entrar no interior daquele lugar santo. Ajoelhei-me e orei. Implorei a Nossa Senhora da Consolação força e ajuda para a enorme obra da eletrificação à família rural. As reuniões com os agricultores se sucediam exitosas.

Implorei a bênção aos trabalhadores da Coprel, aos coprelianos de modo coletivo nas pesadas tarefas de construir as redes elétricas as residências dos cooperantes. Bênçãos e ideias brilhantes a todos os funcionários da Coprel, de ontem e de hoje. Extensivas a todas as lideranças, aos conselheiros e habitantes dos municípios inseridos na área de atuação da Coprel.

Implorei à Santa de Ibiaçá, cuja devoção é festivamente renovada todos os anos: “Abençoe aos doentes, dê-lhes saúde e vida nova. Revivência nos lares, com a energia da união e da prosperidade.” Saí do santuário com o coração e a alma tomados de leveza espiritual, confiante e com fé no futuro da Coprel. O peso dos encargos e das preocupações desapareceu.

Quase que por encanto, nossa nobilitante missão eletrificadora se fortalecia. Atribuíra a invocação à Consolata de Turim, Nossa Senhora Consoladora, feita naqueles instantes de oração. Consolata de Turim, origem de sua devoção, em favor dos atribulados, dos doentes e sofredores.

Do Santuário Della Consolata em Turim, Itália, a devoção transfigurou-se na linda imagem esculpida pelo escultor Herme-negildo Marotto, de apenas 24 anos, de Caxias do Sul. Ibiacá recebeu essa linda imagem de Nossa Senhora Consoladora, vestida de azul e branco, assentada sobre nuvens, rodeada por quatro anjos, tendo nos braços o Menino Jesus e, na mão direita, o rosário. Entronizaram-na no santuário, que destaca a cidade e atrai romeiros de toda parte. Tudo por iniciativa do padre Narciso Zanatta e fortemente auxiliado pelos bispos de Vacaria e Lages e de milhares de fiéis.

Consagrou-se a devoção como a grandiosa romaria no último domingo de fevereiro de cada ano (guardem a data), uma multidão superior a cem mil romeiros, acorre e busca lenitivo para seus sofrimentos, dificuldades, implorando graças e bênçãos.

Encontrei-me algumas vezes com o padre Zanatta, precursor da devoção à Consolata de Turim, nos eventos do último domingo de fevereiro. Em 25 de dezembro de 1986 dei-lhe um exemplar do *Jornal da Família*, editado em Ibirubá. Fizera ampla reportagem das romarias do Santuário de Ibiacá. Mais tarde foi substituído pelo *Informativo Coprel*. Ele me conhecia e conhecia o trabalho da cooperativa.

De pronto o abençoou e me retribuiu com o livro *Pe. Narciso Zanatta e Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá*, escrito por Fidélis Dalcin Barbosa, escritor e jornalista caxiense. Subscritou-me o livro: “À direção e funcionários da Coprel, que tanto bem faz a colônia e interior, com as bênçãos de Nossa Senhora Consoladora”, oferece Padre Narciso Zanatta”. Guardo-o como feliz lembrança que me revigora, me reaviva a fé e me dá forças na trincheira da Coprel.

Na bela praça de Ibiacá, defronte ao imponente santuário, a população ergueu uma estátua em homenagem ao padre Narciso Zanatta. Assim, expressa a justa gratidão ao grande benfeitor de Ibiacá.

# D Debulhando feijão no asfalto

O sertão nordestino tem peculiaridades incomuns. Em determinadas estações do ano, é um paraíso; noutras, doloroso, sob o efeito inclemente das estiagens. Depois ressurge a natureza, a flora, a fauna arisca e rara com a sobrevivida das chuvas. Compraz-se o chão com as bâtegas da chuva grossa, redentora de nova vida ao sertanejo desolado pelo sol impiedoso. Afaga a terra, cultiva-a com culturas de subsistência – feijão, milho, aipim, mandioca e cana. Anima-se. Implora aos céus que o bom Deus o ajude com uma boa safra.

Testemunhei isso em Águas Belas, Alagoas, cidade próxima à cachoeira de Paulo Afonso, divisa entre Pernambuco e Bahia, sem precisar data, seria em meados de 1975. Participara de congresso na Universidade Rural de Recife. Decidi conhecer Maceió, interior de Alagoas e Pernambuco numa recorrida para visitar, de vez propícia, amigos e parentes atuando naquela região. Deles, João Edson Lauen, natural de Ibirubá, era gerente da agência do Banco do Brasil de Águas Belas. Viera há pouco transferido de Bragança, Pará. Além da visita, ele nos guiaria a Paulo Afonso. Prometera isso à sua irmã Sidéria, que também participara do encontro de Recife, a convite do Inbra. Sidéria, professora, dirigia o Ensino Técnico do Estado.

Águas Belas, cidade de quarenta mil habitantes, típica do Nordeste, não diferia das demais, não fosse existir ali uma curiosidade deveras relevante e que, por sinal, coincidia com a visita àquela região. Surpreendente modalidade de debulhar feijão para mim, que me habituara a efetuar essa tarefa a mangual ou casco de cavalo, na roça ou no chão limpo de casa. Hoje, é praticamente mecanizada, exceto em algumas regiões remotas do país. Agora, no asfalto, é coisa de nordestino? Pode ser, mas não deixa de ser genial e curioso.

Arrancavam os pés de feijão seco das roças, carregavam-nos em carretas e transportavam-nos com bois ou mulas à cidade.

E no asfalto das ruas, após estendido em camadas, serviam-se do trânsito dos veículos automotores, que com os pneus faziam a

debulha do feijão. Esse processo se tornava até divertido. Atraía a população às calçadas para ver os carros passar por cima dos barços de feijão. E havia motoristas solidários com os agricultores feijoeiros, que colocavam seus carros a rodar num vaivém. Virava o mutirão da colheita do feijão em Águas Belas.

Durante essa faina, os proprietários, ao lado de suas quadras ou trechos do asfalto, nos intervalos, corriam rua adentro para recompor com as mãos os barços excluídos dos trilhos da passagem dos carros. E todos acorriam a essa tarefa. As crianças eram em maior número e se divertiam com o trabalho. Os que não se envolviam ficavam nas calçadas admirando aquela faina e sorvendo água de coco.

No fim do dia, com ancinhos, feitos de ferro ou de madeira, procediam à retirada da palha. Ato contínuo, amontoavam o feijão e, sob a iluminação pública, iniciavam o trabalho de limpá-lo com ventilador. Outros se serviam manualmente de peneiras. O feijão limpo destinava-se ao comércio, ao passo que aquele com pó e detritos da trilha era assim armazenado para o consumo. Essas tarefas continuavam no dia seguinte. Confirmavam com essa prática sertaneja e cabocla a conservação do feijão, pois o imunizavam do caruncho na poeira, com o que permanecia melhor para cozinhar. Essas práticas caboclas ainda persistem. Feijão bom é o da tuia guardado com o pó.

Águas Belas teve origem do nome de uma lagoa e fontes de água potável de qualidade. Outra curiosidade é a de a cidade se situar na reserva indígena dos tupiniquins, os quais, com o tempo, uniram-se aos carnijós. São cerca de cinco mil índios, que se denominam “Fulniôs” e vivem em aldeias, todas próximas a águas Belas. Subsistem do artesanato e agricultura familiar. Xaothê é o idioma prevalente, único do Nordeste brasileiro.

Se não fora a existência de pistoleiros de aluguel, Águas Belas, onde se debulha feijão no asfalto com o vaivém dos automóveis, o turismo poderia ali se propagar ainda mais.

Na rota de Paulo Afonso, João Edson guiou-nos a essa cachoeira e hidrelétrica. Lembro o balanço de grande pinguela sobre o espumante escachoar das águas do rio São Francisco. Do belvedere da cachoeira, avistava-se um dos principais esconderijos de Lampião,

Maria Bonita e Corisco, os mais famosos líderes do cangaço brasileiro.

Acoitavam-se nos enormes socavões dos barrancos do rio São Francisco. Dali comandavam assaltos e crimes de toda sorte. Nem toda a população do interior, contudo, considerava-os criminosos. Astutamente, Lampião colocava-se a favor dos pobres sertanejos. Quem estivesse do lado dele não tinha o que temer.

O socavão do cangaço e a hidrelétrica Paulo Afonso são locais curiosos e de visita turística. E são tantos por este nosso país de belezas inigualáveis.

## Dio Santo, pera aí, pera aí, preciso sair do carro...

Íamos a Caxias do Sul para audiência com o presidente Castelo Branco, que visitava aquela cidade. Abriria a Festa da Uva.

Romeu Kloeckner, prefeito de Tapera, Arthur Ritter de Medeiros, prefeito de Espumoso, e eu, prefeito de Ibirubá, havíamos conseguido essa audiência. E por medida de economia íamos os três num só veículo. O meu era um velho jeep, o do Romeu, um velho Chevrolet, e o do Arthur Ritter de Medeiros, uma caminhoneta rural Willys. Nela caberiam todos, mais Altivo Osmar Ruschel, assessor da comitiva de prefeitos, portando o dossiê de reivindicações. Ritter ofereceu seu meio de transporte, e com ele nos metemos na estrada à véspera do encontro em Caxias do Sul.

O trajeto do Alto Jacuí a Caxias do Sul pouco tinha de asfalto. Nos trechos sem asfalto, havia excesso de pedregulho solto, o que tornava perigoso o tráfego e exigia do motorista muita cautela e maestria ao volante.

“Medeiros”, falei, “quem sabe tu entrega o volante para o Romeu. Nem eu nem tu somos motoristas experientes, e essa estrada pela serra é medonha. E Romeu é profissional, até caminhoneiro

foi.” “Ora bolas”, respondeu-me o prefeito Medeiros, “eu me garanto no guidão como qualquer motorista”.

De Espumoso, Ibirubá e Tapera, a estrada de terra batida, nem boa nem ruim demais para a época, Medeiros nos conduzia no maior papo alegre do mundo. “Sou motorista, sou prefeito e vou ser deputado”, garganteava.

Eu lhe dizia: “Francamente, se você, Arthur, amigo nosso do peito, entregar o guidão para o Romeu Kloeckner, luto pela tua candidatura a deputado e na Rádio Ibirubá faço propaganda sem cobrar um centavo. E faço mais, compareço aos teus comícios e discurso neles.” Romeu e Ruschel também hipotecavam apoio.

E nesse tom de conversas descontraídas passamos por Passo Fundo, Marau, Casca, até que numas guinadas bruscas da camioneta nos arrepiamos de sustos. Um atrás do outro: “Medeiros, Medeiros, dê o volante para o Romeu. Daqui pra frente, a estrada, além de curvas bruscas, margeia precipícios medonhos.”

Meus apelos davam em nada. Ritter de Medeiros não entendia, não queria ouvir a mim nem ao Romeu, motorista profissional. De compleição enorme, Ritter de Medeiros tinha dificuldade para guiar nas curvas e para fazer as mudanças de marcha e frear, se necessário. Os sustos se repetiam. De repente, pensávamos, nós vamos todos pro beleléu, montanha abaixo. Foi pensar e falar que a caminhoneta deslizou no pedregulho solto e por um triz não despencamos na encosta do morro por onde passa a estrada. Ritter, por nada tirou as mãos do volante. Travou, e o veículo resvalou, ladeando o perigo do abismo. Apagou o motor. O susto foi demais.

“Pera aí, pera aí”, e saí da camioneta. Peguei minha maleta e fui me sentar na margem da estrada. Os companheiros conversaram com Medeiros: “Olha, o jeito é nós atendermos o prefeito de Ibirubá. Ele não quer mais seguir viagem. De certo modo, ele e o Ruschel chefiam a comitiva para falar com o presidente.”

Finalmente Ritter de Medeiros concordou e Romeu assumiu a direção. Desculpei-me pela rudeza, mas fiz o Ritter de Medeiros ver a minha preocupação e que a vida não era só minha, mas dele tam-

bém. Éramos prefeitos em início de mandato. Eu, então, assumira compromissos seríssimos com Ibirubá e Alto Jacuí com a eleição de Ibirubá a município modelo.

Justifiquei minha atitude um tanto de inconformidade. Ora, tratava-se de viagem compromissada. Medeiros compreendeu e me agradeceu, não me dispensando do apoio a sua candidatura, que lhe prometi e jurei cumprir. Em ambiente alegre, rindo, Medeiros ensaiou discurso para sua campanha.

Em Caxias do Sul nos hospedamos no Hotel Alfred. No outro dia, fomos recebidos em audiência pelo presidente Castelo Branco, no Clube Juvenil. Bem em estilo militar, atendeu-nos de pé e, sem cerimônia, ouviu-nos e recebeu o dossiê de reivindicações das mãos de nosso assessor, Altivo Osmar Ruschel. Com um aperto de mão nos desejou êxito e agradeceu o nosso apoio a seu governo. O país vivia um momento político de extrema instabilidade democrática. A revolução de março se propunha recompor a vida política. Não desejava a ditadura.

Depois de Castelo Branco, a história é outra. Não a descrevo.

## Ênio Andrade, meu guru do futebol

Vida esportiva, a comecei em Sede Vitória, nas peladas em campo aberto de barba-de-bode, uma grata diversão da meninice. Já em Sede Aurora, terra que me acolheu, afetiva e profissionalmente, o exercício do esporte aprofundou-se com o futebol. O Grêmio Esportivo Aurora, de certo modo, me conduziu a ser atleta que não fez feio.

Em Porto Alegre, as indústrias Renner, no quarto distrito, formaram um time de futebol, para elevar no conceito público a marca Renner, propagá-la país afora. Assim nascia o E. C. Renner, que, de embate em embate, alteou-se no meio futebolístico gaúcho. Simpatizei com o time, que se digladiava valentemente com os times de maior grandeza na capital – Grêmio, Inter, Cruzeiro....

Entre seus quadros, um dos atletas se distinguia. Vestia a camisa número 5. Era Ênio Andrade. Conheci-o quase por acaso. Estava a serviço na capital. Domingo de sol, fui assistir à partida de futebol em que o Renner se confrontava com o Grêmio Porto-Alegrense. Assisti a um futebol bonito. Ênio Andrade brilhava. Seu jogo aparecia. Ágil e com passes certos, comandou a vitória de seu clube.

Sagrou-se campeão de futebol do estado. Batera os times de primeira linha, Inter, Grêmio, Cruzeiro, São José e outros do elenco de times disputantes.

Corre o tempo, e as indústrias Renner decidem encerrar as atividades esportivas do Quarto Distrito. Logo mudam de dono. Ênio Andrade é contratado pelo E. C. Internacional.

Queria conhecê-lo pessoalmente, vê-lo jogar. Era um primor a ginga corporal de suas jogadas, seguro em sua posição. Dirigi-me a Porto Alegre e, quando do ingresso ao estádio, conheci o presidente do Internacional, Alexandre Záchia. Foi-me apresentado pelo cônsul colorado em Ibirubá, Carlos Nussbaumer, “Colosso”, que me acompanhava. Felizes coincidências. Conheci Alexandre Záchia, deputado pelo PSD e político ligado ao governador Ildo Meneghetti, e meu guru do futebol, Ênio Andrade.

Momentos antes do jogo previsto naquele dia, conversei com ele, encantou-me a sua simplicidade. Outras vezes tive o ensejo de me encontrar com o grande atleta colorado. Hoje, pensando bem, nem sei se foi Ênio Andrade ou Alexandre Záchia que me tornaram colorado. Ambos, e todos, mais Colosso e Meneghetti.

Ênio Andrade, em sua trajetória vermelha, conquistou dois campeonatos brasileiros como técnico do Esporte Clube Internacional. Profissional de alto conceito, foi técnico também do Grêmio Esportivo Porto-Alegrense. Atleta e técnico de reconhecida competência, orgulho do futebol gaúcho e brasileiro. O amigo que me ensinou muito do futebol. Colosso compartilhou comigo das glórias coloradas, ele como cônsul e eu como modesto torcedor do Inter.

## **E**ntrem, entrem, que depois tudo se arranja

Neste país, as coisas são assim mesmo, depois nem vai precisar devolver o dinheiro... Entrem, entrem, que depois tudo se arranjará.

Diante da indecisão de boa parte dos agricultores, numa das primeiras reuniões da Coprel em linha Fior, Ibirubá, padre Franz Hummler, padre Chico, saiu-se com essa: “Entrem, entrem, que depois tudo se dará jeito.” Assustei-me com esse recado do padre Chico, grande liderança ibirubense.

Tratava-se de coisa séria. O Inda havia destinado a importância de um bilhão de cruzeiros, dinheiro da época, correspondente a financiamento do projeto global de Ibirubá. Conseguira o empréstimo ainda em 1967, quando prefeito. E no prazo de dez anos, a juros de 8% ao ano, sem correção monetária, o empréstimo, após dois anos de carência, seria amortizado em suaves prestações mensais. Uma galinha botando ovo pagava, diziam. E foi verdade, assim aconteceu, confirmam os cooperantes.

Para executá-la, porém, os agricultores deviam ingressar na cooperativa e subscrever promissórias, equivalentes à participação de cada um. Se houvesse um desvio de intenções, o programa se desintegraria e a eletrificação continuaria um sonho. Por isso, me angustiava o que o padre Chico espalhara. Poderia me dificultar a liberação de recursos, parte significativa já empenhada, através da CEEE, interveniente e avalista do começo das atividades da Coprel.

Afora isso, me defrontava com o desprestígio do sistema cooperativo, o mais grave de tudo. A Coprel despontava com um sistema novo, pioneiro em técnica e amplitude. Mal coordenada em seu início, nem mais queria aceitar o cargo de gerente-geral da Coprel. Chamei-me a Brasília e o poder concedente, por meio de seu Conselho de Administração, me lançou quase um ultimato, um apelo para fazer funcionar a Coprel: “Se você não fizer funcionar a cooperativa, quem irá fazê-lo? De que adiantaria todo o teu esforço para eletrificar o município? E a nossa diligência em favor de tão importante modelo?”

Stefanello, pense. Está em tuas mãos o sucesso deste programa. Ele precisa se expandir a outros municípios. Você é dinâmico, sabe e descobrirá formas de tocar adiante o projeto da Coprel.”

De volta a Ibirubá, reuni-me com o presidente Roewer e conselheiros, expus todos os obstáculos que se contrapunham para se efetivar de vez o início das construções de redes. Deram-me carta branca para agir e gerenciar em qualquer área. Roguei-lhes que me ajudassem a desfazer mal-entendidos quanto ao financiamento, que não fora concedido a fundo perdido. A CEEE já não queria entregar os materiais licitados. Complicava-se o apoio da coletividade, dos prefeitos, vereadores e lideranças, mas brandia a espada do entusiasmo, e os resultados logo começaram a aparecer. Entrosei-me com o engenheiro Odyr Heitor Thiesen, que fora diretor presidente da CEEE e propulsor da eletrificação rural no estado.

Thiesen passou a agir, emprestando-me apoio total. “Isto tem que deslanchar”, encorajava-me. Designou um técnico da concessionária para revisar os nossos projetos, na verdade, transformá-los de anteprojetos efetivamente em projetos.

Nélio Koch foi o primeiro eletrotécnico contratado, que eu conhecera na Escola Técnica de Parobé, de Porto Alegre. Assessorado pelo técnico Domingues Flores, cedido pela CEEE, a Coprel começou a se autoafirmar. Em seis meses de atividade, consegui eletrificar cerca de quatrocentas propriedades. A seguir, nunca baixou de mil moradias festejando a chegada da luz todos os anos. Houve outros com mil e quinhentos e até duas mil propriedades eletrificadas, grandes proezas dos coprelianos.

Na central administrativa, eles eram treinados nas diversas tarefas de redes. O regimento de trabalhadores coprelianos orgulhava a missão da cooperativa. Eram muito bem recebidos no interior. Comportavam-se respeitosamente e credenciavam o nome da Coprel, tanto que ser copreliano titulava-se honrosamente no seio das comunidades. Historiar a Coprel, realçar os méritos de todos coprelianos e dos valores cooperantes, além desses registros, merece a feitura de filme, que distinga ainda mais a grandeza desse programa, o mais relevante e significativo do país, por ter suas raízes na ação independente das comunidades.

## **E**ssa é boa! Me laçaram no rodeio!

É histórica, engraçada e dá para rir. Conta-a o diligente coo-  
perante Agostinho Terra, de Tupanciretã. Gira em torno de Marcial  
Terra, seu tio, progressista criador gaúcho e personagem dos mais  
ilustres da vida e da história da Terra da Mãe de Deus. Destacava-  
se na política como proeminente líder do Partido Social Democrá-  
tico. Sua vida fundira-se com a história do município. Elegera-se  
deputado federal. Não muito dado às letras, estudara pouco, mas se  
portava como homem de largo conhecimento, que adquirira ao longo  
das atividades agropecuárias, da convivência com grandes homens  
e dirigentes empresariais.

Íntegro, sua postura era conservadora, equilibrada e respeitosa  
à tradição. Projetara-se em prestígio às altas instâncias públicas.  
Na Câmara Federal tinha atuação nos limites de sua cultura. Agia,  
no entanto, diretamente junto aos ministérios e à Presidência da Re-  
pública nas eventuais audiências que solicitava, quando necessárias  
e sérias questões o exigiam. Em problemas da agricultura batalhava  
por soluções, só possíveis se advindas do governo da República. Lá  
estava o líder Marcial Terra propugnando por elas. Como ele mesmo  
dizia: menos discurso e mais ação.

Certa feita, teve de discursar na Câmara. Reverenciava-se even-  
to de significação social-econômica e de interesse regional. Nessas  
ocasiões, quando não falava de improviso, o que fazia comumente,  
solicitava ao colega Brochado da Rocha que lhe redigisse o discurso.  
No dia e hora aprazada, o deputado Marcial Terra empertigava-se,  
fazia pose solene e passava a ler discursivamente o pronunciamento  
que o colega lhe escrevera. Lá pelas tantas, após proferir certa frase,  
ele estacou e riu: “Essa é boa! Engraçado, né! Vocês não a acham?”

O colega que redigira o discurso colocara uma piada no meio da  
fala. Naturalmente que provocou riso geral. Nada tinha a ver com o  
tema do discurso. Como Marcial não o lera antes, a gozação dos con-

gressistas ganhou fórum de extrema hilaridade. Na verdade, tinham-no como um político de pouca cultura. A safadeza do colega confirmou, de certo modo, a figura de político das grotas, grosso, mas trabalhador barbaridade. Grossura até não diríamos, não letrado, isto sim!

Conheci-o na I Conferência Nacional do Trigo em Cruz Alta. Daniel Dipp, seu colega na Câmara, fora eleito presidente do conclave, e Marcial Terra, secretário. Abertos os trabalhos do evento, que se realizava no Clube Internacional, aproximei-me de Marcial, de quem meu pai falara muito bem. Cumprimentei-o. O mesmo fiz a Daniel Dipp. Completara 18 anos e me interessava pelos assuntos ligados à terra, pois vivia e trabalhava nela. Nisso, Marcial Terra me chama e me pede que o ajude nos apontamentos relevantes do Congresso.

Era por volta de 1947, um pouco antes, lembro, eu beirava os 19 anos e acabara de prestar o serviço militar. Calejava as mãos no rude trabalho da roça em Capão Doce.

De Marcial Terra ainda me recordo do que ele me contava. Aconselhava-me: “Olhe, moço, se queres ter vida longa, faça como eu. No inverno refugio-me numa propriedade que adquiri na Ilha do Bananal. Fica lá perto de Brasília. Temperatura amena, muito boa para a saúde. Depois que descobri isso, o inverno eu passo lá, verão aqui, em Tupanciretã. Resguardo meus pulmões dos frios daqui.”

Eu lhe respondi que era pobre, de cabo de enxada e de rabo de arado de boi. Poderia até sonhar com isso se um dia me mudasse para chão igual a este de que me falara, de verão-outono permanentes. Atrevi-me a dizer-lhe que meu avô Ângelo vivera 98 anos. Alambicava uma cachacinha de cana boa e fabricava um vinho orgânico de uvas escolhidas a mão. Um traguito de pinga de manhã, antes de ir à roça, e vinho nas refeições. Comia de tudo e tinha uma saúde de ferro.

Eis aí uma história entreverada com a do Agostinho Terra, da Granja Santa Ana, a 13 quilômetros de Jarí, às margens da estrada que se interliga a Tupanciretã. Nessa moderna fazenda, além da soja, trigo e milho, Gustavo Terra, veterinário, seu filho, administram juntos um avançado criatório de cavalos, sobressaindo-se o de

pôneis, cerca de trezentos, dos quais me vendeu dois, com que presenteei minhas netas Valentina e Yasmin. Cuida-os o competente tratador Preto. Elas os batizaram de Dengoso e Bambino.

## Esse cara entende tudo em alemão...

O fato aconteceu em linha Kronenthal, na época município de Tapera. Pereirinha e um trepador de postes foram ligar a luz a cooperante daquela linha. Conta Pereirinha que, chegando lá, não havia nenhum adulto em casa, só duas meninas adolescentes. Cumprimentou-as dizendo que me chamava de Orvalino Ventura da Silva, conhecido como Pereirinha. Anunciando-se ser da Coprel, viera para ligar a luz. Que bom!, dissera uma delas, podem ligar.

Daí o Pereirinha foi à caixa do medidor e principia a instalá-lo, enquanto o colega subiu ao poste para fazer a conexão dos fios (os postes eram de madeira). As gurias começaram a cochichar em alemão.

Eu que as entendia, fiquei firme no meu trabalho. Dali a pouco, uma delas falou para a outra *geh moa do himm kuke wil dea da macht, das mea wisse wie meã das licht anmado um ausmache*. Traduzindo “vai lá ver como ele faz para nós ficar sabendo como se acende e apaga a luz”.

Concluída a ligação, tudo pronto, chamei as gurias e disse: “Agora tenho que fazer um levantamento de carga, isto é, preciso saber quantas lâmpadas foram ou vão ser instaladas, quantas tomadas... Elas não me responderam, não sabiam...”

Bem, disse-lhes, vem alguém da Coprel depois para levantar a carga requerida. Quem sabe vocês possam me pagar onze cruzeiros, que é a taxa de ligação? Uma delas correu dentro de casa

e foi buscar o dinheiro. Voltou e perguntou para a outra: *jah um wen man uns net dea trock zurick gibt?...* Em português: “E se esse cara não devolver o troco para nós?”

Mas me alcançaram o dinheiro, se me lembro eram 15 cruzeiros. Chamei-as até o medidor e lhes falei em alemão: *Konmt ma hea ich wil aich zaiche wil ma da licht anmacht um ausmacht...*

“Venham aqui, quero mostrar como se liga e desliga a luz na caixinha”. E em alemão, no final lhes falei: “Aqui está o troco que vocês tinham medo de não receber.” Daí, uma para a outra falou: *Ai dea verstead jah alles deitch.* Esse cara entende tudo em alemão. Eu ri e agradei a atenção que me deram. Elas ficaram sérias, branquearam e não me disseram mais nada.

Esse Pereira é de morte. Cara de caboclo que sabe falar em alemão, italiano e empurrando um pouco mais, é poliglota!

## **E**u quero é tomar um banho quente!

Por intermédio do programa Luz para Todos, executado pela Coprel, no interior de Cruz Alta estendia-se a energia elétrica.

Luz para Todos destinava-se a beneficiar moradores ainda à margem de luz. Conta o Bertoldo Viecili Fagundes, secretário do Desenvolvimento da Prefeitura, que numa das residências iluminadas foram instaladas poucas lâmpadas, o suficiente para dar mais conforto aos seus habitantes. Homens, mulheres e crianças que ali viviam, todos vibraram com vinda da luz.

Após a ligação da energia, Bertoldo perguntou à moradora o que ela iria instalar de aparelhos para melhor usufruir a energia. Se uma geladeira, TV, máquina de lavar roupa... Para estupefação dos presentes, ela simplesmente respondeu: “Eu quero é tomar um banho quente! Tu não faria o mesmo? Porque banho frio no inverno não dá! Outras coisas, depois!”

## Facilitei a área para a Usina do Capão da Convenção

Dia 30 de junho estive em visita ao ilustre castilhense Regis Salles, amigo e conterrâneo. Foi um encontro para conversarmos e rememorarmos traços da história da então Vila Rica, hoje Júlio de Castilhos.

Nas cercanias da nova usina hidrelétrica de Capão da Convenção, em terras de Regis Lopes Salles, este facilitou a construção dessa importante obra da Coprel e de suas consorciadas. O doutor Regis falou-me de sua satisfação em poder cooperar para a Coprel se tornar autossuficiente em geração de energia. E se tudo convergir para novos entendimentos, emprestará outros impulsos à relevante missão da Coprel – eletrificar para desenvolver o campo.

Regis Salles é agropecuarista, veterinário por formação, foi vereador e presidiu a Farsul de 1990 a 1996, com sede na capital do estado. Como presidente da Farsul, desencadeou com êxito o combate à febre aftosa, com ampla e total vacinação dos rebanhos do Rio Grande do Sul. Combativo líder do município, sempre esteve presente na luta pelas boas causas de sua terra. De família das mais tradicionais de Júlio de Castilhos, a família Salles confunde-se com a própria história do município.

Lembrei-o de meu tio Moisés Prevedello, de Pinhal Grande, *in memoriam*, que fora casado com a filha de Francisco Salles. Contava a minha mãe Antônia, natural de Comércio, povoado do interior castilhense, que Chico Salles era bem corpulento. Quando adquiriu um carro da época, Ford 29, mandou ampliar o espaço do motorista para poder se acomodar no volante.

Francisco Salles foi secretário municipal de administração do intendente Aristides de Moraes Gomes, coronel Fidinho Gomes, como era conhecido e que administrou por vários anos e foi prefeito eleito de Cruz Alta, sua terra natal. Segundo Régis Salles, Júlio de Castilhos tem uma história muito linda e memorável, escrita magistralmente pelo ilustre historiador Firmino Costa. No seu livro *Terra*

*de Vila Rica* registra dados sobre a Convenção da Reserva, que nós conhecemos como Capão da Convenção. Conta ele:

Vila Rica foi palco de um dos maiores acontecimentos políticos da história do município de Júlio de Castilhos e da República a Convenção da Reserva, em 1889.

A célebre reunião da Reserva teve lugar no lado oeste de um capão próximo à sede da Fazenda de Carlos Prates de Castilhos, que ficaria conhecido como Capão da Convenção.

Ali o jovem advogado e jornalista castilhense Dr. Júlio Prates de Castilhos, com 28 anos de idade, reuniu as mais ilustres e representativas figuras políticas do Rio Grande para combinar a ação revolucionária com a Monarquia.

O memorável documento foi então assinado, em cujos termos reconhece a necessidade de organizar a oposição, em qualquer terreno, ao futuro reinado, que ameaça a nossa Pátria com desgraças de toda a ordem e preparar tudo para garantir o sucesso da revolução.

E firmaram juramento de só parar diante da vitória ou da morte.

Reserva, 21 de Março de 1889.

Cândido Pacheco de Castro, Joaquim Antônio da Silveira, Lauro Domingues Prates, Fernando Abbott, Ernesto Dias Alves de Oliveira, José Gomes Pinheiro Machado, Vitorino Monteiro, Possidônio da Cunha, Homero Batista, Manoel da Cunha Vasconcelos, J. F. de Assis Brasil, Salvador Pinheiro Machado, Júlio de Castilhos.”

Neste histórico Capão da Convenção a Coprel e empresas consorciadas já financiaram a lança libertária da energia contra a escuridão dos campos. Tantos foram os fatos e histórias enunciadas nesta aprazível conversação com o ilustre castilhense Regis Salles que dariam para escrever um livro. E se juntarmos as do historiador Firmino Costa, multiplicaremos esses livros de recorridas historiográficas.

De um fato a outro, de uma lembrança a outra, perguntei ao Dr. Regis sobre o novo tempo da minha terra natal. Referiu espontaneamente: Júlio de Castilhos vive um ótimo momento de desenvolvimento.

No tocante à administração municipal, enalteceu o atual prefeito João Vestena, que está em sua segunda gestão. Inteligente e dinâmico, reorganizou os serviços administrativos e vem projetando o município com expressivas realizações. Deu à cidade melhorias sensíveis muito desejadas pela população, como asfaltamento de várias ruas. Vem dando impulso à ação privada e a todas as boas iniciativas. Um grande prefeito, afirmou-me Regis Salles.

Eu, particularmente, luto pela reativação da Castilhense, frigorífico que erguia alto o nome da nossa terra. Se tudo der certo, iremos conseguir estabelecer um grupo de empresas para reativar as atividades da Castilhense.

Vila Rica, ou Júlio de Castilhos hoje, continuaremos falando em ti em outras recorridas.

Inimigos nunca tive.  
Se existem, não sei. Amigos todos.  
Waldemar Urnau foi um grande  
amigo de Ibirubá

Recordar pessoas queridas sempre é um momento de emoção e felicidade. De pessoas que viveram uma quadra de vivência vibrante na construção de uma comunidade. Lá vai mais de meio século de Ibirubá município. Nessas horas me lembro, até com lágrimas nos olhos, aqueles traços de amor e amizade, distantes no tempo, mas perto do coração.

Como é emocionante reviver o Ibirubá de meio século atrás, alegre, agitado e festivo. Ouvir o “oi” carinhoso das pessoas todas as manhãs, entrecruzando-se nas ruas rumo ao trabalho, a negócios, à escola ou a passeio. Felizes por se cumprimentarem e por um novo

dia de auspiciosa convivência e de trabalho. E trabalhar para a Ibirubá criança crescer e se desenvolver com muita fé e esperança.

A Waldemar Urnau destaco aqui, o que deveria fazer para milhares de outros cidadãos, homens e mulheres com o mesmo sentimento.

Waldemar Urnau nasceu em 9 de abril de 1920 em Chapada, então distrito de Palmeira das Missões. Viveu, porém, quase toda a sua existência em Ibirubá. Homem simples, expansivo e trabalhador. Exerceu atividades no comércio e foi sócio-fundador da empresa Germano Hepp e Cia Ltda., que por alguns anos representou a Ford do Brasil.

Politicamente, militou nos quadros do PSD – Partido Social Democrático. Como desportista, o Grêmio Esportivo Ibirubá era seu clube do coração. Participava de todas as jornadas do canarinho ibirubense.

Bolonista de larga atividade, foi sócio-fundador do Grupo de Bolão Ibirubense. De espírito alegre, comunicativo, contagiava o círculo de relações, que era abrangente. Do Ibirubense, grupo de bolão vitorioso em muitos campeonatos, foi eleito patrono.

Com dedicação prestigiava todas as boas causas do município.

Por que me orgulho de exaltar Waldemar Urnau? Bem por isso, por seu espírito de solidariedade e cooperação social.

Em todos os momentos de lazer, Waldemar me incentivava quanto aos empreendimentos nos quais me envolvia e me falava francamente: “Meta a cara. Toque este Ibirubá para frente! Cabeça boa tu tens. E conte com a gente!”

Entusiasmava-me com as ações do município modelo, a eletrificação rural, tudo, enfim, que resultava em grandes conquistas para o município e para o Alto Jacuí, irmanando os municípios a novos e constantes avanços de desenvolvimento. Desapareceu aos 63 anos e 7 meses.

Era casado com Maria Lucila Weissheimer, de cujo enlace teve quatro filhos: José Paulo, Antônio Carlos, Luiz Roberto e João Ricardo. Está sepultado no Cemitério Católico de Ibirubá.

Traçou uma bela página de vida participativa na comunidade que ajudou construir.

## Itaoca do sapo Cururu

A estória, em si, até pode ser divertida. Aliás, engraçada é! Em 1989 adquiri um pedaço de terra à beira-mar em Itapeva, a seis quilômetros de Torres. Nele construí uma casa de pedra típica e formei um lago captando água de arroio lindeiro. Em formato veneziano, desenhou-o Rosânea de Fátima Martins, pintora de artes plásticas. Batizei-o com o nome de Itaoca, que no tupi guarani quer dizer “Casa de Pedra”.

Refúgio dos guerreiros para as batalhas da vida, comprazia-me, por alguns dias, nesse paraíso da natureza. Itaoca me revitalizava para o trabalho. Bem, onde está o engraçado da estória? O engraçado e curioso eram dois sapos. Eles saíam das margens do lago, atravessavam o taquaral quebra-vento e entravam, primeiro, no galpão e garagem e, depois, na casa, pela cozinha.

– Dei-lhes nomes – Cururu e Tilena –, seguindo as definições do neto Cristiano Bublitz, veterinário e biólogo, diplomado pela UFSM, que atua em Erechim. Cristiano me disse: “É um casal”. Cururu era afoito, não temia a presença das pessoas. Tilena, a fêmea, seguia-lhe o comportamento. Admirável. Circulavam livremente, aos pulinhos, uma graça vê-los. Quando eu lá me encontrava, pareciam fazer festa. Apareciam rápidos. Alcançava-lhes restos de comida, carne picadinha, a preferida. Alimentava-os, regularmente, atrás da pilha de lenhas do forno e churrasqueira.

Em contrapartida, Cururu e Tilena devoravam insetos, baratas e invasores daninhos. Mantinham-me vigilância sanitária. Benditos, eu lhes dizia.

De jeito, adentravam na Itaoca e se abrigavam embaixo das camas. Tilena, um tanto retraída, interrompia seus pulinhos ao presenciar estranhos. Ambos, notava-se, pressentiam a minha presença. Surpreendente ocorria depois de minhas ausências. Ao chegar, Itaoca despertava. Além da alegria da família, do caseiro, o esganicar alegre dos cachorros – Quenie, dobermann, Tulo, pitbull e Toni

Quim, Labrador, guardiões da Itaoca. E os sapos Cururu e Tilena? Estes saltavam da orla do lago e traziam outros membros do grupo.

Pensava eu, sei lá, estes bichinhos não só pressentiam a minha chegada, mas vinham me fazer festa e se refestelavam com o alimento que lhes oferecia. Isso virava hábito. Gostavam de mim e eu deles? Demonstravam-no...

Certo dia parti para o litoral com as irmãs religiosas – Estela, Lúcia e Helena. Estela enfermeira, Lúcia obstetra e Helena farmacêutica. Exerciam funções no Hospital de Caridade de Não-Me-Toque. Uma semana de lazer na praia. Caminhadas e banhos de mar absorviam-nas (exaustivamente). Sol, areia e mar, não há nada de melhor, confessavam.

Ao meio-dia, debaixo da sombra das árvores, ao lado da Itaoca, sorviam caipirinhas feitas por elas mesmas. Na sequência o almoço, rico em frutos do mar, eximamente preparados. À cozinha todas as irmãs se dedicavam. A Helena comandava... Que delícia de almoço, proteico e vigoroso!

A alegria extravasava ruidosa das taças de bom vinho. Se degustado moderadamente, não sei. Sei que todas cantaram felizes.

Uma sesta agora faz bem, convida Estela, minha irmã. No amplo quarto de frente para o mar, as irmãs caem em sono de almas felizes. Itaoca, o paraíso do litoral. Duas horas de cama. Eu subira a escada e me alojara na suíte de cima, o meu cantinho de descanso. Ao findar a sesteada, Lúcia, embaixo, entreabre os olhos e vê Cururu e Tilena no centro do quarto. Tentavam sair, a porta estava fechada. Assusta-se, dá um grito alarmante e me chama: “Tem bicho feio aqui.” Acorda as companheiras.

Abalei-me escada abaixo. Abri a porta do quarto, e o que vi? Cururu e Tilena de olhinhos estáticos, amedrontados com os gritos da Lúcia. Os sapos, como as irmãs, dormiram no apartamento. Aberta a porta, pularam para fora e foram se esconder atrás da pilha de lenha.

Do susto às risadas, contei-lhes pormenores da convivência com os sapos. Não só com eles, mas com outros animais silvestres que

se refugiavam no sítio. Em Itaoca, além de paraíso natural, abrigavam-se nútrias, saracuras, quero-queros, tucanos, socós, corujas, sabiás, João barreiros, pica-paus...

Pois bem, daquele dia em diante, Cururu e Tilena e seus irmãos de Itaoca ganharam três novas amigas. Estela, diligentemente, os alimentava todo o dia, na boca da noite. Uma graça! Encanto maior à noite era ouvi-los tocar aquela sinfonia espetacular e medonha. Uma orquestra de sonoridade estranha, clamando por socorro e proteção à natureza.

## Nos 30 anos do semanário Alto Jacuí, eu falei e escrevi - Justino, o cabo de guerra do jornalismo do interior

Justino Guimarães Neto chegara bem antes de mim a Ibirubá. Eu residia em Sede Aurora, interior de então distrito de 15 de Novembro. Conheci Justino em Ibirubá, trabalhava na Gráfica Mérito, vinculada às Indústrias Mérito, de José Victor Thomé, seu presidente.

Já no primeiro encontro com Justino, o assunto era o seu Suplemento de Ibirubá, encartado no *Diário Serrano*, pelo qual ele e seus colaboradores, entre os quais me incluía, noticiava-se tudo o que ocorria de mais importante na região. Com o funcionamento da Rádio Ibirubá nosso relacionamento aprofundou-se, não só no atinente às nossas atividades, ele no jornal e na gráfica, eu me dividindo entre a rádio e funções à frente de entidades comunitárias. E outras também. E como eram saudáveis! E que as praticava até além-fronteira gaúcha, como as de caça e pesca. Era o *hobby* número um de Justino.

Tão logo o Suplemento passou a se chamar *Alto Jacuí*, as edições ganharam uma fase dinâmica e com maior abrangência informativa. Testemunho isso para dizer com altivez que o *Alto Jacuí* se refletia na vida do Justino, no seu ânimo, no seu espírito, que fazia

dele uma verdadeira transfiguração de seu próprio ser. Não podia passar sem ele, como nós, leitores, não podemos passar sem ele, por ser o legendário reflexo da vida de Ibirubá. Quem quiser investigar a história do cinquentenário do município que busque nele as informações mais importantes, pois as encontrará.

Vejo na lembrança o Justo Justino, quase debruçado em sua velha máquina de escrever. Escrevia, reescrevia, arquitetava e montava as matérias para que todas pudessem caber nas edições do jornal, cuja existência se confunde com a própria história do cinquentenário de Ibirubá.

Este é o Justino Guimarães Neto que conheci e com quem convivi por um cinquentenário, se a morte não o tivesse levado para o desconhecido.

Justino, cabo de guerra da imprensa do interior, formado na rudeza do trabalho, quase igual à minha. Excedia-se às vezes em seus editoriais, muitos dos quais tinham alvo certo para desmascarar atos ou ações de nulidades, críticas que não fazia com rancor, mas sim para corrigir erros e desfaçatezas públicas. Redimia-se outras vezes para esclarecer que o objetivo não fora o de magoar, mas, sim, de tentar esclarecer certos fatos, comportamentos ou ações dúbias.

O *Alto Jacuí* tem alma, a alma do Justino, o espírito ibirubense. Neste aniversário reflete-se hoje na sua herdeira, a Marga, e sua equipe, que tem a sua bandeira na mão para conduzi-lo a novos horizontes e conquistas, sempre com o ideal fixo, porque o nosso *Alto Jacuí* é alma e sangue de um povo, e este povo vive Ibirubá e o Alto Jacuí.

## Carta 3

Querido amigo Olavo

Parabéns pela conquista. Indescritíveis a alegria e a emoção ao receber seu livro.

Acredito, Olavo, que o tempo, o amadurecimento e as jornadas vencidas na vida já me permitam confessar sem peleguismo, favores e demagogia que a grande admiração pela sua pessoa lhe tornaram uma das minhas referências de vida. Creio que isto basta para entender o respeito, a satisfação e o orgulho ao ler cada página escrita.

Se árduo ainda é o caminhar, a cada passo andado, sinto a importância dos valores escolhidos. Após 17 anos na iniciativa privada, em 2007 retornei à vida pública. Atualmente exerço a função de Superintendente Executivo da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Goiás, equivalente ao cargo de Secretário Adjunto da Agricultura. A ele acumulo hoje a Presidência da AGÊNCIA RURAL, órgão estadual responsável pela Assistência Técnica, Extensão Rural, Sistema Fundiário e Pesquisa Agropecuária. Essa Agência está sendo fundida com a Secretaria da Agricultura, através da Reforma Administrativa do governo estadual, cabendo-me a responsabilidade de conduzir a transição. Também sou conselheiro da Federação da Agricultura do Estado de Goiás, onde participo das Comissões de Segurança Rural, Fruticultura, Carne, Leite e Grãos.

Se comportamentos são escolhas, veja, amigo, que está valendo a pena a escolha feita.

Obrigado pela dedicatória, calou fundo. Obrigado por tudo, Olavo. Grande e fraterno abraço deste amigo, cada vez mais, admirador.

Luiz Becker Karst - filho de Avônia Becker Karst e Bruno Karst (*in memoriam*), Ibirubá

# M Mandaçaia ou Mandassaia!

Duas versões existem de fato e dividem os moradores mais antigos do lugar. Linha Mandaçaia ou Mandassaia?

Mandaçaia, se pesquisado o dicionário, é uma abelha nativa que produz excelente mel. De outra parte, mandassaia, no interior de Ibirubá divisa com Quinze de Novembro, seria o nome de localidade ou linha de mulheres bonitas que dançavam muito bem. Eram bem divertidas, animavam os bailes com alegria e faziam estremecer os corações dos jovens da época.

O tempo passa e as versões do lugar dividem o povo. As duas permanecem na memória da micro-história de Ibirubá e Quinze de Novembro. Dos primeiros colonos que se radicaram nessa linha, se mandassaia se configura como ironia à mulher divertida nos bailes, o lugar refletiu-se ao presente como uma passagem de resgate histórico, simples, mas digno de registro.

Se mandaçaia é nome que se origina da abelha melífera, semelhante ao guaraipo e a tantas outras extintas ou em extinção em nosso meio, não deixa de lembrar um nome singular e nativo. Retrata e traz a lembrança à vida e à luta dos colonos primeiros da colonização. Mandaçaia, guaraipo, jataí, oropá, entre tantas espécies, delas me recordo do meu tempo de guri da roça...

Umás e outras se aninham em ocas de árvores. Mandaçaia e guaraipo são abelhas ariscas. Se pressentem movimento, barulho ou o que for, aquietam-se imediatamente para não denunciar a presença, ou somem repentinamente no interior do abrigo. Em seus ninhos no subsolo formam bolas de cera escura cheinhas de cartuchos de mel.

Desapareceram? Como outras dádivas da natureza. Devassada esta, o habitat da mandaçaia e do guaraipo também desapareceu.

Se mandassaia, saia mesmo, pode desaparecer como nome do lugar, o “mandassaia”, este não pode desaparecer.

# M Me pediram a vaquinha suíça... ela caíra no valão...

De mudança para Ibirubá, trouxera de Sede Aurora uma vaquinha suíça. Dava cerca de 18 litros de leite por dia.

Um primor de vaca leiteira de pequeno porte. Facilitava-me tê-la em meu terreno amplo, defronte ao Hospital Annes Dias, onde se produzia pasto para alimentá-la. De outra parte, nas proximidades, ainda desabitada, vicejavam lindos pastiais, de sorte que, alternadamente, a vaquinha Mimosa era levada à soga a esses locais para pastar.

De seu leite, além de suprir o consumo da casa, dona Tranquila elaborava queijos e puína de sabores requintados. Mas quis o destino contra verso dar um triste fim à vaquinha suíça, a Mimosa.

Encerrava-se o pleito sucessório de 1963. Elegeram-me prefeito de Ibirubá. Pois bem, nesse dia, de intenso movimento na cidade, a pobre da Mimosa arrancou a estaca em que estava presa e foi comer o pasto verde, mais apetecível, à beira do valão que conduzia água à roda do moinho (Fredrich, Thiesen), à margem da ponte do Pulador, na vila Floresta.

Enleou-se com a corda atada à cabeça, supõe-se, porque ninguém viu, e falseou à beira do barranco, com o que o pior aconteceu. Emborcou de cabeça para baixo n'água do valão. Vizinhos viram-na já morta, afogara-se.

Pelos indícios, debatera-se muito antes de morrer. Os vizinhos, Bertoldo Muller e seu filho Lothário, foram os que nos transmitiram a lamentável ocorrência. Tranquila e filhos acorreram logo ao local. Nada mais poderiam fazer, a não ser retirá-la do valo d'água. Que tristeza! Vaca de estimação e leiteira como poucas, por ser pequena e mansa.

Quando compareci ao local para providenciar a sua remoção, vindo da rádio emissora onde me encontrava, deparei-me com um grupo de pessoas, moradores na entrada do estádio Carlos Jacob Simon, à margem do Pulador. Com seus semblantes entristecidos cumprimentaram-me pela vitória eleitoral.

Ao mesmo tempo, manifestaram-me pesar pela triste ocorrência. Disse-lhes que quem mais iria sentir falta da Mimosa eram meus filhos e a mãe deles. Leiteira igual a ela, de pouco trato e mansa, dificilmente encontraria outra.

Entrementes, alguém dos presentes induziu-me a aproveitá-la: “está gorda e dará bom charque de sua carne”. De jeito nenhum eu faria isso com animal de tanta estimação, respondi-lhe. Nisso o pessoal ali, trabalhadores vizinhos, a maioria crianças, me pediram a vaquinha. Eles a tirariam dali e repartiriam a carne, escassa para eles. Olhei as crianças que me cercavam e, de pronto, dei-lhes a vaquinha. Aproveitem-na. Triste alegre episódio, que, por fim, teve um bom destino.

Alegria maior para as crianças dos modestos trabalhadores, bem no dia em que fui eleito prefeito de Ibirubá.

## M Meio bugre, meio gringo

Ernesto Nunes, natural de Ibirubá, gaiteiro e cantor gaúcho, entra no *Dicionário gaúcho brasileiro*.

“Não há que mais responsabilidade exija de um editor como um dicionário.” Sirvo-me deste conceito da Editora Artes e Ofícios ao lançar o *Dicionário gaúcho brasileiro*. A bela surpresa de encontrar nele palavras e expressões empregadas pelo músico e cantor de nossa querência, Ernesto Nunes. Palavras, vocabulário, expressões, poesias que constam neste dicionário rio-grandense brasileiro. E quem as fez inserir foi o pesquisador e escritor Batista Bossle, um trabalho admirável e merecedor de aplausos.

Distinguimos algumas delas, coletadas dos CDs e expressas em seu linguajar nativista de Ernesto Nunes, particularmente: “Tenho cruza de imigrante, meio bugre, meio gringo. Trabalho a semana inteira, faço festa no domingo”. *Meio bugre, meio gringo* é o título do

CD de Ernesto Nunes. Na sequência, a palavra “capão” é empregada na música e canto a “Muitos Capões”, cidade e município, e consta no CD *Baile na fazenda*, vol. 9 – Acif.

Capão é pequeno mato isolado no meio do campo e deriva da língua tupi-guarani, *Caã-paum*. Figurativamente, designa indivíduo fraco, covarde, vil. Diz-se de animal capado: cordeiro castrado. A castração favorece a engorda, cuja origem vem do latim *campo*, *caponis*.

Ernesto Nunes utilizou o vocábulo “capão” para homenagear o município de Muitos Capões. Em suas cercanias existe um grande número de verde-escuros capões de mato, beleza ecologicamente natural, enaltecida por Ernesto Nunes nos versos de louvor a Muitos Capões:

A natureza esculpiu com carinho,  
Muitos Capões é uma obra de arte;  
Preservação é palavra de ordem,  
Cada habitante faz a sua parte...  
Capões de matos são preservados...  
Habitam lá papagaios charões.  
São uma série de matos pequenos  
Que deram origem a Muitos Capões

Canto poesia e música com forte apelo à ecologia, à flora e à fauna.

De outra parte, expressiva por advir da ideia e da voz crioula de Ernesto Nunes, conterrâneo ibirubense afeito à vida campesina. Transfigura-se a trovador dos pampas sem os requintes de alta escolaridade. Consubstancia-se, no entanto, na essência de amor à natureza, da qual é defensor.

Reproduzo outra palavra comumente proferida: gringo!

É designação dada a italiano ou descendentes. Estende-se a estrangeiros em geral. Ernesto Nunes assim a definiu consoante inserida no *Dicionário gaúcho brasileiro*:

Eu fui em Bento Gonçalves  
Visitar a Fenavinho.  
Era no final da feira  
A sorte que fui sozinho  
A rainha do evento  
Me recebeu com carinho.  
Eu juro que aquela gringa  
É um trecho do meu caminho  
Que coisa linda aquela gringa  
Por causa dela eu ando bebendo pinga

No mesmo CD *Baile na fazenda* traça cenas da campanha no verso do canto “Filho da macega”:

- De longe a gente escutava  
O povo arrastando o pé,  
Eu uma gaita galponeira  
Chorando num chamamé  
A peonada chegando  
Tapados de pega-pega  
Cada um traz uma pinga,  
Pra esconder lá na macega.

“Pintou um clima”, outra expressão proferida pelo cantor do Pí-  
nheirinho e semelhante à anterior. Nesta ele fala também da vindima, festa muito difundida e que se realiza, periodicamente, em Flores da Cunha:

Eu fui em Flores da Cunha  
Lá na Festa da Vindima  
Por azar eu levei junto comigo a minha prima  
Passeando na festa  
Olhei para o lado de cima,  
Avistei aquela gringa  
Por causa dela ando bebendo pinga.

Puchirão ou puxirão, entre outros sinônimos desta palavra, todas, porém, com o mesmo significado:

Só a saudade me resta  
Dos dias do puchirão  
Antes que alguém me corrige..  
A palavra é mutirão  
Não me interessa as palavras  
Que se dane o português  
Meus irmão aí da roça  
Que saudades de vocês...

De sua autoria, quantas saudades, lembra os tradicionais mutirões para abrir uma picada, uma ponte, ou colher um eito de feijão ou trival maduro.

*Potiribon*, na língua andina dos quichuas, quer dizer puxirão, puchirão, mutirão, reunião de pessoas para realizar determinada tarefa. Fazíamos, me lembro, para ceifar trigo ou arroz com o manejo manual de foice, foicinha. Fazia-no Pedro, meu pai, meus tios João Librelotto, Atílio Rubin, Luiz, que se cotejavam para efetivar a colheita sem ser prejudicada pela eventual inclemência do tempo. Era o princípio de “me ajudem agora, que eu ajudarei vocês depois”

Advira motivo maior, diante da extrema necessidade de, além da colheita de cereais, a construção de casas, galpões ou capela.

Recordo o mandato de prefeito. Muitas obras de ponte, estradas e escolas contaram com o apoio do povo, dos colonos em mutirão. Não raro, esses mutirões se transformavam em festa na conclusão do serviço ou da obra. Churrasco ou panelada crioula, regados a bebidas, coroava o trabalho solidário.

Serrano diz-se do habitante ou natural de São Francisco de Paula. Serranos também se chamam os catarinenses da divisa com o Rio Grande do Sul. Ernesto Nunes realça a gente de ambos os lados:

O bugio é serrano parceiro,  
Lenda viva do Alto da Serra  
É famoso no fole da gaita;  
Do gaiteiro que ainda se preze.

O vocábulo “zona” conhece-se nas regiões periféricas das cidades onde se encontra o meretrício viveiro, camuflado hoje com o nome de “boate”. Bagunça, desordem designa também. É também onde a gente mora.

Na música ou marca “Direitos iguais”, no contrapasso, Ernesto Nunes fuzila:

O empresário executivo.  
É o homem mais infiel  
Pra a esposa é pão-duro  
Lá na zona é um coronel.

Ernesto Nunes entra em campo não para jogar futebol, mas para cantar de relho:

O Rio Grande se divide, Santana,  
Entre o azul e o vermelho,  
Nessa peleia por títulos, compadre,  
Temos te dando de relho.

Naturalmente, neste verso usa o relho para desafiar o Santana, lema azulado gremista. Ernesto Nunes seria aqui, e é, colorado!

Outras palavras e ditados gaúchos proferidos pelo Ernesto Nunes merecem destaque. Distingo as citadas pelo ineditismo e inserção no *Dicionário gaúcho brasileiro*, editado em 2003 pelo escritor e pesquisador Batista Bossle, que nos orgulha.

**M** Mi passas 200 dólares si no usted  
no vas delante...

No cruzamento das rodovias de Rosário e Santa Fé, na Argentina, o chefe de um grupo de policiais rodoviários me barrou a passagem do carro. Parei. E sem mais, impositivamente, pediram-me a carteira de motorista e licença do veículo.

Com os documentos em mãos, o policial me mirou de cara feia e, engrossando a voz, mandou-me sair do carro. Rapidamente me pus para fora. Ele, rudemente, me intimou: “Tu és brasileiro, mi passas

200 dólares, si no usted no vas delante.” “Puxa, o que eu fiz de errado no trânsito?” Perguntei-lhe, traçando espanhol um tanto arrevesado. Retrucou-me ameaçadoramente: “Nada fizeste de infração no caminho. Outros patrícios teus, da arrogante policia rodoviária brasileira, é que multam e perseguem os argentinos, quando viajam para as praias do teu país.”

Quis me explicar: “E eu com isso?” Não me deixou falar. “Brasileiro? Tem que pagar!” Apelei para o bom senso, pedi aos companheiros de viagem: “Falem por mim. Expliquem-lhes o motivo da nossa viagem.” Inexplicavelmente, Ricardo Gamba (Delville), pintor argentino, a razão da ida a Rosário, emudeceu. Amedrontou-se. Danilo, seu filho, 14 anos, meu afilhado, tentou me ajudar. Debalde. De nada adiantou. Eu não queria ficar sem dólares. Era o que valia para a viagem ainda longa para retornar ao Brasil.

Duzentos dólares era tudo o que eu tinha. Dinheiro brasileiro, nem falar. Me cercaram. Era mais de uma dezena de policiais. Riam e bebiam. Notei que troçavam de mim. E temi o pior. Desfazer-me dos dólares? Como faria para abastecer o carro?

Propus dar 100 dólares. Necessitaria dos outros 100 para continuar a viagem por motivo de doença. Transportava argentinos, seus conterrâneos. O interesse da viagem era deles. Fazia-o gratuitamente. Não podia ficar na estrada.

“Se não devo nada, por que vocês querem 200 dólares?” Daí aconteceu quase um milagre: me propuseram baixar para 150 dólares. Com os 50 daria, então, para completar a viagem. “Nós estamos aqui em pleno campo, curtindo esse frio cruel. Os dólares são para comprar outro cordeiro e mais bebidas.”

Dei-lhes os 150 pedidos, devolveram-me os documentos e retornei à estrada de regresso. Ainda ouvi deles uma forte gargalhada. E palavrões às mulheres brasileiras. Desrespeitosas. Baixaria. Estariam bêbados.

Azar meu... naquele cruzamento rodoviário, de planície aberta a perder de vista, guardo na memória: Fui vítima da lei de trânsito? Praticaram-na soldados argentinos transgressores corruptos, que

há no Brasil também. Na memória ainda guardo o cenário do fogo de chão queimando restos de moirões de alambrado. Ao redor, espetos com restos de carne. E a fumaça do churrasco evoluando no espaço.

Delville me lamentava o fato. Conterrâneos dele. Cometeram aquilo, que despropósito! Pessoa humilde, pintor de realce internacional, perdera a esposa e a mãe e vivia com os filhos Danilo e Mariela em Torres.

Carmen, a esposa, fora assassinada, brutalmente, no interior da boate central de Torres. Operava limpeza no fim de noite, ela e uma jovem, quando foram vitimadas por assaltantes. Trabalhavam nesse horário para obter salário mais compensador. Delville, com a pintura, embora conceituada, não obtinha renda suficiente.

Não bastasse esse infortúnio, sua mãe, Nieves Gomez Gamba, viera de Rosário para dar ajuda aos filhos, Danilo, menor, e Mariela deficiente. Adoeceu em Torres e faleceu. Dramática a vida do pintor Delville. Socorre-se em mim, padrinho de seu filho, para levá-lo a Rosário, cidade em que nascera. Ver se a mãe Nieves deixara algum bem que lhe servisse. Levei-o.

Os bens da mãe, casa e móveis, todos haviam sido empenhados. Uma viagem só de despesas, acrescida da bandidagem dos policiais rodoviários no retorno. A desdita, felizmente, não me abatera, pois conformava-me o fato de ter saído fisicamente ileso dela. Quisera auxiliar o pintor e sua família. Convivia com eles e apreciava a pintura em telas de Delville, dos seus colegas Sobrera, Rosanea Martins, Danúbio Gonçalves e outros pintores estrangeiros ou nacionais. Artistas plásticos que buscavam inspiração para suas telas na mais bela praia gaúcha.

# M Morei no casarão do médico que nele se suicidou

O casarão seria mal-assombrado, diziam. Mesmo assim, comprei-o de Lorenzo Fleck. O preço era convidativo. Necessitava para me mudar para Ibirubá. Instalara a rádio-emissora, ingressava em atividade diferente da que vinha exercendo no comércio e agricultura em Sede Aurora, Quinze de Novembro.

Casarão de madeira, construção, de certo modo, majestosa. Fora feita pelo médico Otto Wasyłowicz. Este médico, de comportamento um tanto estranho, suicidou-se no quarto da empregada, fato não lá bem esclarecido. Ele nascera em 21.05.1891 e morrera em 15.03.1931. Isso é o que consta na lápide sob a qual está sepultado em Alfredo Brenner, no cemitério daquela vila, distrito de Ibirubá. Pouco mais se sabe dele.

Sabe-se que, ao se suicidar de maneira abrupta e misteriosa no quarto da empregada, não fosse um grupo de amigos local que providenciasse seu sepultamento – até isso se configurava estranho –, não havia pessoas de intimidade para lhe facilitar o enterro. E surpreende o fato de as comunidades de Ibirubá terem rejeitado lugar em seus cemitérios. Por ser ateu, ou dizer-se ateu, nem de cemitério público distrital Ibirubá dispunha. O grupo de amigos, segundo versões e registro na lápide da sepultura, conseguiu enterrá-lo no cemitério de Alfredo Brenner.

Se ateu ou não, o mais surpreendente era seu jeito de ser. Nas tradicionais procissões de Corpus Christi era ele quem portava o símbolo máximo do cristianismo, o grande crucifixo ou estandarte da paróquia. Não obtive mais informações tocantes à vida do médico Otto Wasyłowicz, que se suicidou no casarão defronte ao Hospital Annes Dias, onde eu e minha família morávamos...

O casarão foi demolido. Tinha cinco quartos, sala grande no centro, cozinha, porão e dependências afins. No local, hoje, em casa

nova de alvenaria, mora o casal Berenice do Carmo Stefanello Bublitz, filha, e Natalino Bublitz.

Vozes, barulho de correntes, sinais estranhos, nunca os notei, nem meus familiares viam sinais de assombração.

Pessoas antigas são as que relatam certos boatos e os relacionam à vida do médico ibirubense, que se suicidou em 1931, aos cinquenta anos de idade, no quarto da empregada, no casarão, minha morada por alguns anos.

## Não plantem melancia à beira da estrada

Arão e Pereirinha, da Coprel Energia, cumpriam trabalho de ligações aos cooperantes de Ogeriza, Lagoa dos Três Cantos. Numa estradinha vicinal, por sinal, beco sem saída à frente, efetuaram as duas últimas ligações daquela linha a cooperantes, pai e filho, em moradias próximas uma da outra.

De regresso, sol se pondo, viram ao lado do caminho, não distante das últimas ligações de luz, uma lavoura de milho espigado, entremeada de belas melancias. Tão belas que os dois bravos coprelianos não se contiveram. Estacionaram a camionete à margem da estrada. E Pereirinha dirigiu-se ao Arão: “Vamos ajudar o dono desse melancial a colher essas melancias?”

E entraram na lavoura. O milharal de pés ralos estava com o solo repleto de melancias. Uma beleza! Pereirinha, ao ver uma baita melancia, a maior de todas, ficou feliz da vida. “Bem, eu que sou mais modesto, vou ficar com esta aqui.” Arão não perdeu tempo e simultaneamente pegou outra quase do mesmo tamanho. Ao se levantarem com as melancias, deram de cara com um agricultor, que se aproximava deles naquele exato momento.

Flagrados numa atitude insólita, engraçada, o Pereirinha, sem soltar a melancia, fez um “nhem, nhem” e deu uma evasiva esfarr

rapada. “Estivemos fazendo ligações de luz na casa do dono do melancial. E pedimos a ele essas duas melancias.” O agricultor que os flagrara, rindo dos coprelianos com as melancias nos braços, respondeu: “Sim, sim, o proprietário da casa da luz deu permissão, tudo bem. Tem melancia aí pra dar e vender.” Que oportuna evasiva do Pereirinha!

Arão e Pereirinha mentiram? Ocorre que o agricultor na frente deles não era o do beco daquela estradinha das ligações da luz. E, se fosse, também não lhes dera permissão. O proprietário estava na frente deles!

Confirma-se o que dizem os colonos: “Não plantem melancia à beira da estrada.”

## Nas pernas não, mãe, nas pernas dói...

E não foi só nas pernas que apanhei de vara verde. No traseiro também cantou a vara. A mãe Antônia surrou-me pra valer, porque a tínhamos desobedecido, eu e meus manos Edoardo e Miguel.

Eu tinha dez anos e, por ser o filho da ponta, apanhei mais.

Sábado, fim do dia, a mãe nos permitia o banho de rio, a 200 metros da casa, em Capão Doce. Depois de as tarefas terem sido feitas, recolhidas as vacas de leite e dado trato aos animais, podíamos ir ao banho de rio. Mas com uma ordem: “Quando o sol estiver desaparecendo, vocês me apareçam.”

Nos dias quentes de verão o banho de rio era delícia das mais agradáveis. À orla dele, tirávamos a roupa e a jogávamos sobre uma pedra alta; ao lado a roupa limpa. Local de banho também era o local de lavar a roupa da semana. Pelados e aos gritos, mergulho refrescante nos acolhia e os respingos d’água saltavam alto. Tempo bom aquele! Rios de água cristalina, limpa e sem poluição. Divertíamos-nos a valer.

O tempo passa rápido, o sol lá se vai e nós nem nos demos conta do compromisso com a mãe. Ela nos chama, grita, mas nós ali, na maior alegria do mundo, não a ouvíamos...

“Temos que ir para casa. Está ficando noite”, exclama Edoardo saindo d’água. Saímos todos. “A nossa roupa sumiu, não está mais aqui”, disse Edoardo. E agora? “Vamos embora sem roupa mesmo”, falei. E sugeri: “Peguem ramos de folhagem e vamos segurá-los na frente.” “Acho que a mãe nos espera com vara verde. Ela nos prometeu aquela tunda ... Ainda bem que o pai não está em casa. Ele é mais brabo. Quem teria levado nossa roupa?”

Quando botei o pé na soleira da porta, a mãe me pegou pelo braço e me bateu fortemente nas pernas. Eu gritava: “Manhê, nas pernas não, nas pernas dói...” Apanhei nas pernas e no traseiro. Que vara doída! As desculpas não adiantaram. Edoardo apanhou menos. Miguel escapuliu para trás da casa e a mãe não o alcançou. Fui para o quarto, e ele, da janela e já escuro, me chamava: “Me ajude a entrar pela janela.” Chorando de dor das varadas, puxei-o para dentro. Escondeu-se debaixo da cama.

Procurando-o, a mãe o chamava: “Venha, não vou te surrar. Quem tinha que apanhar, apanhou...” Miguel, resmungando, disse: “Manhê, não me surre, não faço mais”, e saiu debaixo da cama. “Não me desobedeçam outra vez”, sentenciou a mãe Antônia.

Dormimos sem janta. Nossas camas tinham colchões de palha de milho. Levei dias para curar os vergões das varadas.

Puxa! Que lição de vara verde!

# No pisas em cima del muerto... El Cid Campeador!

“Inclina-te, cabeça de Castilha, ante os restos do teu herói...” Palavras que o bispo de Madrid – Alcalá pronunciou numa oração fúnebre, começando com estas, para homenagear o maior guerreiro da Espanha: El Cid Campeador, Don Rodrigo Diaz de Vivar.

Defendeu a Espanha do jugo invasor. Reconquistou Valência, que estava sob o poder dos mouros. Tizona, sua espada, está no altar da pátria como símbolo que orgulha o povo espanhol. Registra a história que, depois da vitória, subiu à parte mais alta da cidade, a cavalo, empunhou a “Tizona”, sua espada, e contemplou o horizonte ao redor com olhos de enamorado. Seu coração palpitava, e tudo estremeceu, tanta sua alegria, que quis compartilhá-la com sua mulher, Jimena, e filhas. E cantaram “Louvado seja Deus, que és Pai Espiritual. Todo bem que eu tenho, no afã da luta, ganhaste Valência. Viva a Espanha.”

*La tumba del Cid y Jimena.* É sumamente simples: uma simples lápide de mármore, com uma inscrição, redigida em latim por Menendez Pidal, onde se lê: “Rodrigo Diaz Campeador, muerto em Valência em 1099. A todos alcança honra por ele que em boa hora nasceu. Jimena, hija Del Conde de Oviedo de estirpe regia.”

Muitos turistas ficam surpreendidos. Esperavam outra coisa. Não se dão conta de que o mausoléu é a catedral toda. Uma das mais belas e artísticas da Espanha. Monumental. Estive lá em 2002. Fica no centro da cidade de Burgos. *Aqui estarás, Campeador, em esta sencilla tumba, y hasta que España sucumba de todos tendrás amor.*

Era uma bela manhã de sol. Entrei na catedral como turista. Fantástico: Tudo o que via me encantava. Nunca vira tanta beleza arquitetônica. Fotografar não me permitiam. No entanto, veladamente, fotografei artísticos altares e tantos aspectos de seu interior.

Quando cheguei à tumba de “El Cid Campeador e de Jimena”, uma surpresa. Havia grande número de turistas visitando a cate-

dral e, despreocupadamente, caminhando por cima da tumba e nem se davam conta. Não viam estar embaixo de seus pés os restos mortais dos maiores heróis da Espanha.

Curioso, lia o que está inserido naquela lápide. Eis que uma velhinha de lenço preto atado à cabeça, abaixando-se, apontava com a mão: “No pisas em cima Del Cid Campeador e Jimena. Estan muertos alli...” Um grupo de pessoas, adultas e crianças, saltaram de cima da tumba, pois nem a tinham visto. “Jesus, que sacrilégio”, a velhinha com rosário na mão, apontando para a lápide.

Do alto da abóbada da catedral, por uma “cruceira” cobertura de vidro, a luz solar flecha a pino em cima da tumba de El Cid Campeador. Tem 50 metros de altura e constitui-se, segue sendo, na mais assombrosa admiração para quantos visitam a catedral, o monumento de esplendorosa arquitetura, tão harmoniosa e, ao mesmo tempo, tão bela.

Sobre seu interior escrevem: o espírito se declara impotente para gozar de um só golpe de vista tanta beleza em conjunto e detalhe. Em outra inscrição em seu interior lê-se: *En médio de tu templo te alabaré y daré gloria a tu nombre.*

No meio do teu templo te elevarei elogios e darei glória a teu nome, El Cid Campeador.

“Não pisa em cima da tumba do Cid Campeador e de Jimena”, o respeito da velhinha com a maior glória humana da história da Espanha. Na verdade, ela advertia as pessoas para devotarem mais por aquela tumba e a catedral, o monumento de glória, o máximo de respeito e reverência.

# No Rancho Verde, cordeiro gordo no espeto

Sem a elegância de escritor, que não tenho, meti-me a respigar lembranças do Ibirubá antigo. Não só de Ibirubá, muito além dele, testemunhei-as e protagonizei a tantas outras no correr do tempo, como esta que me vem agora a lume das ideias. É um fato simples, não fora a singularidade das pessoas e o motivo do encontro. Encontro para saborear um cordeiro, parte dele, claro, e travar uma boa conversação entre amigos, que há bem pouco se conheciam.

Osvaldo Krames, vereador e líder político, patrocinava a reunião. Participariam como seus convidados o Dr. Flávio Viana Bopp, juiz pretor da comarca não instalada, e eu, na época, em 1959, esforçando-me para oficializar a Rádio Ibirubá, que estava entrando no ar.

Flávio Bopp, natural de Tupanciretã, nos bons momentos da conversa, realçava a economia do município alicerçada na pecuária. Os criatórios de ovinos, além do gado, sobressaíam-se no sul do país. Tupanciretã, detentora de excelentes raças, via seus criadores serem premiados nas exposições.

Osvaldo Krames pediu a produtor da colônia que lhe conseguisse um cordeiro de bom estado, isto é, gordo. Abatido e tirado o pelego no capricho, reservou uns cortes especiais para o nosso churrasco, e a outra parte Osvaldo doou às damas bolonistas do Clube Ibirubense. Osmar Wojahn, o ecônomo, assegurava-nos ter assador de reconhecida competência. Chamava-se Sabino e o trouxera de Júlio de Castilhos.

Com ele, o braseiro tinha de ser de lenha própria. No espeto ou na “parrilla castelhana”, as carnes são colocadas distante do calor forte. Para isso, media a temperatura estendendo a mão sobre as brasas, assim calculando a intensidade do calor. No tempero usava sal grosso ou a salmoura, esta se os espetos com as carnes são cravados no solo, ao redor de fogo-de-chão. Distantes de começo, aproximava-os “a despacito”, à medida que iam ficando assados.

Curioso ou guloso, dirigi-me à churrasqueira para ver o cordeiro gordo no espeto, tão propagado pelo Osvaldo Krames.

“Não sei se vocês, vão comer esse churrasco”, me fala o Sabino. “Por quê?”, pergunto-lhe. “É exageradamente gordo. Só se vê gordura. Olha”, e me mostra um espeto. Disse-lhe para assar e não falar que lá estivera espiando o cordeiro no espeto. Eu era convidado. O pretor talvez aprecie gordura...

Afastei-me e dei de frente com o Tio Nica (Henrique Zeilmann). Cumprimentamo-nos. Ele, bem expansivo, me diz: “Outro dia desses vou te contar as histórias da revolução, quando fui tenente da provisória. Aquilo que te contei sobre as andanças de piquete revolucionário foi só uma amostra. Tempo ruim aquele. Acampava-se nos capões e a comida vinha da carne do gado ou ovelha que se pegava no campo. Em Soledade, enfiados com a carne, matava-se o gado pra aproveitar só os miúdos, tripas, coração, rins, língua...”

Nem me fale isso, Tio Nica, senão o churrasco de cordeiro do Osvaldo me complica o paladar.

O Rancho Verde tinha frente de entrada pela General Osório, e por ela acesso ao clube do Grêmio Esportivo Ibirubá. Quando separaram o esporte do social, a sede antiga foi demolida, e o Rancho Verde, com a grande roda de carreta que o distinguia, seguiu o mesmo destino.

No lugar deles surgiu o Clube Comercial. “Está pronto o assado de cordeiro”, anuncia o ecônomo Osmar Wojahn. Depois de quase uma hora de espera, que nem espera fora, porquanto aquele tempo ensejara às lideranças estreitarem relacionamento. Na mesa, posta para nós três, ocupamos assento. Serviram-nos três ripas de costeleta do cordeiro. Salada, farinha de mandioca e pão quente faziam acompanhamento.

Olhei a carne. “É gorda”, mas não disse nada. Enfarinhei-a e comecei a comer aos pedacinhos. Encobertos com a farinha, dava para engoli-los. Da porção que me servira, carne só uns fiapos; graxa, gordura, era o que tinham.

Osvaldo nem se importava com o churrasco. Bom de papo, não parava de conversar. Lá pelas tantas, notou se erguer ao lado do pretor uma pequena montanha de graxa. Intrigara-se com o fato.

“Parecem não estar gostando de carne gorda?”, perguntou Osvaldo. Respondeu-lhe Flávio: “Carne gorda não quer dizer só gordura. Não vi carne ainda, só uns fiapos de graxa e carne.” Cordeiro tratado a milho e farelo de cereais dá nisto: engorda além da conta.

Rebatia-o com o chopp de barril.

Flávio fazia o mesmo. Osvaldo, um tanto constrangido, desculpava-se pelo cordeiro gordo além da conta. Flávio contemporizou o incidente da gordura e prometeu que ele e eu iríamos trazer um cordeiro da raça Suffolk ou Ile France, cujas carnes são especiais.

Desde aquele jantar no Rancho Verde o cordeiro pode ser gordo, mas precisa ter carne.

O momento de encontro do Osvaldo Krames, do pretor Flávio Viana Bopp e eu repercutiu na sociedade local. E teve o mérito de exaltar uma fase da história do jovem município. Flávio Viana Bopp lutou pela eletrificação de Tupanciretã e é cooperante da Coprel. Osvaldo Krames, além de vereador e emancipacionista em Ibirubá, ocupou a Assembleia Legislativa do Estado como deputado suplente pela UDN - União Democrática Nacional.

## No sorriso da ironia, o sabor do chocolate de Ilhéus

Praver é uma indústria de chocolate de Gramado pioneira no país. De fabricação caseira com requintes artesanais, toda a variedade de seus produtos ultrapassa 150 sabores e formas. É preferido, além do Brasil, em muitos países.

Nas eventuais idas e vindas ao Nordeste, numa delas a Ilhéus, fui surpreendido por empreendimento inovador. Uma fábrica de chocolate em que empreendedores da cidade aliaram a tecnologia de Gramado para desenvolvê-la e lançar produtos da preferência de todo consumidor. Diferenciaram-nos num lance mercadológico genial: deram ao produto formatos graciosos e artísticos dos sexos masculinos e femininos. Uma graça singular, provocativa e hilarian-

te. Instantaneamente, atraíram a atenção do público apreciador de chocolate. Nos hotéis, restaurantes, bares e casas similares, o produto era exposto para venda. No sorriso da ironia o sabor do chocolate de Ilhéus.

Fascinante! Que beleza de chocolates nas mais variadas formas! Encantavam-se os maliciosos, encantavam-se os viciados apreciadores de chocolate. Na rede hoteleira, sobretudo, as variações figurativas do produto em moldes sexuais curiosos eram expostas à venda em sala especial. Indiscutivelmente, tornaram-se os mimos preferidos para serem presenteados. Dificilmente os hóspedes, ao encerrar a estadia, omitiam-se de levar os chocolates de Ilhéus.

Caixas e pacotes de produto eram belamente acondicionados e seguiam destinos diversos, como países de inúmeros pontos do globo. Tanto o interesse pela variedade, aliada ao toque artístico do chocolate, que operou um verdadeiro vigor à cultura do cacau. Ativaram-lhe uma espécie de revivescência à região cacaeira.

Graças a esse lance genial de seus empreendedores, entre os quais a Praver de Gramado, fervilhou a história de Ilhéus, cidade turística por excelência. Terra de belos cenários e enredos amorosos, tão esplendidamente traçados pelo seu escritor maior e mundialmente conhecido, Jorge Amado.

Quem visita Ilhéus deslumbra-se com o que vê, sente e admira. Em frente à pracinha dom Eduardo, o Vesúvio e a majestosa Catedral, o mar a dois passos dali, a areia sob o escachoar misterioso das ondas.

Portal Hotel, nele me hospedei. Encantei-me com a hospitalidade dos ilhéus, baianos, amigos e solidários.

Leem-se frases de alegres malícias baianas nas paredes das lojinhas. “Oi! Negrinha, já provou o chocolate de Ilhéus?” Ou outras tantas curiosas, umas um tanto apelativas. Adquiri um pacotão de mimos de chocolate. Fizeram sucesso quando os presenteei.

As morenas que me venderam os chocolates já me adiantaram o gracioso efeito dos presentes. No sorriso da ironia, o sabor do chocolate de Ilhéus. E o baiano gosta disso. Porque rir é saudável.

# N Nordestina orgulha Ibirubá

Em meados de 1967, a convite do Inda, que me facilitou passagem aérea, compareci ao 1º Encontro dos Prefeitos dos Municípios Modelo do Brasil, na Universidade Rural de Recife. Ibirubá fora convidado para estadear no evento a sua organização comunitária, que lhe fundamentou a escolha de município modelo, o primeiro do país.

Apresentei a estrutura, o jeito de ser e conviver da comunidade ibirubense. E no histórico teatro Santa Izabel, só aberto para eventos de magnitude, expus publicamente as linhas mestras em que se desenvolvia e se projetava o crescimento amplo dos municípios modelo brasileiros. Deveriam eles servir de exemplo de unidade aos demais municípios do país.

Anunciei as tratativas com as lideranças dos municípios da região, entre os quais Ibirubá se inseria, para a fundação de cooperativa de eletrificação rural. Anunciei mais: a obtenção de um bilhão de cruzeiros de financiamento, cuja aplicação só poderia ser feita por meio de cooperativa. E que Ibirubá estava lá na minha representação para exemplificar os passos que os municípios modelo deveriam dar aos demais municípios brasileiros.

Ibirubá, que se adiantara, estadeava agora a sua estruturação, alicerçada na organização e no desenvolvimento de comunidades. Em síntese, constituía-se na filosofia de valorização social comunitária, de que povo que se ajuda é povo forte. Povo que se entende é povo feliz.

O encontro, que se desdobrava na Universidade Rural de Recife, além dos atos na capital, teria encerramento no município de Surubim, eleito modelo de Pernambuco. Em companhia do presidente do Inda, professor Eudes de Souza Leão Pinto, do governador do estado, Paulo Pessoa Guerra, e do escritor Gilberto Freire, participei de festividades inaugurais do novo prédio da prefeitura de Surubim, do Mercado Público e melhorias de outra ordem.

Ao grande desfile em frente ao novo prédio da Prefeitura assisti da sacada, onde se encontravam as autoridades. Nisso Eudes me chama e me diz: “Tem uma linda estudante no desfile prestando homenagem a teu município.” Desci às pressas e fui vê-la de perto.

De fato, lá estava ela, morena, linda, garbosa e de porta-bandeira, com uma faixa no peito: “Ibirubá – município modelo.” Não me contive. A emoção era tanta que de pronto escrevi este bilhete: “Parabéns. Quero falar contigo, prefeito de Ibirubá.” “Fui até ela e entreguei-lhe o bilhete à vista do público, surpreso, certamente, com minha atitude.

Encerrado o desfile, procurou-me. Dei-lhe meus agradecimentos pela demonstração de carinho a Ibirubá. Identificou-se: “Sou Edileusa Martins, estou concluindo o segundo grau e gostaria muito de continuar meus estudos em Recife. Sou órfã, pobre e sem emprego.”

Expressou-se com tanta sinceridade que me levou a achar logo solução. Conduzi-a até ao governador e lhe narrei o desejo da bela nordestina. Paulo Pessoa Guerra de imediato chamou seu chefe de Gabinete Civil e ordenou-lhe que desse atendimento a Edileusa Martins, órfã, pobre nordestina que colocou Ibirubá em seu coração e ganhou a bolsa de estudos. Formou-se professora e, com certeza, glorificou o magistério pernambucano.

Nos domingos pela manhã,  
soava um eco na cidade,  
eu nem dez anos tinha...

De Pinhal, Paraná, Carlito Horst, chefe de vendas da WARM Indústria daquela cidade, em e-mail enviado ao Nélio, prospector de usinas hidrelétricas, recorda e realça imagens do Ibirubá de seu tempo de menino. Pela originalidade dos textos os reproduzimos. Ei-los:

Caro Nélio,

Boa Tarde,

Recebi de presente aquele livro do Olavo Stefanello, muito interessante “Esmeraldas na terra...”.

As imagens da época me vêm na lembrança, lembro até o cheiro dos santinhos (propaganda eleitoral) do Olavo quando candidato a prefeito o santinho era aquela foto (do livro) que mostra ele de perfil, a riqueza de detalhes é impressionante, lembro de muitas pessoas ali citadas porque minha infância foi marcante nessa cidade de Ibirubá. Lembro dos nomes de pessoas fora de Ibirubá, pois o fato de trabalhar em Cruz Alta, tínhamos clientes de Fortaleza dos Valos, Júlio de Castilhos, de Tupanciretã entre outros, muitos nomes conhecidíssimos. Estou devorando o livro, pois os trechos são curtos e personalizados, parabeneze o Seu Olavo, ele não me conhece, mas eu conheço ele, fui seu fã quando candidato a prefeito. O chimarrão da amizade era um programa de audiência quase 100% na época, você andava nas ruas de Ibirubá e quem tinha rádio em casa estava escutando NOS DOMINGOS PELA MANHÃ com o som no volume máximo creio eu, pois soava um eco na cidade, dava para ouvir os lares com os rádios ligados. A riqueza do vocabulário é algo que impressiona, sinal de que deve ler muitos livros. Parabéns ao Sr. Olavo e Parabéns Ibirubá por ter uma figura tão ilustre trabalhando pelo solo vermelho desse município que muito deve a esse homem de grande visão e pioneiro em muitas coisas e que soube unir o povo em prol de um ideal... foi o que ele fez. Creio que Ibirubá, devido a divisão política, não consegue homenagear esse grande cidadão ainda em vida, alguém deveria puxar a frente e fazê-lo. “Levar flores nos túmulos do cemitério é uma homenagem póstuma, mas muitas vezes, grande forma de descargo de consciência”.

Abraços,

*Carlito Horst*

*Nélio,*

Agradeço teu retorno e confirmo o que lá escrevi, sentir-me-ei honrado por ser lembrado, na realidade eu era uma criança, tinha menos de 10 anos quando tudo isso aconteceu, claro as lembranças de algumas coisas foram depois disso.

Está autorizado a escrever sim no novo livro, tudo aquilo que escrevi em seu e-mail, aliás, tenho lido atualmente poucos livros, mas esse li na íntegra numa rapidez imensa pois os capítulos eram sucintos e a curiosidade sobre o novo assunto era imensa, o Sr. Olavo é muito culto, inteligente, homem de visão e a riqueza dos detalhes chega brotar-lhes aos olhos... lembro quando transmitia o CHIMARRÃO DA AMIZADE sem ser direto da rádio, eles colocavam a mão num dos ouvidos, certamente por que não tinha aparelhagem de retorno e fones de ouvido que temos hoje. Lembro até da cor do jipe do Pereirinha, seu braço direito nas viagens.

Certo?

Agradeço por tudo e quando sair o novo livro, espero poder ler com a mesma avidez que li o primeiro, acho que Ibirubá ganhará um tremendo legado com estes livros.

Abraços,

Carlito

Bravo Carlito!

Quem ficou deveras maravilhado fui eu, ao ler os e-mails que enviastes ao Nélio Koch, nosso prospector de usinas hidrelétricas, pertinente ao *Esmeralda Cá na Terra...* E por uma razão muito simples, senão inédita, advinda de memórias do menino de apenas 10 anos de idade.

Sem conhecer-te pessoalmente, como disseste, é o que de fato mais me impressionou, foram esses traços memoriais daquela época. Do empresário que saiu daqui menino com Ibirubá no coração.

Penso que me fizeste um julgamento um tanto excessivo a minha pessoa, nada diferente das demais lideranças locais. Compraz-me, no entanto, compartilhar contigo do orgulho inesquecível desta terra vermelha, natal para ti, adotiva para mim. Falaste para a história de Ibirubá da qual fazes parte.

Com abraços de Olavo Stefanello

## Nosso dinheiro lá se foi, e cadê a luz, seo dotô?

Ora, o começo da eletrificação rural no interior de Passo Fundo teve lá seus percalços, e muitos. Tive de driblar controvérsias políticas e um equivocado anúncio de como ela se desenvolveria. Nada de graça. A força e luz se estenderiam por meio de uma cooperativa, a Coprel, que incorporara a cooperativa de Passo Fundo, por decisão de suas lideranças. Tudo seria financiado em longo prazo e a juros de pai para filho. A família cooperante o amortizaria com a renda de ovos e galinhas. O sistema já se desenvolvia exitosamente, a partir de Ibirubá, em municípios do Alto Jacuí. Dessa forma, expunha o projeto para as comunidades rurais São Roque, Linha Rosso, São José, Nossa Senhora das Graças, Roselândia, todas em Passo Fundo.

Acompanharam-me nas reuniões, além de meus companheiros de trabalho, líderes do município. Tranqüilo Grazziotin, Severino De Toni, Valdir Fante, Auxílio Rebechi, eles e outros, todos animados com o avanço do benefício da luz para os trabalhadores da terra.

Nem todos os membros dessas localidades se inscreviam nesse programa inicial, procedimento que se fazia necessário para se habilitarem à concessão do empréstimo. Sabedor de antemão que isso iria acontecer, por dificuldades naturais de ação cooperativa inédita, o desânimo nunca me abatia. Dera certo em Ibirubá. Por que não haveria de se efetivar aqui também?

Com essa disposição e coragem, ao correr de um sábado inteiro, chegamos a Nossa Senhora das Graças. Não era noite, mas escurecia. Entramos confiantes no salão da comunidade, onde os agricultores, homens e mulheres, nos aguardavam e nos deram uma alegre recepção. E me alcançaram um copo de chopp. Estava com sede, tempo quente, a bebida me reconfortou. Reconfortou igualmente a meus companheiros de jornada.

Aberta a reunião pelo líder local, comecei a expor o projeto e a razão da minha presença, me expressava com simplicidade, à maneira deles se comunicarem. Nem bem falara três minutos, um dos presentes, vestido de bombacha e lenço vermelho no pescoço, me interrompeu. Não falava, gritava: “Nosso dinheiro lá se foi, o bispo Dom Cláudio Colling, o Grazziotin, embolsaram e cadê a luz, seu doto? Pagamos 10 cruzeiros e nos prometeram a luz. Agora vem você aí com mais conversa e cadê a luz?”

Fiquei calado! A reunião estava tumultuada. Que fazer? Num relance raciocinei: “Acho que o sujeito está com álcool pelas guampas.” Pedi desculpas em voz alta e suspendi a reunião. Cerca de cem pessoas dela participavam. Escorei-me no balcão e pedi uma cerveja. E fui sorvê-la num canto do salão, com os meus auxiliares.

Minha atitude, de certo modo intempestiva, silenciou a assistência. Apenas ele e alguns mais ficaram conversando. Batiam no bispo e nos dez pilas, dez cruzeiros de joia, que já haviam pago para fundar a cooperativa.

Nisso a liderança e a quase totalidade do pessoal me chamaram: “Pelo amor de Deus, não dê importância ao que o bombachudo disse, recomece a reunião, nós queremos a luz. Explique logo que nós vamos se inscrever. Temos conhecimento da seriedade da Coprel.”

Recomecei a reunião em timbre de voz alto. “Estou aqui para ajudar vocês. Não sou doutor de coisa alguma. Sou trabalhador da roça, onde me criei. Desafio quem me desafia para fazer qualquer tipo de serviço da roça.” E desenrolei o que sabia fazer. “Estou aqui para ajudar, oferecendo benefício dos mais significativos para a família do meio rural. A tal joia de ingresso foi extinta e seria insufi-

ciente para a obra da eletrificação. É um deboche dizer que com dez cruzeiros dá para construir rede.”

Entenderam o que lhes dissera e se perfilaram em frente às mesinhas da equipe da Coprel que realizava as inscrições. Encerradas, agora sim já noite, despedi-me agradecendo a compreensão de todos. E como resposta aos que haviam duvidado prometi dar início à execução da obra: “Saibam todos, sou homem de palavra. Segunda-feira, depois de amanhã, caminhões da Coprel estarão distribuindo os postes ao longo das linhas a serem eletrificadas. Confie em mim, meu trabalho é sério. O bispo e o Grazziotin, como muitos outros, estão me apoiando nessa empreitada, séria e responsável. Eles só querem somar esforços e o bem da boa gente de Nossa Senhora das Graças e das demais comunidades.”

Efetivou-se a energização do projeto. Houve festa de inauguração, com muitos abraços e vivas de entusiasmo.

O agricultor que se rebelara na reunião procurou-me na sede da Coprel. Veio a Ibirubá e me pediu se ainda poderia contar com a ligação elétrica. Disse-lhe que sim. Pediu-me desculpas pelo ocorrido em sua comunidade. E sem rodeio, puxou de cheque e me falou: “Quero pagar na bucha”, tudo de uma vez. Dispensou o financiamento.” E foi o que fez.

Caso semelhante aconteceu no interior de Tapejara. Lá parecia haver motivação política. Embora eu explicasse nossa posição de alheamento político, muitos não entendiam e eram vítimas de informações tendenciosas, o que aumentava meu trabalho para desfazê-las. Mas conseguia...

Em Tapejara, como nos demais municípios, o prefeito fazia a frente, apoiava-nos. Se isso lhe rendia prestígio político, o mérito era dele. Cumpria o dever do cargo de ser prefeito. Premiava a comunidade.

## O que é aquilo? Parece uma bola de fogo!

Já no lusco-fusco do dia, com a noite chegando, largamos as enxadas da capina da roça de milho. E de passos largos, eu e o mano Edoardo empreendemos o retorno para casa, a oito quilômetros dali, de Sede Vitória a Capão Doce. Depois de transpor o riacho, pegamos a estradinha de chão vermelho. Quando íamos cruzar o cemitério daquela localidade, meio abandonado, vimos nas grimpas do grande pinheiro solitário à beira do cemitério uma coisa parecida com bola de fogo. “O que é aquilo?”, exclamou o mano Edoardo.

“É uma coisa estranha se mexendo, chispendo fogo. Vamos meter o pé.” E corremos uns 500 metros sem olhar para trás. Paramos e olhamos para o céu escuro. A bola de fogo com um rabo lá estava quase em cima de nossas cabeças. Isso é coisa do diabo! “Vamos até a capela São Jorge”, e nos movimentamos. E aquele fogo também nos seguia... Deus do céu, o que é isso?

Corremos à capela e nos escondemos atrás de uma pilha de tábuas... Esperamos ali uns minutos, tudo silêncio, corações pulsando fortes... Bota medo nisso! Dois piás, eu com onze anos, Edoardo com nove, provando nossa coragem – bruta coragem – com as pernas tremendo de susto.

Saí do esconderijo e fui espiar se aquele disco de fogo havia desaparecido. Nada, tudo escuro no céu... o fogo desaparecera. Pé no chão, porque vamos chegar muito tarde em casa. “O pai talvez esteja vindo ao nosso encontro. Já deveríamos estar em casa de regresso da granja.”

Entre pescar no rio e a capina na roça, passáramos o dia despreocupados com a volta. E mais o tempo escondidos atrás da capela, tudo por causa da bola de fogo nos perseguindo... Será que o pai iria acreditar nessa história evasiva? Temíamos uma tunda de cinto!

Temos de nos apoiar no que me contava o negrinho Emílio, o Emilinho, ajudante do pai. “Ele me dizia que essas bolas de fogo, parecendo às vezes como uma cobra de cabeça grande, são almas pena-

das. Elas saem dos cemitérios implorando orações, terços e missas ou cultos para pagar os pecados.” Sem isso, não poderiam entrar no céu.

Ele já teria visto essas bolas de fogo lá nas grimpas daquele pinheiro solitário. Vira sair das sepulturas um voando para o alto chismando fogo. Aquele cemitério, quase escondido pelo capinzal que o cercava, tinha sepulturas arrombadas, com enormes buracos e montes de terra, revolvidas pelos tatus peludos ou rabo-mole. À vista do solo, caveiras, ossos, que seriam de cadáveres humanos...

Em casa, todos ansiosos com a nossa demora. Explicamos o que nos acontecera, pois chegamos com os pés sangrando dos tropeços em espinhos na disparada de medo daquela bola de fogo... Meio desconfiados com a desculpa, meu pai mandou que nos lavássemos na gamela para a janta.

“Se é alma penada, não sei...” O Emilinho veio em nossa defesa e disse ao pai que aquilo eram almas do purgatório. Estavam se purificando para entrar no céu. A mãe Antônia ouvira falar em semelhantes coisas... e repetia o que o pai dissera: “Se é alma penada, não sei... Dizem que é boitatá, outros dizem que é gordura dos cemitérios remexidas pelos tatus, que ao contato com o ar se gaseifica e se incendeia... e se move para o lado que vento vai. E se esse fogo corria atrás de vocês, é porque ele acompanhava o vácuo do vento. Ainda mais em dia de calmaria mormacenta de verão... E como vocês correram lá do cemitério, só poderia ser mesmo boitatá ou fogo-fátuo, cobra-de-fogo, que protege os campos, na crendice do povo.”

“Se alma penada, é bom rezar um terço antes de vocês irem dormir”, recomendou-nos nossa mãe.

## O que vou fazer com este feijão? Ninguém o quer comprá-lo!

O drama dos agricultores nos anos 40, quando eu tinha 13 anos, era desanimador. As variações de mercado, sem uma política oficial, sufocavam o trabalhador rural. Pedro, meu pai, desesperava-se com a situação. Tanto trabalho sem uma compensação justa! Na safra de feijão de 1940, ele e seu irmão, Vitorio Stefanello, carregaram setenta sacos do produto no caminhão deste e os levaram para vender em Cruz Alta. Sem estradas transitáveis, o transporte também se constituía em uma dificuldade. Muitos “peludos” só eram superados com a descarga e recarga do produto no caminho da cidade.

De um atacadista a outro, já em Cruz Alta, oferecia-se o feijão... e a resposta era sempre a mesma: “Feijão de espécie alguma, se preto ou de cor, não tem preço, não compramos.” E ficavam assim, rodando com a carga de feijão pela cidade. Num posto de combustível, para abastecer o caminhão de Vitorio o pai empenhou cinco sacos de feijão.

Com outros três sacos briqueou açúcar, erva e café. Um mínimo para consumo de emergência que a mãe Antônia lhe pedira. Ela pedira mais: tecidos, calçados e necessidades afins. Mas sem vender o feijão, que fazer? O jeito era esperar.

Dessa vez, desanimados e não querendo voltar com a carga de feijão, dirigiram-se à prefeitura. Com Pedro Fumagalli, secretário da Agricultura, seu conterrâneo do interior de Júlio de Castilhos, tentaria achar um meio ou lugar onde deixá-la. Fumagalli, também sem solução à vista, não achou conveniente armazená-la na garagem da prefeitura.

Então, o pai não se conteve e lhe pediu licença para descarregar a carga de feijão na praça, defronte à sede municipal. E Pedro, meu pai, pediu aos operários que trabalhavam na praça e na Prefeitura que o ajudassem a descarregar o caminhão. E deu-lhes o feijão. Carregaram-no para casa. “Se um dia eu precisar uma ajuda, estrada ou sementes para plantio, eu a virei solicitar.”

Pedro Fumagalli lamentou o fato e prometeu-lhe compensar aquela doação da carga de feijão aos trabalhadores do município. Mais tarde, credenciou-o como produtor de sementes de trigo, milho e batatinha. Recebia novas variedades de cultivos, plantava-as e a Secretaria da Agricultura as distribuía aos agricultores interessados. Não era lá essas coisas de rendimento, mas deu para se equilibrar economicamente.

À custa dos braços e a cangote de bois, o trabalho da terra naquele tempo era duro, difícil e sem a lucratividade mínima desejada. Mesmo assim, o agricultor não se abatia. Eram um desafio constante as mutações econômicas.

## Ombreou vigorosamente a quincha do rancho, o madeirame rangeu, e o povo tumultuou-se porta afora

Acabara-se o baileco! Acabara-se mesmo. Realizava-se ali em Costaneira, Fortaleza dos Valos, o periódico surungo em salãozinho de Marciano Moreira. Rancho de pequeno porte. Nem bailanta era. Feito de madeira bruta, coberta de tabuinha de pinheiro, a sala de danças não passava de 100 metros quadrados. No aperto de pessoal, dava para bailar ao som de qualquer cordeona.

Em cima da frágil estrutura de esteiamento, barrotes, caibros de varas e ripas de armação, o rancho balançava quando cheio. Situava-se à beira de riacho, um fundão de bandido se esconder.

Tudo aconteceu na vez em que meu primo Elpídio e o paraguaio Noé Lima me levaram a esse surungo. “Tem morena linda lá na Costaneira.” Paraguaio, mestiço, alto, melenudo, aparecera por lá, vindo de Ercarnacion, Paraguai. Arranchara-se em Costaneira e empreitava serviços nas cercanias, o que lhe oferecessem fazia. Até domar potros xucros.

Elpídio, encorpado, forte, media quase 2 metros de altura. Comportava-se extravasando alegria sempre. Quando falava, não se sabia se estava falando sério ou de brincadeira... Tornara-se figura de destaque em Fortaleza dos Valos. Seu pai, Jerônimo Stefanello, meu tio e padrinho, deu seu nome à avenida central da cidade.

Elpídio, Noé Lima o Paraguaio e eu nos encontramos no local do arrasta-pé. Eu fora a cavalo de Capão Doce. Tinha 17 anos, e aquele seria meu primeiro baile.

A luz era a dos lampiões a querosene, dois na sala e dois do lado de fora, um na porta e outro no quiosque. Luzes mortíferas arremedavam as da lua, quando cheia.

Meus companheiros nem perderam tempo, empinaram, de chegada, um, dois lisos de canha. “Isso é para animar.” Eu refuguei. Beberia, se alicorada. O dono do baileco, seu Marciano Moreira, montara um quiosque debaixo de grande umbu. Sortira de bebidas, pães, doces, salame, coisas da colônia. Precisava dele para amearhar uns trocados mais, pois o que cobrava de entrada era mixaria...

Ronronava a cordeona nas mãos do Antoninho, e Pedro, seu filho, batia freneticamente um pandeiro. Começava o pessoal a dançar. Havia prendas de todas as cores, morenas em maior número. Vestidas a rigor da época, blusas e saias; outras, só de vestidos de prenda. Cabelos soltos ou em tranças, lábios borrados de batom e cheirando a perfumes fortes. Assanhavam-se contentes, à espera da moçada. Sei que, ao meter o pé na sala, uma morena escura não esperou que a convidasse. Pegou-me pelo braço e encenou a dança do xote, que o gaiteiro debulhava com a habilidade de suas mãos. Encabulado, falei: “Não sei dançar, me ensina.” “Eu te ensino sim.” Francisca se chamava. Boa de prosa, bonita, extrovertida, seios empinados e, por ser mais alta, eu, me sumia em seus braços.

Era um aqui, vai lá, vem cá, vem e vai. Pobre do gauchito que queria aprender a dançar. Estava preso nos braços da Francisca, cheirosa, nem sei de quê. Englostorado eu estava.... misturavam-se os perfumes pelo salão. Oigalê, baile bom! Me erguia do chão de quando em vez. Dizendo-me ter 18 anos, que ouvira falar bem de

mim e que me queria. “Vou te querer toda vida...”, sussurrou em meu ouvido. “Nossa”, pensei comigo, “estou perdido.” Tudo estava bom, alegria e viva o baile. Mas não me parecia estar tudo certo. “Francisca do céu”, quase lhe disse, “vim para aprender a dançar e já me queres pealar de primeiro lance de boleadeira, quando eu é que deveria te pealar para a vida, se fosse o caso. Isso depois de servir o exército.”

De súbito, um estralo, estrondeia um barulho estranho. Range o madeirame... parece estar caindo. Apagam-se as luzes e alguém gritou: “Tá caindo o rancho.” Por que Jesus?! Foi aquela confusão de choros e gritos, o povo tumultuando, saindo porta afora. O espaço do terreiro ficara pequeno para tanta gente. Abeiraram-se à roça de mandioca e milho. Seriam cerca de trezentas pessoas.

Francisca tropeçara ao sair. Caíra, ajudei-a a se levantar, sangrava o nariz. Disse-me que tomara um cotoveloço. Tirei meu lenço do pescoço e lhe dei para estancar o sangue. De cabeça e braços erGUIDOS, amparada em mim e em sua irmã, logo estancou o sangue.

“Francisca, permita-me agora procurar meus companheiros.”

Cadê eles? Onde teriam se metido? Só os vira, de relance, no começo das danças. Vislumbrei-os numa réstia de luz, sentados a uns 30 metros donde me encontrava. “Aqui termina tudo, vamos embora”, me disse Elpídio. Com garrafas de cerveja na mão embicavam a bebida, já dando sinal de excesso de álcool na cabeça.

Paraguaio ficaria. Morava próximo dali. Corri para me despedir de Francisca. Chorou. Beijou-me furiosamente. Retribuí-lhe, mas sem juras de amor e promessas vãs, apenas lhe disse que me sentia muito feliz em conhecê-la. Prenda diferente, uma joia da natureza, carinhosa, desejei-lhe toda sorte de felicidades.

Com um adeus a perder de vista, a despacito, juntei-me ao Elpídio. Conversava sozinho praguejando o Marciano Moreira, que lhe admoestara durante a dança. Marciano Moreira tinha três filhas. A mais velha tinha uns vinte anos e se chamava Gonçalina. Louca de feia, mas boa de farra, segundo o primo Elpídio. Estava inconformado com o dono do baileco, que por duas vezes lhe chamara a atenção pelo modo atrevido de bailar com sua filha Gonçalina.

Esta, sem rodeios, amenizava o fato, de sorte a provocar ainda mais seu pai. Eram abraços e beijos sob os olhares divertidos da moçada. A coisa não estava ficando boa. Elpídio ia me contando ao tranco dos cavalos de montaria. Narrou-me tudo o que acontecera. “O Marciano devia me agradecer por estar com sua filha. Ela, feliz da vida, só queria se divertir.”

Oh! Diacho de surungo. Elpídio me perguntou se eu vira ou sentira alguma coisa estranha durante a dança. Disse-lhe que não, apenas vira o pessoal rindo bastante. “Também pudera”, respondeu, “estavas mergulhado nos braços daquela morena. Até o mundo poderia acabar...” Elpídio então me confessou: “Larguei a Gonçalves e procurei o Paraguaio. Viramos mais uma garrafa de bebida goela abaixo. E lhe disse: ‘Vamos acabar com este bordel. Tu apaga a luz, eu meto o ombro na quinha ali do canto e esta coisa vai balançar.’ Dito e feito. Aprontamos de vereda.”

“Meti o ombro no barrote do canto da quinha, fiz duas, três tentativas, na quarta rangeu o madeirame e o rancho inquinou-se para o lado do riacho, sem cair... O tumulto originou-se mais pelos gritos ‘Tá caindo o rancho’.” “Fique calado”, pediu-me. “E eu com isso,” lhe disse.

Na encruzilhada nos despedimos, eu tomei o caminho de Sede Vitória e o primo seguiu em frente. Tinha menos caminho para chegar a Fortaleza dos Valos. De povoado a vila, preparava-se para o futuro. Morava com seus pais, Jerônimo Stefanello e Maria Rubin, comerciantes.

Mudou-se mais tarde para Dourados, MS, onde empreendera lavouras de soja e arroz. Possuía um grande criatório de peixes em lago que construía com a assistência do Carrefour de São Paulo, que lhe comprava os peixes. Traçados em lotes, os 400 hectares do criatório, todo ele era acionado mecanicamente, tanto para alimentar os peixes como para pescá-los.

Apaixonado por carreiras de cavalo, fazia-se presente em muitas hípicas. Na de Carazinho, em suas promoções, não deixava de comparecer com animais de corrida. Francisco Sales Prevedello, meu primo por parte de mãe, auxiliava-o na administração dos empreendimentos.

# Ora, a luz é o começo de tudo... Alto Alegre mais alegre queria ficar com a luz. E ficou!

Em sua vivenda, Vitalino Cornelli, conselheiro da Coprel, assim me falou ao travar uma animada entrevista sobre o início da eletrificação em Espumoso. E rememorou: “Fiz o socioeconômico que me pediste, uma das prerrogativas do BID para conceder o financiamento.” De início, Alto Alegre era vila e não tinha energia elétrica. Nós colaboramos colocando à disposição certa quantidade de material elétrico, proveniente de consignação orçamentária do deputado Lauro Leitão. Isso facilitou a vinda da energia a Alto Alegre, começo de tudo para se emancipar e ser município.

Energia no interior, o mesmo anseio pela luz. Dinheiro para eletrificar existia. Não existia quem a fizesse e assumisse o encargo, elaborasse os projetos e definisse uma sólida estrutura cooperativa específica.

Sem essas condições, prerrogativas do BID, Banco do Brasil e GEER, dificilmente financiariam a longo prazo e a juros baixos. Contingenciaram a fundação da Coprel, e esta saltou para atender às expectativas das famílias camponesas de conquista da energia para as casas, galpões, moinhos, bombas d’água, ordenhadeiras... Perguntavam-me sobre quando viria essa luz. Testemunha Vitalino que assistira a todo esse drama da Coprel. Ela suave, treinava trabalhadores voluntários, qualificava mão de obra, sem as quais pouco poderia fazer. A feitura dos projetos, base para a obtenção dos empréstimos, consistia também em tarefa técnica e custosa. Empenhávamos esforços e colaborações, que advinham de toda parte.

Fui a Alto Alegre para pedir a Vitalino: “Me dê uma mão. Coordene os levantamentos socioeconômicos de cada agricultor. Pessoa do lugar é melhor recebida e você tem habilidade de comunicação com a gente da roça.” De pronto Vitalino colocou-se em campo, arregaçou as mangas, ele e mais um ou dois auxiliares. Embrenharam-

se briosamente pelo interior. E com a alegria do dever cumprido orgulhava-se: "Fiz o socioeconômico de que me orgulho. Olavo me pedira, eu não podia lhe negar. Ora, a luz é o começo de tudo. Alto Alegre mais alegre ficaria. E ficou!", ressalta Vitalino.

Alto Alegre, até que enfim estava iluminado. Toda sua briosa liderança e população uniram-se para festejar o alegre evento para Alto Alegre.

Nessa longa conversa de velhos amigos, revivemos felizes momentos de luta e trabalho. De vida, ressalta dona Norma Kuhn Cornelli, anunciando suas bodas de ouro, dez filhos, netos e bisnetos, que os tornam ainda mais felizes, num santo convívio familiar.

De um assunto para outro ao palmear do chimarrão, Vitalino me recorda:

Agora, no futebol empatei contigo. Eu com o Recreio e tu com o Grêmio Esportivo Aurora. E tu pisavas firme no Gramado jogando de centro-avante. Duma vez, tanto confiava em ti que te aceitamos como árbitro, juiz de partida do Recreio com o Aurora. O Recreio venceu por 2 a 1, era partida extra do campeonato regional. E te saíste muito bem. Uníamos, com o esporte, as comunidades de Alto Alegre e Sede Aurora.

Sabes, Olavo, nem dá para esquecer. Quando te mudaste para Ibirubá, o pessoal daqui e de Espumoso vibrou com a rádio-emissora que fizeste operar. Era nossa porta-voz para quase tudo daqui e desta região.

De fato, emendei, contravindo ao que me contava Cornelli, metia-me por esses caminhos do interior e por diversas vezes a Alto Alegre. Portava-me o inesquecível jornalista Edson Quintana em seu valente Gordini. Nem a rádio, nem eu dispúnhamos de carro. Curtiam-se dificuldades no início.

Edson Quintana, grande amigo, colocava-se à disposição. Por caminhos acamados de poeira, pedras e buracos, o Gordini contorcía-se e nos transportava de um local para outro. Entrevistas e reportagens eram feitas pelo jornalista Quintana e pelo radialista da história da Rádio Ibirubá, Plínio Lutz Machado.

No dia seguinte eram transmitidas as gravações. Por carta ou telefone, quando este funcionava, notícias iam para o ar donde vinham, isto é, de seus agentes. Vitalino, Bertol, Junges falavam por Alto Alegre.

Otávio Vitório Bertol, Salvadori, Angelo Cornelli, Fermino Rosa, Aloísio Dickel, Setembrino Pagnussatt, José Piovesan, José Zanchi... nomes outros e tantos que ombream Alto Alegre a elevar-se a município. Eles plantaram a árvore. Chamaram-na São Marcos do Faxinal, nome de batismo dado pelo padre Pacífico, então pároco da colônia de Selbach. Passou para Alto Alegre. Alegre porque seus habitantes eram alegres. Depõe Vitalino Cornelli, um de seus pioneiros e testemunha ocular do Alto Alegre, terra que cresceu e frutificou no alto da colina, à beira das águas do rio Jacuí, donde se avista no horizonte sudoeste o grande lago do Passo Real.

## Os corvos comeram e não me disseram nada

Sede Vitória, pequeno povoado no sul de Cruz Alta. Lá por 1935, tinha uma casa de comércio, armazém de secos e molhados seria o termo mais correto. Pertencia a Vitório Stefanello, meu tio. E algumas casas esparsas, entre campanha e colônia de agricultores que labutavam na terra.

O comércio de Vitória era ponto de reuniões do lugar, em fins de semana, e de rezas domingueiras na capelinha em honra a São Jorge. Certo sábado, entre um trago e outro da bendita pinga, elaborada em alambique do lugar, um grupo de habitantes locais proseava alegremente. Assuntos do meio em que viviam, fatos ocorridos durante a semana, o cotidiano, causos de pescaria, Chico Passarinho, capataz de Benjamim Stefanello, na lavoura de arroz no Ingaí, contava um causo. Afirmava ser verdade, acontecera-lhe na noite passada. Entrementes, entra salão adentro o amigo Achilles Durigon e interrompe a conversa do Chico. E cumprimenta o pessoal com

um largo “buenas tarde”. Todos lhes respondem a saudação bem do estilo de gente de campanha. “Continue, Chico. Queremos saber a história toda”, pedem-lhe as pessoas ali presentes.

Passarinho retoma o papo, lento e pausado, contando que abatera um baita mão-pelada na noite passada. Noite de lua, ouvira o alarido das galinhas d’angola que se empoleiravam nos galhos das aroeiras, próximo ao galpão e do galinheiro.

Lança mão da espingarda, atiza os cachorros e vê na copa da sapopema um bicho cintilando os olhos. Gambá? Suspeitou. Não pode ser. Engatilha a arma e a dispara em direção aos olhinhos do animal. Em segundos, ploft, cai no chão o bicho para festa da cachorrada. Era um mão-pelada, de cor cinza-amarelada, de uns 70 cm de tamanho.

“Tirei o couro dele, vale bom dinheiro.”

De pronto, Achilles Durigon, alarife e com mania de deboche:

- Chico, e a carne era muito boa?

Passarinho, frente ao silêncio dos presentes, não perde o rebolado à ironia do amigo e replica-lhe:

- Pois é! Os corvos comeram e não me disseram nada!

Uma gargalhada geral encabula o Durigon, pessoa boa, mas que não perdia vaza para o deboche. Relevado pelos amigos, o constrangimento resultou em bons goles de pinga e risadas. Carne de mão-pelada nem cachorro gosta!

Falo deles para dizer que Achilles Durigon era irmão de Cecília Durigon, casada com Afonso Soares, e fora minha catequista. Um tempo distante passado em Sede Vitória, terra da capela em honra a São Jorge e da escolinha em que aprendi a fazer contas, a ler e a escrever...

E no comércio do meu tio, o ponto de reunião do povo de Sede Vitória, jogavam cartas sentados no chão, entre barba-de-bode e gramado. O solo era o carteadado de preferência. Bochas também jogavam em campo aberto e, de quando em vez, carreiradas de cancha reta feita ali defronte, e de bem com a “dona branquinha”, a cachaça pura de alambique do lugar. Vida de gente do campo.

# Papagaios charão me visitaram

Manhã fria, vento esbatendo uma garoa fina na cidade, luzes tremeluzindo, sábado, 24 de julho de 2010.

Surpreendeu-me nesse amanhecer a visita de um bando de papagaios charão. Pousaram no alto do pé de noqueira que plantei no terreno de casa, defronte aos estúdios da Rádio Ibirubá. À procura de nozes, alimento, entre outros, escassos neste inverno cruel.

Poucos viram, os papagaios charão, tidos já em extinção, os mais falantes das espécies. Tranquila Stefanello, Daniela S. Beituni, Janete Wagner testemunharam a visita dos charão. Chamaram-me, corri e pude ainda ver essas aves silvestres que lutam para sobreviver.

Por um lance, nem os consegui fotografá-los. Despediram-se logo. Nozes poucas no alto da ramada da noqueira. Empreenderam voo para a área da central da Coprel, onde também foram plantados vários pés de noqueira.

Papagaios charão, ave de beleza, canto e fala notáveis e símbolo da região, nessa fugaz revoada, deixaram uma mensagem: “Não acabem com a natureza, porque sem ela não podemos sobreviver.” uma visita de alerta, quase um clamor, que também fazem as gralhas azuis, as diligentes amigas dos pinheirais, em nosso meio quase extintas. Gralha azul. A barulhenta alegria das matas. A natureza lhe deu a nobre missão de plantar o pinhão, o pinheiro de lei, cuja madeira tem valor na fabricação de móveis e construção de casas.

Nunca é tarde para preservar o pouco que resta de mata natural, nem para reflorestar áreas não aproveitáveis para a agricultura. Campos imensos sem árvores, tão necessárias para os proteger das inclemências do tempo.

## Para começar bem preciso de um bom secretário

Edmundo Roewer elegera-se prefeito de Ibirubá. Substituiria Edgar Otto Fleck, o primeiro prefeito. Era o município que se desmembrara de Cruz Alta e dava os seus primeiros passos.

Roewer debatia-se na formação de uma boa equipe administrativa. “Para começar bem, preciso de um bom secretário”, falava-me constantemente o prefeito eleito, com quem eu mantinha conversações quase diárias em sua casa comercial em Linha 6, à margem da estrada velha via Cruz Alta. “Me ajude indicar um nome à altura do cargo.” Colimava ter uma pessoa culta, expedita e que se integrasse plenamente na coletividade.

No município havia pessoas talhadas para o cargo, porém altamente compromissadas com suas atividades. Não seria prudente desvestir um santo para vestir outro. Certo dia, sábado à tarde, reunimo-nos – Cícero do Amaral Viana, eu e o prefeito Edmundo Roewer – convocados por ele, para traçar ideias e planos para a nova administração. Palmeando o porongo, depois de longa conversação, Cícero sugeriu o nome do jovem Augusto Borges Berthier. Conhecia-o em Lagoa Vermelha, quando delegado de polícia. Eram amigos e frequentavam o curso de Direito na UPF. Cícero, que havia se transferido para Ibirubá, elegera-se vereador pelo mesmo partido de Roewer, o PSD, e estava convicto de que Augusto, se convidado, aceitaria o cargo. Ressalvava, no entanto, ser necessário falar antes com seu pai, Gustavo. Último filho de família numerosa, 13 filhos, Augusto, poderia lhe ser amparo de casa.

Cícero dispôs-se ir a Lagoa com a concordância do prefeito eleito, convidando-me para acompanhá-lo. Tudo certo e, de jipe abastecido e mais dois tonezinhos de combustível de reserva, empreendemos a viagem a Lagoa Vermelha. Trajeto longo, desprovido de serviços e de estradas, estas de terra vermelha, poeirentas daqui até lá.

De asfalto, o povo ouvia os políticos falar. O jipe cabritava num contínuo embalo de solavancos. Cortando descampados de barba-de-bode, macegões e capões de mato, chegamos ao meio-dia em Lagoa Vermelha. Aqui vamos almoçar, disse Cícero, dirigindo-se à churrascaria dos Colorados. Nela se agrupavam os partidários libertadores, do PL, e do lenço colorado no pescoço, que os distinguia. Uma surpresa ao entrar no restaurante: barulhavam sanfonas e canto, os Irmãos Bertussi. O local estava cheio de pessoal. Cícero já os conhecia. Trocaram cumprimentos. A mim me felicitaram pela Rádio Ibirubá. Lembraram-me apresentações feitas na emissora e de bailes que haviam animado na região.

De talho grande em bom churrasco, matamos a fome. Demora pouca, apenas para “mata hambre”, como dizem os castelhanos, reatamos o caminho. Lembro o abrir e fechar porteiros por propriedades particulares, que as fazia num upa. Isso por duas vezes nesse caminho, também trilhado por tropas de gado. Adiante, numa curva beirando barroca, esvaziou-se um pneu. Trocamos rapidamente. Prevenido, Cícero transportava dois pneus de reserva. Contratempo por aquele quase sertão era comum, e o prevenido vale por dois. Cícero, figura afeito à tradição gaúcha, ora cantava, ora assobiava melodias dos pagos. E a política, a sua paixão. Ensaiaava discursos.

Próximos à fazendola de Gustavo Berthier, a buzina do jipe e os indefectíveis “Ôh! de casa” alvorotaram a criação, que se recostava à mangueira e aos galpões. Criulito de bombachita arregaçada e pé no chão, ligeiro, abriu o portão. Encostamos o jipe. Gustavo abriu a porta da casa e nos recebeu um tanto surpreso com aquela visita inopinada. “Cheguem pra diante. Que bons ventos trazem vocês por estas bandas,” falou Gustavo. De fato, nesses fundões, viva alma de fora era novidade.

Cícero, expedito na fala, apresentou-me e debulhou conversa para saber dos filhos e da gente amiga, dele e de Gustavo. Rememoraram passagens da vida lagoense. Gustavo, homem de boa estatura, magro e de melena solta, bigode com pintas brancas, figura típica daquela região de muitos capões, me impressionara. De conversa

calma, contravinha ao linguajar estrepitoso de Cícero. Índio bueno, estampa singular de lagoense, muito honrado e benquisto.

Abrimos o motivo da visita. Cícero franqueou-se dizendo estarmos ali não só para lhe dar abraços. Cumpríamos uma missão do novo prefeito de Ibirubá: logo seria empossado e precisava de um bom secretário. E o nome do Augusto entrara em cogitação. Dar-se-á bem o Augusto com o povo de lá. Divide-se em três fortes correntes étnicas – alemã, lusa e italiana – preponderantes. E Cícero, de ré-dea solta na prosa: “Olavo aqui, companheiro de jornada, deixara a roça, para instalar a Rádio Ibirubá. Eu mesmo preferi este município para o desempenho da função de delegado.”

Desatada a conversa motivadora daquele encontro, Gustavo, nesse espaço de tempo, fechara lindo palheiro de fumo em corda amarelinho. Acendeu-o com o avio-de-fogo que portava em uma bolsinha de pano. Tragou-o e expeliu aquele espiral de fumaça. Cheirava bem. Sentira logo, o fumo tinha uma mistura de raiz de figueirilha. Deixava aromático o ambiente. Consideravam-na medicinal. Se com o fumo, não sei, desconhecia. Meu pai, porém, confirmava. Deixava cigarro mais leve e apetecível!

Gustavo ajeita-se no banco, bate a ponta do palheiro e responde à pergunta que o Cícero lhe fizera. “De minha parte, nada tenho contra. Depende dele. Vocês podem informar o prefeito, o acerto é com o Augusto. Se ele aceitar o convite, tudo bem. Vocês devem acertar com ele.” Daí foi a vez de Cícero apoderar-se do fumo e da faca de Berthier para preparar também seu palheiro. Por sinal um inveterado fumante. Não fumei dessa vez. Viera o chimarrão, este sim o palmeei e sorvi com prazer.

Passaram-se quase duas horas agradáveis de boa conversa, quando nos despedimos de Gustavo Berthier. O regresso foi tranquilo. Missão cumprida. Conheci o Augusto, meu compadre, padrinho do Saulo, quando ele, então, veio a Ibirubá para entrevistar-se com o prefeito eleito Edmundo Roewer. Contara-me que o contato fora muito bom em razão de empatia recíproca. Trabalhando na Prefeitura como secretário e estudando, Berthier foi aos poucos se entrosando

na vida comunitária. Participava, eventualmente, dos informativos da Rádio Ibirubá. E nos fins de semana, em especial, misturava-se com os tradicionalistas do *Chimarrão da Amizade*.

Praticara locução na Rádio Cacique de Lagoa Vermelha e na de Passo Fundo de igual nome. Aqui, no *Chimarrão da Amizade*, da Ibirubá, programa que eu apresentava aos domingos, declamava belas poesias.

Inexistindo advogados formados em Ibirubá, os dois acadêmicos, Augusto Berthier e Heitor Saft, eram seguidamente designados para atuar como defensores dativos a réus pobres. Foi grande amigo do padre Franz Hümmler, padre Chico, cooperando nos seus empreendimentos educacionais e beneficentes.

Juntos, criaram a Escola Técnica de Comércio, primeira de segundo grau do município. Presidiu o Lions Clube e foi o segundo patrão do nosso CTG Rancho dos Tropeiros. No seu tempo foi adquirida uma área, onde hoje se situa o colégio Edson Quintana, e iniciada a construção de um grande galpão crioulo. Mais tarde, como não houve continuação da obra iniciada por Berthier, quando prefeito, permutei a área por outra com o CTG e construí o citado colégio.

Como secretário e vice-presidente do Grêmio Esportivo Ibirubá, colaborou na construção do estádio Carlos Jacob Simon.

Aproximando-se o final do mandato de Edmundo Roewer, que se destacou pela absoluta seriedade, parcimônia nos gastos públicos e dinamismo, aliados ao seu franco diálogo com os adversários políticos, começaram as tratativas para a escolha de seu sucessor. Como já destaquei em meu livro anterior, muito relutei até aceitar a candidatura, que resultou vitoriosa após enfrentar a maior coligação partidária que já se fez em Ibirubá.

O Augusto continuou no cargo nos primeiros meses de minha gestão. Depois, em razão de sua inscrição na OAB, já formado advogado, teve de se afastar formalmente, mas continuou me prestando assessoramento até seu retorno para Lagoa Vermelha, causado pelo fato de que Ibirubá não possuía comarca instalada.

Casou-se em 1965 com Sônia Maria Wayhs, filha de Norberto e Lyra Wayhs, e em setembro daquele ano fez concurso para promotor

de justiça. Aprovado, assumiu, em 12 de janeiro de 1966, a promotoria de São Vicente do Sul.

Removeu-se para Espumoso em 1970, certo de que logo seria instalada a Comarca de Ibirubá, onde pretendia fixar residência. Para isso, chegou a adquirir o terreno do antigo salão Schroeder e material para o início de sua casa. Em janeiro de 1971 aceitou promoção por merecimento para Santa Rosa. Neste mesmo ano foi convidado pelo secretário do Interior e Justiça, Otávio Germano, para dirigir a Susepe – Superintendência dos Serviços Penitenciários, no governo de Euclides Triches.

O Augusto relatou-me ter sido o exercício desse cargo por quatro anos um dos maiores desafios que já enfrentara, pois se tratava de um órgão novo e extremamente complexo. Além de presos comuns, havia muitos presos políticos que, condenados pela Justiça Militar Federal, cumpriam penas nas cadeias estaduais. Era o caso, por exemplo, do advogado Carlos Araújo, ex-marido da atual presidente da República, Dilma Rousseff, que estava recolhido ao Presídio Central.

Nessa época, já tendo cumprido pena em São Paulo, Dilma transferiu-se para Porto Alegre e, para ficar mais próxima de Araújo, segundo afirmou em entrevista, ofereceu-se para lecionar no Presídio Central, gratuitamente, aos presos comuns que se preparavam para prestar exame vestibular.

Em 1971, depois de participar de concurso de títulos, foi escolhido pelo Ministério da Justiça para estagiar na então República da Alemanha com a finalidade não só de conhecer o sistema penitenciário daquele país, como buscar sugestões e subsídios para melhorar o nosso daqui do Rio Grande do Sul.

De Bonn, onde se encontrava, Augusto fez contato com o padre Chico, em cidade próxima, lembrando Ibirubá. Gravemente enfermo, logo depois faleceu.

No governo de Synval Guazelli, atuou como chefe de Gabinete de Otávio Germano que assumira a Secretaria de Obras Públicas. Em 1976 presidiu a entidade de classe do Ministério Público, em cujo cargo firmou convênio com a Prefeitura de Ibirubá para a

construção de casa para o promotor de justiça. Em março de 1979, assumiu a chefia da Casa Civil do governador Amaral de Souza. Depois, em março de 1984, passou a exercer o cargo de secretário da Segurança Pública.

Nas altas funções que desempenhou, Berthier nunca esqueceu sua condição de ibirubense adotivo, estando sempre atento aos pleitos da municipalidade. Exemplo disso foi a construção de prédio para a Brigada Militar, por convênio com a Prefeitura na gestão de Olando Kanitz.

No governo de Jair Soares foi nomeado procurador geral de Justiça. Em março de 1987 atuou como procurador de justiça junto à a segunda Câmara Criminal do Tribunal de Justiça até se inativar.

Por sua atuação nos elevados cargos que ocupou, Augusto recebeu diversas homenagens e condecorações, destacando-se: Medalha Osvaldo Vergara, pela OAB; Título de Benemérito, conferido pela Associação do Ministério Público do Estado, e Certificado de reconhecimento, pela Câmara de Vereadores e Prefeitura de Ibirubá.

Reside em Porto Alegre, mas se desloca constantemente para sua chácara na Esquina Egônio Wayhs, em Quinze de Novembro, recebida por doação do casal Lyra e Norberto Wayhs.

Meio lagoense, meio ibirubense, Augusto Borges Berthier traçou páginas de luz e vida exemplares que nos orgulham. Orgulha Ibirubá.

## **P**egue o ferro, encha-o de brasas e vá passar as roupas de domingo

Quem me dava esta ordem era minha mãe Antônia. Fim de semana, sem mulher para ajudá-la em tantas tarefas caseiras, cabia a mim passar as roupas domingueiras. As de trabalho raramente se passavam. Dobradas cuidadosamente, eram guardadas num tosco armário, feito guarda-roupa, de tábuas só plainadas de um lado. Na hora, as de festa, eu as passava com muito capricho. A mãe ficava de

olho. Algumas vezes me instruía sobre como fazer melhor, inclusive sobre pequenos truques para dobrar as camisas e demais roupas, calças, bombachas, lenços de pescoço e de cabeça, branco, azul, xadrez ou maragato...

Filho da ponta, meus irmãos ainda pequenos, a mãe atribuía-me diversos serviços domésticos. Eu os fazia com alegria e prazer. Prometiam-me roupa nova. Sapato só ganhei quando fiz a Primeira Comunhão na Capela São Jorge, de Sede Vitória.

Passar roupa com ferro à brasa, naquele tempo de piá, abriu-me o caminho ao aprendizado a incontáveis tarefas da vida de gente da roça. Algumas até curiosas, como as de lavar a roupa de semana no rio, trabalho, na época, restrito à mulher.

As de meu uso, depois de lavadas, bombacha ou calça, eu as dobrava e colocava debaixo do travesseiro para no dia seguinte vestilas. E para domingo de manhã, a cavalo, ir à missa em Sede Aurora. Morava em Capão Doce, entre Fortaleza dos Valos e Sede Vitória.

De outra parte, tantas atividades campeiras ou de lavoura, a maioria delas são desconhecidas hoje, substituídas pela modernidade. Descascar arroz, socar milho para a canjica, tudo na mão de pilão, entre tantas outras, só na recordação da memória.

Se chegava uma visita ou em dias da semana e ocorria de não ter arroz descascado, pronto para ir à panela, quase na hora do almoço, a mãe me chamava e me fazia descascar o arroz de nossa colheita, *ligeirito nomais*. Com a prática adquirida, o pilão em minhas mãos logo entregava o arroz para a mãe completar o almoço. Ela, contente, com a minha presteza, dizia: “o arroz descascado no pilão é o melhor para risoto ou galinhada”. O de pilão, embora ficasse um tanto acinzentado, tinha gosto superior ao branco de engenho.

O pilão ainda existe. É peça de arte decorativa em casarões de graúdos, em fazendas, para rememorar o antigo trabalho de criados ou peonas e, na falta destas, pelos peões da fazenda. Porco gordo abatia-se, e se faziam salame, copa ou toucinho defumado. Quantos porcos, ovelhas e novilhos eu e meus irmãos Edoardo e Miguel aju-

dávamos nas carneações. Da carne de novilho também se elaborava o tradicional charque para o carreteiro.

O charque servia para outros pratos caseiros. Dessalgado e finamente desfiado, a mãe preparava uma saborosa panelada, frito ou em molho para acompanhar a macaxeira (aipim) o arroz. Adicionava-o no feijão. Sem energia e sem outro meio de conservar a carne, estes eram os empregados na época. A que não era elaborada para embutidos, a mãe fritava-a e a guardava em latas com banha, para uso posterior.

Dinheiro mesmo o pai conseguia com o engorde de chiqueiradas de porcos. Se o preço de mercado não compensasse, matava-os para salame e outros fins de aproveitamento caseiro.

Isso só raramente, para desespero do agricultor, a pior profissão daquele tempo. Pelava-se porco com água quente. O pelego de ovelha, depois de estaqueado e curado, curtia-se para lindos pelegos. O de gado, o pai vendi-o salgado a comerciante de Santa Clara do Ingaí. Utilizava-o também para manuseio próprio. Dele fazia fortes trançados, laços, regeiras, rédeas, relhos, peças de uso campeiro.

Na colônia, a vida era dura, mas vivia-se bem. Desprovido de conforto, a eletrificação de quando em vez era lembrada. Quem mais a lembrava era eu e a mãe. Eu sonhava com a luz pra ler e estudar. A mãe, para ter uma geladeira e uma máquina de lavar roupa. De tudo isso, mais iluminação, bomba d'água e tantos outros, ela só pôde dispor aos 87 anos de idade, graças à energia elétrica dos sonhos nas noites escuras de Capão Doce.

Antônia, mãe, e Pedro, pai, viveram exemplarmente 91 anos.

E quantos ensinamentos me passaram para a vida. Devo-lhes tudo, e sempre. Devem-lhes tantos, e todos os seus filhos.

# P Perdidos no Cerrado

Atraía-me o cerrado goiano. Se desse de jeito, queria conhecê-lo. E conhecê-lo de perto, ver suas peculiaridades, em duas fases: as nuances geológicas e as influências climáticas, que o diferenciam da flora e fauna de outras partes do país.

Lera sobre isso. E me encantaram as diferenças da natureza durante os períodos de estiagem ou de chuva.

Tentaria me enveredar pelo cerrado quando me fosse possível. O dia para essa aventura finalmente chegara. De Brasília, onde me achava diligenciando recursos para a eletrificação rural junto a organismos de crédito, rumei no fim de semana a Goiânia, a 200 km de Brasília. Atendia a convite de Grace, filha há pouco vinda da Espanha, Madri, em cuja capital concluía doutorado na Universidade Complutense. Programara, se a pudesse acompanhá-la, realizar uma caminhada às cachoeiras Santa Maria e São Lázaro, no interior da Reserva Ecológica de Várzea Grande, não tão distante de Goiânia, por terra de carro, até o lajeadinho do Brejo ou Brejinho. Dali, então, faziam-se a pé as trilhas até as cascatas, por direções diferentes. Nem bem amanhecera, saímos de Goiânia.

Acompanhavam a Grace sua mãe e uma amiga, ouvindo Bruno e Marrone, numa alegria total. No Brejinho, Bianca, a amiga de Grace, que me pedira o volante do carro, demorou-se para estacioná-lo. Orientei-a a encontrar um local sombreado, entre poucas arvorezinhas, próximo a quiosque. Grace e a mãe adiantaram-se, fizeram a travessia do ribeirão espraiado entre pedras e pouca água, e seguiram a trilha lépidas para caminhar.

Aguardei a motorista, que conhecendo nessa oportunidade. Dizia-se habilitada a dirigir em pleno Rio de Janeiro, donde viera com seus pais para morar em Goiânia. Excessivamente expansiva e sem pressa, ela pegou os chinelinhos, nem tênis trouxera, e me seguiu na travessia do riacho. A passos largos chegamos ao marco de concreto com os indicativos das trilhas as cascatas. Bianca, que combinara

com Grace, a primeira a ser visitada, olhou-nos, ficou indecisa e me falou que lhe dera um lapso de memória: esquecera-se, se era Santa Maria ou São Lázaro. A mim nada disseram. Depois de alguns minutos de indecisão, decidi: elas pegariam a trilha para São Lázaro. Alcançá-las? Não daria, a menos que elas nos esperassem em meio caminho. Só parariam na cachoeira, confortando-se com o banho. Já de começo estranhara o pisoteio quase inexistente em certos trechos da trilha. Confundia-se, indistintamente, com o chão paralelo coberto de folhagens, cipós e gravetos secos...

Distraía-me a fotografar a natureza incomum do cerrado.

A companheira conversava, elevava o espírito a um mundo de fantasia... Advertia-a para o risco de ferir-se só com aqueles chineli-nhos nos pés. Fazia-me rir, vendo-a dar saltinhos de lebre ao passar por alguma touça na trilha... Configurava-se um tanto variável a ve-getação do cerrado, a quase totalidade seca, esgalhada rente ao solo.

Natureza abatida pelo sol abrasador de estiagem... Baralhava-se num ondear de galharias sobrepostas, vegetação rasteira esturricada, arbúnculos isolados, esbeltos retorcidos ou em artísticos requebros... que mirava sob diversos ângulos com a objetiva! Um deslumbramento de natureza invulgar, triste, aterradora... Estereografara-se nos erriçados morros, que se alternavam, uns mais altos, outros traçados menores, estendendo-se a perder de vista... Impenetráveis, entouceirados de espinheiros e grandes lajes de pedras. Natureza diversa que passava diante dos nossos olhos na trilha para a cachoeira de São Lázaro. Imperceptível em certos trechos. Retínhamos a marcha para identificá-la.

Bianca reduzira o ímpeto inicial, baixara o tom da conversação.

Preocupava-se com a Grace e Sidéria. Pelo tempo decorrido, já deveriam ter arribado a cachoeira. Anunciavam distar do Brejinho cerca de dez, doze quilômetros. Isso nós já teríamos palmilhado. Ver-tíamos suor. O sol tornara-se inclemente.

Queria conhecer o cerrado. Estava-o conhecendo. Não o imagi-nava tão agreste assim... A trilha seguia de encosta a encosta dos morros, por vezes íngreme e sinuosa. De súbito, verdes mandacarus

surgiram à nossa frente. Esplendiam belas flores vermelhas. Outros cactos de espécies diferentes amoitavam-se em grandes reboleiras. De flores brancas em caules espinescentes, contrastavam, abrandavam o espantallo daquele estupendo cerrado da Reserva Ecológica de Várzea Grande. Bem que o sertanejo descobrira nos cactos, no umbuzeiro, na macambira, no juazeiro certas propriedades valiosas. Serviam-lhe de alimento. Da macambira extraíam líquido reconstituente para saciar a sede nas lonjuras incursões pelo sertão.

E nós, sem água e sem uma faca para destrinchar cactos ou para sangrar um macambira e do líquido do “mata sede”... “Estamos de trilha errada”, fala-me Bianca, corada pelo sol queimante. Sem boné, já amargava o rigor da aventura. De trilha errada e perdidos, lhe respondi. “Elas foram a Santa Maria e nós para São Lázaro ou nem para onde sabemos?” Confiar em Deus... e pé no chão...

De súbito o pior nos acontece... Bianca falseara o pé e gritou: “Espinhei-me no pé direito”.

Socorria-a de imediato. Lasquinha de graveto cravara-se no pé. Arranquei-a de vez... Expremi-lhe o local ferido até sangrar. Atei no pé o lenço que portava e, sem muito lero-lero, reatamos o caminho. De chinelinhos de dedo, onde se viu! Retroceder nem pensar, o que teria sido uma hipótese, se boa não sei!

Reze mulher! Fé não te falta, como fervorosa evangélica da Nova Vida. Mocós ariscos fogem aos amontoados de galhadas secas, pássaros fugitivos voam baixo, tentando se esconder. Raríssimos sinais de vida nesse período do ano. Não era a melhor época para se conhecer o cerrado. A bruteza da estiagem só acabaria com a vinda das chuvas, quando ressurgiria o cerrado. Reapareceriam a fauna e a flora, o esplendor do verde e das flores.

“Guria, passo atento onde pisas, esse chão agreste está infestado de tarântulas, cobras, escorpiões, venenosos. Se te picarem, o que será de ti? E de mim para te salvar!”

De súbito, vi na encosta do morro adiante mexer-se um vulto. Queira Deus seja uma alma santa em nossa direção, suspirei. Já

o distinguíamos. Vinha pela nossa trilha. Homem na frente, jegue com o cargueiro e um menino em cima.

“Bianca, peço-te, agora, seja, artista. Dramatize a nossa situação. Temos que sensibilizar esse caboclo a nos orientar. E, quem sabe lá, nos ajudar. Não deve ser jagunço.” No encontro, cumprimentei-o de maneira lhana, franca e gentil, como se o conhecesse de algum lugar...

O mesmo fez Bianca. Ensaando uma voz de choro, contou os tropeços de nossa desventura, os desencontros de rota. Reticente, enviou seu olhar a mim e ouviu atentamente o que lhe dizia a carioca, perdida no cerrado... Acreditara no que Bianca lhe dissera. E calmamente respondeu: “Vocês estão de caminho torto. Esta trilha vai para o povinho de Curupaiti, donde venho.”

Para São Lázaro a deixaram para trás, à esquerda. Agora, se vocês caminharem um pouco mais à frente, de um quilômetro a quilômetro e meio, à esquerda, tem uma trilha para São Lázaro. A trilha não é de muito pisoteio. Que tempo levaria para chegar lá, perguntei-lhe. Respondeu-me: “Olha, em menos de hora vocês chegarão à cascata. Lá só tem água, sombra de umas árvores e a cachoeira. Coisa de comer e beber não tem nada.” Bianca dirigiu-se ao menino e lhe pediu se tinha água. Antenor, seu nome, falou para o pai: “A moça quer água, pai.” “Dê-lhe filho.” O menino pegou um cantil desses de milico, do cesto e alcançou-a à moça sedenta. Após golear sofregamente a água, passou-me o cantil. Erguendo-o com a mão, solicitei ao caboclo para saciar-me também. Ele assentiu.

Incontinente, saquei do bolso da bermuda 50 reais e lhe ofereci com pagamento. Não queria recebê-lo. “Só aceito se é de coração”, e foi até o cargueiro, pegou de outro cantil e me alcançou-o, dizendo: “Se é assim, temos aqui coisa de água santa. É boa! Prove-a!” Embiquei goles um atrás do outro... Ôh! cachaça boa! A Bianca na espera, não se fez de rogada... “Me dê um gole também”. Gorgulhou muitos goles goela abaixo.

Conversamos. Domingos Correa seu nome. Estranhava estarmos viajando daquele jeito. Desprevenidos. “Para entrar sertão

adentro precisa levar água, faca, naco de carne seca e cachaça. Cachaça reanima corpo cansado e alivia dor de espinho”, falou o caboclo, voltando os olhos para a Bianca. “Não esquecer de mantas e couro abotinado nos pés.”

Domingos vestia-se pobremente. Calçava couro de boi dobrado feito botina de milico. De calça velha arregaçada meia canela, camisa atada as pontas entre si à barriga. Faca peixeira a cintura, chapéu de aba grande. O menino imitava-o no vestuário, só de chapéu diferente o pequeno de vaqueiro. Uma graça na cabeça do caboclinho.

Despedimo-nos como se fossemos velhos amigos. Advertiu-nos, mais uma vez: – “Fiquem de olho no caminho de volta da cachoeira. Tem duas saídas: a da chegada e a outra de saída única para o regresso.”

Apressamo-nos. “Jesus atendeu teu pedido”, disse à companheira, agora fortalecida com a pinga. Água, cachaça e fé. Sol a pino. De lado da trilha avistei duas varas irregulares, que quebrei dobrando-as com o pé. São leves e nos servirão de apoio na caminhada. Consoante Domingos nos indicara lá em frente, à esquerda, a trilha para São Lázaro. Depois de meia hora de caminhada, divisamos a cachoeira. Esplendorosa, belíssima. Água espriava-se sobre enorme bloco de pedra rolando espumante a mais de cinquenta metros de altura. Cercava-na verdejante fimbria de vegetação. Lastro esbranquiçado cobreava, com o rio seguindo cerrado abaixo. Paralelamente, as duas margens orladas de vegetação verde. Chegamos.

Assustou-nos um casal de seriemas que se abrigava em galhos de árvores secas curvadas sobre leito do ribeirão. Vamos descansar n’água. Desvesti-me, roupa para um lado e corpo para o remanso d’água, de relativa profundidade. Dava para mergulhar!

Remanso circular que se formara com a força da queda d’água da cachoeira. Depois do sol abrasador e peripécias da caminhada aquele banho alentava vigor para o retorno. Indecisa, Bianca, sem traje de banho, parecia esperar uma palavra minha. Pois nem eu trouxera. Decida-te! O tempo é curto. Banhar-se nas cachoeiras era do que tu e a Grace mais falavam até o Brejinho.

Nem terminara de lhe falar, ela se desvestira e se jogara n'água, num mergulho espetacular. Boa nadadora, dizia-se. De braçadas de um canto a outro, de mergulhos livres pairando sobre aquele magnífico lençol d'água, deliciamo-nos por um bom tempo. Duas horas, quando nos demos conta.

É hora de palmilhar a trilha de retorno. Já a identificara. Antes, porém, lancei mão da máquina fotográfica e a acionei para respigar belíssimas imagens daquele monumento da natureza, a cachoeira São Lázaro. Dourada àquela hora da tarde pelo sol, o cenário era de impressionadora beleza e encanto.

Mirei a Bianca, que se demorava sair d'água. “Vista-se e vamos.” Nem roupa tinha de tão escassa, blusinha, minissaia. Chininhos nos pés, e nada mais, aparentemente. O que lhe faltara para tão arriscada trilha fora um boné ou chapéu e um par de tênis. Importava-se ela com isso se estava alegre, feliz e de bom humor? Espinho no pé, percalços da caminhada, nada disso lhe tirara a alegria da aventura. Franqueara-me muita vontade de conhecer o sul. O frio, as geadas e as nevascas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Conversando, reatamos a caminhada, cada um com uma vara de apoio, que arrumaríamos próximo à cachoeira. Do alto do morro, volvia o olhar para a cachoeira e focava novas cenas daquele entardecer de sol espetacular. Emoldurava a cascata, que esparzia finíssima garoa brilhante do entrechoque d'água com as lajes à vista. Garoa entre o brilho dourado do sol, me comprazia fotografando-as.

O sol descambava no horizonte. Entardecia. Já havíamos alcançado a trilha mestra percorrida pela manhã. Subitamente, gritos de efusiva alegria: reencontraram-se as perdidas no cerrado.

Vieram ao nosso encontro. “Onde vocês se esconderam”, indagou a Grace. “Desencontro de rotas,” Bianca confessava. “A culpa foi minha. Esqueci-me do combinado: primeiro para a cachoeira de Santa Maria. E vocês meteram o pé além do marco.” “Perdidos no cerrado quem mesmo ficara, fomos nós,” declarou Bianca.

Retomamos o caminho para o Brejinho. “Transfiram as conversas para depois”, disse-lhes. Que nada! O papo parecia confortá-las na caminhada.

Cruzamos o riacho no lusco-fusco do fim do dia. Retorno tranquilo. Na entrada para Goiânia, a fome nos impeliu a um restaurante. E sem muita escolha, paramos no Peixe na Telha. O prato principal era o do nome da casa – peixe na telha –, assado, saboroso! Do chopp à conversação, tudo refeito. Só a canseira das pernas desapareceria com a noite de sono. Perdidos no cerrado, nunca mais...

## Pitu se come assim...

De Belém, onde estive participando de Congresso de Jornalistas, desembarcara em Ilhéus, cidade baiana de mil histórias e capital do cacau, além da bela praia. Dali, planejava visitar dona Maria, progenitora do médico Arnaldo de Azevedo Alves, pai dos meus netos Pedro Henrique e Ronald, em Potiraguá, cidade próxima. Aproveitaria as festas alusivas a São João, festejos de três dias, equivalentes, e até mais expressivos, aos do carnaval. Se bem me lembro, eram meados de 1982, hospedara-me no Portal Hotel, defronte ao Vesúvio, referência expoente de Ilhéus. Indagaram-me na recepção de restaurante se ouvira falar dos saborosos pitus mergulhados em óleo de dendê. Indicaram-me o situado na ponta norte da cidade, à beira da praia. Era típico e onde, além de pitus, serviam todo tipo de carnes, inclusive as de origem nativa, como tatu, paca, cutia, capivara, lebre, tartaruga, veado e frutos do mar... Também pudera, se existia Ibama, este fazia vista grossa.

É hoje que me aventuro a saborear os tão falados pitus do Rio Pardo. Chegando ao restaurante, entrei e só vi um cliente sentado à mesa, deglutindo alguma das especiarias da casa. Era meio-dia, hora do almoço. Tomei lugar próximo à mesa daquela pessoa desconhecida. Parecia-me tê-la visto em fotografias de jornais e livros. A vaga lembrança levava-me à pessoa de Jorge Amado.

Era ele mesmo, o consagrado romancista baiano, cujos livros correm o mundo traduzidos em muitas línguas. Confirmou-me o garçom, dando-me a carta do cardápio da casa. Nem abri para ver.

Qual o prato do escritor? Pitu ao molho de dendê. Venha este, era o prato que queria provar.

E passei a observar Jorge Amado. Deliciava-se com os pitus cozidos em molho a base de óleo de dendê. Pegava-os com as mãos, descascava-os com os dedos e saboreava-os... Lambuzava-se todo naquele estranho afã de degustar aquela apetitosa iguaria baiana.

Volvendo o olhar para mim, pois o mirava, sem meias palavras, me disse: “Pitu se come assim...” Pegava-o do prato, tirava a cabeça e a casquinha que o envolve e com as mãos o saboreava. Não vi se ele chupava a cabeça, prática que a maioria fazia para deglutir melhor o sabor do camarão e, agora, do pitu.

Pitu tem jeito de me agradar. E veio o cobiçado prato de pitus, espreado aquele aroma típico, mesclado dos temperos de pimenta de cheiro ou de bode, coentro, cominho, leite de coco e do próprio dendê.... que gostosura inebriante de Ilhéus! “Me encoste um chopp para aprazear o momento”, pedi ao garçom.

Jorge Amado, pensei, vai rir da maneira como eu irei lidar com os pitus mergulhados no dendê. Entrementes, perguntou-me donde viera... “tem sotaque diferente...” Disse-lhe que viera de Ibirubá, Passo Fundo. A gente de lá o admira muito. Sinto-me honrado e feliz em poder falar com o querido escritor.

Retrucou-me, Passo Fundo é terra do Teixeira, cantor dos gaúchos... “Sabes duma coisa, pitu é gostoso, tu vai gostar. Não é só churrasco que é bom. Prepara-se de muitas formas. O escalfado é gostoso, além deste no molho de dendê.”

Atrevi-me a lhe dizer: “se pitu é tão delicioso como a leitura de seus livros, vou comer pitu a vida toda.” “Se não acabarem com eles,” me respondeu. “E a poluição das águas? O Rio Pardo, ninguém cuida dele. Nossos governos, pouco ou nada fazem para preservar o meio ambiente.” Enquanto o ilustre romancista me descrevia temas da atualidade, além dos pitus e caranguejos, me virava com aquele prato inédito para mim. Devorava-os com vagar, procurando imitar o procedimento de Jorge Amado, que me ensinara: “Pitu se come com as mãos. Lambuze-se que é mais gostoso”, me dissera.

Sem as habilidades da gente de Ilhéus, terra palco de muitos motivos dos livros de Jorge Amado, ia remando os pitus goela abaixo com apoio do chopp. Tarefa nada plausível para mim, novato na arte de saborear pitu com casca, ao natural, mergulhados no dendê.

Com aquela breve conversa, ocasional e efusiva, Jorge Amado me fez gostar ainda mais dos apetitosos moluscos da água doce, os pitus de Ilhéus, que maravilha! Acima de tudo, além dos pitus, lendo seus envoltentes romances, noites adentro, admirava-o como grande escritor. Desde que me conhecera com a leitura, Jorge Amado passara a fazer parte de minha vida. Entrara na política depois da queda de Getúlio Vargas e com a volta da democracia elegera-se deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro. Defensor das ideias comunistas integrara a Câmara dos Deputados por alguns anos. Desgostoso, mais tarde, da política e da falta de liberdade em países comunistas, como a Rússia, abandonou o PCB e ateu-se à literatura. Ele e Zélia Gatay, sua mulher, também escritora, ambos falecidos. Foi agraciado com inúmeros títulos e prêmios em vários países além do Brasil, o maior romancista de todos os tempos.

## Pius Nussbaumer, suíço e caixeiro-viajante, na história de Ibirubá

Foram tantas e são tantas as pessoas com as quais convivi ao fincar o pé nesta cidade que citá-las todas me é impossível. Guardo-as na memória e reverencio-as imorredouramente. Aqui realço a de Pius Nussbaumer, caixeiro-viajante, progenitor de Carlos Roberto, Frederico e Adolfo Henrique. Foi casado com Sibylla Sehn, natural de Lajeado.

Pius Nussbaumer imigrou da Suíça para o Brasil, passando a residir em Santa Cruz na década de 1920. Fugira do caos europeu do pós-guerra. Abraçara a profissão de caixeiro-viajante. De carroça percorria o noroeste do estado. Foi em Carazinho que casou com Sibylla. Depois transferiu-se para a então vila de Selbach, para mais tarde radicar-se definitivamente em Ibirubá.

Sibylla Sehn Nussbaumer era costureira, dava cursos e granjeava muita estima no seio da comunidade, cidade e interior. Homenagearam-na dando seu nome ao Clube de Mães de Pinheirinho. Tinha 45 anos quando faleceu, deixando Pius, marido e três filhos: Frederico, Carlos Roberto e Adolfo Henrique.

Frederico W. J. Nussbaumer formou-se médico. Na UFSM, doutor laureado em pediatria e chefe de cadeira de Puericultura da mesma universidade federal. Casado com Alda Marchiori, professora, teve duas filhas e um casal de netos. Faleceu em Santa Maria aos 66 anos, em 2001.

Carlos Roberto Nussbaumer escreveu uma notável folha de serviços a Ibirubá. “Colosso”, assim todos o conheciam, tinha personalidade persistente e desprendimento nas ações de cunho social comunitário.

Testemunhei a diligência de Colosso antes e depois de vir morar em Ibirubá. Deu-me intenso apoio nos períodos em que instalei a rádio-emissora e exerci o mandato de prefeito do município. No esporte, na sociedade, no meio estudantil e, destacadamente, à frente da Metalúrgica Ibirubá, juntamente com seus sócios: Afonso Trein, Arlindo Weber e Erich Bamensberger, este técnico da indústria, além de sócio.

Foi cônsul do Internacional de Porto Alegre. Alteou-se nas direções do Grêmio Esportivo Ibirubá e da União dos Estudantes (UIES). Promoveu a construção da Casa dos Estudantes, hoje Biblioteca Pública.

Cooperou com a Coprel na mobilização pelo seu desenvolvimento. Ele e seus sócios da Metalúrgica Ibirubá foram percussores do plantio direto, com a fabricação de sistema mecânico adaptado a tratores, pioneiro no estado. Nos movimentos sociais e culturais, a jovem estudante Crista Sommer compartia-lhe intensa ação, aliada à dos estudantes.

Carlos Roberto Nussbaumer, “Colosso”, era casado com Vera Casagrande, professora com quem teve um casal de filhos. Faleceu em julho de 1998.

Adolfo Henrique Nussbaumer formou-se em odontologia na UFPEL de Pelotas. Atua desde 1965 em Ibirubá. Auxilia-o a esposa Edeltraud, tem duas filhas e um casal de netos. Por duas gestões presidiu a Aborgs Alto Jacuí. É membro ativo da sociedade local.

E com esses traços descritivos coloco em relevo um pouco da história de Pius Nussbaumer, o caixeiro-viajante, e de seus filhos e netos. Depois de enviudar, Pius casou-se com Natália Irschlinger. De espírito extrovertido, gostava de uma boa prosa entre uma e outra baforada de cachimbo. Foi assim que o conheci e memorizei sua imagem na história de Ibirubá. Desapareceu em 1965.

**P**odem me chamar de grosso,  
mas não me neguem o  
direito de ser trabalhador”

De fato, na história política de Ibirubá, Jose Andrade de Moura, Zé Moura, na voz do povo, tem lugar distinto e honorável. Afeito ao meio campesino, granjeara méritos por atuações dedicadas ao homem do interior, à terra, à produção agrícola.

A política lhe veio com a emancipação de Ibirubá. Sem se fanatizar, filiou-se ao PSD – partido de Centro e Social Democrático. “A política entrou em meu corpo por uma necessidade do homem da roça, do campo, ter alguém que o defenda.” Candidatou-se a vereador, elegeu-se, em cujos mandatos desenvolveu relevante folha de serviços públicos. Marcaram-na incontáveis ações de iniciativa própria.

Credenciaram-lhe méritos para disputar o cargo de prefeito. Entendeu-o o povo eleitor, não as cúpulas partidárias. Consideravam-no homem participativo, honesto, sério. Despreparado para o cargo, de pouca cultura, expressava-se arranhando a gramática, fraco nas letras, de oratória povoeira. Zé Moura contestava essa sua condição. Se lhe dessem chance política, tinha certeza de que se elegeria prefeito, meteria os peitos e Ibirubá saltaria para frente.

Por ter jeitão povoeiro, meio ingênuo e agauchado, acreditava se superar com auxiliares de boa índole e capazes para assessorá-lo. Folclórico no jeito de ser, grosso no se expressar, colocavam-no na planície dos sem-estampa para ser prefeito. “Ora bolas”, Zé Moura, retrucava, “como que se para dirigir uma prefeitura fosse necessário apresentar-se orador e intelectual. “Podem me chamar de grosso, mas não me neguem o direito de ser trabalhador”, desafiava os que o contradiziam na política. Comprova-o sua atuação, pois em momento algum escondia-se atrás da coxilha quando chamado a soluções de qualquer ordem.

Subitamente, alteava-se aos mutirões para solucionar questões de interesse coletivo. Comprazia-se em promover ações comunitárias. Em circunstâncias outras, quando não atendidas suas proposições e pedidos, tomava a si o encargo de realizar o serviço ou a obra pretendida. Assomava ao local, por exemplo, convocava os moradores ou agricultores e em mutirão construía ou reconstruía pontes sobre ribeirões do interior. Encurtavam caminhos. Nessas ocasiões, Zé Moura lançava mão de seu trator e carretão de reboque, adquiria pranchões ou tubos de concreto, transportava-os aos locais das obras. De sorte que os moradores, unidos ao bravo vereador, metiam mão à obra. Realizada, naturalmente, repercutia pelo município.

“Este sim é vereador de verdade, não promete, faz. Não se exime dos problemas. Ataca-os de pronto, sem esperar pelo Executivo municipal,” que não raro, negava-lhe ajuda.

Comprazia-se com esses atos e entreatos de homem do povo, amigo e solidário. “Eles votaram em mim, me cumpre retribuí-los com o meu trabalho.”

Certa vez, consta nos arquivos da imprensa local, o Legislativo, por maioria, elevou a remuneração dos vereadores! Indignado com voto vencido – “a que os vereadores recebiam já lhes era suficiente, por que elevá-las além da conta?” devolveu-a à municipalidade ou destinou-a a entidades beneficentes.

“Ora bolas!”, não se cansava de afirmar corajosamente, “servidor público é pago pelo povo. Povo paga imposto, quer serviços e obras e não discurso ou conversa bonita.”

De comportamento extremamente sério, altivo e digno, honrou a política ibirubense. No entanto, a política partidária não lhe deu oportunidade para disputar o cargo de prefeito. Folclórico até certo ponto, atuou em muitas frentes. Foi conselheiro da Coprel, sempre pronto para o que desse e viesse. “Podem me chamar de grosso, mas não me neguem o direito de ser trabalhador”. Sem mágoa, sou amigo de todos. Orgulho-me de Ibirubá. A ti, Olavo meu profundo respeito. E mesmo que não queira que o diga, eu digo: Ibirubá é mais por que teve, e tem, um homem com a tua grandeza”.

Eu não concordava, naturalmente, com o que o Zé Moura me realçava. Fiz o que me competia fazer, mas sempre conjuntamente com a cooperação de todos. Entendia que de mãos dadas se vai longe. E se fui, fui com o povo que me elegera e com quem me compromissara. Liderar é saber ouvir para aprimorar quaisquer empreendimentos.

Zé Moura tem razão. Quando o povo é sério e bem intencionado, convoca alguém para trabalhar para o bem comum, todos devem pegar junto! E desinteressadamente!

E com trabalho sério, todos têm força, através do voto livre, para fazer brilhar nova política no país, no estado e nos municípios, do que nasce a necessidade da união. Assim se apaga a tiros de votos nas urnas a corrupção.

## P “Preto, o salame tá fora...”

Difundia-se a campanha eleitoral de 1963 para a sucessão do prefeito Edmundo Roewer, de Ibirubá. Havia dois candidatos, o de Afonso Trein, e eu que fora apresentado pelo Movimento Popular Municipalista, uma coligação feita por diversos líderes dissidentes de quase todos os partidos, inclusive do PSD e PTB.

Afonso Trein, líder da UDN, contava com o apoio da maioria dos partidos. Uma cooperativa, no dizer do povo. A mim, contrafeito, me impuseram a candidatura. Não a queria. E razões existiam para isso, uma delas circunstanciava-se no próprio Afonso, cidadão respeitável e amigo.

Exercia ele o cargo de tesoureiro da Associação Rural, da qual eu era presidente. Receava com tal situação eventuais atritos de campanha. Graças a Deus nada de desabonatório aconteceu. Com a família Trein, altamente conceituada, a partir de seu vulto maior, Francisco Emílio Trein, a amizade foi preservada. Francisco Emílio Trein, na época, presidia o PSD, não pertencia à corrente política de seu filho Afonso. Para mim, isso pouco importava. Era amigo de toda a família.

Aqui a história do salame fora do bolso.

Ênio Birkhan, Preto seu apelido, era dissidente do Partido Libertador (PL), a que se filiara. Liderava-o Edgar Otto Fleck, o primeiro prefeito de Ibirubá. Preto se desentendera com Fleck e bandeara-se para a minha candidatura. Levava-me a visitar pelo interior, em especial, os eleitores de sua agremiação, os maragatos do lenço vermelho, o Libertador.

“Hoje”, disse-me certo dia, “vamos visitar os companheiros e libertadores de São Paulo Pontão. E tarde desse dia bateremos às portas da casa de Abramo Rebelatto”. Ele estava na roça, ninguém em casa. Preto ensaiou uns gritos, um mais forte que outro, chamando-o para o encontro. “Deixa o cabo da enxada, vamos conversar, Abramo!”

E nessa espera, anteciparam-se ao que mais desejava pão, vinho e salame. Entrou no grande porão da casa. Entramos juntos. À disposição em cima da mesa um copo, pegou-o e na pipa encheu-o de vinho. Entre copos de vinho, pão e salame ficamos no aguardo do Abramo Rebelatto, italiano de fina cepa, orgulhoso de suas tradições.

Rico porão. Fileiras de varas de salame e copas à mostra. Queijos e pães coloniais, tudo isso a par do bom vinho, realçavam a família Rebelatto. A gula induziu-nos, além do vinho, a saborear o salame. Preto, no entanto, não se deu por satisfeito: lançou mão de duas peças de salame e escondeu-as nos bolsos da calça e do casaco.

Com o barulho das pessoas que chegavam, fomos receber a quem nos devia receber, o Abramo Rebelatto. Cumprimentos a largo, prazerosos abraços selaram aquele momento de estreita amiza-

de. Expusemos os motivos da visita e estabelecemos belo bate-papo, sob os efeitos do capitoso vinho.

Olho para Preto, que se movimentava, irrequieto como era, e vejo a ponta do salame fora do bolso do casaco. “Preto”, sussurrei, em seu ouvido, “o salame tá fora”. Pouco adiantou adverti-lo. Abra-mo, atento aos saracoteios do amigo, já vira o salame e lhe disse “Não precisa levar salame no bolso. Deixa que vou ajeitar uma vasilha para vocês botarem o salame e o que mais vocês quiserem levar. Isso aqui tudo é nosso e, se é nosso, é de vocês também.” Virou numa risada só, apesar do constrangimento do meu cabo eleitoral, o Preto. Extrapolara a gula, pois tentara carregar peças de salame nos bolsos da roupa.

A brincadeira, porém, nos rendeu mais do que duas peças de salame: rendeu-nos apoio político, que era o que mais importava. E nos brindou, finalmente, com as deliciosas farturas do seu porão: salame, copa, queijo, pão caseiro e vinho.

Que bons tempos aqueles da colônia, rica e tradicional, orgânica e sem transgênicos!

## Quando os postes se alinharam...

Quando os postes da rede se alinharam a granjas, matei um chibo... Quando a luz foi ligada, então, matei um novilho, tanto era a alegria do pessoal para festejar.

Hilário Adiers é desses cooperantes que se confundem com a história da Coprel. Relata ele com emoção:

A primeira Assembleia para fundação da Coprel, convocada pelo prefeito Olavo Stefanello, aconteceu na antiga sede do Clube Divertido, já demolida, na vila Hermany. Dentre os fundadores, eu sou um deles. Como naquela época era comum nas assembleias priorizar as pessoas de mais idade, eu cedi, por ser o mais novo cooperante, o meu lugar. Fiquei inscrito com o número 51,

de que muito me orgulho. Dela fui dez vezes conselheiro, sempre participando com entusiasmo de todos os seus eventos. Ser sócio-fundador da Coprel, o mais novo, honra-me sobremodo, afirma Hilário Adiers.

Ajudei a plantar os pinheiros nativos e a grama da sede da Coprel. Era eu, o José do Saco e outros coprelianos.

Hilário, casado com Dorilde Camargo Adiers, morou 15 anos no Passo Bonito, de 1955 a 1970, em moradia próxima à dos seus sogros, João Camargo e Maria Lângaro Camargo. Beneficiaram-se com a luz da primeira linha elétrica que interligou a cidade às moradias de linhas Edmundo Roewer, Várzea, Passo Bonito, Esquina Moser até Portão. Lembra que o primeiro ato foi trocar a geladeira a querosene pela alimentada por energia elétrica. “Quando os coprelianos estavam ficando os postes, e se achegando à granja,” diz Hilário, “não me contive de alegria. Recolhi o rebanho de ovelhas, peguei um chibo gordo e fiz um churrasco. E quando a energia iluminou tudo, matei um novilho, e dá-lhe festa para comemorar a luz...”

E com a energia rolou a cerveja gelada...

Oigalê tempo bueno de lembrança.

De mãos dadas o povo faz muita coisa.

## Quanta alegria quando chegou a luz a Vila Seca!

Desse modo expansivo se expressou a senhora Martha Adam Saueressig, 91 anos, no dia 17 de março de 2011, na visita que lhe fiz. Martha lembra com detalhes todos os lances para a conquista da eletrificação rural. “O Arthur, meu marido, foi conselheiro da Coprel. Ele movimentava os colonos a participarem da cooperativa, e lhe dizia, ‘só com união teremos luz’.”

As concessionárias do governo relegavam estender a energia ao interior. Classificavam-na como deficitária, grandes investimentos sem retorno lucrativo. Por outro lado, o sistema cooperativo não ins-

pirava confiança entre os agricultores.” Se o de produção vai mal, que dirá amanhã o de eletrificação”, diziam. “Coisa nova, será que vai dar certo?”

Eu ajudava o Arthur a convencer o pessoal. Existiam tantas dúvidas na colônia!

De cuia de chimarrão na mão, dona Martha, me fez revelações das quais muitas eu desconhecia. “Olha, destacava, quando você foi prefeito, tudo dando certo, não podemos duvidar da cooperativa, seja ela do tipo que for. Temos que confiar no prefeito. A gente o conhece. A Coprel vai pra frente e a colônia terá a eletrificação. Do lado dele está a liderança de Ibirubá, o prefeito tem o apoio de todos e agora, tocando a Coprel, não tem por que não dar certo.”

Fiquei extremamente gratificado com palavras tão generosas.

Visitara-a para homenagear seu marido, Arthur Saueressig, que, se hoje estivesse vivo, teria 98 anos de idade. Grandes ibirubenses, Arthur, Martha e família merecem uma justa homenagem de reconhecimento.

Profusamente, méritos de gratidão a todos os que emprestaram apoio à Coprel em seus primeiros passos. Martha me lembra da festa quando chegou a luz à Vila Seca. Boa de prosa e de saúde, dizia:

Defronte à nossa casa de comércio e na de Canísio Klein (o barbudinho), na esquina, mandaste erguer um alto andaime com plataforma. Por ele subiram as autoridades para, cada uma delas com capacete na cabeça e varas em punho, ligarem as chaves de luz no alto dos postes. O povo vibrou de alegria, bateram palmas, estrondearam foguetes... e até vivas deram à Coprel.

Que manhã linda aquela! Vila Seca ganhava a luz elétrica. A inauguração foi procedida pelo governador Walter Perachi Barcelos, prefeito Frederico Durr e pelo presidente do Incra. Naquele memorável dia de Vila Seca, as autoridades seguiram à cidade para inaugurar o silo da Cesa, outra conquista do município. Neste ato fazia-se presente também o ministro Luis Fernando Cirne Lima, da Agricultura, que chegara de avião de Brasília. Recepcionado no Ae-

roporto Municipal, Cirne Lima, juntou-se às demais autoridades no silo. Na solenidade inaugural discursaram o governador do estado e o ministro da Agricultura. Ambos teceram elogios à brava gente ibirubense e à dos municípios vizinhos, cujos prefeitos também prestigiaram aquele evento. Estenderam incentivo à coletividade que se unia para obter mais benefícios, como o da energia no meio rural.

“Admiramos os exemplos que saem daqui”, proclamou Cirne Lima, falando em nome do “governo federal. À Coprel, por seus feitos iniciais, manifestara incentivo, apoio e desejava futuro brilhante. “Daqui brotará a semente do cooperativismo de energia ao meio rural. E o Brasil precisa disso, união e trabalho”, confirmou o ministro Cirne Lima.

Orgulho-me de reviver esses momentos da história da Coprel, graças à lembrança de Martha Adam Saueressig na entrevista que me concedeu. É memória viva que não se apaga.

## Q “Que a ti e a todos iguais a ti nunca falte a branquinha que espairose as ideias”<sup>1</sup>

A historinha vem lá do passado distante, do tempo de José e Maria, pais do menino Jesus. Olha, faz tempo. Eles fugiam da Palestina para o Egito, por caminhos pedrentos e cheios de espinhos ou por areial seco, batido pelo sol ardente. Um jegue portava Maria e o menino, José puxava-o pelas rédeas. Em certa altura da estradinha se defrontaram com um ribeirão de águas escachoantes e revoltas. O jegue esbarrou perto do vau e não quis entrar n’água. Empacou. José viu que o burrinho sentira que aquele local da passagem seria fundo, não daria pé, e para passar só a nado. Perigo à vista, e recuou. Desceu com Maria e Jesus da montanha para descansar. Sentou-se em cima de uma pedra no aguardo de alguém que a pudesse ajudar

---

<sup>1</sup> Contou-me-a Roberto Zaniolo, correspondente de Amisssimondoveneto, Veneza, Itália

na travessia. Passaram horas e nada. Eis que surge um grupo de viajantes, que, porém, se negaram a lhes prestar auxílio. Meteram seus animais na água e se mandaram para o outro lado.

A noite mostrava a sua cara, o sol se sumia, quando outro magote, caravana, parou e montou bivaque perto do vão da passagem. Ali, acampados, passariam a noite. Puseram os camelos a pastar nas proximidades. Nesse ínterim, um pobre homem sai do acampamento sob o efeito do álcool. Canta e cambaleia na direção ao rio. Com os pés n'água, molha a cabeça várias vezes. Depois pega o pote de cachaça e empina sucessivos goles de branquinha. Virando-se, ao sair avista aquela pobre gente à espera de alguém para lhes facilitar a travessia.

“Do que vocês precisam”, pergunta José. Prontamente o estranho pinguço bêbado aproximou-se deles e ofereceu-lhe ajuda. “Eu passo vocês todos para o lado de lá com segurança”.

Parecia estar acontecendo um milagre. O pinguço num upa os transportou sem molhar a roupa de ninguém. Passou o jegue também, que ornejou, certamente de alegria. Feitos os agradecimentos despediram-se do pinguço. Este goleou mais uma pinga e se apressou a voltar à caravana, que o esperava para a janta. “Não vá, espera um instantinho”, falou Maria, a nossa Senhora, “quero dar-te uma bênção muito especial, ouça-me: que a ti e a todos os outros iguais a ti nunca falte a bendita branquinha, água santa que te faz feliz, espairose tuas ideias e alegra o coração”.

Ficaram, assim, abençoados os cachaceiros, graças ao bravo ato do pinguço que ajudou José, Maria e o menino a fazer a travessia do Ribeirão lá nos confins da Palestina na fuga para o Egito.

De sorte que Nossa Senhora, com a bênção aos pinguços, garantiu-lhes pinga, tenham ou não dinheiro no bolso, porque sempre existirá uma alma generosa para lhes dar um gole que os faça felizes.

## Que aventura para levar a luz à colônia de David Canabarro

Dia, nem sei. A primeira reunião com as famílias de David Canabarro realizou-se em meados de 1974, 1975. Programara-a com o prefeito Seganfredo, após a missa dominical. Madrugamos, eu e dois auxiliares, para chegar no horário previsto. O padre oficiante da missa, ao encerrar aquele ato de fé, solicitou aos fiéis que me ouvissem, pois o presidente da Coprel, cooperativa de energia. Daria esclarecimentos referentes ao ingresso na cooperativa para obterem a luz elétrica a suas casas. De começo, como procedia em todas as reuniões, detalhava as razões da presença da Coprel no município.

Incorporara a coirmã, cooperativa de eletrificação de Passo Fundo, e assumira o compromisso de eletrificar aquela região. Desfiz boatos tendenciosos e outros nada condizentes com o sistema cooperativo. Expus o que a Coprel já havia realizado no campo da eletrificação rural. Tratava-se de cooperativa séria, que dispunha de financiamentos a juros baixos e para amortizá-los a longo prazo. Consoante combinara com o prefeito, que nos apoiava, iríamos deflagrar reuniões de imediato em todo o território de David Canabarro.

Ato sequente após ingresso dos agricultores, os técnicos da cooperativa faziam os levantamentos exigidos pelo BID e seriam elaborados os respectivos projetos, base para a concessão dos financiamentos, com até 15 anos para amortizá-los. Da exitosa reunião à porta da igreja, estabelecemos o roteiro para a mobilização. Tudo explicitado, os agricultores prometeram cooperar. A de Capingui foi uma das primeiras reuniões de mobilização dos agricultores.

David Canabarro não fazia muito que se emancipara e esperava a energia da CEEE. A existente nem dava para iluminar toda a cidade. E da CEEE, a Coprel também aguardava a energia para as redes que adentrariam ao interior. No entanto, ninguém poderia imaginar o tamanho desta empreitada da Coprel ao abraçar mais uma grande

área rural, além da compreendida pelos municípios do Alto Jacuí e do Planalto Médio. Deflagara uma luta imensa, indescritível.

Consistia em lançar equipes e turmas de trabalhadores para mais de vinte municípios de uma só vez, simultaneamente, ora para projetar, através dos levantamentos topográficos e socioeconômicos, ora para erguer as redes elétricas e montar os transformadores nos postes. Poderia dispensar esses detalhamentos, mas faço-o convicto da necessidade de registrá-los à clarividência da enorme dimensão e do programa de que se investira a Coprel. Pioneirismo para ser demonstrado a outras regiões do país. E o demonstrou exitosamente.

Em David Canabarro, como exemplo, mobilizamos as comunidades do interior por etapas. Era sair de uma reunião e ir para outras. Num sábado à tardinha, a última reunião daquele dia ocorreu em vila Salete. No salão da comunidade, homens e mulheres da colônia nos aguardavam. Uns jogavam carta, outros bocha, e havia os que conversavam sobre questões dos afazeres da semana.

Um grupo de mulheres divertia-se com o jogo do cinquilho de cinco paus ao ar livre, um tipo de bolãozinho. Uma bola de madeira presa em cordel e unido à travessa de vara também de madeira era jogada com habilidade, derrubavam-se os paus e contavam-se pontos. Convidaram-me para jogar, isso tudo logo que chegamos para a reunião. Ensaiei alguns lances do tal cinquilho de cinco paus. Sei que me brindaram com boas risadas.

Depois de breve exposição do motivo daquele encontro, entre perguntas e respostas, fizemos as inscrições dos agricultores que aderiram ao programa da Coprel. Era a última reunião, ofereceram-nos bom vinho colonial.

A tarde recebia os derradeiros raios de sol. Tempo calmo e quente. O dia fora proveitoso. Preparávamo-nos para nos despedir de Salete, quando fomos surpreendidos pelo convite: havia janta. A mesa já estava posta. As mulheres, certamente as do bolãozinho: “Agora vocês vão provar o nosso pão assado em forno de lenha. É de farinha semolina do moinho de Nova Prata. A pressa de vocês termina aqui, “me disseram. Então, assisti a elas tirando o pão caseiro. Pão e cuca

enchendo o ambiente com o bom aroma que vinha do forno. Um dos companheiros advertiu-me: o céu estava carregado de nuvens naquele findar do dia. Se chover, será que não vamos ficar no caminho?

Aquele aroma de pão assado, salame, copa, na mesa, vinho no copo, mais a fome, prendeu-nos ao convite da boa gente de Salete. À mesa serviram uma fumegante sopa de capeletti. O jeito foi tomar lugar e comer. Da sopa à carne de galinha assada, pão, vinho e “carne lessa”, tudo meio de surpresa. Àquela altura, se chovesse, o desafio da estrada estava lançado. Aquele jantar pagaria qualquer sacrifício. Valera para muitos.

Prenúncio de chuva veio com o estrondear de coriscos no céu. Ameaçava chuva e temporal, e nós ali, entretidos em boa conversa, alentada pelo vinho, que abstrata nossas ideias... O barulho do tempo nos acordou. “Temos de pegar a estrada, contrapondo a vontade da boa gente de Salete.

“Deixa chover, a espiga de milho ficará mais viçosa. Temos pouco para vocês...”, nos disseram na tentativa de nos reter a compartilhar o vinho e a cantoria. Prometi-lhes para o dia da inauguração da luz. Ficaria a noite toda, e tudo por minha conta. Conformaram-se. Despedimo-nos.

Escurecera. De caminhonete pick-up Ford e sob grossos pingos da chuva rodamos rumo a David Canabarro, que se preparava para ser cidade e cujo desejo de progredir era muito grande. Em alguns trechos, o barro freava a marcha do carro, mas não o parava. Na travessia de pontilhão com pranchas soltas e velhas fomos surpreendidos. Cedera e uma das rodas traseiras do carro ficara presa, esguelhado e pendido. Agora sim é que a mula urra de cola erguida, tchê! Era o que nos faltava nesse dia de intensa atividade. Engrossara a chuva, transformando-se em toró! Sem esperança de ajuda imediata e naquela escuridão, buzinaamos freneticamente. E gritamos por socorro.

Subitamente, quase por milagre, emergiu uma luzinha de lanterna, alguém vinha em nossa direção. Vinha de moradia próxima agricultor que dali ouvira buzina e gritos. Entendera o pedido de socorro. E com engenho viu tudo e nos orientou a agir num mutirão

de muque braçal, e com bimbarras de paus a caminhonete alinhou-se e saiu daquela enrascada. Quis gratificá-lo pela ajuda, porém ele nada quis. “Vocês são o pessoal da luz, me sinto feliz em lhes poder ajudar.” Molhados, totalmente molhados, agradecemos aquele ajutório. E que ajutório!

Reatamos o caminho até a cidade sem incidentes. No hotelzinho, único da nova cidade, procuramos pouso. Por sorte havia camas para nós três, um banheiro para todos os fins, vaso raso, tipo coração, sem acento. Disseram-me que só na casa do prefeito tinha banheiro com vaso de acento. Razoável e sem água quente pra banho.

Todavia, David Canabarro alteava-se com o esforço do prefeito Seganfredo para eletrificar a cidade e o interior. Teve nome incrustado brilhantemente na história do novel município. Não estranhamos o desconforto da água fria, como a da chuva lá fora. Habituarame com isso. Fora colono e banho só nas águas de rio.

Envoltos nos lençóis e cobertores sobre colchão de palha de milho, dormimos felizes. No dia seguinte, domingo, depois do café, recomearíamos as reuniões noutras comunidades. Isso, via de regra, acontecia todos os fins de semana, sábado e domingo à noite.

Laborávamos num grande território campesino, e todos seus habitantes clamavam pela energia em suas vivendas. Bendita Coprel, diziam, ela vai trazer uma vida tão boa como a da cidade, senão melhor.

Compensou-nos o café matinal, farto e assemelhado ao de vila Salete. O proprietário da modesta hospedaria, bem colonial, diria, sentira-se imensamente grato, desculpava-se e nos manifestava agradecimentos.

Nesse domingo levamos a efeito mais duas reuniões. Convencíamos os habitantes da colônia a se incorporar à Coprel. Braços fortes eles, braços fortes nós, unidos todos por um ideal único de que povo que se une é povo que vence e vive feliz.

## Quem instituiu as corridas de cavalos em canchas retas?

Dera-me vontade de perguntar ao amigo Agostinho Terra quando lá estive, em visita à sua esplêndida fazenda Santa Ana, no interior de Tupanciretã. Por qual razão pensara em fazer-lhe essa pergunta?

Agostinho Terra, juntamente com seu filho Gustavo, veterinário, desenvolvem uma grande criação de pôneis e cavalos de montaria, trabalho e corrida. Raças de alta linhagem são criadas e difundidas país afora. De pôneis tem uma tropa superior a trezentos animais. Outras espécies de cavalos constituem o plantel.

Acompanharam-me nessa visita Daniela Stefanello e Mustafá Beituni, empresários local, interessados em conhecer o avançado criatório de cavalos da Fazenda Santa Ana.

Tantos assuntos me prenderam às conversações que me esqueci de lhes fazer essa pergunta. Nem seria ela lá tão importante. Conversamos abertamente sobre o desempenho da Coprel naquela região, a importância da consorciação da agricultura e pecuária, duas áreas de intenso desenvolvimento da família Terra.

Encantados com a recepção, almoço e passeios pela fazenda, convenceram-me a brindar as netas com pôneis do criatório de cavalos do estabelecimento rural. Perguntei-me, no regresso, se não fora o efeito do uísque de 21 anos que o Agostinho me oferecera o causante do negócio dos pôneis.

À noite daquele dia lancei mão do livro *Gaúchos e beduínos*, do escritor Manoelito de Ornellas. Já o lera, mas há muito tempo. Vagava-me uma leve lembrança de que fora nele que era alguma coisa sobre a relevância do cavalo. Deparei-me com “O gaúcho no pampa”, longo trecho, bonito e curioso.

O livro, em si, é uma joia de cultura. Na página 236, leio a resposta à pergunta de quem instituíra ou inventara as corridas de cavalos em canchas retas. Maravilhei-me com o que li... Em todas as tradições maometanas o cavalo tem as mesmas honras que se

dispensam aos príncipes. Tem sangue azul. E o picaço, sobre todos os de variadas pelagens, é o destinado à sorte, à felicidade do dono, no elogio caloroso de Abou-Katab.

Refere que Maomé instituiu as corridas de cavalos em canchas retas no mesmo estilo das corridas do pampa e autorizou as apostas, estabelecendo os prêmios. Omar Bem Katab, companheiro do Profeta, escreveu: “Amai os cavalos, cuidai deles porque eles merecem a vossa ternura. Tratai-os como se fossem vossos filhos, alimentai-os como membros de vossa família e agasalhei-os cuidadosamente.”

Alguém disse que, nos momentos trágicos, o espanhol toma uma expressão equina. Sua fisionomia se nos apresenta mais semelhante à do cavalo que a do touro quando peleia. Prossegue Manoelito de Ornellas que nos painéis dos grandes pintores de medula espanhola, como Velásquez e Picasso, poderemos observar essa equivalência natural tão espanhola, do cavalo e do homem, e tão fundamente marcada pelas remiscências mouras.

O cavalo espanhol – como seu sucessor no pampa – não foge: torea com a voz interpondo o vulto, o corpo e o pensamento. Qual o gaúcho autêntico que desconhece a bravura e a intrepidez dos nossos cavalos?

Quando vibram os clarins nas coxilhas?

Em minhas andanças pela Espanha optei por conhecer a região da maragataria. Os maragatos, povo bérbere, talvez o mais antigo do mundo que considera origens e costumes. Localiza-se na província de Leon, e Astorga é considerada a capital da Maragataria. Preservam identidade; subsistem de pequenos labores e artesanato, e os “arrieiros”, como os nossos briqueiros de cavalos, adoram as montarias, têm paixão por cavalos.

Vivem em quarenta pequenas cidades e aldeias. Em Astorga contatei maragatos de boa cultura e ouvi deles elogiosas referências aos cavalos. Recomendo aos evoluídos criadores de cavalos da Fazenda Santa Ana, antes que o sol se ponha, que visitem Astorga e a maragataria.

A propósito, Manoelito de Ornellas tece considerações sobre os maragatos. Manoelito nasceu em Itaqui. Por alguns anos viveu em

Tupanciretã. Tinha farmácia. Era contemporâneo do cruzaltense Erico Verissimo; visitavam-se para conversar, não sobre remédios, mas, sim, sobre literatura, livros e autores. Ambos tinham farmácia, quebraram, e cedo se mandaram para Porto Alegre, dando continuidade à vida literária. Acertaram o passo. Dois grandes escritores.

Para abordar e discutir com profundidade esses dois ilustres escritores, particularizando *Os gaúchos e beduínos*, propomo-nos a novo reencontro na acolhedora Fazenda Santa Ana.

Gustavo Terra dará nobreza ao uísque de 21 anos da Escócia para brindar à saúde dos pôneis e dos cavalos sob as bênçãos de Maomé, e à nossa, Jesus, pois somos filhos de Deus.

## Q Queria construir uma miniusina. E construiu-a

Boas ideias não lhe faltavam. Pobre, de abc incompleto, Felipe Garcia subsistia de pequenos serviços caseiros, quando se lhe ofereciam. Vivia com sua mãe, Dozolina Silveira de Garcia, à beira de pequeno arroio, em meio a um capoeiral, a 500 metros de Sede Aurora.

Sentia-se um tanto excluído, pela estatura e escurinho. Tinha 17 anos quando o conheci. Amparava-se em mim, dava-lhe o que podia sem retribuição alguma. “Eu quero trabalhar”, me falava.

A mãe amealhava uns trocadinhos lavando roupa pelas casas, insuficiente para viver mais ou menos. Mas Felipe tinha certas habilidades. Eu as descobri, conversando com ele. Entalhava madeira e aprendera a fabricar carrinhos de brinquedos, tratores e pássaros, objetos rústicos, com os quais conseguia obter alguma renda. Interesse restrito, dependia da generosidade das pessoas, mas poucas o entendiam e notavam seu esforço, trabalhão noturno para fazer os artesanatos. Fazia-os com duas, três ferramentas, o que não lhe permitia aprimorar o ofício.

Quando lhe vagava tempo, vinha onde me encontrava, para conversar e me fazer perguntas. E não escondia seu interesse por

práticas artesanais, e como se montava isso, aquilo. Era metuculoso e observador. Numa manhã de sábado, aparece-me ele na casa de comércio com um desenho feito num pedaço de papelão de caixa. Viera me mostrar o que desenhara. De início não compreendi bem o que o Felipe queria, de fato, expor-me; apenas compreendi depois.

Projetara uma miniusina elétrica. Até podia parecer brinquedo, mas não era. Desejava montá-la para demonstração, uma realização pessoal. Inventara, agora intencionava executá-la. A questão era como levar adiante aquela ideia sem dispor de recursos, coisa pouca, de sorte que viera pedir alguns materiais. Orçamos o que era necessário. Gastaria pouco. Incentivei-o a construí-la. Se por brinquedo, teria o mérito de promover a importância da energia ao interior. Furneci-lhe o que me pedira.

Nisso um fato surpreendente acontece em Sede Aurora. A liderança da vila, na qual me incluía, conseguira iluminar as casas do lugar. Onde provinha a luz? Felipe Garcia correu a me procurar, queria saber. Convidei-o a me acompanhar à grande Indústria de Celulose que há pouco se instalara, bem próximo a Sede Aurora, da qual vinha a luz.

Indústria de grande porte, a maior do estado no gênero, era movida a energia proveniente de caldeira a vapor com a queima de lenha. Procedia da fábrica Mernack, de Cachoeira do Sul, RS. Sobrava-lhe energia além do que produzia para acionar a indústria. Facilitada pela união dos moradores, a indústria estendeu a luz à vila, acontecimento de relevância.

Felipe Garcia, boquiaberto, surpreso com o que via, conferia detalhes e formulava perguntas. Informava-o Nico Nunes, que se deslocara de Cruz Alta para instalar restaurante junto à empresa, de celulose. Fornecia refeições a toda equipe de funcionários e dirigentes que laboravam nela e a visitantes, inclusive ao público em geral. Nico Nunes me convidara “hoje você almoça aqui”. Eu já estivera na inauguração, e mais vezes fizera refeições no seu restaurante. Me lembro das pratos de comida desse dia: constavam de um delicioso risoto italiano carne lessa, outro de arroz de forno com sardinhas e saladas.

Felipe atulhou o estômago a contento e até um pouco mais. Isso de comer assim era-lhe uma raridade! Nunca comera tanto. Garcia me falava do almoço, que não esperava, e da sua engenhoca. Voltei ao trabalho, e o companheiro, ao ranchinho de sua mãe, feito de costaneiras e coberto de capim.

De posse dos materiais, metera a cabeça e os braços a funcionar. Passaram-se dias e nada de Felipe. Desaparecera? Teria adoecido?

Na semana seguinte, eis que surge o “engenheiro”, que nem bem sabia ler e me anunciava a novidade: “Está pronta a engenhoca da luz. E quero que venhas vê-la.” Lá me fui eu em companhia dele. Seus olhos brilhavam de contentamento. Pisando estreito trilho, entre vassouras e macegas, chegamos ao local da pequena usina elétrica. Pensava: que geringonça o Felipe teria construído! Curioso, pertinho da casinha de sua mãe, uma graça. Encantou-me. Ali estava a tal usininha, movida a água. Com os pedaços de canos velhos, conduzia-a a uma pequena turbina, que em lâmpadas de 12 volts, mal e mal piscavam uma luzinha dentro do ranchinho, no coberto do forno caipira e no ferreiro. Ao todo umas quatro minilâmpadas. Como montara a turbina e dínamo, tudo em miniaturas, foi o que mais me surpreendeu.

Contou-me que estivera mais vezes na indústria de celulose. O encarregado da caldeira dera-lhe algumas instruções, apesar da diferença de sistemas, um vapor e outro à força d’água. Algumas pessoas da vila vieram ver a engenhoca do Felipe. Crianças e jovens a consideravam uma bela brincadeira; adultos nem importância lhe deram. Para mim, aquilo, em forma de brinquedo, não deixava de ser uma projeção de conhecimento. Bastava cultivá-la. Se essa pobre criatura pudesse estudar, seria uma exitosa esperança futura. Bem entendido, se o mundo lhe desse oportunidade, inexistente na época. Debita-se o atraso do país, no campo da educação à falta de uma maior e substancial investimento público ao ensino técnico-científico.

Quantos Felipes Garcias ainda estão à espera dessas oportunidades! E como seria extraordinariamente bom para o Brasil.

## Querida, solamente mas un poquetitito...

A vindima de Mendoza, a de maior expressividade da Argentina, motivou-nos a visitá-la em março de 2011. Viajamos no embalo de confortável Edge Ford, Guto, Michael, Mustafá e eu, via Uruguaiana, Entre - Rios e Santa Fé. A esta cidade de rara beleza chega-se pela rodovia que passa por túnel de 2 km construído por baixo do rio Paraná, curiosa obra de engenharia.

Santa Fé é linda. O Rio Paraná a circunda com suas margens feericamente iluminadas. Noites estrepitosas com cassinos e tudo com o que o turista queira se entreter. Nela pernoitamos para sentir um pouco o fervor noturno da cidade. No dia seguinte, no caminho novamente para Mendoza. No volante, todos hábeis motoristas, revezavam-se de quando em quando. Habilidade estradeira, facilitada pela boa trafegabilidade das rodovias.

Ao entardecer, sol ainda refletindo nas nevadas da Cordilheira dos Andes, aportamos em Mendoza. Hospedamo-nos no Sherenton Hotel dotado de Cassino, piscinas, salas de jogos, ginástica, serviços de Primeiro Mundo. A cidade é acolhedora, aos pés dos Andes, com nevadas permanentes. Encantamento e conveniência financeira: em Mendoza e na Argentina toda vive-se estágio de preços baixos.

As festas da vindima, que duram um mês, atraem turistas e empreendedores de muitas partes do mundo.

Depois do lauto café matinal, a meta programada era visitar a vinícola bodega Alta Vista, uma das mais importantes das 1.300 e tantas vinícolas existentes em Mendoza. GPS atrelado à Edge, Guto guiou-se pelas rodovias que cruzam e se entrecruzam pelos imensos parreirais. A meta não era só visitar e degustar os vinhos das vinícolas, mas também conhecer e observar certas tecnologias demonstrativas de vitivinicultura. Guto fabrica vinho em Ibirubá para consumo próprio e círculo de relações. Um pouco além do hobby. Interessava-lhe conhecer as bodegas mendozinas.

Alta Vista nos recepcionou magnificamente. Do portal de entrada à sede, por avenida margeada de roseiral, alecrim e essências florais... Alguém de nós, surpreso com os sorridentes recepcionistas: “Olha, aquela da frente é a Shakira”.

“Belém si, Shakira no, responde ela que ouvira a comparação. Aproximou-se: “Belém si, no de Pará. Belém y no Fafá.” Uma bela mulher, mais formosa que Shakira e Fafá de Belém, lhe dissemos. Entre sorrisos e abraços, fomos introduzidos a ampla sala de degustação e venda de vinhos Alta Vista. Sala finamente decorada: além de armários, prateleiras com garrafas da variedades de vinho, quadros de telas de artistas famosos.

Belém, um estouro de elegância e beleza, deu início à preleção dos vinhos, suas virtudes, aromas, técnicas do cultivo a vinitificação. Numa grande tela rodava vídeo simultaneamente à exposição. Dava-nos a entender que estaria revelando explicitamente todos os segredos das tecnologias viníferas. Compreendíamos que isso ela nos induzia a acreditar. Sagaz, o Guto apenas sorria. Nem bem terminara a preleção sobre o soberbo Malbec Alta Vista, de duzentos e tantos dólares a garrafa, esta era desenvolvida.

E por uma das recepcionistas, solenemente, o vinho era vertido nas taças de cristal de fina feitura. E as tilintávamos num brinde naquele feliz encontro em Alta Vista, todos num cerimonial só, visitantes e recepcionistas, estas também com as taças nas mãos nos brindam. Não degustavam como nós, o faziam apenas molhando os lábios com um leve golito de vinho. Achava até que elas estavam certas, pois me vem à lembrança que vira vindo de Brasília a Porto Alegre, a bordo, via Varig, o ilustre caxiense Victor Faccioni tomar uma taça de vinho dando vinte levíssimos toques nos lábios até esvaziá-la. Surpreendi-me. Ele, porém, explicou-me: “Vinho bom se degusta e não se bebe afoitamente. Vinho tem saibo, sabores que o experiente tomador tem que descobrir, e o descobre, se o degustar vagarosamente.” Faccioni me ensinara a arte de tomar vinho nessa viagem de retorno à querência gaúcha.

Nós erguendo as taças de vinho mendozino à nossa saúde e à das belas recepcionistas, sob a batuta de Belém, em solene cerimonial, de causar inveja a Baco! Belém descrevia como uma deusa as excelsas virtudes dos vinhos da Bodega que representava. Degustamos oito variedades de vinhos; e sem receio do excesso do álcool, repetiam-no.

O Malbec tope da vinícola, beirando 300 dólares a garrafa, era o preferido, para degustar e comprar. Embevecido com o soberbo Alta Vista Malbec ou com as maneirices e olhares de Belém, Michael não se conteve. Aproximou-se dela e, com extrema gentileza, estendeu-lhe a taça e pediu: “Querida, solamente, mas um poquetitito...”

Belém, com a garrafa suspensa, não entendeu o que ele dissera e ficou sem saber o que fazer: “O que hablaste, muchacho, outro tipo de vino?” Mustafá, mais acastelhanado na língua, socorreu-o de imediato: “Señorita, el quieres solo un poco, un poquito... no poquetitito, menos de poco, solamente un poquito.” Serviu a ele e a nós, navegamos juntos aos eflúvios daquele néctar vinífero.

Efeito saudável do capitoso Malbec, para graça e risadas, que o valorizaram por ter quase torpedeado os degustadores gaúchos. Ríamos, riam todos, riram muito do Alta Vista do “poquetitito”, uma nova palavra para ser marquetizada. Foi pretexto de bom humor durante toda a viagem pelo território argentino. Da calorosa recepção à deliciosa degustação, visitas a uma e outra sala, e do deslumbrante belvedere, donde se avistavam parreirais, até aos sopés da cordilheira dos Andes nevada, que espetáculo com o rebrilho do sol! A Belém e sua diligente equipe, com mil “gracias”, nos despedimos. Virava o meio-dia. Como não havíamos reservado espaço no restaurante do Alta Vista, devíamos buscar um lugar para comer. Rodamos pelas ruas daquela bonita cidade de Juan del Cuyo. De súbito, o vento nos envolve com forte cheiro de churrasco, fumaça inundando a rua e subindo aos telhados das casas.

O inesperado acontece: em ampla calçada, grandes costelas de novilhos ao redor do braseiro. É aqui, gente, que vamos almoçar. Estacionamos. E debaixo de frondosos plátanos tomamos lugar ao redor de

mesa, entre tantas ali dispostas. Garçon expedito vindo do Boteco El Pimenton, o da “parrilla” em pé ou churrasco de espetão a céu aberto, serviu-nos vários pratos de acompanhamento. Dourados costelões nos serviram, a seu modo, os quais saboreamos nos limites da fome.

Sublimadas as ideias com o divino espírito do Malbec, satisfeitos com o almoço de churrasco de rua, retornamos ao hotel. Uma boa sesta para a noite que se anunciava trepidante no tabuleiro da sorte. Vir a Mendoza e não roletear alguns dólares no cassino, parte da viagem seria incompleta, diziam meus companheiros. Guto, o mais experiente no pano verde, utilizou truques e projeções matemáticas para jogar. Só no primeiro lance, quando jogava uma parte do montante de risco e ganhava, guardava a metade e jogava a outra parte. Se a sorte lhe sorrisse, do pouco perde e ganha nesta primeira noite de cassino embolsou quase dois mil dólares. Sortudo foi ele, nós não. Roleteamos de mansinho, mas não para anunciar o que ganhamos.

E vem a noite de esplendor sem paralelo: a noite da abertura das Festas da Vendimia. Uma loucura de explosões, foguetórios, tiros de canhões, fogos de artifícios, que durou mais de hora, a partir da praça central e por toda Mendoza, cidades satélites, província em fora...

Teve baile no asfalto, nas praças...

Música de banda, orquestra, bandoneon, Mendoza bailava toda... nunca vira tanta alegria... o povo parecia ter adoidado... Dormir? Nem “um poquetitito”! Da rua para o hotel, para um banho, e café matinal. A seguir embarcamos na Edge, e novo roteiro de visitas às vinícolas.

Destaque para a bodega Vinícola Catena Zapatta. Repetimos o cerimonial do dia anterior: degustar a série de vinhos da empresa, novas compras limitadas ao espaço do veículo para transportá-las.

A outra vinícola realizamos visita rápida, queríamos mesmo visitar, comprar e almoçar no requintado restaurante da vinícola-bodega Ruca Malén. Cercada de parreirais esparzindo o inebriante aroma da uva madura, como todas, já de chegada nos bendizia: “Mais vinho, mais saúde para o coração!”

Do amplo e enobrecido restaurante, aquela vista maravilhosa da nevada dos Andes, sempre nos espiando, mais nós do que ela. Ruca Malen tem atendimento de Primeiro Mundo. Jovens lindas e ricamente vestidas nos sequenciaram um almoço harmonizado com os vinhos da casa. Dez pratos, dez tipos de vinhos.

Quis Baco e os estonteantes sorrisos das jovens recepcionistas nos proteger de qualquer malefício à saúde. Se Baco nos protegia, as jovens nos bendiziam com a aura divina de seus olhares inebriantes. De Ruca Malen decidimos conhecer o grande lago das águas do degelo das nevasdas, num recôncavo entre contrafortes dos Andes, quase na divisa dos países – Argentina e Chile. À direita da rodovia que os interliga, beiramos o lago de água fria. Dela bebemos com a concha das mãos, lavamos a face e os pés e nos benzemos, uma simpatia para que o Deus dos mapuches nos abençoasse.

Conta a lenda que as mulheres mapuches caminham sem levantar os olhos com medo de enfrentar o olhar do deus apolíneo e fulgurante de cima do Aconcágua. Um dia o deus mirou uma jovem mulher mapuche muito formosa que o comoveu... Ficou encantado e a levou consigo, e lá no alto do pico norte do Aconcágua construiu uma “casa bonita para a mulher bonita” – Ruca Malen chama-se casa da mulher bonita.

Dali, contornando parte do lago, visitamos uma grande feira de artesanato e utensílios de feitura rústica. Adquirimos uma armadura de ferro para estaquear um cordeiro inteiro ou costelão para assar em fogo de chão. Dobrável, belo artesanato de ferro, que nos facilitou o transporte.

Quantos cordeiros, cabritos, costelões... essa armadura artesanal dos Andes aproximou brasileiros. Guto ficou de nos apresentar a estatística!

Por fim, daria para contar todos os lances da nossa navegação térrea por Mendoza.

Agora, vamos retornar e conhecer Córdoba por outro caminho. Que estupenda surpresa ao percorrer mais de 100 km de serra acima. Monumentais montanhas estereografando pedrões, lajes enormes, tudo quase sem vegetação. Serra granítica, nua, escura, medo-

nha, quebradas e precipícios, à vista de belvederes em muitos pontos da rota, tortuosa e perigosa. Encantou-nos pela curiosa raridade da grandiosidade da natureza. Descrevê-la? Melhor fotografá-la. E foi o que os companheiros de viagem fizeram.

Anoitecia quando chegamos a Córdoba, cidade grande, com feições arquitetônicas que a diferenciam de Mendoza. Nem bem nos acomodamos, a fome nos levou a encontrar um bom restaurante. Por informações turísticas nos indicaram Los Cabritos, La Parilla de Raul, La Parilla de Mimo e Candonga, e no palito sorteamos a Parilla do Mimo. Para lá nos dirigimos. Espetacular. O melhor rodízio de carnes do mundo. E de todo bicho que caminha e voa, variedades seletivas, tudo com os ótimos vinhos argentinos.

No campo turístico, os roteiros são muitos e atraentes. Excursões e passeios de helicóptero, cavalgadas, estâncias jesuíticas e circuitos turísticos para os vales de Punilla, Fraslasieras, Sierras Chicas e Vale de Calamuchita.

Trânsito calmo e bem ordenado, rodovias em bom estado, bom para comprar, policiamento amigo, a Argentina fortalece o turismo sul-americano. Nem imaginar o período da ditadura militar. O turismo atual é muito bom. Estreita relações de boa convivência entre Brasil e Argentina.

## Quero cantar na chuva, amar todas as plantas

Com admiráveis poesias nos brindou a cooperante Lourdes Maria da Silva, poeta de excelsas virtudes literárias, magnificamente inseridas na edição comemorativa dos 45 anos do Grêmio Literário Castro Alves.

Lourdes Maria da Silva é natural de Santa Lucia. Formou-se em letras, é funcionária pública federal inativa, sócia do GLCA, tendo participado diversas vezes de sua administração. O lirismo dos seus poemas enaltece a natureza e o bem-estar das pessoas.

Nessa edição comemorativa do Grêmio Literário Castro Alves, organizada pela colega Silvia Silva Benedetti, registra a sua participação na elaboração desta obra, juntamente com os demais poetas e escritores filiados.

A poetisa Lourdes Maria da Silva orgulha-se da Coprel e dos benefícios que estende às famílias do meio campestre. É cooperante em Santa Lúcia, Alto Alegre.

Rememoramos aqui um de seus poemas.

## LIBERDADE

Quero cantar na chuva,  
amar todas as plantas  
que a natureza me ofertou  
dizer que sou feliz  
pelos seus aromas.

Ver todas as manhãs,  
Rios com águas cristalinas,  
Desaguando pelo universo,  
Sentir o silêncio e apreciar o canto dos pássaros.

Ser feliz como os animais,  
Sem derramar uma lágrima,  
seguir o rumo da floresta  
com a esperança na face.

Andar pela relva  
Sem temer a violência,  
Conviver com a paz  
Acreditando no amor dos homens.

Amante da natureza, a poetisa Lourdes Maria da Silva, na simplicidade de seus versos, ergue um hino à vida, ao meio ambiente e à solidariedade humana.

Brava poetisa! Orgulha-nos pela beleza e sensibilidade de seus poemas, que repercutem como som de tambores anunciando o clamor da natureza, rudemente agredida pela incompreensão humana.

# R Resvala Sabão, a rua que perdeu identidade cultural

É estranho uma rua chamar-se Resvala Sabão. Mas havia motivo. Existira e teve história nos primórdios de Ibirubá vila, ainda sede distrital. O nome de Resvala Sabão deram-lhe as mulheres lavadeiras. Percorriam-na para demandar ao ribeirão Pulador, na altura e proximidade do antigo moinho Deckmann.

Em enorme laje, as lavadeiras esparramavam-se para lavar as trouxas de roupa, em maior volume no início da semana. Enfileiravam-se com as trouxas às costas e a pé seguiam por essa rua até o rio. De carrinho e até a cavalo, outras lavadeiras, empregadas ou as próprias senhoras da vila, que não dispunham na época de água suficiente em casa para lavar quantidade maior de roupa.

Resvala Sabão, qual a rua que tomou seu nome? Dizem-me informantes mais antigos, Rio Branco foi a rua Resvala Sabão.

Conta uma história das lavadeiras do Ibirubá antigo, um traço cultural que a micro-história do município deveria conservar. Desnaturam-se tantos símbolos e nomes do passado, apagam-se nomes, feitos, raízes de cultura de certo tempo.

Se Resvala Sabão merecia ter sido preservada, justificam-no os historiadores. A troca de nomes por outros é um vezo de políticos. Trocam-nos por nomes repetitivos os de ruas e logradouros públicos da quase maioria das cidades. E quantos nomes de políticos sem méritos; outros que em vida deveriam estar na cadeia, inexpressivos tantos com a vida como com a história da cidade. Lá estão eles tomando lugar da história ou de fatos da cultura do povo do município. Rancho Verde, com a demolição do restaurante e churrascaria do grêmio de então, desapareceu com o Clube Comercial. Por quê? Sem atirar crítica a quem quer que seja, a culpa é nossa, é de todos, ou, mais crucialmente, dos sócios do Clube Comercial. Desconheceram o marketing de Rancho Verde.

Bonito, se iluminasse uma ideia engenhosa a dispor do nome Rancho Verde para reintroduzi-lo destacadamente à entidade ou ao próprio Grêmio Esportivo Ibirubá. A churrascaria ou...

Lembro-me de quando prefeito em reunião em Porto Alegre. Políticos importantes do passado me diziam: “Conhecemos Ibirubá por aquela bela roda de carreta pintada de cor verde defronte à entrada do Rancho Verde, muito bonito!”

Apagado o nome antigo, apagou-se a micro-história de um símbolo que distinguia a cidade de Ibirubá. Revivê-lo sob uma forma ou outra mostraria o nosso carinho à cultura.

## R Rezei na Catedral de Sal

Grande subterrâneo de uma jazida de sal, próximo a Bogotá, Colômbia, foi transformado em Santuário Religioso. A igreja denominou-se de Catedral de Sal. Dista cerca de 50 km da capital do país, Bogotá.

Estive lá em 1980. Ao entrar em seu interior, não muito iluminado, impressionante a imagem que eu vi. No seu teto o brilhar intermitente de pequenas partículas de sal refletindo com a luz. Há altares nos túneis e reentrâncias laterais. De configuração artística, o altar-mor constitui-se, além do enorme túnel, numa bela atração turística.

Nessa grandiosa Catedral de Sal, já cercada de mistério e devoções, fiéis cumprem promessas e obtêm graças. Defronte ao altar-mor elevei o pensamento à reflexão da fé e da vida, à grandiosidade cristã, a Deus Supremo e Senhor dos mundos. Orei por todos os meus entes queridos, pelos companheiros de trabalho e pela nossa comunidade, por todas as famílias dos cooperantes, a razão da existência da Coprel. Ao sair da catedral, extasiado com o que vira, me perpassou a memória: “Que santa ideia a de transformá-la num local de fé e oração, de mina de sal abandonada a esplêndido santuário religioso.”

É local, afora o de rezar, de passeio turístico prazeroso. Contempla-se um ponto de santa reverência em Zipaquirá, onde se localiza a Catedral de Sal. Para ver tudo? Túneis da misteriosa mina, escavada até 1995, a 180 m de profundidade e que são hoje pontos de orações, fé e visitas.

A tênue iluminação de entrada deslumbra quem pisa no seu interior porque transmite beleza e mistério. Nesse roteiro turístico pode-se, a 40 minutos dali, visitar Chia. Fica ali Andrés Carne de Rês, um misto de restaurante típico e balada, onde desfilam em certas promoções artistas, cantores como Shakira. Eles brindam os visitantes, fazem-nos ferver de alegria, é uma festa! Cercam-na cinquenta campos de golfe, que espelham verdes gramados. Um canto verde com orlas de flores para os olhos. El Museo de Oro contém cerca de trinta mil peças, todas de antes de Cristóvão Colombo. Invariavelmente, para não se exaurir, dia sim, dia não, podem-se visitar 58 museus e 62 galerias de arte, situados em meio a casarios e casarões antigos do século 17. É o caso do Museo de Oro, surpreendente! O Botero, centro cultural Gabriel Garcia Marques. Curiosidades, atrações do arquiteto Ângelo Rogello Salmoura, 1929, que está para a Colômbia como Oscar Niemayer está para o Brasil.

Mirantes e belvederes, zona norte e zona rosa. Da Catedral de Sal, símbolo curioso da Colômbia.

## S Salônica, mulher só, desventurada...

Nem branca, nem preta, morena... Salônica arranchava-se em Sede Aurora. Vivia só. Abrigava-se em ranchinho barreado, coberto de capim rabo-de-burro e santa-fé em terra de ninguém. Poucos lhe davam importância, serviços caseiros, não porque não os soubesse fazer. De lavar roupas, passá-las, cozinhar o trivial de comida campeira, em tudo se esforçava para fazer com capricho. Criara-se em fazenda, nem pai nem mãe conhecera. Convivera com as mulheres e peões de estabelecimento rural.

Decidida a viver só, saindo do campo para a colônia, realizava tarefas caseiras. De vezes empreitava capinas de roça. Com o tempo, por não ser bonita, embora forte e alta, afeiara-se ainda mais, o que lhe causava tristeza.

Aparentemente, as pessoas a rejeitavam. Outras a temiam, porque rogava pragas. E teve casos assombrosos adritos a essas maledicências atiradas por desafetos sob encomenda.

Cada vez mais isolada e solitária, procurava-me na casa de comércio para fornecer-lhe mercadorias de primeira necessidade a fiado. Propunha pagar-me quando Deus lhe desse sorte, isto é, quando arrumasse trabalho. Vestia-se com trapos, camisolões que a tornavam mais desfigurante. De feições duras, olhar penetrante, metia medo em quem não a conhecesse. Benzia, aprendera com velhas criadas da fazenda, não cobrava nada.

Contava-me ter vivido um amor único de sua vida, com um caboclo trabalhador, mas perdido na bebida. Dele engravidara, para viver só, e não o quis mais. Nasceu-lhe uma filha, batizada Maria Helena. Desde os oito, nove anos, ajudava-a em alguns trabalhos caseiros ou da horta, pequena fonte de alimentos suplementares à subsistência. Queriam-na na escola, mas vestida daquele jeito, de forma maltrapilha, não dava.

Pobre assim, como frequentá-la, ir à igreja, a comércio? Para vir a meu armazém esgueirava-se timidamente pela curta rua, depois da trilha de acesso ao ranchinho, para fazer compras.

Salônica, a mãe, porém, não escondia a pobreza de mulher desventurada, Preocupava-se com a filha: Que futuro teria ela se a imitasse na vida? Bateu de porta em porta em busca de um lugar para a filha ficar, trabalhar e vestir-se decentemente. Conseguiu. Não lhe deram oportunidade de estudar, nem folga aos domingos e feriados. Furtivamente, reunia-se com amigas à noite, das quais só ouvia falar de namoricos e bailecos. Lamentava porque a patroa não lhe permitia ir a essas reuniões. Falava-lhe dos perigos de perdição.

Nem bem completara 16 anos, em sábado de noite fuge com uma das amigas para se divertir num baticum na periferia da vila. Conhece homem de meia idade, meio gaúcho, meio caipira, que lhe esclarece: namoro só às furtivas e à noite...

Josino, seu nome, que a ensinava a dançar, também diz não se importar com isso. O tempo resolve, os dias se sucedem e os encontros ocorrem às escondidas. Queixava-se às amigas sobre a situação. Elas riam e a aconselhavam a não ter medo. “Devagarzinho, as melancias se acomodam na carreta. E a patroa um dia te releva, trate-a bem.”

Deu tudo errado, o contrário, quando descobriu o nome do namorado. Josino devia uma vela para cada santo e um cavalo que não pagara a seu marido. Advertiu-a e lhe deu prazo para romper com namorado. Era casado, tinha filhos. Maria Helena, induzida por Josino, arrumou a mochila e se despediu da família que a abrigara.

Retorna ao ranchinho da mãe com a promessa de Josino Torquato ajudá-la com rancho semanal, o que por vezes não lhe fornece. Bom de lábia, acalma Salônica, a mãe que vive só...

Salônica não vê no Josino futuro bom para a filha. Teimosa, Maria Helena não lhe obedece... Aferra-se ao namorado, que lhe promete coisas boas. Presenteia-a com corte de chitas floridas.

Mãe e filha socorrem-se para sobreviver, ora na horta, ora em serviços avulsos na vila. Josino, que vive na estrada a cavalo, briquia animais, faz negócios de pequenos valores, compra e vende armas de fogo, coisas assim. A duras penas subsistem os dois ranchos. Boêmio, estradeiro e gaudério, apaixonara-se pela filha de Salônica. Esta, mulher só, pobre, não deseja que Maria Helena lhe siga o mesmo caminho.

Intima o Josino: “Se queres a minha filha como a estás querendo, arrume lugar para ela morar e lhe dê sustento.” Josino não lhe dá ouvido. Para coroar a situação, engravida-a. Daí as coisas ficam ainda piores. “Agora, sim, vai sobrar para mim”, exclama a desventurada Salônica. Por essa não esperava”. Queixar-se à polícia de nada adiantaria, e só longe há delegacia.

Josino Torquato acalma a mãe e a filha reforçando-lhes a quota de mantimentos, uma melhoria para algumas semanas, e a carestia volta às duas mulheres. Endividado, acendia uma vela a cada santo. Na roça, quem trabalha é a mulher da primeira união e filhos. Uma das filhas, Rosa, é minha afilhada. Ele agora é meu compadre.

Rosa cresce e busca emprego em Cruz Alta. Emprega-se em hospital daquela cidade. Muda-se para Porto Alegre, estuda e forma-se enfermeira.

De outra parte, a amante de Josino Torquato debate-se com a gravidez. Nasce-lhe o primeiro filho. É saudável e bem constituído. Salônica, de mulher só, além da filha, entretém-se com o neto. Tem companhia. Mas não se conforma, o tempo corre, e as coisas assim não podem continuar. Redobra-lhe o trabalho. Cansada, a saúde de ferro enfraquece. Bambeiam-lhe as pernas, reclama. Fumante de palheiro de fumo barato, o vício ataca-lhe os pulmões. Adoece e, sem assistência, além dos chás caseiros, tem dificuldade para sair do catre de dormir. Anoitece e não amanhece viva. A vida desaparece. Descansa, enfim, de tantos infortúnios.

Maria Helena herda o rancho barreado, coberto de capim. Cuida da horta e, quando pode, realiza serviços nas casas a troco de alimentos, roupas e uns trocados. De filho a outro, naquele tranco de vida, engravida pela segunda vez, a terceira, a quarta, a quinta, a sexta e a sétima vez. Tem sete filhos. E seu amante bem ancho, no lombo de seu cavalo, visita-a todas as semanas. Traz-lhe o ranchinho de sustento. Mulher, não só, como sua mãe Salônica, mas com sete filhos para criar, dar-lhes de comer e vestir de qualquer jeito. Josino Torquato, sempre apaixonado, se não lhe proporciona vida melhor, é porque não tem donde tirar. Vive apertado que nem chincha em potro xucro.

Heroína, Maria Helena o espera com chimarrão com erva da Palmeira e folhinhas de chás quebra-pedra, melissa e cavalinha... Cercados pela filharada, estes, à medida que vão crescendo, buscam trabalho fora, deixam o ranchinho barreado, onde vivem amontoados, apesar de pequeno aumento.

Passam-se os anos, os últimos filhos encontram emprego em Fortaleza dos Valos; outros, ainda menores, empregam-se em granja nas cercanias. Maria Helena me procura em Ibirubá. Mudara-me com a instalação da Rádio. E pede emprego: quer se afastar de Josino, quer deixar de sofrer.

Necessitando de doméstica, dona Tranquila, que trabalha na direção da emissora, recebe-a e ela passa morar conosco. Resoluta, realiza os serviços domésticos, inclusive auxilia no preparo das refeições. É tratada como pessoa de casa. Dera um passo adiante na vida livrando-se de Josino. "Agora quero pensar em mim e em meus filhos, que mais precisam."

Como vivera em área alagada do Passo Real, pedia um pedaço de terra. Intermediamos junto ao Incra, por meio de presidente do STR, Sebastião Farias. E consegui terra para reassentamento para alguns de seus filhos, com quem vai morar. Josino Torquato a persegue, quer tê-la como mulher definitivamente, já velhinho. Maria Helena diz-nos que Josino quer mesmo é encostar-se nela. Solito no mais a vida não tem graça, queixa-se: "Se você não me quiser mais, dou-me um tiro no coração." E dá.

Deixa apenas uma herança para a mãe dos sete filhos: Maria Helena herda o revólver, liberado do suicídio que praticara por amor. Um bom homem, boêmio, gaudério, estradeiro, reassentado na Itaíba e meu compadre. Pedro, meu pai, comprou o revólver assassino para ajudar a inditosa filha da Salônica.

Saltou em cima do balcão e gritou:  
"Garçom, traga mais uma caixa de  
cerveja... veio a luz, não anoitece  
mais em nosso clube"

O conselheiro João Tarsizius Puhl, neste belo relato, conta como chegou a luz em Treze de Maio, Alto Alegre, RS. Tanta foi a alegria do povo que a extravasaram em comemoração de festa, dança e chopp.

Treze de Maio é um distrito do município de Alto Alegre localizado ao sul da sede; habitado por cerca de setenta grupos familiares. Sobre o início de sua colonização não se tem dados precisos. No entanto, segundo relatos de pessoas mais antigas,

acredita-se que foi aproximadamente entre os anos 1860 e 1870, pelas famílias Rippel, Hilgert, Pesamosca, dos Santos e outros que se desconhecem.

A denominação inicial era de Colônia Nova. Em segundo plano, Colônia Rippel, em função de serem estas famílias pioneiras e em maior número. No decorrer dos anos, em função de o povo enfrentar grandes necessidades resultantes da má localização, dificuldade de locomoção, além de questões relativas à produção do próprio sustento serem problemáticas – pois nem estradas existiam ou em estado precário e a região ser coberta de matas – foi carinhosamente apelidada de “Colônia Loco de Fome”.

Com o tempo, o local foi crescendo em número de habitantes, desenvolvendo-se por meio da organização em comunidade religiosa e educacional. Mudou-se o nome desta para Treze de Maio. Por volta de 1900 migraram as famílias Becker, Seibel, Hefler, Imhof, Holdefer, Oliveira, entre outras. Com essas famílias surgiram as casas de negócios, os salões de baile e várias microindústrias (dois moinhos de trigo e milho, três alambiques de cachaça, uma atafona de mandioca, serrarias...), que já não existem mais. Entre os primeiros comerciantes estavam Eugênio Dalla Corte, Carlos Holdefer e, substituindo aquele, Marcelino Faccin.

Antes dos anos 1900 foi construída a primeira escola, bem como a primeira capela, com a ajuda dos integrantes da comunidade em “puxirão”. Na década de 40 chegavam para fixar residência no local a família Puhl e inúmeras outras. Até então, na área religiosa era atuante a também professora Maria Hefler Pereira. A partir desta, Jacob Theobaldo Puhl Sobrinho assumiu a coordenação religiosa como capelão e catequista, presidindo as celebrações como se fosse padre, ganhando até apelido do mesmo; passou-se a celebrar cerimônias de Sexta-Feira Santa, Natal e cultos dominicais. Além de coordenador religioso, este foi regente do coral formado por pessoas que residiam na localidade. Nessa feita o padre que servia a comunidade vinha da então

paróquia de Sede Aurora, Pe. Paulo Bortollini. Nos anos que seguiram Jacob assumiu como professor a pedido da comunidade; no entanto, como amador, lecionou por cinco anos quando foi impedido, pois já havia profissionais com diploma à espera, sendo substituído por Teresinha Costa.

Dadas as dificuldades locais e o elevado número de habitantes entre as décadas de 60 e 70, houve uma grande migração de dezenas de famílias, especialmente para o estado do Paraná. Nessa mesma época surgiu o movimento de eletrificação rural, pela Cooperativa de Eletrificação Rural. A primeira reunião para encaminhar a solicitação do pedido de energia aconteceu no dia 31 de março de 1973, com a presença do então presidente Sr. Olavo Stefanello e servidores. Na ocasião foram cinco famílias que fizeram o requerimento da luz: Rainoldo Walter Becker, José Hefler, Francisco Decarli, Albano Egídio Puhl e João Tarsizius Puhl. Posteriormente, numa segunda reunião, mais sete proprietários se incluíram no projeto.

Nota-se que a demora entre solicitação da energia e a construção da rede foi longa, em virtude da dificuldade de executar o trabalho, pois a rede foi construída de Campos Borges, hoje município vizinho, e necessitava de muitos empregados, visto que o trabalho era braçal, com poucos equipamentos tecnológicos para o auxílio. Na atualidade essa demora parece desinteresse, no entanto na época víamos o empenho dos trabalhadores em perfurar o solo, transportar o material arrastando compressores e postes a “muque” e usando forquilhas para levantar a rede... Após um esforço muito grande da turma que trabalhava na construção da rede, foi concluído o sistema até a sede social da comunidade no advento de uma festa, no mês de fevereiro de 1977. As pessoas, não se contendo de alegria, mesmo as tímidas, excederam-se; citando como exemplo o presidente da comunidade – pessoa muito responsável –, que se entusiasmou quando anoiteceu, subiu em uma mesa posta para a refeição e dançando gritava ao garçom: “Traga mais uma caixa de cerveja, que é por

minha conta, não anoitece mais no nosso clube. Finalmente temos energia elétrica!!!!!!”. A alegria extravasada pelo presidente contagiou todas as pessoas no recinto, era um dia de grande confraternização.

Para contemplar os doze requerentes iniciais foram necessários, em alguns casos, mais tempo de espera. Em minha propriedade – João Tarsizius Puhl – esta chegou no dia 05 de maio de 1977. Ao clarear a casa, quando os técnicos ligaram a luz, minha esposa saiu correndo para o lado de fora assustada e desacreditando que aquilo fosse real.

Com esse advento ficaram para trás as imensas dificuldades vividas pelas pessoas... também o tempo sombrio de um século à espera de uma revolução! Tudo isso só possível graças à iniciativa da fundação de uma Cooperativa de Energia Elétrica. É notável que pela intervenção do homem a natureza seja transformada em benefício do ser humano em condições incalculáveis. Devemos a esta nossa gratidão.”

## S “Sarah, não faça isso!”

Gritei-lhe no fervor da briga em que Sarah se atracara com Luiz Altini num desafio de loita. Ambos eram alunos da escolinha de abc de Sede Vitória, que eu frequentava.

Sarah! Não faça isso! Sarah era mais baixa do que Luiz, mas era mais forte e entroncada de corpo. E logo levou vantagem na briga: jogara-o no chão e, segurando-o com o corpo em cima dele, surrava-o com os punhos.

O barulho da torcida da turma dos alunos era ensurdecedor. Nem se ouviam os palavrões dos contendores. Aos corcívios de Luiz, Sarah partira a esgoelá-lo com as duas mãos na garganta. Intervim. Agarrei Sarah e depois de muitos puxões retirei-a de cima de seu colega de aula. E não foi pouca a força que fiz. Ajudaram-me os colegas. Ambos, de vestes rasgadas, pareciam não querer parar com a briga. Oigalê briga feia! Inédita. Na renhida loita, Sarah por

diversas vezes mostrava a bunda sem calcinha. Aumentava o gargarhar dos alunos com o que viam.

Sarah bufava. Luizão, com a boca de sangue e capim, não se conformava com a surra que levava. Praguejava. Sarah, de repente, dirigindo-se ao Luizão, subiu o vestido e urinou. Tratava-se de ato praticado em sua terra de origem, a Espanha. Consistia no desafio máximo a desafeto por qualquer desavença urinar em direção do contendor. Vizinhos por encencas, o mais forte desafio que uma mulher de sua grei podia fazer em sinal de repulsa, ódio ou vingança.

Sarah era minha amiga e colega de aula. Seus pais, Mercedes e Geraldo, tinham vindo do interior da Espanha. Eram imigrantes que fixaram residência em terras adquiridas em Sede Vitória.

Vizinham conosco. Gente boa e solidária. Encencas de vizinhos que não se respeitavam, gado ou porco invadindo a lavoura, sem indenizar ou desculpar-se. Essa família ficou famosa em minha terra: as mulheres levantavam o vestido e mijavam em sua direção. Desafio pra lá de brabo, o maior deles.

Geraldo e Mercedes e seus filhos Sarah e Ramiro, meus colegas, mais tarde mudaram-se para Carazinho. Adquiriram lá o Hotel Roma. E foi uma das marcantes passagens do meu tempo de escola. Do jeito que aprendi ler, escrever e fazer contas. Do jeito de ir à escola, a pé ou a cavalo, todos os dias úteis percorrendo 8 km.

Difícil? Nem tanto, do recanto campestre de Sede Vitória, fundos de Cruz Alta de então hoje Fortaleza dos Valos.

## Se der de jeito, quero, sim, provar esse rango serrano

De Florianópolis, onde estudava, Sabrina, neta, abalara-se para visitar parentes em Ijuí e Ibirubá. Dera um giro de férias. Sem ser temperamental, de espírito alegre, ela curtira dias comprazendo-se em passeios e longas horas de repouso. Convívio ideal para quem quer e precisa fazer das férias um remanso revigorante à quase batalha sem trégua do estudo e trabalho de um ano bem puxado.

Encerrava uma fase de estudo, abstraindo-o com severa dedicação, vinha outra, com idêntico ritmo de persistência. Tentaria vestibular em medicina na UFSC. Delineara-se seguir a vocação futura que a atraía: ser médica. E conseguiu. Conseguiram, igualmente, suas irmãs Betina e Bianca. Formaram-se três médicas, três lindas netas. Orgulho-me delas.

Sabrina, de férias em Ibirubá, compartia o tempo de meio dia na piscina, meio dia de descanso. À noite acontecia, invariavelmente, jantar alegre na casa de primos e tios. De Ibirubá, Sabrina regressaria comigo à morada de seus pais em Florianópolis. Programara-me para participar de encontro de dirigentes de cooperativas de eletricidade a realizar-se naquela capital. Dia bonito, partimos cedo sob o flechar do sol nas coxilhas de trigo e soja, de barba-de-bode lá adiante, capim vulgar predominante na região. Viagem tranquila, apesar das estradas profusamente pontilhadas de solavancos. Entreteinhamo-nos desatando animada conversa, tornando a viagem mais leve e suportável.

A neta revivia passagens engraçadas de seu cotidiano.

No mais das vezes, crivava-me de perguntas sobre temas e histórias de vivências. Expunha-as, naturalmente, de jeito um tanto campesino, isto é, do meio em que me criei, da forma de vida interiorana, da roça, do batente colonial. Ler à noite para aprender alguma coisa útil, e só à luz de vela e lampião. Um tempo de vida braba, dizia-lhe. Difícil, exigia-se mais esforço físico do que o de cabeça. Nem tudo, porém, era desagradável. A vida corria solta e livre, mais saudável.

No entanto, para não parar no tempo e sem outra chance de estudo, atirei-me à leitura e fiz dela a minha “faculdade de vida”. Ganhara muitos livros, entre os quais um dicionário de língua brasileira. Lendo, fazia deles minhas aulas de estudo, tanto que ler se tornou para mim mais que uma distração: tornou-se uma necessidade. Do livro à internet. Do livro, uma constante. Sabrina ouvia-me com atenção, me atalhava de quando em vez e com admiração me instigava a falar das extensas plantações de maçãs, o principal atrativo nas planícies de Vacaria.

Passamos o rincão do Rodeio Internacional, evento que se realiza em datas intercaladas, de dois em dois anos. Na divisa dos dois estados – Rio Grande do Sul e Santa Catarina – Sabrina me pergunta onde iríamos almoçar. Nem me dera conta de que os ponteiros haviam se unido, eram 12 horas, meio-dia. “O vô, onde vamos matar a fome?” Respondi-lhe: “Logo aí tem um restaurante ou rancho de comida campeira. É local rústico, estilo serrano barriga-verde. Podemos ir ali. Se não gostares, vamos adiante. De lá a Lages tem apenas 30 km.”

Rindo, ela exclama: “Olha, se der de jeito quero provar esse rancho campeiro. Dá farofa de carne e pinhão, ouvi o pai falar, é muito boa.” “Claro”, lhe digo, “além dessa farofa, tem uma sequência de panelas em cima de dois grandes fogões, aquecidos sem fogo à vista. E no centro do restaurante, noutra parte dos fogões, tem um latão com assados de toda espécie de animal que caminha e voa.”

Nas panelas de ferro, umas quinze, seus conteúdos iam do feijão, feijoada, feijão tropeiro com pinhão, arroz de carreteiro com frescal, uma imitação do charque gaúcho, massa com pinhão fatiado e frito na manteiga e doces elaborados com pinhão.

O proprietário, Aristides, fez Sabrina circular ao redor dos fogões. Informou-lhe as variedades de comida. “É comida de campanha barriga-verde”. Lajeana, a origem da farofa de carne frescal com pinhão vem dos tropeiros de mulas e gado. Levavam-na em farnéis na garupa das montarias nas longas tropeadas.

Seu Aristides, eu já o conhecia, meio gringo, meio serrano, portava-se à margem dos costumes gaúchos. De bombachinha e alpargata, guaiaca e camisa xadrez colorida e de lenço no pescoço atado com nó maragato.

Cada cliente servia-se à vontade. Na mesa de saladas, ao lado, não havia batata maionese, só verduras, todas, além de tomate, cebola e palmito. Produção própria, no varandão do rancho um quiosque de artesanatos típicos, produtos coloniais, queijo, salame, vinho e uma infinidade de artigos de montaria e lides campeiras. Na mesa ao nosso lado, dois fazendeiros, deveriam ser, conversavam alto. “Temos que dar jeito nessa praga de ‘leões-baios’ que o Ibama povoou a reserva florestal do ‘cânion’ gaúcho, Aparados da Serra, aqui próxi-

mo. Estão acabando com minhas ovelhas. Mataram-me mais de cem ovelhas.”

Os leões-baios, assim conhecidos, foram colocados na reserva do parque para se reproduzir. Estão em extinção. No inverno, se lhes falta o que comer, invadem os campos de criação. A ovelha e terneiro novo são as vítimas. Ouvimos o queixume dos criadores barriga-verdes. Assunto para contar em casa, falou Sabrina. Demoramo-nos cerca de uma hora no rancho de comida campeira. Assunto mais para Sabrina contar.

Paradouro quase obrigatório de caminhoneiros. Matamos a fome, a “hambre” e a curiosidade.

Lages, a terra do pinhão. Acontece ali a Festa Nacional do Pinhão. Mais adiante a Festa do Lambari, em Bom Retiro; a Festa do Churrasco, em São Joaquim, a Festa Nacional da Maçã, entre outras cidades da região serrana “barriga-verde”. Ao descer a serra, o sol descendo às nossas costas e a tarde se indo, surge mais uma novidade: a da pamonha enrolada em palha de milho verde em formato de salame. Sabrina me faz parar no quiosque de pamonharia. Apreciava-a demais.

Adquirimos quase o estoque de pamonhas, todas feitas naquela tarde. Tipo salame, enroladinhas em palha de milho verde, diferentes da forma habitual. A festa aconteceria ao chegar em casa.

Para Sabrina, a lembrança de uma viagem de férias. Para mim, o prazer de viajar com a neta.

# Sejamos nós semeadores de amizades...

Olá amigos e amigas, a saudação mensagem que Leda T. Rubim envia com um abraço muito especial pelo dia do (a) Amigo (a), e que Deus seja muito generoso conosco, conservando nossa amizade por muitos e muitos anos! Que ela se multiplique e se espalhe entre todos os que nos são caros. A poesia é um carinho para vocês! E muitos abraços da amiga Leda Terezinha.

Eis a poesia, “Sejamos nós”, de Lêda T. Rubim, pedra preciosa de cristalina beleza que cintila desde Soledade...

Sejamos nós  
*Lêda T. Rubin*

Sejamos nós a alegria  
Que enobrece e contagia.  
Sejamos nós a amizade  
Qua faz tão bem à humanidade.  
Sejamos nós, a todo instante,  
O bem querer gratificante.  
Sejamos nós o bom humor  
Que traz saúde e mais vigor.  
Sejamos fiéis a nossa crença  
Que faz em nós a diferença.  
E neste mundo de amargura  
Sejamos nós muita ternura.  
Sejamos nós, mas com louvor,  
Uma centelha, a mais, de amor.  
Sejamos nós, a cada dia,  
A mão fraterna, a mão que guia.  
Sejamos nós, para os amigos,  
Um coração, eterno abrigo.  
(como não poderia deixar de ser)  
Que seja do mar a maresia,  
Mas sejamos nós a POESIA!

# Sem foguetes nas inaugurações. Morrera Juscelino, a quem devoto admiração

Bem assim se expressou o governador Synval Guazelli ao desembarcar no aeroporto de Carazinho no dia 22 de agosto de 1976. Pedira-me, por telefone, para conduzi-lo a Victor Graeff e a Espumoso. Faria inaugurações de obras públicas nesses municípios. De outra parte, queria me ouvir sobre as desmarches políticas nas sucessões dos prefeitos dos municípios do Alto Jacuí.

Preocupava-se com as divisões internas, conseqüentemente com as instituições de sublegendas. Havia só dois partidos – Arena e MDB – e cada um poderia lançar mais de um candidato.

Em razão da morte de Juscelino Kubitschek, ex-presidente da República, naquele dia, contatara os prefeitos para não soltarem foguetes nas inaugurações. Devotava muito respeito e admiração ao fundador de Brasília. Embora adversário político, Juscelino fora um grande chefe de Estado, merecia consideração, acentuava Guazelli.

Dispensara carro e seguranças. Convidei Sérgio Camargo Nogueira, Camarguinho, seu amigo, para dispor de automóvel Ford Landau para transportá-lo no roteiro pelos municípios.

Na hora aprazada, o governador embarcava, eufórico pela presença do Camarguinho ao volante. Além de mim, Lúcio Arnildo Loesch, prefeito de Victor Graeff; em Não-Me-Toque, mais o prefeito Edemar Antônio Noll. Largas risadas, Guazelli puxava conversa tocante à vida do seu ex-correlegionário Victor Graeff. Honraram sua memória dando-lhe nome ao novel município. História longa e bonita. Enquanto isso, os prefeitos se impacientavam, ansiosos por tempo para expor pleitos de seus municípios ao governador. E Guazelli, irreduzível, contava: Victor Graeff, brilhante orador, jovem talhado para a política, e pé de valsa nos salões de Buenos Aires, onde estudava direito. Doutorou-se. Também era refugiado político.

Vivera momentos felizes com Evita, requintava o governador. Amaram-se extremamente. Nas noites buliçosas nas finas casas noturnas, Victor e Evita eram aplaudidos. Só não se selou um amor firme por um lapso fortuito. Nesse período Evita sobressaía-se como defensora dos descamisados, os *trabalhadores*. Entrara na política embalada pelas mãos de Victor Graeff.

Juan Domingos Peron emergia como o grande líder da classe trabalhadora. Ouvira falar muito bem da jovem Evita, que se comunicava com ardor e emoção. Quis conhecê-la de imediato. Encantou-se com a beleza e outros dotes de Evita. Convidou-a para ser sua mulher. Peron elegeu-se presidente da Argentina. Evita Peron arrebatava multidões. Era a deusa dos pobres descamisados. Entrou vitoriosa na política.

Pensei comigo: essa do Victor Graeff com a Evita nem eu sabia. E os prefeitos disseram queriam saber? Guazelli não abria a guarda. Desse assunto pulou para o futebol. Gremista de cruz na testa, inticava com o Camarguinho, que era colorado. Guazelli estava noutra banda, política e futebol, tudo bem, problemas hoje não, pressenti eu. Formalidades oficiais depois da viagem ou no palácio.

Desencontro, certamente, os prefeitos não esperavam. Aquele trajeto curto entre Carazinho e Victor Graeff ficara mais curto com o papo descontraído de Guazelli. Em Victor Graeff efetua as inaugurações, primeiro um colégio, sob aplausos das crianças e do povo. Fala na ocasião, ressalta a coletividade victorense, refere-se ao ex-presidente Juscelino e, tecendo-lhe elogios, presta-lhe homenagem póstuma.

No centro social da cidade comparece ao almoço de confraternização. Antes, porém, quer se entrevistar com os candidatos a prefeito de Ibirubá – Neri Zeilman e Edson Bervian. Conversa com eles, ambos na sublegenda da Arena. E me pede um saca-rolha para destapatar uma garrafa de vinho “Museu”, de sua predileção. Socorro-me ao prefeito Loesch: “Tem saca-rolha para abrir esta garrafa de vinho?” Meio mundo à procura de um saca-rolha, quase novidade em Victor Graeff daquela época. Desfecham uma corrida.

Batem em várias casas, até que enfim aparece o pequeno instrumento. Saco a rolha e sirvo o precioso vinho ao governador. Nisso alguém fala: “Aqui a gente não toma quase vinho, toma chopp, não usa saca-rolhas; cerveja com abridor ou com a costa de faca.”

No almoço, supimpa de bom, o governador convida o prefeito João Odil Hass, de Espumoso, e rumam àquela cidade. Camarguinho no guidom. Nesse espaço de tempo, ouve do prefeito as reivindicações do município. Inaugura obras públicas, como fizera em Victor Graeff. Reúne-se com a liderança e debate questões de Espumoso. A política está em foco.

No caminho de volta a Carazinho, à tarde, Camarguinho toma a liberdade que lhe franqueara o governador e lhe fala: “Se nós dois, eu o Olavo, batermos lá no palácio, o senhor nos recebe?” De pronto, Guazelli responde: “Deixo de ser governador se não receber vocês em cinco minutos.” E nos dá cartões com sua rúbrica. “Podem chegar no palácio a hora que vocês quiserem.” Guazelli parecia exagerar. Mas não, era seu jeio franco e sincero de se comunicar.

Certo dia, com agenda da Coprel para cumprir em Porto Alegre, convido Sérgio e nos dirigimos à capital. “Assim que folgar hoje à tarde, vamos testar nosso amigo Guazelli indo ao palácio”, me sugere Camarguinho. Eu, um tanto receoso, concordo com a proposta. Temo que com a euforia do vinho Guazelli tenha se excedido com o desafio do jovem ibirubense.

Em todo caso, Camarguinho me facilita condução. Vamos lá e entramos no Palácio Piratini. Seriam cinco horas da tarde. Apresentamos cartões, assunto de extrema urgência. Um dos oficiais da Casa Civil oferece-nos o sofá e nos serve cafezinho.

“Conta os minutos”, digo para o Sérgio. Ele mira o cronômetro, sorri e diz: “Falta só uns 30 segundos para os cinco minutos.” “Ora”, lhe respondo, “isso pouco importa, se ele nos receber é o que basta.” Eis que surge Guazelli, no limite dos cinco minutos daquele dia 22 de agosto de 1976. Cumpria a promessa. Ele nos abraça e se senta no sofá conosco. E sem meias-palavras vai dizendo: “Hoje à noite vamos jantar no sul da cidade. Daí vamos conversar à vontade. Deunos o endereço. Estou em meio a audiência importante. Cumpri o

prometido.” Camarguinho, alegre e de crista alevantada com o seu amigo governador.

À noite, como combinara, nos dirigimos ao restaurante Compagnoni, do hotel da Varig, na zona Sul, Ipanema. O governador, ao chegar, nos diz: “Estou aqui com vocês como cidadão Synval Guazelli.” Viera com motorista e um líder político e trouxera gaita e violão. “Falaremos também de política”, nos diz. “Lidero aqui no Estado a expansão do PP – Partido Popular, do qual é fundador o presidente Tancredo Neves, a partir de Brasília.” E nos expõe as ideias da nova sigla partidária, dizendo contar com o nosso apoio.

Deleitamo-nos com o jantar, seletos e regados de bom vinho, o “Museu”. Dedilhava violão e cantava. Gaita de quando em vez, abraçava e soltava aquele vaneirão. Uma inesquecível noite de doce lazer, que encerramos às três horas da madrugada.

Que noite! No dia seguinte, o governador Synval Guazelli no Palácio Piratini, e nós de Ford Landau estradeando para chegar a Ibirubá. Sérgio Camargo Nogueira, com seus filhos Tiago e Felipe, em Sorriso, MT, jamais esquecerá esse evento.

Guazelli, um dos mais brilhantes políticos gaúchos, faleceu em 12 de abril de 2001.

## Sem luz e sem máquina, lavar roupa só no rio

As gringas de Sede Aurora, se não todas, a maioria, agrupavam-se, invariavelmente, às segundas-feiras, para lavar roupa no rio Jacuí-Mirim (Lagoão). Em largas lajes de pedra, próximo ao local da barca ou balsa de travessia para Sede Vitória, as mulheres desfaziam as trouxas e se ajoelhavam em cima de alguns panos ou entravam n’água a meia canela e começavam o processo de lavar roupa.

Seguramente, duas vezes por semana atafulhavam de roupa suja uma carroça puxada a boi ou qualquer outro meio de transporte para levá-las à lavanderia manual em grande laje, no rio Jacuí-Mirim. Nesse local, próximo à travessia ou passo do Lagoão, as trouxas

eram descarregadas e desfeitas. Não raro, mais de vinte mulheres e moças metiam-se na dura faina de lavar roupa. Para disfarçar o sacrifício do labor, entoavam canções do folclore italiano. Maravilhavam ou amenizavam desse modo aquela crucial trabalhadeira de lavar roupa no rio.

Esse local, de tão alegre que as mulheres lavadeiras o tornavam, certo, foi palco de triste tragédia. Vento forte tira da cabeça de uma das gurias o chapéu de palha e o lança na correnteza d'água. Inconsequentemente, o jovem Antenor De Bortolli, que viera conduzindo a carroça com as trouxas, joga-se n'água no encalço do chapéu da moça. Assustadas com o repentino arrojo do jovem, as mulheres gritam para ele abandone a tentativa da busca do chapéu. Debalde, Antenor some-se nas águas revoltas da correnteza.

Ansiedade e desespero no grupo. Acorrem pessoas da sede, comunicadas da ocorrência, para envidar meios de socorrer o jovem Antenor. Só no dia seguinte encontram o corpo: afogara-se a 300 metros do lavadouro. Drama de lavar roupa em rio grande que vira tragédia. Enluta-se a comunidade de Sede Aurora.

A esperança para fim de tantas agruras só finda com a chegada da luz elétrica da Coprel, no seu diligente afã de eletrificar para desenvolver, pois, sem luz e sem máquina, lavar roupa só no rio, e no rio Jacuí-Mirim, rio grande e perigoso.

Verdade que a ocorrência do afogamento foi uma fatalidade. Ocorreu, não ocorre mais, pois nesse meio-tempo Sede Aurora se iluminou e se transformou, banhada pelas águas do Passo Real, numa bela península turística. Cercam-na paradisíacos locais de lazer, que atraem investidores de cidades vizinhas. Ali, além da sede, surgiram vários balneários e casas de campo. Enumeramo-las: Refúgio, Beco do Sol, Sovaco da Cobra...

Na sede, os marcos históricos de uma época florescente e vibrante. A majestosa igreja, com um belo altar estilo gótico, a gruta de pedras preciosas, a antiga casa canônica, a sepultura do padre Paulo Bortolini, considerado santo, o camping de lazer, além de outras atrações. Vislumbra-se para o futuro, na medida dos investimentos e melhorias públicas, um grande centro turístico, no que está empenhada a municipalidade de Quinze de Novembro.

# Só entro quando tiver pau erguido!

Em maio de 1969, assumia a direção da Coprel. Deixara a administração do município em 31 de janeiro do mesmo ano, após ter exercido o mandato de prefeito.

De janeiro a maio, durante quatro meses, voltei à rádio, que sentira minha ausência. Reorganizei-a e ativei sua presença na região, entregando novamente o bastão de comando a Tranquila Librelotto Stefanello, esposa, que lhe deu continuidade. Ressalta-se o papel de veras importante da rádio-emissora na mobilização da família rural à eletrificação. Jamais, como meio de comunicação, se desvinculara, de falar com o povo do Alto Jacuí, com presteza, sinceridade e liberdade de espaço democrático.

“A hora é agora”, desafiaram-me lideranças públicas e comunitárias. “Se não a fizeres funcionar, o programa da eletrificação pelo qual tanto te bateste vai dar água.” Investi-me de coragem, que nunca me faltara.

Reorganizei os trabalhos iniciais da cooperativa. Arregimentei novos funcionários, técnicos foram treinados na CEEE, classificando-os como eletricistas, que passaram a capataziar as turmas de construção de redes. Engenheiro eletricista só havia um, para assinar os projetos, e sem dedicação de tempo integral na Coprel.

Eletrotécnico, Nélio Koch foi buscado na Escola Técnica Parobé de Porto Alegre. Descobriria o apartamento em que ele habitava. Coloquei uma carta-convite debaixo da soleira da porta para contratá-lo. Havia-me sido indicado pela direção da escola: estava sendo classificado como o mais inteligente da turma. Entrevistei-o e Nélio Koch permanece exercendo funções relevantes na Coprel. Continuou a estudar e adquiriu experiência.

Procedia de família do interior de Ijuí, filho de agricultor. De renda baixa, Nélio teve muita dificuldade para custear os estudos em Porto Alegre. Nas eventuais horas vagas, efetuava pequenas ta-

refas elétricas, em residências particulares. Com isso, juntava uns trocados extras. Nem feriados eram poupados, pois a necessidade o obrigava a trabalhar. Mal de roupa, lavava-a no fim do dia e secava-a ao vento na área do apartamento, vestindo-a no dia seguinte.

Admirável exemplo de persistência na busca do objetivo que planeava: ser eletrotécnico. Descritas essas passagens da etapa de começo da organização da cooperativa, vamos às mais difíceis, como a de reunir agricultores e compromissá-los a assinar as promissórias correspondentes aos empréstimos, que lhes eram concedidos na hora, sem qualquer outra forma de burocracia. Nessas primeiras reuniões problemas surgiram, como a indecisão, a descrença no sistema cooperativado e poucas adesões ao programa, o que me angustiava. Havia me metido em mato feio sem cachorro. Que fazer? Nem dormir direito podia. A insônia me perturbava... Até o momento em que, em reunião em Pulador do Sul, um agricultor, gente boa, mas desconfiado, abriu o bico e me atirou no ar: “Só entro quando tiver pau erguido. Antes não. Vamos ver esse negócio primeiro.” Puxa, agora, sim, é que o pica-pau arrebenta o bico!

Daquele encontro, eu e os companheiros que me auxiliavam saímos desolados. Pensava, matutava, Jesus me ajude. Teria de adotar nova estratégia. Mas como? De súbito me estala uma ideia, de risco. Ouvira aquele agricultor gritar que só entraria se houvesse pau fincado, isto é, rede elétrica à vista. Se ele crê em São Tomé, querendo primeiro ver as coisas acontecerem para depois acreditar, obrigava-me a mudar de estratégia.

Vamos lá por linhas tortas. Sabe lá se ele não teria suas razões para duvidar? Nova reunião, desta vez próxima daquela, em Esquina Erno Wayhs. Acordara que, assim que começasse a reunião, anunciaria a vinda do caminhão de reboque para fazer a distribuição de postes e que as redes seriam imediatamente construídas. Resultou um pouco maior o número de adesões. Naquela noite nascera a esperança.

Essa coisa tem de pegar fogo. Encorajamo-nos. Determinei concentração do pessoal de obras nos povoados e linhas. E num quase

puxirão, as redes foram estendidas. Os agricultores se entusiasmavam: “Esse homem quando diz, faz.”

Convocava as lideranças para reunir o pessoal todo, cooperante ou não, com festa de inauguração. Na noite aprazada, luz plena nas casas, nos galpões. E nos locais do ato de inauguração, luz no pátio, churrasco na brasa ou galinhada aromatizando o ambiente. Bebidas geladas dos freezers e geladeiras acionados com a energia da Coprel. No pátio iluminado, os agricultores retardatários enfileiravam-se em frente à mesa para se inscreverem, senão perdiam a vez do financiamento altamente vantajoso.

Podariam se socorrer, posteriormente, ao Banco do Brasil, mas o custo era maior e o prazo, menor. O “noite venturosa”! A escuridão sumira, o povo todo, extravasando alegria, admirava aquele clarão, um deles na casa de Afonso Schwantes, pessoa que recordo com emoção. Era presidente da Sociedade de Cantores Concórdia. Um valor humano dos mais excelsos daquele meio social campesino. Ajudou-me muito quando em vida. Bravos, igualmente, a Egônio e Erno Wayhs, *in memoriam*. Ibirubá e Quinze de Novembro lhes devem gratidão e reconhecimento sempre.

## T “Te abre indiada que o poste está caindo”

Empenhava-se uma equipe de construção de redes na linha São Rafael, Tapera, segundo conta Arão Escobar, um dos integrantes da turma, em erguer e alinhar os postes nos buracos. Nelson Soares capataziava a equipe. De plumo nas mãos, mirava o poste erguido com forquilhas pelos coprelianos, ajustando-o no buraco.

Nelson Soares da Silva olha para um lado e para outro, tem a impressão de que o poste balança e está caindo. Traça-lhe o céu, nuvens passageiras no alinhamento do poste, embaralha-se sua visão e não dá outra. Nelson, na mira do poste, pressente que está caindo

mesmo e grita: “Te abre indiada que o poste está caindo.” E corre uns 15 metros para ficar fora do perigo do poste, que os coprelianos escoravam com forquilhas.

Volvendo o olhar para trás, percebe que os “nimbos”, as nuvens passageiras, o enganaram. O poste continua de pé, seguro pelas forquilhas dos companheiros. Esgarçadas, as nuvens corriam e punham o mirador do plumo a ver o poste caindo. Risadas da equipe, que não entendera aquele ato de pavor do Nelson, correndo para não ser atingido pelo poste de 14 metros de comprimento.

Ué! O que teria acontecido com minha visão? Nota que as nuvens passageiras, ao cruzar na mira do plumo, davam-lhe a impressão de estar o poste entortando, tombando por cima do pessoal. Nelson Soares, como não se conformando com aquele equívoco, natural até, aproxima-se da turma, abre os braços e fecha-os batendo com as palmas das mãos e falando em tom bem alto: “Agora chega de risada, vamos aplumar e socar este poste.” A equipe silencia imediatamente e o trabalho prossegue seriamente.

O fato em si deixou uma beiradinha de graça entre aqueles coprelianos de construção de redes. Do plumo, do poste e das nuvens passageiras que enganaram o Nelson.

Nelson Soares da Silva, trabalhador e funcionário dos mais antigos da Coprel, diplomata no trato com as pessoas, mais distintamente com os cooperantes, tem ao longo da existência da Coprel exercido tarefas de toda sorte. As mais espinhosas eram quando lhe era delegada a missão de contemporizar passagens de redes entre propriedades de cooperantes com atrito de vizinhança. Contudo, com jeito e diplomacia ele resolvia os impasses.

Quantas vezes lembro ter-lhe atribuído questões dessa natureza. Com a habilidade que é mérito de poucas pessoas, Nelson Soares não só as tem solucionado como engrandecido o nome da Coprel e do seu quadro de funcionários. Desenvolve hoje missão de contato e relações públicas junto aos cooperantes. Diplomou-se no trabalho e na escola da vida copreliana.

# Tempo de brincar com as letras. Só com as letras?

Era criança. Estudar para mim era uma arte: arte de brincar com as letras. Antes da escola em Sede Vitória, minha mãe Antônia debruçava-se sobre a mesa para me ensinar a ler, escrever e fazer contas.

À noite, à luz de lampião, aprendi a soletrar, a ler e a entender as palavras. Esses foram os primeiros passos para a leitura. Aprimorei-a na escola com o professor Antônio Alves, que, apesar de velho e doente, esforçava-se para lecionar a contento. Auxiliava a sua filha, aluna de igual idade à minha. Nas ausências de Antônio, ela cuidava a aula, e cuidava só. O difícil nessas ocasiões era manter a normalidade da escola. Alunos maiores, levados à breca, transformavam-na em verdadeiro banzé. Esculhambavam-na, para azar de quem queria estudar.

Certa vez, Luizão, aluno irrequieto e sem vontade, subiu na estante de estudo e, agarrando-se no barrote transversal da escola, pelou-se parcialmente. Soltou as calças para baixo, sob a algazarra dos colegas. As meninas, horrorizadas com aquilo, colocavam as mãos no rosto. Que barbaridade!

Antoninha, sem forças para dominar o tumulto, encerrou a aula. E fechou a escola. Houve no outro dia reunião do professor com os pais. Deu em nada. O faltoso não foi expulso, quando o lugar dele melhor seria no cabo da enxada.

Transparecia a escola estar retornando à normalidade, o Luizão se aquietara. E a impressão aparente era de as aulas estarem ficando sérias. Que nada! A calma durou pouco. Para um grupo de alunos a quietude do estudo parecia não fazer bem. Para eles melhor seria transformar a escola em teatro, cenário para comédia, lugar de rir, brincar e até de brigar. No recreio era difícil não haver brigas entre os alunos.

Depois do rolo da Sarah com o Luizão, em que este apanhou feio da colega, outras desavenças aconteciam, para desespero do professor Antônio. Certo dia, Manoelzinho, aluno dos mais comportados, aparentemente, inventou uma traquinagem. Na venda do povoado – havia uma só – ele comprava barrinhas de chocolate. Saboreava-as na aula e dava-as a seus colegas do peito, que lhe retribuía.

Iracema, a professorinha recém-chegada para auxiliar o professor Antônio, a braços com mais de cinquenta alunos, aproxima-se de Manoelzinho: “E eu não vou ganhar um chocolate também?” Daquele dia em diante, Manoelzinho agradava a professora Iracema com as barrinhas de chocolate. Para que os colegas não o vissem dando chocolate à professora, habituara-se a pegar a barrinha do bolso.

“É hoje”, disse Manoel para si. “É hoje que a pego”. Furou o forro do bolso da calça, agitou o “joãozinho” e introduziu-o no lugar da barrinha. Afoita, Iracema, como habitualmente fazia, debruçou-se na estante e, disfarçadamente, meteu a mão no bolso do Manoelzinho, apertando o objeto misterioso. Então gritou: “Professor, olha o modo do Manoel!” Balbúrdia. Com os gritos da professora, os alunos viraram a escola para o ar. O professor Antônio, habituado com isso, nem se importou. Mas a estória da barrinha de chocolate espalhou-se pela comunidade da escola. Só isso?

Carreiras, corridas de cavalo na estradinha defronte à escola também aconteciam entre alunos. Desafiavam-se e, cada um com seu cavalo, batiam “chapa”.

Tempos estranhos aqueles de escola de campanha! Estudei lá!

# T Tempo de luz, tempo de vigor jovem

Peregrinando pelo campo das ideias, matutava o que de bom poderia fazer no mandato de vereador em que fora investido pelos eleitores. De sorte que me debruçava sobre vários temas importantes para Ibirubá, recém-constituído município. De quase tudo necessitava. Estradas, saúde e educação eram as questões que se antepunham como prioridades extremas. E nem nos dias de hoje deixam de ser prioridades, embora se inverta o sentido para a saúde, educação e transporte.

Cruz Alta, de cujo município se emancipara, quase o desconhecia. O abandono viário era desafiador para Ibirubá. Residindo em Sede Aurora, para vir a cidade era preciso se deslocar de ônibus por Fortaleza dos Valos à Esquina Moser; dali, após duas horas de ônibus de Cruz Alta aportava-se em Ibirubá. Por Quinze de Novembro, o mau estado da estrada não permitia o tráfego normal de ônibus.

Esse o quadro de Ibirubá, cujo crescimento ajudei a alicerçar. Projetos e proposições, as formulei inúmeras. Presidia a Câmara Municipal o vereador Libório Maurer, escrivão do distrito de Quinze de Novembro, atual município. Administrava Ibirubá Edgar Otto Fleck, o primeiro prefeito. Seguiu-lhe Edmundo Roewer, o segundo prefeito. Como terceiro prefeito, o mandato me foi conferido pelo eleitorado em 1963, o qual exerci intensamente até janeiro de 1969. Para cooperar com o novel município os mandatos de vereador eram exercidos sem remuneração.

Escolas, aprimoramento dos professores, estradas, saúde, entre outros temas, eram pertinentes ao desenvolvimento do município; a conquista do Posto de Suinocultura, o maior do país, e por aí vai. Entre outros, destaco a criação da Biblioteca Pública Municipal, que inscrevi no Instituto Nacional do Livro (INL), do Ministério da Educação e Cultura. Assim, caminhões de livros foram enviados à

biblioteca. A leitura, embora incipiente, dava sinal de interesse no meio estudantil.

A União Ibirubense dos Estudantes (UIE) deu-lhe apoio e difusão. A UIE, fundada e presidida por Carlos Roberto Nussbaumer, prestigiou-me em dois programas sequentes: a construção da Casa do Estudante e o programa radiofônico *Do livro ao rádio*. Por meio de grandes bailões com o *Chimarrão da Amizade* arrecadavam-se recursos para a construção da Casa do Estudante.

Colosso (Carlos Roberto Nussbaumer), Crista Sommer, Ilvedy Weber (secretária da Rádio Ibirubá) e mais uma dezena de estudantes alçaram a cultura e *Do livro ao rádio*, o caminho da leitura. Brilharam. Foi uma quadra de vida esplêndida do Ibirubá jovem, talvez dificilmente a ser superada.

## Tracava chumbo grosso no touro roceiro...

Anos cruciais aqueles primeiros vividos na querência de Capão Doce. Doce pelas “oropas”, abelhas de mel nativo abrigadas nos ocos das árvores do mato. A subsistência dos colonos dependia muito dos cultivos básicos, de milho, feijão e trigo; de batata, mandioca, arroz, subsidiariamente, só mais tarde. Centrava-se no milho o de maior importância, tanto que, se a safra fosse boa, tudo ia bem. Tinham-se porco gordo na encerra, galinhas no terreiro, ovos no pão, na massa, no prato avulsamente, quando se quisesse.

Tinham-se farinhas de trigo para o pão, de milho para a polenta ou o *brodt*, ambos alimentos complementares às refeições dos colonos. Todos indispensáveis e coadjuvantes à alimentação de quem produz, cria e abastece o mercado.

Pedro e Antônia, meus pais, descendentes de italianos, advindos da quarta colônia da imigração italiana, viveram essa época. O começo de uma vivência dura, afeita a cultivar a terra sem perspec-

tivas de lucros, de subsistência miserável. De Novo Paraíso, entre a serra e a campanha do interior de Júlio de Castilhos, foram para Capão Doce, nos confins selvagens de Cruz Alta. Do começo poder-se-ia dizer que saíram do paraíso para o inferno, tamanha a bruteza, visto que, além da terra de campo e mato, nada mais existia. Tudo ali tinha de ser feito.

A propriedade adquirida nem cercada era, livre e aberta à criação do próprio colonizador. As primeiras derrubadas de mato para as roças, após queimadas e escoivaradas, recebiam a semente. Se milho, três, quatro, seis por quebra, covas abertas por cavadeira de ferro em ponta de vara, ou simplesmente com uma vara feita cavadeira, o saraquá. Trigo plantava-se semeando a terra, revolvida com a enxada, a cangote de boi, depois de a terra ser cultivada, eliminados os tocos ou pedras de certo tamanho. As searas de uma planta ou de outra ficavam à mercê do gado invasor. Impelido pelo aroma dos milharais, o gado invasor destroçava-as, não deixando nada para ser colhido.

Que vou fazer para colher um pouco de milho? O gado o come todo! Conseguiu a cooperação do amigo Cantídio Silveira e de seu irmão Adão. Cercaram a roça com uma derrubada de árvores em sequência, uma sobre outra, sobrepostas. Fechavam-na com varas em alguns pontos menos cobertos pela galharia das árvores derrubadas. A cerca ideal seria a de alambrado com arame farpado. Economizaria para efetivá-la quando tivesse dinheiro suficiente. Até lá, o jeito era defender-se como lhe fosse possível.

Roça feita, milho na terra, a esperança de boa safra e sorrisos de vida melhor no rancho de Capão Doce. Sorrisos, se touro bravo não invadisse o roçado e destroçasse o milharal com o gado que lhe seguia... O pai desesperou-se com o estralçamento da roça. Touro roceiro arrombara a derrubada e abrira caminho a toda tropa... Nem milho verde sobrara...

Impunha-se uma atitude para reprimir os invasores. “Pai, mate esse touro”, eu falava para o meu pai. “Ele é bandido, eu sei”, dizia-me em resposta à nossa ansiedade, da mãe Antônia e dos maninhos.

“Matá-lo não queria, posso me incomodar com esse fazendeiro”, falava o pai, sem alternativas para defender o produto do seu suor. Edoardo, cinco anos, o segundo dos filhos depois de mim, saiu-se com esta: “Vamos tracar fogo no touro... Pai, pegue a espingarda e mete chumbo grosso no bandido.”

Corporificou-se a ideia do pequeno Edoardo. A calibre 12 e revólver Smith Wesson 38, carregadas e nas mãos do pai, vigília de prontidão na roça para salvar o milharal. As noites de lua cheia facilitavam as vigílias. Noutras, acendiam-se fogueiras, alhures, estrategicamente. Dias uns, dias outros, revezavam-se na ronda da roçada. Pedro, Emilinho e Cantidio, em dias alternados, de arma em punho, guardavam o milharal.

Quando menos se esperava, o grande touro mineiro invadia a derrubada, rompia-a para o gado passar. Estrugiam os tiros, o touro bufava e volvia à trilha pela qual viera, arrastando a gadaria. Tiros contínuos com a calibre 12, carregada de chumbo grosso, ecoavam naqueles grotões de Capão Doce... De tocaia, o negrinho Emílio travava fogo no touro roceiro, afugentando-o para fora da lavoura. Então, o diacho do touro passava uns dias sem aparecer. Recolhia-se aos capões de mato vizinhos ou ao campestre lindeiro...

“Quantos tiros acertaste no touro?”, perguntava meu pai. “Sei não! Mas que lhe cravei bala no corpo, isso sim, cravei!” Ele dizia ter dado uns tiros certos no touro, porém nunca o acertara mortalmente. E o touro roceiro virava lenda na roça do Pedro, meu pai. Era o jeito, no entanto, de garantir a primeira e boa colheita de milho. Graças à derrubada, nem tanto, mas o traca-fogo no touro roceiro, sim, decidira a colheita.

Lembro até surpreso essas passagens de infância, das fogueiras no meio do mato para espantar o gado roceiro. Temíamos o touro bravo. Sei lá se era para me amedrontar ou não, mas o Emilinho me dizia para ficar sempre atento à escuridão, donde ele poderia vir. Se olhos chispasssem fogo, alguém devia lhe apontar o gatilho. Os olhos brilhando no escuro só podiam ser de touro roceiro.

Contava meu pai que esse touro, além de brabo, era muito forte. Quando o carnearam, encontraram mais de vinte balas chumbeadas em seu corpo. E o bicho não morrerá! A maioria alojara-se no traseiro, nem para charque a carne prestara.

Troçavam de mim. Certa vez me levaram junto para a tocaia à noite, sobre uma gaiola armada, numa galharia das árvores abatidas para o cercado da roça. Pequena fogueira embaixo. Emilinho e o pai, lá pelas tantas, deram de aproveitar a meia claridade da luz para revistar se o gado não teria aberto outro corredor além daquele. “Fique aí quietinho, te enrola nesse cobertor e nos espere. Logo voltaremos”, disse-me o pai.

Passou um tempão. Acho que até dormi, esquecido ali naquele puleiro improvisado, feito esconderijo. De súbito, Jesus, berros longos e tonitruantes me apavoraram...Era o touro roceiro, que aos bufos e guampaços mexia com a galharia da derrubada onde eu estava... Gritei como um louco: “O touro está aqui!!!” Ouvei tiros, o touro deixou de barulhar. Eram o pai e o negrinho Emílio, que haviam se atocaiado ali perto para tracar fogo no touro. Socorreram-me de imediato, voltara a calma na roça...

Do rancho de moradia, distante meio quilômetro, a mãe Antônia ouvia berros, gritos e o tiroteio... Deus, tem de acontecer isso tudo para salvar a roça de milho? Preocupara-se com os meus gritos. O que teria acontecido com esse guri? Santo Dio, Mãe Santa do Céu, pobre da Antônia com o rosário na mão...

**T**“Tu a cavalo, a despacito, lendo o jornal... foi assim que te vi pela primeira vez”

Extravagância, nunca fiz. Remédio, nunca tomei...

Arlindo Refatti, 94 anos, bem de saúde e satisfeito com a vida, é um cidadão simples, modesto, que impressiona. Com toda essa idade nas costas, lembra, lucidamente, sua história rica de emoções, trabalhos e sacrifícios.

“O segredo disso talvez seja o de nunca eu ter feito extravagâncias na vida. Remédio, nunca tomei. E sou amigo dos médicos. Eles servem e curam doentes”, realça Refatti. “Vinho? Faço no porão daqui de casa, tomo uma taça e meia em cada refeição.”

De forma calma, macia e com frases curtas, Arlindo Refatti, dia 06/04/11, me descreveu passagens de sua história de vida. Um caminhar firme de trabalho, emoções e sacrifícios. E sem esmorecer nunca. “Vivo sempre alegre, e me sinto feliz. Hoje, porém, apenas a solidão não faz bem. Isso até parece uma carência comum para os idosos. O mundo de agora isola e exclui os idosos.” E acrescenta: “Sei lá, se estou errado, o mundo parece estar virando de perna para cima. Poucos se entendem. É uma correria atrás do ‘eu sou o bom, eu sou o maior’. Amanhã, depois, baixa a cortina e o teatro termina. O que foram ou que fizeram de exemplar as gerações futuras, a família, a sociedade?”, pergunta.

Casado com Olga Trombetta (*in memoriam*), tem sete filhos, dezessete netos e sete bisnetos, que o alegam nos fins de semana. Todos trabalham e estudam, enriquecem a sua vida.

De Marcelino Ramos, terra natal, mudou-se para Faxinal do Soturno acompanhando seus pais Ana Pazzetto e Guilherme Refatti, emigrados de Bento Gonçalves. Ana nasceu na Itália. Era imigrante. Na trajetória de vida, já casado, transferiu-se para a Costa do

Uruguai, Itatiba do Sul. De lá veio para Sede Aurora e depois para Ibirubá, onde fixou residência.

Atividades? As braçais, todas, a começar pela enxada. Trabalhou alguns anos com trilhadeira de trigo, arroz e outras de culturas.

Recorda-se do intenso suador para debulhar as colheitas de trigo das colônias de Sede Aurora, Sede Vitória, Rincão dos Valos, Fortaleza dos Valos. Os produtores ceifavam os trigais maduros, enfeixavam o trigo e agalponavam-no ou amontoavam-no na roça. E tinham pressa para a trilha quando no relente da lavoura, pois podia chover, e o trigo tinha de ser levado dali antes da chuva, conta Refatti. Era um lufa-lufa sem descanso, dia e noite.

“Tu se lembra disso, já pegou duro nas tarefas da roça”, me falava do trabalho daquela época sem a modernidade de hoje, mas que para viver era melhor. Comiam-se alimentos sem venenos, respirava-se ar puro. Das tantas distrações existentes, como era divertido sentar na barranca do Jacuí para pescar, ou navegar de canoa aos pesqueiros mais abundantes de peixes, águas puras e limpas.

De repente Arlindo Refatti me surpreende na conversa descontraída em sua casa, na rua Rio Branco:

Olavo, eu me lembro de um fato, não sei se tu lembra...” Tu a cavalo, a despacito, lendo jornal, foi assim que te vi pela primeira vez. E faz um tempão, uns setenta anos atrás. Marcou-me isso na memória, a imagem do gurizote a cavalo, saindo de Sede Aurora e lendo jornal. Gostava de ler. Vinha de Sede Vitória, passava a barca do Lagoão Jacuí Mirim, para assistir ao culto da missa em Sede Aurora.

E foi assim também, tu a cavalo, de jornal e revistas na mão, que te conheci e trocamos os primeiros cumprimentos. Eu a pé e tu a cavalo. ‘Olha que podes cair se o cavalo der uma negada. Apeie e venha ler aqui no bar do sogro.

O sogro era Inocente Luiz Trombetta. Bar e bailanta.

“Moro muito longe”, respondi, “e tenho que chegar em casa e, se trotar, chegarei lá pelas duas horas. A mãe me espera com almoço.

É domingo. Doutra vez venho e fico o dia todo.” O correio, naquele tempo, vinha de Quinze de Novembro a Sede Aurora a cavalo ou por outro meio ocasional. Ônibus, demorou a vir e, quando veio, interrompia a linha e não transitava com chuva, não havia estradas... As que havia eram barrentas e cheia de atoladores.

A lembrança de Refatti, do leitor a cavalo, me arremeteu o pensamento às datas memoráveis de minha infância e juventude. Saía da igreja às pressas após a missa para pegar a correspondência no salão do Inocente Trombetta. Ansiava pela leitura, pelas notícias e novidades. Coloninho, mergulhado no mato e campo de Sede Vitória, cafundó de Cruz Alta, o mundo eu só descobria por meio dos jornais.

Muito obrigado, Arlindo Refatti, por me fazer rememorar essa passagem da vida, a da leitura. Foi por ela que me formei um autodidata de alguma valia, se é que a possuo. Apesar dos caminhos diferentes, Refatti, nossas vidas nunca estiveram separadas.

Saulo Assis Stefanello, filho, e Eletra Trombetta, afilhada, assessoraram-me nesse encontro.

**T** “Tu vai ser vereador, eu sei.  
Proponhas logo eleito a entronização de  
Cristo na sala de reuniões da Câmara”

Padre Franz Hummler, grande líder, de intensa e vigorosa presença na comunidade ibirubense. Participava de todos os empreendimentos e boas causas. Destacara-se sobremodo, além da vida religiosa, nas áreas da educação e da saúde.

Certo dia o padre Chico, como era conhecido, me surge em Sede Aurora em sua curiosa “barata” com o líder Edmundo Roewer. E sem meias-palavras foi logo me apresentando o Roewer, que viera com ele me solicitar para ser candidato a vereador pelo seu partido, PSD.

Manifestei-lhes não ter interesse em me envolver na política. Colaboraria, na medida do possível, para que o novo município progredisse. O padre Chico não esperou por mais resistência e de maneira incisiva me disse: “Tu vai ser vereador, eu sei. E proponhas logo eleito a entronização do crucifixo de Cristo na sala de reuniões da Câmara.” E Edmundo Roewer, nome de vanguarda da política ibirubense, que eu já conhecia e tinha em alta conta pela sua seriedade e liderança, revigorou o pedido que o padre Chico me fizera: “Me acompanhe, Olavo, Ibirubá, município jovem, precisa de novos valores para se desenvolver.”

Prometi-lhes examinar o convite, discutir o assunto com meus familiares e dar-lhes em breve uma resposta.

Na semana seguinte, nova delegação ibirubense, integrada por Edgar Ricardo Womer, Otaviano Gomes, Theobaldo Becker e Edmundo Roewer, renovou-me o convite que me haviam feito o padre Chico e Edmundo Roewer. Cercado por tão distinta representação, aceitei o desafio de ingressar no PSD e ser candidato a vereador. Elegei-me e integrei o Legislativo, composto de sete vereadores.

Como promessa é dívida, propus o que me haviam pedido o padre Chico e Roewer, a entronização de Cristo, que o Legislativo aprovou por unanimidade. Padre Chico, de pronto, encomendou um crucifixo, esculpido em madeira por artista imigrante alemão de Itapiranga (SC), seu conhecido. E num solene ato de fé, o símbolo máximo da cristandade foi entronizado na sala de reuniões dos vereadores. Presidiu-a o vereador Libório Maurer, que com um belo discurso expressou os sentimentos unânimes do Legislativo e da população cristã do município. Outra proposição o padre Chico me pedira: “Vê se vocês podem mandar fechar aquele meretrício lá defronte ao cemitério evangélico, no lado direito da estrada para Alfredo Brenner e Cruz Alta, na vila Progresso. Aquilo é uma vergonha.”

Todos aprovaram o fechamento da recém-instalada casa de mulheres. Com um detalhe, coube a mim, na qualidade de presidente substituto, assinar o ato de fechamento da citada “zona”. Mais tarde, certo cafetino, talvez um dos prepostos do referido cabaré, me

interpelaria sobre o ato do Legislativo, imputando-me total responsabilidade pelo fechamento. Disse-lhe que a decisão fora unânime e que atendera a apelos das comunidades. Por que não encontrar outro local que não ferisse os princípios de respeito aos mortos, dada a proximidade do cemitério?

Na área da educação, Franz Hummler bateu-se pela melhoria do ensino em todos os níveis, de modo especial da Escola Santa Teresinha, na época mantida pelas Irmãs de Notre Dame, pelo ginásio e pelo Instituto Educacional, segundo grau. O instituto recebeu o nome de Edmundo Roewer, numa homenagem a esse grande ex-prefeito do município *in memoriam*. Obteve, através de viagem à Alemanha, recursos para a construção do Seminário de Santa Maria. Ainda da Alemanha conseguiu auxílio para a compra de aparelho de raio-X para o Hospital Annes Dias. Atuou decisivamente na fundação da Sociedade Hospitalar Beneficente professor Annes Dias, que a mim coube presidir durante três anos e meio. Adquiriu-se a Casa de Saúde Annes Dias de Theodoro Bublitz. Reformou-se e ampliou-se o hospital. Hoje é o único existente na cidade, com bom número de enfermeiras e médicos de várias áreas da medicina.

Referia-me ao padre Franz Hummler, imigrante alemão de Essen, Alemanha. Lá se formara engenheiro mecânico; depois abraçara a vida religiosa ordenando-se sacerdote. Imigrou para o Brasil tendo assumido a paróquia de Formigueiro, hoje município.

De lá se transferiu para a então colônia General Osório, depois Ibirubá. À frente da paróquia local, Nossa Senhora de Lourdes, permaneceu por mais de trinta anos. Sua atuação aqui foi das mais abrangentes; polemizava quando necessário, e nem questões de ordem política eram excluídas.

Tornara-se uma personalidade importante e até folclórica, daqui e fora daqui. Registro um fato deveras interessante. Ele viajara comigo ao Rio de Janeiro e na sede do Inda, no largo São Francisco, eu tinha audiência com o presidente do instituto. Ibirubá havia sido eleito município modelo para campo de experiências de organização e desenvolvimento rural, programa que se estribava na integração

das comunidades. Das necessidades mais prementes constavam máquinas rodoviárias, eletrificação rural e recursos para melhorar a educação e a saúde.

Tão influente foi a presença do padre Chico que o presidente do Inda, professor Eudes de Souza Leão Pinto, do Inda, convocou para o dia seguinte uma reunião do Conselho de Administração para apreciar os pleitos do prefeito de Ibirubá. E o surpreendente aconteceu: fomos convidados a participar da reunião como assistentes. E em nossa presença, após examinadas e debatidas as reivindicações, o conselho deliberou o envio, por meio de termo de comodato, de um trator de grande porte, Caterpillar HD7, e um caminhão caçamba. Ficou aprovado também nessa reunião um empréstimo à eletrificação rural abrangente a todo o território do município, concedido mediante a apresentação dos projetos, encargo este da prefeitura. A aplicação do financiamento seria viabilizada através de cooperativa específica. Isso em parte me assustou de começo, por se tratar de novo e tremendo desafio. Teríamos de lenhar em mato selvagem.

Tudo, porém, deu certo. Para garantir o empréstimo, a Prefeitura diligenciou funcionários próprios e técnicos da CEEE e realizou os anteprojetos do território do município, cujo montante ascendeu a um bilhão de cruzeiros, moeda da época. Aí está a Coprel, exemplificando vitoriosamente o sistema da eletrificação cooperativada.

Fazendo justiça a um bravo servidor da municipalidade, distingo Arlindo Schneider, entre outros, como o operador do trator de esteira vindo do Inda. Com essa máquina, Schneider abriu e alargou estradas no município, claro, com auxílio das demais máquinas da Prefeitura, trator caçamba, patrôlas e caminhões.

Tracei algumas imagens do Ibirubá de ontem. E são tantas. Só em pílulas, por vezes, poderíamos evidenciá-las todas ou em parte, torná-las públicas. Queira Deus isso seja possível com a cooperação dos leitores. Ânimo e vontade não me faltarão, creio!

# Visitar Ilhéus sem provar o quibe do Vesúvio, não visitou Ilhéus

Ilhéus tem uma história enriquecida pela faustosa era do cacau. A riqueza cacaueteira elevou a cidade a ser vastamente conhecida. Surgiram construções importantes; a catedral é monumental; a universidade, hotéis, o Vesúvio, bar e cabaré de memorável tradição histórica, casa onde morou Jorge Amado, retrato impressionante de arte e arquitetura que se reflete em toda a cidade. E o Vesúvio continua lá, tal e qual os seus anos de glórias, aprazível casa, de alegria, prazer e reminiscências.

Em seu espaço externo e interno, o movimento de turistas ali é constante. Obedecem a quase um ritual. Incentivam-no os próprios visitantes para desfrutar as delícias da casa, o quibe, porque o quibe do Vesúvio não tem igual. Acrescenta-se o dito popular: visitar Ilhéus sem visitar o Vesúvio, não visitou Ilhéus.

Este recanto, além de ser aconchegante, estadeia uma singularidade que lhe dá fama. O local preferido do escritor Jorge Amado para se inspirar a historiar seus livros de romances, traduzidos a línguas de países sem conta, prejudga-se.

Fundamentava-se para escrevê-los no princípio de que não escreveria livros baseados em contar a vida real. Genializava-os, criava-os e, ao final, escrevia-os com foco na ficção. Livrar-se-ia, dessa forma, de ter de dar, eventualmente, satisfação do que escrevera. Li seu livro *Navegação de cabotagem*, apontamentos, não memórias, que jamais escreveria, afirmava ele. Apontamentos que recolhera de suas agendas de trabalho, encontros, fatos, citando mais de outros do que de si próprio. Isso apenas no *Navegação de cabotagem*, para mim uma advertência. Meti-me em sete varas ao tentar relatar fragmentos de vida, ideias, fatos e figuras, além de minhas experiências. Neste novo livro, por sinal, estereografa o anterior em similitude, creio.

Ative-me a toda prova escrever sobre fatos e histórias reais, contravindo, de certa forma, o pensamento de Jorge Amado. Sei que

ficarei no meio do caminho, pois quantas coisas boas e significativas gostaria de registrar. O grande escritor, ao fazer seus apontamentos, ressaltava o cotidiano, a vivência de todo dia. Suas obras, porém, tratam, vivem e retratam um mundo de ficção. Belíssimas e envolventes histórias romanescas. Escrevendo isso, me comprazo com a cultura daquela praia. Descrevia Ilhéus. Do quibe rematado com pimenta-de-cheiro, coentro e limão. Quibe, para quem não sabe, é feito de carne e trigo moídos, em rolinhos fritos em óleo de dendê. E no Vesúvio, o que mais quiser.

Camarão, polvo, lagosta, pиту, lula, marisco, peixes, tudo o que vem do mar ou dos rios. Da praia de Ilhéus, cujas águas ondeiam espumantes indo morrer nas areias pertinho, a catedral, o Vesúvio, o Portal hotel, a cidade... ouvindo o escachoar das ondas... e de vozes de personagens dos romances de Jorge Amado. Em *Navegação de cabotagem*, que não é romance, de apontamentos sim, entre tantos textos nele contidos, distingo:

Protesto contra os que me chamam de romancista das putas e de vagabundas, classifica-me com menosprezo um graúdo da crítica literária. A classificação me agrada, passo a repeti-la para definir minha criação romanesca. Gosto da palavra puta, simples e límpida, tenho horror aos termos prostituta, marafona, pejorativos e discriminatórios.

Me orgulho de ser romancista de putas e vagabundos, colocando acento na palavra puta, com júbilo.

Lia os livros do escritor baiano, conhecidos no mundo todo, me induziu a escrever também um romance, embora na lonjura de muitos quilômetros da extraordinária literatura dele. Encorajei-me e o rascunhei. Mas ficou nisso, nem pensar em publicá-lo. Até nome lhe dera.

Planeara um livro de pura ficção. Desisti. Sem ser escritor, leitor obsessivo, isto sim. Porque não seria louvável ousar á iniciação da literatura romanesca. Escreveria sem expor excentricidades, como o escrevi num repente, estenografando, em princípio, méritos e valores. E nesse estágio ele se encontra, talvez o defina e publique.

Ilhéus, cidade patrimônio da humanidade, nas tantas vezes que estive lá, me inspirou a ser poeta sem poesia e a ser romancista sem romance. Me incutiram, todavia, o acendrado espírito da leitura para aprender a escrever o que escrevi. Pedro, meu pai, dizia-me: “Leia, faça da leitura a tua escola. Da roça, vem dinheiro pouco para custear os estudos.” De sorte que me habituei, por meio da leitura, a escrevinhar o que sei e aprendi. Livros, revistas e jornais, quando não os compravam, Vitório Stefanello, meu tio, emprestava-me-os.

Retomo o assunto do texto. Escusem-me os longos parênteses. De Ilhéus a Itabuna, cerca de 30 km, ainda desta vez, meados de 1978, retribuí visita da comissão de líderes e técnicos da Ceplac Cacaueira. Ela estivera na Coprel inteirando-se do processo da eletrificação rural, que estadeava para o país o sistema cooperativo. E o governo federal incentivava-o com financiamentos advindos de bancos internacionais ou do Banco do Brasil.

Na Ceplac, a convite, debati com eles e produtores o melhor modo para expandir a energia elétrica ao meio cacaueiro da região sul da Bahia. Crivaram-me de perguntas. A Coprel altaneava-se como laboratório nacional da energia campesina, de sorte que a reunião coroou-se de pleno êxito.

De Itabuna me dirigi à cidade de Potiraguá, a 150 km dali, terra natal do médico cardiologista Arnaldo de Azevedo Alves, vinculado ao Hospital Annes Dias, de Ibirubá. Hospedei-me na vivenda de Maria de Brito Alves, cem anos, sua mãe! Mariazinha e sua filha Teresinha me extremaram de cordialidade.

Coincidia a visita, que me foi muito agradável, com as festas juninas, três dias de diversão que balançavam a vida da curiosa Potiraguá. Os festejos em honra de São João são tradição tão significativa ou mais no Nordeste que a do carnaval.

Dona Maria, ex-professora, é médium kardecista e coordenava o albergue dos desfavorecidos da sorte. Uma santa mulher. Que missão abençoada por Deus! Pelo carinho que me deram, infinitamente agradecido.

## C Carta 4

Gravatal (SC) 19 de abril de 2008.

Ilmo Senhor  
OLAVO STEFANELLO  
IBIRUBÁ - RS

Surpreendentemente ao dirigir-me a meu local de trabalho, na CERGRAL após abrir as janelas para ventilação entrar, sentei-me à mesa e comecei exercer minhas tarefas do dia, quando deparei-me ao abrir uma correspondência, li “ESMERALDAS CÁ NA TERRA, ESTRELAS LÁ NO CÉU”. Abri a capa, li a mesma frase, perguntei a mim mesmo, quem estaria me dirigindo esta belíssima frase?

Mais uma página, a mesma frase, só então percebi: ‘Por Olavo Stefanello’. Então pude associar ainda incerto, rapidamente fui ao prefácio li e reli, só então quando minhas dúvidas se esclareceram. Parei meu trabalho e voltei à primeira folha, passei à segunda, com muita atenção li e reli dedicatória a terceira página. Então senti estar juntamente com minha família, em Cruz Alta e Santa Vitória.

Fechei o livro e passei a rabiscar esta para dizer a Olavo Stefanello, o Ilustre desconhecido, muito obrigado e que Deus o proteja junto as nossas Esmeraldas cá e as Estrelas lá no Céu, iluminando cada vez mais escritor como o escrevinhador desta obra, que terá o maior prazer lendo-a e lembrando nosso início de convívio.

Finalmente dirijo-me a você e sua família companheiro Jânio, me permite assim chamá-lo, para dizer-lhe: Você é inigualável juntamente com sua família e seu pai, que é e será inesquecível. Termina, não encontro mais palavras. Que Deus te proteja e as Estrelas te iluminam.

Um abraço do amigo

Zé Comelli

# A saga de Guilherme Augustin, uma legenda da história regional

Nascido no município de Montenegro, hoje cidade de Maratá, a 22 de março de 1894, durante o auge da luta entre Maragatos e Chimangos, Guilherme Augustin contraiu matrimônio com Leopoldina Baurermann, em 1917, emigrando para a região do Alto Jacuí. O casal, primeiramente, estabeleceu-se no ano de 1918 na então vila de Cochinho, hoje Victor Graeff, no ramo comercial, transferindo-se mais tarde para Não-Me-Toque, na época 7º distrito de Passo Fundo, onde em 2 de setembro de 1926 abriu uma casa de comércio. Dedicou-se também ao transporte de madeiras e produtos manufaturados através de carroça a Carazinho e ao embarque de farinha e raspa de mandioca ao centro e norte do país. Incrementou a atividade comercial de suínos, banha, manteiga, ovos, queijo, entre outros. Nesse período construiu um matadouro, que mais tarde seria destruído pelo fogo.

Foi um ato de coragem, porque nos idos tempos tudo era campo e mato, a agricultura era rudimentar, máquinas não existiam, o que existia era a vontade de crescer, de se integrar na comunidade, a coragem de enfrentar desafios herdada dos pais. O início foi difícil, a caminhada, da mesma forma, muito árdua, mas cheia de esperança no futuro daquilo que haviam iniciado, de uma colônia com o nome de Alto Jacuí.

A constante evolução tecnológica mudou os rumos da história do casal. Começaram a trabalhar no entreposto de compra e venda de farinha de mandioca, com remessas para o estado da Bahia, mais tarde com compra de trigo. E ao lado disso a loja foi crescendo, surgindo com a lavoura e, com a mecanização, começou a despontar no horizonte.

Além do comércio que exerceu, foi fundador e acionista da Keller, Augustin & Cia Ltda. (revenda Ford), Fazenda Garça Branca Ltda. e Fazenda Boa Esperança Ltda., no estado de Mato Grosso, desenvolvendo a agropecuária.

O pioneirismo, que estava no sangue de Guilherme e Leopoldina, corria também nas veias de seus filhos e genros, fazendo crescer o espírito de progresso e trabalho ainda mais. Mas o grande salto para o desenvolvimento foi acreditar na agricultura como uma coisa viável economicamente e de futuro, fonte de desenvolvimento do município, do estado e país.

De modesta revendedora, teve a honra de ser a maior revendedora nacional de tratores Massey Ferguson nos anos de 1965, 68, 70, 71 e 74, revenda iniciada em 1962. Destaque especial no ano de 1971, com 646 tratores vendidos – quase dois por dia –, foi a revenda campeã mundial. Augustin vendeu desde 1962 até os dias de hoje mais de dez mil tratores e mais de 1.700 colheitadeiras na área de atuação em 75 municípios.

Guilherme Augustin era líder e influente político regional. Foi conselheiro do recém-criado município de Carazinho. Nas eleições da primeira legislatura da Câmara de Vereadores de Carazinho, em 15 de novembro de 1947, foi eleito vereador pelo PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, representando o então distrito de Não-Me-Toque. Chefe político de expressiva autenticidade foi sempre respeitado mesmo por seus adversários. Getulista, teve brilhante atuação como conselheiro nas administrações dos prefeitos de Carazinho Albino Hildebrandt e Ernesto José Annoni, quando Não-Me-Toque era 2º distrito.

Nas campanhas políticas lenço em volta do pescoço era a insígnia de época. Nas primeiras eleições de Não-Me-Toque, contribuiu decisivamente, nas quais resultaram eleitos prefeitos: seu irmão Pedro Jacob Augustin, gestão de 1955/1959, e seu sobrinho Ernesto João Cardozo, gestão 1960/63, bem como seu filho Ruy Augustin gestão 1969/72. Seu neto Gilberto Goellner, é senador da República pelo estado do Mato Grosso.

Faleceu em 23 de setembro de 1974, aos oitenta anos de idade, deixando viúva Leopoldina Augustin, “Cidadã Nãometoquense”, título outorgado pela lei municipal nº 698, de 07.04.78. Guilherme Augustin teve seu nome e trajetória enaltecidos nos legislativos es-

tadual e federal; a família e seus descendentes, por meio da Associação dos funcionários da empresa e da Fundação Guilherme Augustin. Augustin é uma lenda da história de Carazinho e Não-Me-Toque. Rui Augustin, seu filho, notabilizou-se como prefeito de Não-Me-Toque, ou melhor, de Campo Real, de 1969 a janeiro de 1973, período em que o município teve essa denominação.

Liderou a campanha da eletrificação rural do município, executada e mantida pela Coprel Energia.

## Jah, dea Scheiss is taia awa das Licht is shoen

Fatos do cotidiano na vida dos coprelianos são muitos e alguns provocam risos de rédeas soltas. Orvalino Ventura da Silva, Pereirinha, conta das suas ocorrências do tempo em que efetuava as ligações elétricas nas casas dos cooperantes, ou de quando fazia algumas batidas de fiscalização.

E foi numa dessas ações de vigilância de rotina que o Pereirinha descobriu, certa feita, uma irregularidade em Arroio Angico, Tapeira, perto do cooperante Elio Starlick. Segundo o Nélio Koch, coordenador técnico da Coprel, o Pereirinha relata: “Fui lá e vi que tinha uma casa, perto do salão, enrabichada” (casa com ligação clandestina através do medidor de outra casa). Aí, conta o Pereirinha: “Avisei os familiares do referido cooperante – proprietário – que não podia ligar assim, e que tinha que vir à Coprel para fazer um “aumento de carga, regularizando a situação.”

Dali a alguns dias chegaram à Coprel o proprietário e um rapaz. (Naquele tempo, conta Pereirinha, trabalhava e estava junto com ele para recebê-los seu Etelvino Ristow, vice-presidente da Coprel). “Conversamos então e fizemos um levantamento de carga”, continua o Pereirinha. “Expliquei a eles que tinham que pagar a diferença, isto é, o aumento de carga no valor de hum mil e quinhentos cruzeiros, correspondente a essa nova ligação de mais 3 kVA.”

Após explicado direitinho o procedimento para regularizar o seu caso de cooperante, o rapaz – solteirão – falou pro pai: “*Ai dea Scheiss is doch moh taia, papa*, que, traduzido do alemão (dialeto), significa “mas como essa merda é cara, pai”. E continuou o rapaz falando ao pai: *Awa mea konne doch nicks mache , misse emohl dea Scheiss bezale* (“Mas, não podemos fazer nada, temos que pagar essa merda!”).

Preenchidos então os documentos do “aumento de carga” e o recibo, o seu Etelvino Ristow, que estava junto, saiu “de fininho”, pois, ia ter um ataque de riso na frente deles, achando muito engraçado o homem falar daquele jeito... O cooperante então pagou tudo e assinou o “aumento de carga”, tudo nos conformes. Quando ia saindo, o Pereirinha falou pra ele em alemão: *jah, dea Scheiss is taia awa does Licht is schoen* (“É, essa merda é cara, mas a luz é bonita”). O homem não sabia onde enfiar a cara...

Arremata Nélio Koch, “pra quem não sabe, o Pereirinha (como é conhecido por todos) embora quase ninguém saiba e não transparesça, sabe falar a língua alemã no dialeto, como é muito comum em nossa região.”

Orvalino Ventura da Silva é natural de Tapera, localidade de Bela Vista, atualmente pertencente a Selbach. Nascido em 10 de dezembro de 1941, foi adotado pelo casal Jurema Born e Eduardo Pereira da Silva. Estudou praticamente mecânica, foi motorista da Prefeitura Municipal de Ibirubá nas gestões dos prefeitos Edmundo Roewer e Olavo Stefanello. Mais tarde, especializou-se em técnicas elétricas, habilitando-se a trabalhar na Coprel, em cuja função permanece na ativa, diligente e prestativo. É competente em mecânica, eletricitista e motorista.

Nélio adaptou as traduções usando palavras do dialeto aproximado do jeito como se fala em nossa região, permitindo ao leitor entender melhor esse fato copreliano.

# Ajudei a cravar o primeiro poste da Coprel

Um dia desses, o veterano trabalhador das turmas de construção de redes José Francisco de Souza, 78 anos, hoje aposentado, visitou a Coprel, onde se reuniu com seus ex-colegas, num caloroso reencontro de companheirismo. Reviveram momentos da luta sem quartel que se estendeu nesta vasta região do estado. Dizia ele com orgulho: “Ajudei a cravar o primeiro poste da luz da Coprel.”

A mim ele se expressou com sentimento e fé: “Rezo todos os dias para ti, Olavo, e peço a Deus que te dê força para continuar o homem que tu sempre foste, amigo, leal e grande empreendedor. Para mim a Coprel foi uma escola. Aprendi muito. Todos se davam bem. Aprendia-se como lidar com as famílias do interior, os associados da Coprel.”

José Francisco de Souza carregou sempre no ombro um saco de pano, com o qual trazia morangas, milho e o que mais ele ganhava ou comprava para seu rancho, no bairro Floresta, em Ibirubá, onde criava galinhas e coelhos.

“Quando me aposentei, quase chorei por ter que deixar a Coprel, pois ali passei os melhores dias de vida.” “Me falava e falava para os coprelianos nessa visita para matar saudades: “Seu Olavo, me lembro dos acampamentos em que se arranchavam as equipes de construção de redes. Fogo de chão nas noites frias de inverno. Eu até com as panelas lidei no acampamento. Éramos nós mesmos que fazíamos o boião para o pessoal e o patrão Olavo muitas vezes boiava conosco e elogiava a comida crioula, nas visitas que realizava nas frentes de trabalho.”

É uma história viva do copreliano José Francisco de Souza, pessoa amável, correta, que nos dá o exemplo do valor humano. Não importa a sua condição social, se humilde trabalhador ou de patrão; importa, sim, tenha ele grandeza de vivência leal e solidária.

Faleceu em 21 de maio de 2011, sendo sepultado com grande acompanhamento.

# Jurisprudente luminoso, Celso Fiori definiu-me num lance a questão

De raciocínio rápido, indiscutivelmente, não conhecera até então, homem de direito de tino e lucidez tão profundos como o do doutor Celso Fiori. Notável. Precisei dele.

Fora eleito presidente da recém-fundada Sociedade Hospitalar Beneficente Prof<sup>o</sup> Annes Dias. Estabelecia-se negociação para a compra e transferência da Casa de Saúde Annes Dias, que pertencia a Theodoro Bublitz Cia Ltda e lutava com dificuldades para se manter. Naquele tempo, e hoje não é diferente, hospital no interior era um verdadeiro desafio. Pretendia-se com a aquisição ampliar os serviços médico-hospitalares e, desse modo, adiar de imediato a construção de um novo prédio.

De outra parte, habilitá-lo à filantropia, sem a qual a entidade não seria contemplada com auxílios oriundos da União, visando estender atendimento aos pobres. E bem nessa hora, já de começo, esbarrei com uma complicada questão. A firma Theodoro Bublitz, mantenedora do hospital, nunca fizera declaração de imposto de renda, nem recolhera os tributos devidos. Devia aos cofres do Tesouro federal o montante de seis milhões, equivalentes à importância total da transação. Determinara, simplesmente, a impossibilidade do negócio.

Ficara eu a pé, pensando em solução, talvez milagrosa. O dinheiro a advir dos sócios, ainda a serem buscados, tinha destino certo: pagar o valor preestabelecido com Theodoro Bublitz. Colocar-se-iam 400 quotas sociais de 15 mil cada, e, após integralizadas, dar-se-ia quitação à compra.

Que desafio! Além dele, uma aventura das mais difíceis. Arrojé-me, nunca recuara, não seria agora que iria fugir da raia. Reuni as lideranças para desenlear ou começar a desenlear aquele “nó” do problema, as mais representativas: Edmundo Roewer, Edgar Otto Fleck, Altivo Osmar Ruschel, Franz Hummler, Nestor Jost, Willy

Borthz, Eurico de Fonseca Araújo, entre outros. E examinamos a questão sob muitos ângulos. Configurava-se uma questão adversa e ruim para ambos os lados: para a novel Sociedade e para Theodoro Bublitz. Da reunião ficara explícita a necessidade de bater às portas de quem de direito. Deram-me carta branca para agir, como quem diz, “tu é presidente, te vira”. Pois nem pensei duas vezes. Ouvira falar de nome competente em direito atuando em Passo Fundo: doutor Celso Fiori, que se alteava com brilho nas lides forenses. É este! Vou consultá-lo.

Celso Fiori recebeu-me com presteza e espontaneidade, assim como é bom ver as pessoas, confiantes. Alguém me acompanhara, não recordo quem. Sem delongas, expus-lhe a que viera, detalhei o imbróglgio de Theodoro Bublitz e o interesse da nova sociedade em assumir o imóvel da velha Casa de Saúde. Celso Fiori, de olhar vivo e fixo em mim, concentrou-se por um instante.

A seguir, num ímpeto, ergueu-se da cadeira e virou-se para a sua enorme estante de livros, como querendo pegar um deles. Porém, não o fez. Deu uns passos para um lado e outro e dirigiu-se a mim: “Me repita o que me disseste, de como vocês fizeram este negócio. A sociedade está sendo constituída por quotas sociais e tem ou terá um Estatuto. E querem comprar o hospital de Theodoro Bublitz? É isto?”

“Perfeitamente”, lhe respondi. E sem pestanejar, ele me propôs: “Leva-me a Ibirubá para me inteirar melhor dessa questão.” Em poucos minutos acionei o carro e nos mandamos de volta levando o ilustre causídico Celso Fiori.

Em Ibirubá passou a examinar os estatutos da sociedade e a constituição da firma Bublitz do Hospital. Fez isso tudo muito rapidamente. Dito e feito, num lance de extrema clarividência, redigiu uma cláusula pela qual Theodoro Bublitz Ltda. participaria com algumas quotas sociais na nova sociedade, e esta assumiria os serviços gerais do hospital. Desconhece-se o passado, que é insolúvel, e nada tem a ver com a nova sociedade. Era assunto do Bublitz. Aditou-se a referida cláusula estatutária e o assunto ficou definitivamente resolvido.

De regresso a Passo Fundo, Celso Fiori descontraíu-se em animada conversação pelo exitoso desiderato. E lá chegando não me deixou voltar sem antes acompanhá-lo a sua gleba rural, não distante da cidade, à margem direita da estrada para Marau. Concordei. Fez embarcar no carro seu filho com dificuldade de locomoção, teria quinze anos. Mostrar-me-ia fazendinha de campo e mato, tudo nativo, e a vivenda no alto de colina, entre capões. Um paraíso natural. Encantava-se com ele. Dizia-me Fiori: “A natureza me faz bem, me embriaga, me sinto de espírito leve”.

Retrucava-lhe que eu também era apaixonado pela natureza.

Ao chegar, auxiliiei-o a colocar o jovem excepcional em cima de montaria adestrada, fazia exercícios de equitação. Era o que o jovem queria e gostava. Sob a custódia de segurança, percorria a propriedade, entretinha-se com as reses em pastoreio, com as emas e o barulhar de gralhas azuis nas grimpas de pinheiros, o revoar e o pousar dos “faladores” charões. Apreciava a vida saudável do campo.

A tarde quase findava quando voltamos à cidade. Dos capões nativos do doutor Fiori, depois de quase meio século, ainda os admiro ao passar à direita pela estrada para Marau. Permanecem de pé os verdes capões, uma preciosidade. E para mim, a lembrança do ilustre amigo Celso Fiori, uma das mais distintas e cultas personalidades de Passo Fundo. Promotor do ensino superior, fundador da Academia Passo Fundense de Letras, centroavante de futebol do 14 de julho e dele fundador, além de criminalista dos mais brilhantes, tribuno e advogado de respeito.

Tive-o como grande amigo.

# Trocaram a cabeça de leitão por um toco de pau

Lá vai um tempão, me lembra Ignez Fior, viúva do inesquecível Tranqüilo Fior, pais de empresário Pacífico Fior e ex-funcionário da Coprel.

O fato lembrado pela Ignez acontecera no começo de meu mandato de prefeito. Inaugurava-se uma estrada em contorno a encosta de morro pela qual se encurtava distância de acesso a Santo Antônio do Bom Retiro, e deste povoado por essa nova estrada, via Linha 2, à cidade de Ibirubá. Pleiteavam esse melhoramento os líderes Guerino, Tranqüilo Fior e os demais moradores daquela região. A conclusão da estrada dera motivo para uma festa, alusiva à inauguração, por iniciativa da comunidade, visando arrecadar renda para o Círculo de Pais e Mestres da Escola Municipal. Sem precisar a data, apenas ter ocorrido em meados de 1966, relata dona Ignez.

Naquele dia, dia de bastante sol e calor, deu-se a inauguração da estrada. Ato simples, corte de fita simbólica, dois curtos discursos, estrondear de foguetes para incendiar a alegria do povo. Regada de fato a alegria do povo com o incessante bombear dos barris de chopp de caneco. Somavam-se a esse quase espetaculoso festejar canecos espumantes de chopp em punho, não só nas mãos dos homens, mas nas das mulheres também.

Estas, para não ficarem à margem da festa, agradeciam a generosidade dos maridos. “É tempo de mudar”, falava alto dona Ignez e companheiras, determinadas a compartilhar de igual para igual, direitos iguais. E agradeciam brindando com choque de canecos. Claro, as que não apreciavam bebida alcoólica brindavam com outras bebidas, sem álcool, que também rebatiam a sede e o calor do verão. Depois do ato inaugural, fita simbólica cortada, dois curtos discursos, chegou a hora do churrasco: uma variedade de carnes de gado, leitão, galinha cheia ou recheada... Muita conversação, música e chopp. Baile só à noite.

Vereadores, líderes e a população do lugar extravasavam contentamento pela realização daquela festa de confraternização pela

nova estrada. Licença para a festa, concedera-a o comissário Pedro de Jesus Arbello, investido do cargo de delegado de polícia. Dado com o pessoal do lugar, Arbello era uma figura folclórica e não abria mão de um bom churrasco extra, e mais uma cabeça de leitão e um espeto de carne para levar à sua consorte ao fim da festa.

Isso tudo os festeiros prontamente lhe arrumaram, envolvendo-os em jornais. Pedro, feliz da vida, guardara o rico embrulho no interior do jeep da DP. E prosseguia a festa, com música, chopp e a alegria que se espraiava rincão em fora.

Em certo momento, mais uma novidade naquela tarde mormacenta de verão. As mulheres se agruparam ao redor de um barril de chopp, chamaram uns homens de voz boa para cantar e anunciaram: “Agora vamos fazer uma cantoria para reviver as nossas origens italianas”. Tilintaram um instrumento metálico, e as vozes se harmonizavam em canções do lindo folclore italiano... Ecoava o som daquelas sonoras canções revivendo a bela Itália... “Massolin di Fiori”, “La Virginela”, “La Gigietta”, “Andiamaita Mérica”, “Zia Rosina...”

Encantador quando as pessoas se reúnem para cantar, expandir sentimentos de saudosas recordações.

“Dio Santo”, de súbito exclama o líder da festa, o Guerino. Era só o que faltava: nessa festa tão bonita o Pedro Arbello dera falta de seus assados. No lugar deles, um toco de pau... O comissário está pegando fogo: “Quem foi o desgraçado que roubou os meus assados que prometi para a mulher. Vou descobrir quem me fez isso... e boto o sujeito na cadeia...” Virou uma jararaca de brabo. Também pudera, fora desaforo para mais de metro. Os irmãos Fior, a comissão da festa, sempre ciosos em zelar pelo bom nome da comunidade, não gostaram nem um pouco da brincadeira de mau gosto. Tinham abusado do comissário, que, apesar de seus defeitos, era policial honesto e amigo.

Quem foi, quem não foi. Dona Ignez Fior, presente na festa, ouviu boato, verdade quem sabe, que o praticante do ato da safadeza teria sido o Lauro Eckert e amigos. Levaram os assados e deixaram um toco no lugar deles. Efeito do chopp, certamente.

## Da desconfiança ao sucesso

Da desconfiança ao sucesso. As trevas transformaram-se em luz e os homens a compreenderam. Silvino Bernardo Lamb, diretor da Rádio Tapejara, eficientíssimo colaborador da Coprel, me fez lembrar, com emoção, os primeiros passos da eletrificação das colônias na região de Tapejara, O Senhor dos Caminhos.

A região de Tapejara viveu no passado muitas experiências negativas. Várias Cooperativas não tiveram sucesso e faliram, criando um clima de desconfiança. Inclusive com o surgimento de um movimento para criar uma Cooperativa de Eletrificação Rural. Muitos agricultores pagaram uma taxa para esse fim sem sucesso. Isso aconteceu nos anos 60.

Na mesma época ouvia-se falar de uma tal de Coprel, com sede na cidade de Ibirubá, que estaria se preparando para atuar na área de eletrificação rural, algo quase impossível de se imaginar naquela época.

No início dos anos 70, o prefeito de Tapejara liderou um movimento para levar energia elétrica ao Distrito de Vila Lângaro. Coube à Coprel essa tarefa, tornando-se um pouco mais conhecida na região de Tapejara.

Aos poucos despertou-se o interesse pela eletrificação rural, porém a desconfiança era muito grande. Era preciso vencer muitos obstáculos. Era preciso provar que o sistema de Eletrificação Rural era uma alternativa possível e viável. Era preciso conseguir linhas de crédito para financiar a implantação de redes elétricas.

No final dos anos 70, fui convidado para fazer parte da equipe Copreliana para atuar e coordenar essa tarefa em Tapejara, Ibiacá, Charrua, Água Santa, Santa Cecília do Sul e Vila Lângaro. O desafio me fascinou e aceitei a proposta.

Começaram as reuniões nas comunidades a fim de divulgar a proposta de eletrificar as propriedades rurais. A desconfiança ainda pairava nos ares, porém aos poucos as pessoas passaram a acreditar que também a nossa região poderia se beneficiar com a eletrificação rural, mesmo por uma cooperativa que ficava na distante Ibirubá. Nas reuniões, as experiências frustradas do passado sempre vinham à tona, todavia o nome Coprel falou mais alto e aos poucos “as trevas transformaram-se em luz e os homens a compreenderam”.

A dinâmica, a competência e a agilidade das nossas equipes de trabalho fez com que em pouco tempo não se duvidasse mais deste sonho. Desenvolveu-se um trabalho sério, pautado na verdade e na possibilidade.

Venceram-se desafios, dos quais muitos duvidavam. As redes foram construídas também lá, onde não era possível chegar com um caminhão, mas sempre havia uma junta de bois de um associado para que os postes fossem levados até o local, para lá ser erguido, no alto da montanha, como se fosse um sinal ao céu, prevendo um futuro mais claro.

Ao passar num concurso público, deixei de participar da equipe copreliana. Agradeço a Deus por ter tido a oportunidade de conhecer e auxiliar um pouco no magnífico trabalho de eletrificar todo o interior da nossa região, que passou por uma grande transformação com a implantação de agroindústrias, aviários, projetos de irrigação, entre tantos outros benefícios e confortos que a energia elétrica proporciona.

Que Deus continue iluminando o sempre fundador Olavo Stefanello, o presidente atual Jânio Vital Stefanello e toda a equipe que faz parte desta dinâmica cooperativa.”

# N Nahyra Schwanke, a maior caminhoneira do mundo, aos 81 anos em plena atividade

Fenômeno? Com certeza. Inédito. Surpreendente. Nahyra Schwanke, nascida em 4 de dezembro de 1929 em Arroio Bonito, município de Não-Me-Toque. Conhecia-a moça nessa localidade! Acabara de pôr no ar a Rádio Ibirubá. Numa manhã, indo de jipe a Não-Me-Toque, parei na bailanta de Arroio Bonito e, ao chegar no balcão para tomar uma bebida, quem me atendeu foi a jovem Nahyra Schwanke. A todo volume, a Rádio Ibirubá espriava o som de vibrantes músicas alemãs que importara por meio de Egon Franke, panambiense com loja de discos e aparelhos eletrônicos em Porto Alegre. Dei-me a conhecer a Nahyra, que logo chamou a mãe e a filha pequena, Saleti. Elas ficaram muito contentes, eu também. Nahyra pedira-me divulgação de bailes. A bailanta era deles e promoviam ali grandes festas dançantes.

Pedira mais. Pedira-me um curso de música para a filha com a Nininha (Leonilda Sachett), que se apresentava em programa matinal, gaiteira de muitos méritos. Arrumei o curso, Saleti o frequentou algumas vezes. Desistiu. Não era o que ela queria ser.

Nahyra e Saleti, mãe e filha, me contaram um dia desses, passagens admiráveis de vida. Ambas têm uma história, muito bonita e exemplar. Nahyra é motorista desde 1958.

Tinha uma paixão por máquinas. Já aos 12 anos de idade dirigia trator na terra de propriedade da família, em Arroio Bonito. Lembra que carregava cargas de arroz, cevada, milho e outros cereais no carretão. Sua vida nunca foi fácil. Sempre foi peleada. “Homem não passou o que eu passei”, dizia-me Nahyra. “Sabe, aos 15 anos casei-me, era comum naquele tempo casar ainda mocinha. E tive uma única filha, e é esta mulher aí, a Saleti”, me contava rindo, em frente à filha.

E continuou, “o cara depois de dois anos fugiu com outra, uma vizinha minha. Foi embora com aquela guria. Puxa, me deixou, só, eu e a filha.

O que fazer da vida? Vida difícil naquele tempo, nem divórcio havia. Mulher separada era um problema. E nem a sociedade perdoava. Entrar em sociedade, de que jeito? Era rejeitada. Então me decidi, eu nunca mais freqüentei baile, nunca mais fui à festa. Chorar, me dava vontade, mas não chorava. Quero ser uma mulher forte. E fui. Sou uma mulher de fibra, de caráter.

A minha mãe era uma pessoa muito honesta, muito rígida.

Conformava-me com a situação ingrata, mas desespere jamais. Meu pai encantara-se com a neta. Dançava com ela. Chamava-a de Chiquinha. Minha, minha Chiquinha... Ele dançava, ela pulava, faceiros da vida ambos, o avô e a netinha. Faziam festa. Que momentos de alegria para mim”, relata a valente Nahyra. “Minha mãe e meu pai me ajudaram a criar minha filha, eu continuei na roça, gostava de trabalhar muito na lavoura com o trator.

Do trator comecei a dirigir caminhão. É por aqui que eu vou, e me decidi, vou ser caminhoneira.

Aos vinte e um anos mais ou menos meti o pé no fundo e virei mulher caminhoneira!

Mulher no volante de caminhão era novidade, o pessoal estranhava porque naquela época, na verdade, não havia, pelo menos não se via. Botavam os olhos na gente: Onde se viu mulher caminhoneira!

Eu até hoje tenho certo complexo, medo não. Onde há um grupo de pessoas, homens principalmente, eles parecem me debochar: “Oi, guria, isso não é serviço pra mulher, mulher é pra trás do fogão, dentro da cozinha.

Olha, essas coisas ainda existem, mas estão se acabando, a mulher está em todas as profissões.

Que depoimento fantástico o de Nahyra Schwanke! Conta que a primeira carroceria mandou fazer em Ibirubá, pela família Kirst, em 1958. E começou fretando cargas de porco para os frigoríficos. Trabalhou para as transportadoras Meyer e Tresmaiese.

Vendeu o caminhão e adquiriu outro para carreta. E daí foi evoluindo como caminhoneira e, sem se desligar, continuou com a Meyer e Tresmaiese. Puxava fretes de madeira, arroz, granito e tantas outras mercadorias. Quando transportava porco, se morresse algum e não era restituído, a responsabilidade era do condutor. “Só uma vez morreu-me uma porca”. Pois, foi nesse período que começou a tomar café preto para neutralizar o sono. Mantinha-se atenta e viva na estrada durante doze, quinze horas, às vezes até mais, se necessário.

Caíra na estrada como caminhoneira porque sempre gostava da profissão. Nahyra revira a memória e realça: “Não existia a rodovia Régis Bittencourt, e o caminho era feito pela Serra da Ribeira, de Curitiba até pouco antes de chegar em São Paulo, trecho em que as rodovias eram melhores.”

Viajava daqui do Rio Grande do Sul até o Nordeste. “E tem muitas histórias para contar, só mesmo em livro para contá-las todas. No início de motorista estradeira havia muito machismo, mas hoje eles me respeitam como profissional,” assevera Nahyra Schwanke.

Hoje já é comum ver mulheres nessa profissão, não só em caminhões, em ônibus também.

Paguei os estudos de minha filha com o frete e a formei em direito. Banquei tudo rodando pelo Brasil com meu caminhão. Aceitava transportes de cargas de longa distância. Isso para ganhar um pouco mais.

Situações difíceis eu passei muitas. Trocar pneus na estrada? Ainda mais se forem os dianteiros da carreta e do cavalo. Não dava para esperar. Arregaçava as mangas e fazia o serviço”, diz com franqueza. Nahyra lembra que antigamente os colegas motoristas de caminhão eram mais cavalheiros, solidários e paravam para ajudar. Mas hoje, com essa insegurança no trânsito pesado, devido a medo de assalto, se não conhecem o colega, seguem em frente, dane-se o azarado.

Relata que ao adquirir um caminhão novo da marca Mercedes, trocando pelo antigo Scania, em São Paulo, foi surpreendida. Corre-

ra pela empresa a informação da caminhoneira veterana na profissão, tendo despertado interesse alemão por sua história, em face da idade e dos fatos que comentavam e que Nahyra desconhecia. “Eu virara um mito”.

“Quando me dei conta da história toda, estava cercada por um jornalista que viera da Espanha e um fotógrafo da França. Me acompanharam durante toda minha rotina de trabalho, desde o carregamento de carga, montagem da lona, viagem pelo Brasil até a entrega final da mercadoria fretada”, relata a maior caminhoneira do mundo, no destaque que fizeram. Nahyara teve oportunidade de conhecer a montadora Mercedes em São Bernardo do Campo.

Encontrei-me, dia 15 de julho de 2011, registro a data, com a queridíssima amiga caminhoneira descansando em sua residência, ela e sua filha, em Não-Me-Toque. Nahyra contou-me tanto, mas não me contou tudo. Esteve na Alemanha a convite da Mercedes, que a tem orgulhosamente como garota propaganda aos 81 anos de idade, em plena forma. Descansa um pouco, mas está ansiosa para cair novamente na estrada.

Estou com um caminhão Mercedes me esperando na vitrine. Logo, logo estarei de novo fazendo aquilo que eu gosto, ser caminhoneira pelas estrada do Brasil. Aqui ou na Bahia, onde houver frete, lá estarei eu. Esse é meu destino. E tudo, agradeço a Deus. Anote isso, Olavo, só vou parar de ser caminhoneira o dia em que o bom Deus quiser, ou não quiser mais ouvir o ronco do meu caminhão!

Nahyra tem na filha Saleti Aimê Lucca a grande companheira. Ambas moram em Não-Me-Toque, desde que se mudaram de Arroio Bonito. Saleti é advogada e tem seu escritório junto à residência. Para formar-se, seu grande desejo, estudou com afinco e dedicação. A mãe, na estrada, com seu caminhão, obtinha o dinheiro para lhe pagar os estudos. Ficava em casa esperando a mãe voltar.

Certa feita, conta Saleti, em casa acabara tudo o que comer. E a mãe lá pelo Nordeste, nos confins do país. No segundo dia sem alimento, Saleti não sabia o que fazer. Nem adolescente era, estava com 13 anos, e a mãe longe de casa. Mais de semana em viagem.

A mãe no caminhão trabalhava, ela estudava. No segundo dia, já quase noite, com fome e sem o que comer, revirou a despensa e nada. Nisso bateu o pé numas garrafas vazias, e lhe veio a ideia: vendê-las ou trocá-las por pão. E foi o que fez. Trocou por pão, deu para sustentar-se até a mãe regressar... é, a história de Saleti também é bonita. Mãe filha, duas heroínas. A mãe na vanguarda, a maior caminhoneira do mundo, firme no volante de seu caminhão pelas estradas do Brasil. Que história emocionante!

**E**staqueou varas de bambu para postes, estendeu cipós para simular os fios da rede e pendurou uns porongos como lâmpadas

Tudo isso, na calada da noite em frente à casa de Jacó. As brincadeiras entre adultos eram comuns na época. A citada indústria de óleo de linhaça, que fornecia luz aos moradores mais próximos, não chegava à casa de Valentim Kempf. Descontente, ele aprontou o seguinte para Jacó Schneider, um dos proprietários.

Estaqueou varas de bambu para os postes, estendeu cipós para simular os fios da rede e pendurou porongos como lâmpadas.

Ficara explícito aqui o anseio dos colonos pelos benefícios da luz, da energia para dimensionar suas atividades, torná-las mais rentáveis, simplificando outras, além do bem-estar à família.

Consoante escreve Ilzemar Schneider em seu livro *Linha Jacuí, 90 anos de história*, resgate à memória desta brava coletividade, no interior de Quinze de Novembro...

Procuravam-na em seu meio geográfico, se hidráulica, a mais comum, ou a vapor, com a queima de carvão de lenha. E com a energia gerada por um e outro desses sistemas, moviam atafonas, moinhos de trigo e milho, serrarias, moendas de canas, olarias, pequenos matadores.

Destaque para o fato de que, somando todas as indústrias já instaladas em linha Jacuí, chegaremos a 28 indústrias. Realça Ilzemar que, com a explosão do cultivo da soja, quase se extinguiu a economia familiar. Se, vagarosamente, ela ressurgiu nos limites das pequenas e médias propriedades, atribui-se isso aos que ficaram à margem da mecanização do agronegócio. Alternativas econômicas estão sendo desenvolvidas com novas tecnologias, focando o mercado de consumo que evoluiu.

Sem me estender, neste texto, distingo o autor de *Linha Jacuí, 90 anos de história*, Ilzemar Schneider, 1937. É natural de linha Jacuí, município de Quinze de Novembro. Doutorou-se em química e se aposentou como professor titular da UFSM.

Ao escrever esse expressivo livro de resgate à memória de sua terra, linha Jacuí, Ilzemar exemplifica a importância da revivência de valores sociais e de histórias que não devem ser esquecidas.

Um belo ato de bravura literária, merecedor dos aplausos de todos. Os meus, consigno aqui, com um apelo: leiam esse livro de Ilzemar.

## Da simplicidade de um labor, a razão da família toda ser conhecida

Explica-se isso de modo admirável. Porque nem sempre os grandes feitos, obras de vulto, ressaltam ou distinguem um cidadão, homem, ou mulher, em seu meio de convivência e trabalho.

Antes e depois de ser prefeito de Ibirubá, a partir de 1964, eleito em 1963, conheci uma pessoa que me encantou pela sua simplicidade e espírito alegre, mãe de bela família. Essa pessoa é uma mulher do interior, afeita a todos os afazeres de casa e do trabalho, zelosa e amiga, virtudes que soube transmitir a seus filhos, netos e descendentes.

Só ela,? Não, seu marido também. Anunciemo-los: Rosina Sa-bei Lanzini Fior, casada com Humberto Fior, moradores de Santo Antônio do Bom Retiro, interior do município de Ibirubá. Brindado por ela e sua família com um jantar tipicamente italiano, passei a avaliar a força do contato pessoal e espiritual de uma pessoa como a nona Rosina. Chamavam-na de nona Rosina, afetivamente, os familiares e conhecidos do lugar. Tinham, Umberto e Rosina, o salão de festas do Santo Antônio do Bom Retiro. Ah! Os jantares de nona Rosina! Não se apagaram de minha memória.

Elaborava galinhada insubstituível, e a fazia com aquele apurado gostinho de sua origem italiana. De sabor inigualável. Lembro-me de certa feita quando nona Rosina falou-me: “Hoje tenho a honra de oferecer uma galinhada para o novo prefeito de Ibirubá.” Comemoramos o resultado das eleições com a boa gente da vila e cercanias, que haviam votado quase unânimes em meu nome e no do companheiro Theodoro de Abreu.

Recordo-me do inesquecível Ermindo Fior, sobrinho de nona Rosina e Humberto Fior, dizer “o povo daqui votou todo na dupla Olavo e Theodoro. Os poucos votos contrários, vieram certamente de componentes da mesa eleitoral, e foram de fora daqui.”

Santo Antônio do Bom Retiro tem uma história marcante no contexto de Ibirubá. Contribuiu muito para isso a família Fior, a da nona Rosina e Humberto Fior, uns de labores comerciais, outros de meio rural. Tanto que a Linha Fior mostra exitosa presença dos que lhes emprestaram o nome, mesmo que de modo modesto. Mereciam mais.

Destacaríamos Guerino, Herculino, Cesário, Tranquilo e Valdomiro, filhos de Rosina e Humberto e Ermindo, filho de Ângelo Fior.

No começo da eletrificação rural, as famílias Fior, juntamente com as operosas lideranças da vila e do interior, tiveram papel relevante na sua implantação.

Acrescentaria que as comunidades de Santo Antônio do Bom Retiro e do distrito de Alfredo Brenner, por extensão, traçaram páginas de louros brilhantes. Rememorá-los, neste modesto registro, é um ato de justiça que faço com orgulho e dignidade.

# Não podemos perder a terra, sem ganhar outra aqui perto da nossa querência

Essa exclamação a proferiu o agricultor, Francisco Rodrigues de Siqueira, em meados de 1964, em um encontro que mantive com ele e com um numeroso grupo de famílias de Sede Aurora e áreas vizinhas, todas apreensivas com as desapropriações das suas propriedades para dar lugar ao lago do Passo Real.

Chiquinho, meu compadre, juntamente com Seno Ferst, de Mundo Novo, do outro lado do Jacuí, o rio da barragem, entre outros líderes da região atingida, tiveram em mim o companheiro para a luta, que durou até a conquista final das novas terras agricultáveis com os reassentamentos em Boa Vista e Colorado, Itaíba, Arvoredo e Sertão. Uma luta que se desdobrou em muitas instâncias governamentais de Porto Alegre a Brasília.

As desapropriações estavam iniciando somente com pagamento em dinheiro e em valores baixos e injustos, os quais não lhes possibilitavam adquirir outras terras com a mesma área para recolocarem às suas famílias e nelas poderem produzir o sustento necessário à sobrevivência.

Quantas viagens e audiências públicas foram realizadas para um desfecho satisfatório! Testemunham-no as famílias reassentadas, muitas das quais ainda têm seus líderes vivos em nosso meio. Além dos citados, lembramos com emoção os líderes Paulo Brandão Rebello, delegado regional do Inda, José Francisco Felice, delegado regional do Ibra e atual prefeito de Uruguaiana; João Batista Pinzon, funcionário do Inda-Ibra – depois do Incra, e, de modo especial, os ex-prefeitos de Ibirubá Edmundo Roewer e Edgar Otto Fleck, o agrônomo regional Frederico Gunnar Dürr, Padre Chico, Amadeu Fronchetti, João Dal Castel, Arlindo Refatti e outros.

Rememoro essa luta dos reassentamentos das famílias atingidas pela barragem do Passo Real para distinguir o relevante tra-

balho da Coprel em fazer logo as extensões elétricas a todas elas, garantindo-lhes, assim, a força de prosperidade.

Itaíba, Sertão, Arvoredo, Colorado são outros núcleos de reassentamentos de famílias de agricultores sem terra e de outros que as perderam pelo alague do Passo Real, todos nesta região.

Boa Vista do Incra está aí como um notável exemplo. É município, cresceu e mostra mais: mostra que um bom projeto de reforma agrária, bem orientado, pode frutificar e dar bons resultados econômico-sociais. E, com mérito, as cerca de 1.250 famílias reassentadas, como desejavam, ficaram em sua querência.

## Nunca dirigira, pois nesse dia fiquei motorista, o titular estava de porre...

Quem relata este fato ocorrido, de meados de 1965 seria, é a senhora Tranqüila Librelotto Stefanello. Como prefeito, fazia a inauguração da abertura da estrada de linha Fior. Acompanhava-me, além de Tranqüila, Augusto Delmar, filho de sete anos de idade. A comunidade do lugar, coordenada por Guerino Fior, irmãos, primos e líderes, programara, aproveitando o evento, realizar uma festa em benefício da escola e da capela.

Interessante, a capela e a escola funcionavam no mesmo prédio, uma ideia posta em prática pela comunidade, juntamente com a prefeitura.

E que festa! Regozijo estampado em todos os semblantes do povo. Alegria sem limite. Churrascos de todos tipos de bichos que caminham ou de terreiro e quintal.

E vá-lhe chopp! Como bem dizia nosso grande tocador de bandleon e humorista Ronaldo Schiefelbein, hoje em Sorriso, MT: “Festa sem chopp não é festa.” E vá-lhe chopp! Como bem dizia nosso grande tocador de bandleon e humorista Ronaldo Schiefelbein, hoje em Sorriso, MT: “Festa sem chopp não é festa.”

Ocorre que no dia pintava uma brincadeira. Ela vinha contra mim, e eu nem a pressentira. Teve uma hora de extrema euforia. Eu, no meio do povo, ia aceitando canecos de chopp de todo mundo. O Pedro de Jesus colocava o Guto de sete anos em cima do capô do carro e o forçava a discursar: “Fale como teu pai. Um dia você vai ser prefeito de Ibirubá.” Augusto Delmar Stefanello dançava e pulava em cima do jipe. Serelepeava sob a batuta do Pedro, que me alcançava chopp. Quando não ele, o Guerino e festeiros. Eu não ouvia o que eles cochichavam, mas tentaram me embriagar e gritavam: “O prefeito é nosso, hoje ele não vai embora!” E vá-lhe chopp.

Lá pelas tantas, pesou-me a cabeça e batia o pé numa pedra. Ofuscou-me a visão. Sei apenas que a Tranqüila e o Guto pegaram-me pelas mãos e me botaram dentro do jipe... E agora, quem iria dirigir? Tranqüila, mulher decidida, sentou-se à direção, acionou o motor, engatou a primeira e, devagarzinho, ganhou a estrada via linha Duas. Não dormi, mas via tudo duplo.

Ao passar a ponte do Jacuí-Mirim, eu espichava o olhar e via duas pontes.

Assustava-me. O Guto ria de mim. “Pai, tu tá enxergando demais... Viu como a mãe passou bem a ponte!”. A Tranqüila não sabe se conseguiu fazer mudança de marcha da primeira para a segunda. Sabe, isto sim, que conseguiu chegar em casa com o prefeito de Ibirubá no maior porre da vida. Que me lembre, foi o único.

E graças a ele, dona Tranqüila Stefanello pegou pela primeira vez no volante e, sem ninguém ensiná-la, ficou motorista, muito embora o Guto, no caminho, quisesse ensinar a mãe a fazer mudanças.

Augusto Delmar Stefanello, mais tarde, foi eleito prefeito, prefeito mirim por um dia. Dentre seus colegas de colégio foram eleitos vice e vereadores. Edgar Otto Fleck era prefeito em segundo mandato.

Augusto e governador Guazelli descerraram a placa alusiva à inauguração da Central Administrativa da Coprel em 9 de outubro de 1976. Num primeiro lance, o vaticínio de Pedro de Jesus Arbelo consumou-se...

# Hoje viver no interior é até melhor do que viver na cidade

Dia 13 de agosto de 2009 reencontrei-me com o ex-prefeito Valdir Ticiani, na visita que fiz a seu município, Ciríaco.

Cumpri dívida de reconhecimento pelo muito que ele fez à Coprel para eletrificar todo o interior. Ele, Ticiani, e toda a valorosa liderança de Ciríaco, sempre deram, e dão, o melhor apoio à Coprel, como muito bem ele falou.

Fui prefeito de Ciríaco de 73 a 77, e naquela época não tinha energia elétrica no interior e nem na cidade de Ciríaco, estávamos pleiteando junto ao governo do Estado.

Naquela época viajei no mês de novembro pra Europa, e o meu vice, Adenor Vivan, durante esses dias descobriu que lá em Ibirubá tinha uma cooperativa de eletrificação rural. Aí ele e o professor David Terrasmini, que era secretário, foram até Ibirubá para ter informações e, a partir daí, iniciamos o contato com Olavo Stefanello.

A eletrificação rural foi a melhor coisa que aconteceu para Ciríaco. Hoje todas as casas têm luz, e eu quero agradecer ao seu Olavo pelo brilhante trabalho. Eu sempre defendo a Coprel, porque sempre prestou um excelente serviço pro município.

Na cidade foi inaugurada a rede pela CEEE em julho de 75 e, pela Coprel, a primeira localidade que recebeu energia em Ciríaco foi Passo das Pedras. “Eu lembro que na época ninguém acreditava na eletrificação. A energia era um sonho, porque luz era só na base do lampião. Hoje viver no interior é até melhor do que viver na cidade. Estou feliz por isso, e mais uma vez agradeço ao amigo Stefanello”.

## Quando as mulheres tomaram conta da Coprel

Foi um acontecimento de relevância social-cooperativo. Mais de trezentas mulheres cooperantes participaram da homenagem alusiva ao Dia Internacional da Mulher. Abrilhantaram a assembleia da Coprel que se realizou no dia 6 de março de 2009.

Na ocasião, coube a mim realçar publicamente as mulheres cooperantes nessa data que lhes era dedicada. Expressei a importância da mulher hoje em todos os espaços da vida social, política, empresarial e profissões liberais. Já não são dependentes, trabalham, estudam e escalam com dignidade as mais altas funções ou encargos do país. Compartindo com os homens de igual para igual, as mulheres estabelecem mais equilíbrio e harmonia à sociedade. Consubstanciam mais respeito e ética à política democrática do país, do estado e dos municípios.

Dignificam o cooperativismo, orgulham a Coprel, que lhe atribuem toda sorte de venturas com votos de reconhecimento.

A participação da mulher na cooperativa multiplica e valoriza a ação e desempenho dos objetivos de assegurar o sistema elétrico cada vez mais dinâmico e eficiente. A Inque Schneider e Elvira Sand Becker, a primeira conselheira e a segunda ex-conselheira e pioneira da Coprel, tributamos nossa mais sincera homenagem nesse dia da mulher, estendendo-a carinhosamente a todas as mulheres e de modo muito especial, às mulheres cooperantes e famílias. Distingo-as por tantos e meritórias virtudes de que são merecedoras. Não podemos deixar de reverenciar a figura quase divina da mulher-mãe.

Mãe, a excelsa imagem no divino caminho da humanidade.

A vocês, queridas companheiras do maior programa de eletrificação cooperativado do país, todo o nosso reconhecimento e amizade. Por fim, proclamamos no tom mais alto e carinhoso: Vocês são as verdadeiras sementeiras de valor do cooperativismo de energia. Sejam portadoras da grandeza das comunidades que representam.

E continuem essa beleza de convivência de união e solidariedade de que tanto precisam as pessoas, o mundo.

Cooperar é unir, e vice-versa.

Vocês são o orgulho da Coprel.

Parabéns.







